

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Luiz Guilherme Leite Amaral

**A COMUNICAÇÃO RELIGIOSA NAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS:
ESTUDOS A PARTIR DO CONCEITO DE SALVAÇÃO.**

**Sorocaba/SP
2025**

Luiz Guilherme Leite Amaral

**A COMUNICAÇÃO RELIGIOSA NAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS:
ESTUDOS A PARTIR DO CONCEITO DE SALVAÇÃO.**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba como exigência para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

**Sorocaba/SP
2025**

Ficha Catalográfica

Amaral, Luiz Guilherme Leite
A515c A comunicação religiosa nas denominações cristãs : estudos a partir do
conceito de salvação / Luiz Guilherme Leite Amaral. -- 2025.
277 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva.
Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2025.

1. Comunicação – Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Comunicação
de massa em religião. 3. Salvação (Teologia). I. Silva, Paulo Celso da,
orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Luiz Guilherme Leite Amaral

**A COMUNICAÇÃO RELIGIOSA NAS DENOMINAÇÕES CRISTÃS:
ESTUDOS A PARTIR DO CONCEITO DE SALVAÇÃO.**

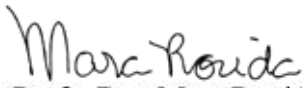
Tese apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba.

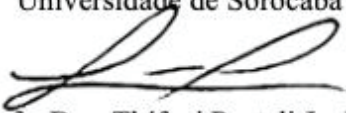
2 BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba


Prof. Dr. Felipe Lopes
Universidade Estadual de Campinas


Profa. Dra. Priscila Ribeiro Chéquer Luz
Universidade Estadual de Santa Catarina


Profa. Dra. Mara Rovida
Universidade de Sorocaba


Profa. Dra. Thífani Postali Jacinto
Universidade de Sorocaba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos companheiros dos estudos de Comunicação da Religião, Ecologia da Comunicação e Ecologia das Mídias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Universidade de Sorocaba por permitir incluir esta pesquisa em sua biblioteca, e à CAPES pelo fomento. Agradeço ao Professor Doutor Paulo Celso da Silva pela amizade e parceria em mais esta empreitada. Agradeço ao meu pai, José Francisco Pinto Amaral que, pelas minhas convicções pessoais, não está para sempre ao lado de Deus, mas está para sempre dentro de mim, do meu caráter e do meu coração. Agradeço à minha mãe, Regina Célia Lyra Leite, pelo mesmo de sempre: refúgio, crítica e companheirismo. Agradeço às minhas irmãs, Ana Carolina Leite Amaral e Maria Eduarda Leite Amaral, pelo simples fato de serem minhas irmãs – elas sabem o que isso implica para nós três. Agradeço aos meus amigos, que não os citarei um a um para não ser injusto, mas que reconheço todo o apoio que me deram, seja no verbo ou no silêncio.

Agradeço à Janaina Franzoni Caetano, que colocou em execução seu próprio plano de salvação sobre mim.

Somewhere beyond right and wrong there is a
garden. I'll meet you there.

Rumi

RESUMO

Esta pesquisa investiga como as denominações cristãs professam a doutrina de salvação dentro das categorias de mídias de Harry Pross. Considerando a continuidade entre mídia primária, secundária e terciária, nosso intuito é o de analisar como a transmissão da doutrina da salvação é transmitida no contexto após a pandemia de COVID-19. Aqui aproveita-se a oportunidade de conciliar as teorias da Ecologia da Comunicação, de Vicente Romano, e a Ecologia das Mídias, de Carlos Scolari, para suplantando a discussão acerca do aproveitamento teórico e técnico da comunicação de determinadas igrejas cristãs. São consideradas para este estudo, ao todo, as teorias de Harold Innis, Marshall McLuhan, Harry Pross, Vicente Romano e Carlos Scolari como embasamento teórico tendo em vista o caráter contínuo de suas obras. A partir das metodologias de pesquisa bibliográfica a respeito da soteriologia de Agostinho de Hipona, João Calvino, Jacó Armínio, John Wesley e Charles Taze Russel, bem como a de entrevista semi-estruturada com líderes religiosos e profissionais de comunicação, foi-nos possível descrever como a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo serve como instrumento para aprimorar a eficiência da comunicação cristã e combater vícios que, de uma forma ou outra, impedem que a soteriologia cristã seja plenamente ensinada, debatida e engendrada na sociedade. Conclui-se com esta pesquisa que a comunicação cristã passa por uma crise em seu fazer, porém a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo pode ser utilizada como prática para o ajuste necessário e a transposição das dificuldades enfrentadas atualmente.

Palavras-chave: Cristianismo; Salvação; Comunicação; Mídias; Ecologia da Comunicação.

ABSTRACT

This research investigates how Christian denominations profess the doctrine of salvation within Harry Pross's media categories. Considering the continuity between primary, secondary, and tertiary media, our aim is to analyze how the transmission of the doctrine of salvation takes place in the post-COVID-19 pandemic context. This study seeks to reconcile Vicente Romano's Ecology of Communication with Carlos Scolari's Media Ecology in order to advance the discussion on the theoretical and technical use of communication within certain Christian churches. The theories of Harold Innis, Marshall McLuhan, Harry Pross, Vicente Romano, and Carlos Scolari are taken as the theoretical framework, in view of the continuity of their works. Based on bibliographic research concerning the soteriology of Augustine of Hippo, John Calvin, Jacobus Arminius, John Wesley, and Charles Taze Russell, as well as semi-structured interviews with religious leaders and communication professionals, it was possible to describe how the Ecology of Christian Pluricommunication serves as a tool to improve the efficiency of Christian communication and to address shortcomings that, in one way or another, hinder Christian soteriology from being fully taught, debated, and developed in society. This study concludes that Christian communication is undergoing a crisis in its practice; however, the Ecology of Christian Pluricommunication may be used as a means to implement the necessary adjustments and overcome the difficulties currently faced.

Keywords: Christianity; Salvation; Communication; Media; Communication Ecology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
ETAPA 01: SALVAÇÃO NO CRISTIANISMO.....	25
Predestinação incondicional.....	33
Predestinação condicional.....	35
ETAPA 2: METODOLOGIA.....	46
ETAPA 3: ENTRELAÇAMENTO DAS TEORIAS DE COMUNICAÇÃO COM O CRISTIANISMO.....	53
3.1 Comunicação no catolicismo.....	54
3.2 Comunicação no protestantismo.....	65
ETAPA 4: A ECOLOGIA DA PLURICOMUNICAÇÃO DO CRISTIANISMO.....	76
ETAPA 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	105
TRANSCRIÇÃO - REVERENDO ALDO QUINTÃO.....	105
TRANSCRIÇÃO - ALTIEREZ DOS SANTOS.....	120
TRANSCRIÇÃO - EUNICE MEDEIROS.....	141
TRANSCRIÇÃO - FERNANDO PUPO.....	158
TRANSCRIÇÃO - KLEBER WILLIAM BARRETO.....	186
TRANSCRIÇÃO - MARIA HATTUNEN.....	193
TRANSCRIÇÃO - PADRE DANIEL BALZAN.....	204
TRANSCRIÇÃO - RICARDO PADAVINI.....	225
TRANSCRIÇÃO - ROSÂNGELA COIVO.....	239
TRANSCRIÇÃO – PASTOR GLAUCO MARTINS.....	257

INTRODUÇÃO

A comunicação do cristianismo é algo que se assemelha a uma arma de guerra: ao mesmo tempo que serve como proteção para suas convicções, também é artilharia para alastrá-las no mundo. A força dessa comunicação, seja de forma espontânea ou articulada (de acordo com episódios opressivos ao longo da história do mundo, sobretudo na parte ocidental), já amealhou por volta de 2,2 bilhões de adeptos dentro de suas várias denominações, como mostram os Dados Mundiais de 2023.

Assim como em minha dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2017, nesta pesquisa de doutoramento mantereí a posição de que Marcos 16:15 é o estopim para todo o empreendimento comunicacional do cristianismo desde o seu começo. Foi somente pela articulação para uma comunicação efetiva que seus membros puderam, por exemplo, transformar o cristianismo marginal dentro de Roma na religião oficial daquela Cidade-Estado, com Constantino Magno. Ao dizer “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura”, encontramos a grande força transformadora que permeia os séculos.

Sempre acreditei que, ao compreender como religiosos pensam, pode-se também compreender uma das facetas de como uma sociedade opera. Afinal de contas, a própria Agência Brasil, em 2025, diz que o país é dividido entre 57% de católicos e 27% de evangélicos. Este recorte nos tempos de hoje se reflete em política, cotidiano e costumes. Dessa forma, a cristandade brasileira se torna um componente do seu *ethos*.

Antes, ideias de pessoas como Christopher Hitchens e Sam Harris me eram caras; hoje, nem tanto, ou quase nada. Criei em mim certa restrição com pessoas que vociferam suas verdades com ar de soberba e ironia, sem dar tanto espaço à sensatez do diálogo plural. A ideia de combater religião, ao invés de discuti-la, começou a perder espaço na minha forma de pensar, pois não encontrava mais utilidade nisso. Então, como discutir religião de uma forma produtiva?

Em 2015, ingressei no Mestrado em Comunicação e Cultura, na Universidade de Sorocaba, para começar essa nova jornada de investigação da religião. Minha dissertação *A Ecologia da Comunicação Católica: do sermão à missa de televisão* se propunha a discutir se assistir a uma missa pela televisão ou dentro de uma igreja possui a mesma validade teológica, principalmente analisando a mídia como um catalisador do processo comunicacional. O que se descobriu à época é que sim, pois isso é devidamente regulamentado pela Igreja Católica por meio do Concílio Vaticano II, que ocorreu entre 1962 e 1965.

Este conhecimento me impulsionou a pesquisar mais sobre comunicação religiosa. Em 2021, terminei uma Licenciatura em Filosofia na Universidade Paulista para adquirir o conhecimento teórico necessário que pudesse delinear o meu pensamento de forma mais densa. O resultado foi a monografia *Livre-arbítrio: uma nova possibilidade de entendimento*, em que proponho que o pensamento religioso é um sistema de recompensas e punições, e a salvação é o objetivo deste “jogo”. Utilizaremos essa mesma analogia ao longo desta tese.

A proposta de compreender a salvação, que elimina a ideia do livre-arbítrio como algo factível dentro do sistema cristão, fez-me querer expandir o pensamento sobre o assunto. Estamos em uma época em que há uma profusão de possibilidades comunicacionais e de valores individuais e coletivos, que enfatizam a posse de bens materiais em detrimento da experiência religiosa – inclusive dentro do *próprio* cristianismo, com a Teologia da Prosperidade. Imagino como a mensagem cristã se sustenta em meio a tudo isso.

Hoje há um problema: pouco ou quase nada tem se falado sobre a salvação, seja nas editoras de livros, no rádio e televisão ou nas plataformas de internet. E quando se fala, de um lado é assunto restrito aos círculos acadêmicos; de outro, nas igrejas e mídias, a doutrina da salvação é tratada sem a densidade trazida pelos teólogos fundadores. A pandemia de COVID-19 criou a urgência para que as igrejas investissem em equipamentos e capital intelectual para transmitirem suas missas e cultos pela *internet*. Ou isso ou fecham suas portas. Igrejas são empresas que necessitam de fluxo de caixa para continuarem a propagar sua fé, e a entrada nas transmissões via *internet* é o recurso mais viável para isso. Com que nível de destreza comunicacional, porém, isso está sendo feito? Como está a eficiência da comunicação dessas igrejas, tanto pela capacidade operacional dos equipamentos quanto pela sua habilidade comunicacional?

Dentro da teologia cristã, existem diferentes interpretações, e até mesmo divergências, a respeito do conceito de salvação. Dentro da História, Teologia e Filosofia, é possível constatar que há vários estágios para a construção do pensamento soteriológico, desde o protocristianismo, passando por Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino e Martinho Lutero, entre vários outros nomes e autores, até chegarmos nas teologias da Libertação, Teologia da Prosperidade e Neopentecostalismo, para citar algumas.

Dessa forma, cada designação cristã utilizará doutrinas teológicas para abarcar interpretações sobre a salvação, mas não só isso: cada uma poderá comunicar esse conceito aos seus fiéis de uma forma bastante particular. Termos como “supralapsariano”, “infralapsariano”, “condicional” e “incondicional” serão estudados e debatidos ao longo deste percurso. Ainda que todas as denominações façam parte do mesmo “guarda-chuva” – o

próprio cristianismo –, tais divergências criam confusões dentro da teologia. Um dos resultados disso é que a comunicação da fé se torna estratificada, tendo estratégias e técnicas de difusão diferentes entre as denominações.

Então, temos como objetivo geral a análise sobre como a comunicação da salvação é feita em tempos nos quais há resquícios de uma pandemia de COVID-19, influência de redes sociais, afeição por relações líquidas e a iminência dos *large language models*, como *Chat GPT* e similares. Além de Harry Pross, o grande suporte para essa investigação é a Ecologia da Comunicação de Vicente Romano e a Ecologia das Mídias, de Carlos Scolari. A relação entre esses pensadores é estreita e profícua, e remete a outros importantes autores que fazem parte deste estudo, como Harold Innis e Marshall McLuhan. Falaremos, sobretudo, dos meios *offline* e *online*, que distinguiremos apropriadamente na Etapa 4.

Os objetivos específicos desta pesquisa são os seguintes: primeiramente, examinar como o conceito de salvação é tratado nas principais doutrinas cristãs considerando suas diferenças teológicas; em seguida, compreender e sistematizar os conceitos de Ecologia da Comunicação, Ecologia das Mídias e Hipermediações a partir da leitura crítica dos autores selecionados; o próximo passo é estabelecer conexões entre as teorias da comunicação e as concepções de salvação, identificando convergências e divergências; em seguida, investigar, por meio de entrevistas com líderes religiosos e profissionais de comunicação de diferentes denominações cristãs, as noções de salvação que professam e as estratégias comunicacionais que utilizam; finalmente, analisar a propagação da doutrina da salvação no cristianismo à luz dos princípios da Ecologia da Comunicação e das Hipermediações, ressaltando o papel dos meios de comunicação (*offline* e *online*) na difusão destas ideias religiosas.

Além da revisão bibliográfica, optamos pela entrevista semiestruturada como forma de coleta de dados. Para definir nossa amostra, fizemos uma pré-seleção de denominações cristãs ao redor do mundo nas principais designações, como Sui Iuris, sem comunhão com Roma, Nestorianismo, Protestantismo em suas variações, até o Carisma da Unidade. A partir daí, fizemos uma pré-seleção baseando-nos nas igrejas que responderam ao nosso contato inicial e se propuseram a participar. Prosseguimos com dez entrevistas. Toda essa estrutura já foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Sorocaba por meio da Plataforma Brasil. A aprovação do projeto de pesquisa como um todo se deu em 17 de dezembro de 2022 e a aprovação da emenda que reduziu o número de participantes em face do padrão que emergiu, em 12 de abril de 2024. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas são técnicas que serão inseridas dentro da metodologia. Estas pessoas constituem uma amostra do cristianismo

que é praticado no Ocidente e mostram um cenário de como o conceito de salvação é professado atualmente. Assim, descreveremos como se sucedeu cada uma das dez entrevistas.

Aldo Quintão, pároco da Igreja Anglicana de São Paulo. Aldo Quintão foi convidado para participar da entrevista por videoconferência no dia 23 de março de 2023. Na Igreja Anglicana na cidade de São Paulo, os fiéis são majoritariamente da classe alta, como é possível observar pelas publicações nas redes sociais. Como alguém que é constantemente entrevistado por suas posições a respeito dos aspectos mais pungentes da sociedade, ele demonstra orgulho em ter conhecido pessoas da grande mídia. Além disso, ele traz uma visão particular sobre a salvação, em que o discurso precisa ser ajustado aos interesses das pessoas em determinadas regiões, ou que o que foi defendido pelos padres fundadores do cristianismo é pouco praticado – e em alguns casos até evitado em termos de discurso. Suas ideias são constantemente ilustradas com casos e histórias que ele presenciou ao longo do seu tempo à frente da Igreja.

Fernando Pupo, clérigo da Igreja Metodista – terceira região. Fernando Pupo é filósofo, teólogo e tem uma longa carreira na Igreja Metodista. Fomos convidados para entrevistá-lo em sua casa no dia 22 de janeiro de 2024 na cidade de São Roque, interior de São Paulo. Por conta da sua formação, seu entendimento sobre religião é suportado em grande parte pelo pensamento filosófico. Ele é capaz de traçar conceitos cristãos a origens platônicas e aristotélicas antes de dar suas explicações não apenas sobre a salvação, mas vários aspectos do cristianismo. Fernando Pupo foi capaz de desenhar um cenário bastante realista sobre a Igreja Metodista, sobretudo após a pandemia de COVID-19.

Daniel Balzan, pároco da Igreja Católica Apostólica Romana – diocese de Osasco. Entrevistamos o Padre Daniel Balzán no dia 12 de setembro de 2023 em uma das salas da Igreja Matriz da cidade de São Roque. Ele teve o cuidado de escrever suas respostas e me entregar uma cópia antes de sentar à mesa conosco e explicar cada uma das suas ideias. Como um padre católico conectado à sua comunidade, ele traz ideias modernas a respeito do cristianismo como um todo e a salvação particularmente. Assim como outros entrevistados, ele conclui que a salvação professada hoje é bem diferente dos conceitos originais dos padres fundadores, porém deixa claro que é necessária uma contratação diária.

Ricardo Padavini, bispo primaz da Igreja Católica Apostólica Carismática – São Paulo. Entrevistamos o Padre Ricardo Padavini no dia 21 de março de 2023 via Google Meet. Padre Ricardo, como membro da Igreja Carismática, sua visão sobre a salvação é muito próxima com a que a Igreja Romana acredita também, assim como constatamos em nossas entrevistas. No entanto, sua fluência nos meios de comunicação atuais faz com que ele consiga explicar o conceito de salvação de maneira palpável, e isto revela que existem caminhos para que uma sistematização da comunicação possa ser aplicada nos níveis mais básicos da comunicação religiosa. Isto é o que proponho também na nossa tese quando falamos sobre a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo, que será defendida ainda 2025.

Rosângela Coivo Teixeira, pastora-presidente da Igreja Geração Eleita – Sorocaba, SP. A entrevista com a pastora Rose, como é comumente chamada, aconteceu no próprio prédio da Igreja Geração Eleita no dia 27 de março de 2024, na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. O nome da própria igreja já chamou a atenção logo nas primeiras perguntas da entrevista, como se lê na transcrição, e isto poderia dar uma pista sobre como eles professam o conceito de salvação. Para a pastora, a Bíblia é um manual de conduta, e a salvação um objetivo muito claro, mas isto é alcançado tanto pela fé quanto pelas obras. Apesar de a pastora não dizer isto explicitamente, está claro nas atividades conduzidas e na linguagem que a igreja utiliza em seus meios de comunicação – proeminentemente digital.

Glauco Martins da Silva, pastor-presidente da Igreja Batista Cristo Salva – São Roque, SP. Entrevistamos o Pastor Glauco no dia 11 de abril de 2023 no prédio da Igreja Batista Cristo Salva, em São Roque, interior de São Paulo. Como o próprio pastor diz em sua entrevista, sua preferência teológica pendeu entre os entendimentos de Jacó Armínio e João Calvino, hoje sendo simpático ao último, ainda que, segundo ele próprio, é possível que duas igrejas Batistas que estejam na mesma rua possam seguir um ou outro teólogo ao mesmo tempo. Isto nos leva a pensar, então, que o conceito de salvação, ainda que possua algumas distinções nos fundamentos, seja muito similar no resultado final. A salvação continua sendo construída pela fé em ambos os casos, mas alguns entendimentos do acrônimo TULIP se modificam nos trabalhos de Armínio e Calvino. De todo modo, o Pastor Glauco conseguiu demonstrar domínio da teologia que professa, o necessário para mostrar que, em termos de comunicação, ainda existe uma distância entre o que ele diz nos meios de comunicação e o que sua audiência entende.

Eunice Dalva de Medeiros, pastora da Igreja Renascer, de Sorocaba – SP. Esta entrevista se deu no dia 5 de junho de 2024 no prédio da Igreja Renascer, em Sorocaba, interior de São Paulo. O que mais nos chamou a atenção nesta entrevista foi o preparo da Pastora Eunice, que investigou as perguntas da pauta para se sentir mais preparada. Ela discutiu cada ponto com bastante profundidade e forneceu um cenário realista sobre a comunicação da Renascer, sobre a participação dos fiéis e como se dá a comunicação “muitos para muitos”, nas palavras de Carlos Scolari. A Pastora Eunice definiu a teologia da Renascer como arminiana – ainda que com ressalvas –, revelou as dinâmicas comunicacionais da Igreja Renascer e descreveu como é o comportamento dos fiéis, sobretudo após a pandemia.

Maria Hattunen, Líder de Comunicação da Igreja Ortodoxa da Finlândia. Entrevistamos Maria Hattunen via Google Meet no dia 28 de fevereiro de 2023. Por ser finlandesa, toda a entrevista foi conduzida em inglês. Como profissional de comunicação, Maria Hattunen fez uma descrição da comunicação da Igreja Ortodoxa da Finlândia que demonstra como as mídias digitais tomaram conta do cotidiano das pessoas, praticamente dispensando os materiais impressos. Hattunen aponta, inclusive, que a comunicação digital não só reduz os custos comunicacionais da Igreja Ortodoxa da Finlândia mas também educa a sociedade para adquirir fluência nos aplicativos de computadores e celulares. Já em termos de salvação, Hattunen afirma que a Igreja Ortodoxa da Finlândia se preocupa mais com o processo de santificação do indivíduo do que com a salvação como um resultado imediato da conduta humana. Como ela própria afirma, por não sabermos realmente o que acontece após a morte, é melhor cuidar do ser humano enquanto estamos vivos e deixar a salvação para os desígnios de Deus.

Kléber William Barreto, Coordenador de Comunicação das Testemunhas de Jeová. Esta foi a única entrevista feita por e-mail e respondida de forma estruturada em virtude das regras impostas pela Igreja das Testemunhas de Jeová. Contatamos Kléber Barreto por e-mail e insistimos por duas vezes para que fizéssemos uma entrevista via Google Meet ou mesmo pessoalmente, porém ambas foram recusadas. Para que não perdêssemos a oportunidade de coletar informações de alguém com proeminente importância dentro desta religião, concordamos em receber as respostas por e-mail, e obtivemos sucesso no dia 20 de maio de 2024. As respostas oferecidas por Kléber são calcadas em passagens bíblicas, o que nos facilita a checagem das informações. Assim, quando tratamos sobre a salvação, as

respostas são protocolares no que tange à teologia cristã. Isto significa, por exemplo, que eles são adeptos do supralapsarianismo e que a salvação se dá somente pela graça. Diferentemente da maioria dos entrevistados, ele afirma que o conceito de salvação não se alterou em função das mídias e da passagem do tempo. Sobre a comunicação, Kléber tenta sempre deixar claro que são organizados e oferecem o ensinamento necessário em todas as três categorias de mídias de Pross – mídia primária, secundária e terciária, como explicamos em nossa tese. Ainda que não pudemos nos aprofundar sobre as respostas em função das restrições impostas, pudemos ter um painel completo o suficiente para trabalharmos com nossa hipótese.

Altierrez Sebastião dos Santos, doutor em Ciências da Religião, editor da Editora Paulus e missionário catequista. Entrevistamos Altierrez dos Santos em 7 de janeiro de 2025 via Google Meet, uma vez que nosso entrevistado estava em missão no Norte do Brasil. Como doutor em Ciências da Religião, pudemos coletar informações valiosas sobre o cristianismo que nos ajudaram a traçar um panorama ainda mais preciso a respeito da salvação. Notamos uma grande capacidade de Altierrez em nomear autores das mais diversas áreas para amparar seus pensamentos e delinear um cenário até mesmo pessimista sobre a comunicação católica. Descobrimos, por exemplo, que em determinados círculos sociais mais abastados o conceito de salvação está completamente perdido pois a religião se confunde muito com política. Em outro caso, descobrimos que o comportamento da sociedade hoje exige que a salvação deva ser abordada com uma didática quase personalizada, ou será rejeitada pelos fiéis das igrejas. Já sobre a comunicação da salvação, Altierrez também mantém ressalvas: para ele, que é editor da maior editora religiosa do Brasil, quase não há materiais e conteúdos que explorem este assunto com um rigor formal. A salvação virou objeto de autoajuda, em suas palavras.

Se a salvação é compreendida de formas diferentes pelos teólogos que abordaremos, como fica a sua comunicação? As teologias fundadoras das religiões são de uma época em que vigorava a comunicação falada e escrita, a segunda inaugurando o estado em que o que está escrito é a chancela do pensamento. Reis semianalfabetos mandavam escribas registrarem seus pensamentos para torná-los oficiais, conforme nos lembra Paul Zumthor em *A Letra e a Voz* (1993). Um dos requisitos para que uma religião seja reconhecida como tal é possuir um livro sagrado; caso contrário será vista como mero ritual. Agora, vivemos a era das TICs, as Tecnologias de Informação e Comunicação, e das NTICs, as *Novas* Tecnologias de Informação e Comunicação. Uma vez que a Filosofia se consolidou de tal forma que a

crítica ao pensamento religioso promove a diversidade e um ponto de apoio, é possível que se pense “religião” e “comunicação” de maneira pragmática, não somente dogmática.

Celebrado em 1547, o Concílio ecumênico de Trento foi taxativo ao afirmar no capítulo III, “Quem é justificado por Cristo”, a salvação seletiva, quando diz que somente os que foram comunicados sobre a Paixão podem ser salvos. No cristianismo, todos os seres humanos são impuros por descendência direta de Adão e a regeneração só é dada a partir de Jesus por meio da fé, não por meio de obras. O Cânon 1 do mesmo documento é enfático ao estipular que é somente a partir da Graça Divina que se alcança a salvação. Ou seja, as obras têm o seu valor, mas são inócuas se não houver fé. Os concílios Vaticano I (1869-1870) e Vaticano II (1962-1965) reafirmam a mensagem da salvação em Cristo e atualizam posicionamentos. Veremos essas ideias com mais profundidade na Etapa 3.

Essas e muitas outras ideias se tornam suscetíveis a interpretações. Ao longo deste estudo, será possível olhar para o que fizeram Agostinho de Hipona, João Calvino, Jacó Armínio e Martinho Lutero em termos de conciliação e ruptura das ideias cristãs, sobretudo no que tange à salvação. Cada um tratará do assunto de forma a criar as bases para teologias completas, com a fundação de igrejas e a devida arregimentação de seguidores. Para um, a salvação é universal; para outro, não. Martinho Lutero romperá com o catolicismo e depois virão outros com suas próprias interpretações; Calvino usará o acrônimo *TULIP*, em inglês, para pormenorizar cada ponto de sua tese; Armínio debaterá e rebaterá alguns desses pontos em sua teologia. Catolicismo e protestantismo são caminhos distintos de se professar a fé em Jesus Cristo, mas levam ao mesmo objetivo. Temos aí um grande terreno a desbravar.

O problema da comunicação religiosa como um todo é o mesmo de qualquer outra área: precisa lidar com o ser humano, que é caótico. Por isso, é necessário compreender o que chamo de “entropia dos interesses”. Esta ideia me veio ao discutir sobre como o curso da história é marcado pelas vontades afins e conflitantes dos integrantes de diferentes grupos sociais e faz parte de um trabalho anterior meu, chamado “Religião e Comunicação”.

Um dos elementos fundamentais para a compreensão da entropia dos interesses proposta é o que Hobbes traz no *Leviatã*: se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles se tornam inimigos (HOBBS, 2014). Ora, se *desejar* significa criar expectativa sobre algo e planejar sua posse, é compreensível que outros sentimentos que estejam subcategorizados dentro do desejo passem a ser igualmente ativos. Por exemplo, o desejo de possuir uma propriedade pode ser maior que o dever moral de respeitar quem tem a atual posse por direito, como a interferência de fazendeiros em relação às populações indígenas; dentro do que propõe a moral atribuída ao

direito de propriedade, torna-se um crime usurpar ou desalojar alguém que seja legítimo dono daquele espaço. Assim, a destruição ou subjugo propostos por Hobbes se tornam o centro da ação entre quem deseja e quem está em risco de ser atacado.

Dentro disso está a reflexão acerca de como diferentes objetivos em diferentes vidas podem causar encontros e desencontros. Por serem entrópicos dentro das configurações sociais, os desejos podem, por vezes, acarretar em choques de diferentes caminhos que acabam se cruzando. Cada indivíduo, por si só, é caótico em sua natureza e os eventos externos ao corpo o estimulam a querer, a buscar. Consequentemente, indivíduos que existem coletivamente buscam realizar seus desejos e as coincidências causarão choques, como Hobbes aponta no *Leviatã* (2014).

Portanto, a entropia dos interesses ocorre quando, em algum ponto, interesses individuais em comum se chocam entre diferentes pessoas com diferentes projetos de vida. Dentro de toda essa aleatoriedade caótica, existirá algum interesse em comum, alguma oportunidade ou alguma barreira causada por qualquer um desses elementos pertencentes a uma microssociedade ou macrosociedade; nesse momento, esses interesses terão que ser ajustados em favor da sobrevivência da coletividade. Se em seu íntimo houver boa índole, significa que os resultados provenientes dessas ações tendem a premiar a paz; se houver má índole, é certo que essas ações podem causar algum tipo de dano individual e coletivo.

Toda esta discussão, no entanto, ainda não leva em consideração a eleição de alguém que servirá como juiz nessas dinâmicas, e sim a capacidade de os próprios integrantes dessas sociedades de celebrar seus pactos de forma autônoma; em outras palavras, deve residir em suas próprias moralidades a competência de se ajustarem diante da entropia dos interesses. Seria apenas quando o conflito se tornasse insustentável dentro dessa autonomia que um representante poderia ser eleito para ajudar na decisão. A situação citada poderia ter um cunho utópico e esse elemento exige uma análise um pouco mais aprofundada.

A partir dos ensinamentos de Jurandir Freire Costa, oferecidos na TV Cultura em 2005, e de Paul Ricoeur em *A Ideologia e a Utopia* (2014), é possível categorizar a utopia como bifurcada. De um lado existe a utopia das origens, cuja fundação está na teologia e na filosofia: ela contempla um estágio inicialmente perfeito e, depois do decaimento dessa perfeição por conta do descaso dos seres com aquela realidade, essa utopia busca recuperar o passado perdido — como exemplo magno, o Éden. De outro lado, a utopia dos fins se baseia na ideia de um aperfeiçoamento progressivo, no qual a atividade humana, a partir da tecnologia, do trabalho e do próprio curso da sociedade, conseguirá criar as condições necessárias para que se alcance tal objetivo. O que é interessante notar neste conceito é que,

na sua busca, mesmo que a origem da ação esteja calcada na vontade divina (utopia das origens) ou no individualismo (utopia dos fins), ambas as ideias permitem que a entropia dos interesses seja parte integrante desse processo. Da mesma forma que o estabelecimento da religião se configura como sistema para alcançar alguma das utopias e exige que os indivíduos tomem atitudes para alcançá-la, outros sistemas, como o político e o econômico, que estão relacionados à ideia de utopia dos fins, também demandarão que os indivíduos persigam essa ideia.

Considerando o que apregoa Jurandir Freire Costa, que “a história está sujeita ao acaso”, uma vez que a história é contingente, imaginamos se a entropia dos interesses carrega em si um caráter determinista. Ora, é possível argumentar o seguinte: em sua origem, os interesses são parte do comportamento humano, determinados a partir de desejos, e quando algo desperta desejo o interesse se acende. Portanto, pode-se compreender que a entropia dos interesses também está alicerçada no acaso da história, pois não se sabe exatamente o que instigará o interesse de um indivíduo em determinado recorte histórico. Ainda que o ser humano seja dotado das capacidades de planejar, antever, preparar-se e produzir algo, a origem do interesse permanece caótica. O ser humano se encontra em um estado de ociosidade até que seus sentidos passem a ser provocados pelas coisas externas.

A história “estar sujeita ao acaso”, porém, não significa que ela seja feita ao acaso. Novamente, entra em cena a entropia dos interesses, que vai explicar as manobras feitas para que ela seja considerada como história. Significa, então, que grupos com interesses comuns, ações de governos e revoluções foram construídos com o intuito de colocar em prática suas utopias para que pudessem satisfazer seus interesses e desejos. Religiões que pretendem determinar o *status quo* e, para isso, arregimentam pessoas que têm interesse em contribuir para a busca de determinada utopia podem lançar mão de seus artifícios a fim de que a história se construa em favor delas.

A religião é agregadora por excelência. Como toda a sua forma de ver e organizar as sociedades está centrada na ideia de que existe uma utopia a ser seguida, é em sistemas como os religiosos que a entropia dos interesses será mais direcionada a um objetivo em comum. Isso porque a premissa é razoavelmente simples — ainda que religiões sejam, por si só, extremamente complexas — e coordenar esses interesses dentro da teologia faz com que exista uma limitação da atuação dos indivíduos quando guiados por seus desejos. Então, pode-se perceber que, quanto mais livre for o ser humano, maior será a entropia dos interesses, no sentido de que toda a sua atuação estará centrada em sua própria cognição, não em alguma outra coisa que seja imposta sobre ele. Ora, mas os seres humanos são dotados de

algum tipo de liberdade? Não, já que, para que haja sobrevivência, é necessário que todos se submetam a sistemas, como o Contrato Social. A proposta rousseauiana de que se deve buscar uma animaleza que se pareça com pureza que, por isso, antagoniza o mal, agora soa como uma utopia das origens — e, ao contrário do que reza o senso comum, uma utopia não é algo ruim; trata-se apenas de uma esperança da modificação do presente ou da recuperação de um tempo outrora glorioso.

Novamente, podemos trazer à luz o problema da religião. Ela existe para diversos fins: organizar sociedades, trazer sistemas de premiação para o comportamento esperado ou de punição para quem não se adequa, cultuar o divino na busca por uma reconexão e cumprir uma agenda voltada a interesses sociais. Segue-se, daí, que a religião é um sistema que busca mitigar os efeitos da entropia dos interesses exatamente pelo que já foi exposto, ou seja, reduzir a quantidade de desejos em torno de um ideal comum — seja qual for, a salvação. Então, é possível compreender os seres humanos como bons ou maus? Como *naturalmente* bons ou *naturalmente* maus? Dentro do que classificamos como a finalidade da religião, é possível que eles sejam os dois ao mesmo tempo. A religião é algo que vai operar sobre o lado bom e o lado mau; ademais, os seres humanos podem ser bons e maus ao mesmo tempo enquanto servem aos seus desejos e interesses.

Este pensamento se torna paradoxal, pois compreende que ser bom ou mau tem em sua origem certa “autoexcludência”. O objetivo de um indivíduo pode levá-lo a práticas boas ou más e estas podem interferir em sua microssociedade, ou na macrossociedade, enquanto se chocam com outros interesses de outros indivíduos. A questão, então, torna-se de viés: para um, a ação do indivíduo pode ser considerada boa e para outro, má. Para sistemas fechados, como a religião, ser bom ou mau reside em uma noção binária; em outras palavras, não existe relativismo, já que todas as ações são regidas pelos códigos morais da própria religião. Em um sistema mais aberto, por exemplo, o capitalismo, as ações podem ser consideradas tanto boas quanto más, dependendo do ângulo pelo qual são vistas, tendo como referencial um determinado objetivo. O desmatamento de uma floresta pode ser considerado bom para quem apoia a soberania do agronegócio, mas pode ser mau para quem defende a preservação da natureza. O que se deve levar em consideração é que a entropia dos interesses vem antes de qualquer tipo de contratualismo, pois existe fora dessa artificialidade, e tal ideia tem como propósito regulamentar o que é bom e o que é mau em função de um objetivo maior — este, a sobrevivência.

A comunicação, enquanto processo neguentrópico (que nega a entropia, que organiza a entropia), também se torna um artifício ulterior à entropia dos interesses porque o seu foco

não é organizar os desejos, e sim torná-los comunicáveis e compreensíveis. Enquanto a entropia dos interesses está ligada ao que o desejo pede, a comunicação permite que o desejo seja entendido por todos que compartilham o mesmo código linguístico; se em uma sociedade a entropia dos interesses causa muitos embates, será a comunicação que tornará possíveis tanto o reconhecimento desses embates quanto suas possíveis soluções. No entanto, ela, por si só, não interfere na origem ou no fim de qualquer desejo ou interesse e se torna um instrumento para a compreensão do que se deseja.

Uma organização religiosa que tem seus objetivos e, para conquistá-los, utiliza da força de seus integrantes, pode estar sujeita a embates provocados pela entropia dos interesses. Originalmente, o que se espera é que todos os integrantes sejam bons e obedientes, porém, outros interesses e desejos começam a surgir e, por conta disso, começam a surgir os conflitos. Talvez alguém tenha o desejo de ser visto como uma figura de liderança, ainda que o líder seja outra pessoa; talvez ocorra uma cisão entre os que concordam ou discordam de determinados métodos aplicados. A quantidade de surpresas no caminho é tão infundável e aleatória quanto a própria entropia dos interesses. Podemos notar, em primeiro lugar, que um sistema contratual como uma religião — e isso se estende até uma grande perspectiva, como um sistema de governo — não dá conta de penetrar no íntimo de cada indivíduo, regulando seus interesses e desejos da forma como conviria e, em segundo, que a religião será um ambiente como qualquer outro, em que a entropia dos interesses ocorre, e ela tentará mitigar seus efeitos mais nocivos em prol do objetivo comum.

O Contrato Social é outro artifício que tenta equalizar a entropia dos interesses para garantir o objetivo da sobrevivência. Assim como a religião ou o sistema político, ele é um sistema em que os desejos devem ser orquestrados de maneira que não cause prejuízo. Hobbes diz em sua quinta lei da natureza (2014): que cada um se esforce por se acomodar com os outros. Isso determina o quanto a vontade de fazer o bem ou o mal está mais ligada aos desejos que um indivíduo tem do que necessariamente se ele é balizado por algum tipo de contratualismo. A função do Contrato Social é tentar trazer um entendimento entre todos os indivíduos buscando princípios na moral, no bom convívio ou na fraternidade. Dependendo do viés, o Contrato Social também pode trazer ressalvas a respeito do acúmulo, do egoísmo e do subjugo de integrantes da mesma sociedade. Contudo, nessa reflexão podemos notar que a entropia dos interesses é o nível mais básico do comportamento dos seres humanos e que todos os artifícios que criamos tentarão orquestrá-los a fim de que se preserve a convivência sadia e sem prejuízos. A própria história responde se alcançamos essa utopia. Assim, a luta

tanto da religião quanto da Comunicação (da área, da ciência) é contra a força da dispersão provocada pela abundância de informações e escassez de comunicação.

Apesar de tomarmos como base o que é estabelecido no Concílio Vaticano II em termos de comunicação, é compreensível que o protestantismo não congregue essas mesmas ideias e lance mão das suas próprias convicções e artifícios; isso fará com que investiguemos se o uso dos meios sociais de comunicação é feito de forma consciente pelas igrejas selecionadas para esta pesquisa. Quando dizemos “consciente”, referimo-nos às diretrizes da Ecologia da Comunicação, isto é, um viés que promove uma reflexão crítica sobre os efeitos dessa tecnificação e suas consequências para as relações humanas, destacando a importância de uma abordagem equilibrada e consciente na utilização da tecnologia e visando o bem-estar individual e coletivo.

Além de Vicente Romano, esta tese busca sustentação em uma escola específica de pensamento que trata da relação entre o ser humano e os meios de comunicação. Essa “espinha dorsal” inicia com Harold Innis e passa por Marshall McLuhan, que juntos fundamentam as bases para o que Harry Pross, Vicente Romano e Carlos Scolari trarão em termos das relações existentes com as mídias. Todos esses teóricos focam em como os meios de comunicação moldam a sociedade e a cultura. Innis e McLuhan discutem como esses elementos influenciam a percepção e a organização social; Pross analisa a evolução dos meios de comunicação, subdividindo-os entre mídia primária, secundária e terciária; Vicente Romano foca no impacto ideológico e cultural dos meios; e Scolari explora as novas dinâmicas da era digital.

Os estudos de comunicação de Harold Innis abordam como os meios habilitaram a criação de impérios, sobretudo levando em consideração o tempo e o espaço. Esses impérios não apenas cresceram e depois sucumbiram a pressões diversas: eles deixaram um legado de como a escrita se tornou uma forma de organização e pressão para que outras instituições, principalmente a Igreja, fossem relegadas a um patamar inferior. Em uma escala de urgências, isso significa que esse imperialismo se sobrepõe à fé e institui elementos seculares nas relações entre os seres humanos. Dentro desse contexto, McLuhan estendeu o conceito de que os meios são uma extensão do ser humano para afirmar que eles próprios se moldam e se integram à mensagem, propondo que os meios de comunicação afetam a sociedade e a cultura, ampliando certos sentidos e alterando a maneira como percebemos o mundo.

Carlos Scolari investigou o papel dos processos comunicacionais nos meios digitais e como eles criam novas formas de interação. Seu trabalho pode ser visto como uma extensão do que Harry Pross traz nos estudos de comunicação, pois examina como a integração dos

três níveis – mídias primária, secundária e terciária – afeta a sociedade. Desde a fala até os meios digitais, Pross auxiliou a entender como as sociedades se comportam diante dos diferentes meios a que estão submetidas. Vicente Romano, por sua vez, enfatizou a importância da crítica aos meios de comunicação, explorando como eles moldam ideologias e percepções e analisando a comunicação como um processo cultural e ideológico, em que os meios de comunicação não são apenas canais de informação, mas também ferramentas para manter e desafiar as relações de poder na sociedade.

Para seguir essa cadeia na qual as ideias desses autores são ampliadas dentro do contexto das mídias, nossa proposta é a de acoplar a Ecologia da Comunicação e a Ecologia das Mídias dentro do cristianismo. Sobretudo após a pandemia, houve a compreensão que as maneiras tradicionais de comunicação das igrejas se tornaram insuficientes para reter a atenção dos fiéis, principalmente os jovens. Com isso, seria necessário extrapolar as estratégias, utilizando as TICs e NTICs de uma forma educativa e responsável. A tese também se concentra, portanto, em oferecer um avanço para a Ecologia da Comunicação dentro do cristianismo. O que veremos nesta pesquisa é o esforço de conciliar a comunicação cristã com os tempos em que vivemos.

ETAPA 01: SALVAÇÃO NO CRISTIANISMO

Como este é um estudo de Comunicação, o aprofundamento que faremos nas doutrinas que tratam da salvação caberá apenas no que tange à proposta desta tese, ou seja, desvendando como se dá a comunicação da soteriologia cristã nas mídias, tendo como fundamentos a Ecologia da Comunicação e as Hipermediações. Isso significa que faremos uma análise diferente do que se costuma ver nas dissertações e teses do campo da Teologia.

Altierrez Sebastião dos Santos, doutor em Ciências da Religião pela UMESP e um dos entrevistados para esta tese, argumenta em sua fala, nos anexos, que a comunicação da salvação é “pífia, enfadonha, chata e politizada”; relata ainda que atualmente pouco ou nada se fala sobre salvação nas categorias de mídias de Pross (devidamente explicada na Etapa 3 desta tese) e que a catequese está em crise diante da “educação rasteira de catequistas e demais leigos”. Ele traça um cenário perturbador na educação religiosa como um todo, especificamente na comunicação da salvação em especial. Mesmo assim, o protocolo da pesquisa científica sustenta que é necessário delimitar um estudo a partir de um recorte e de bases teóricas. Ainda que, para Altierrez dos Santos, a salvação seja uma ideia completamente difusa na cabeça dos cristãos, é preciso eleger um aporte teórico para discuti-la. Desta forma, utilizaremos como base teológica os conceitos de salvação dos teólogos fundadores de algumas denominações cristãs.

Para esta tese, teremos como base soteriológica do catolicismo a obra de Agostinho de Hipona. Altierrez dos Santos relata que as teologias de Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino se complementam em vários pontos, mas divergem na questão das obras: enquanto para Agostinho de Hipona a salvação ocorre mediante somente a fé, para Tomás de Aquino as obras também são necessárias; ele também considera o merecimento das boas obras, quando realizadas com fé e graça, pois possuem valor meritório e contribuem para a salvação do indivíduo. No entanto, elas não se baseiam nos méritos próprios do homem, mas sim na Graça Divina que o capacita a realizar o bem. A escolha de Agostinho de Hipona em detrimento de Tomás de Aquino neste estudo se dá por ordem cronológica. Agostinho é o primeiro a teorizar o cristianismo com base no neoplatonismo e Tomás de Aquino, na filosofia de Aristóteles. Então, prossigamos esta etapa levando em conta a teologia agostiniana.

Imagine que o cristianismo é um jogo cujo objetivo é a salvação. Deus, como o criador do jogo, por ter um plano de salvação para toda a humanidade, coloca cada pessoa como participante compulsório – cristão, judeu, muçulmano, ateu, enfim, os oito bilhões de

peessoas que vivem no mundo hoje. São necessárias seis regras básicas para se chegar ao objetivo e suas justificativas estão expostas da seguinte maneira:

1. Fé em Jesus Cristo: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16); “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:6); “Creiam no Senhor Jesus e serão salvos, você e os de sua casa” (Atos 16:30-31); “Eu asseguro: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida” (João 5:24);
2. Arrependimento dos pecados: “Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lucas 13:3); “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie Ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até os tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos Seus santos profetas desde a antiguidade” (Atos 3:19-21); “Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte” (2 Coríntios, 7:10);
3. Obediência aos mandamentos de Deus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15); “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21), “Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem, tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hebreus 5: 7-10);
4. Amor e perdão: “Respondeu-lhe Jesus: amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37-39); “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:34-35); “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos,

perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Efésios, 4:35);

5. Comunhão com Deus: “Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Tessalonicenses 5:16-18); “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Marcos 6:6); “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração” (Tiago 4:8);
6. Serviços aos outros: “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pedro 4:10); “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me” (Mateus 25:35-36); “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um dos outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Filipenses 2:3-4).

Seria simples, porém, se tudo fosse tão pragmático assim. A beleza das religiões reside na hermenêutica, ou seja, a capacidade de interpretar os escritos dentro de uma lógica particular. De acordo com as leituras feitas para esta tese, essas seis regras são comuns a todas as denominações cristãs, mas o estabelecimento das doutrinas nas diferentes interpretações faz com que alguns pensamentos sejam rearranjados.

Explicaremos a salvação a partir da Doutrina da Graça. Ao falar sobre fé, Agostinho de Hipona coloca a Graça como norteadora do seu pensamento. Ela atua na alma do indivíduo, inspirando a fé, convertendo-o e capacitando-o a viver de acordo com a vontade divina. Essa ação da graça é irresistível, pois Deus, em Sua onipotência, sabe quem escolheu para salvar. Isso significa, portanto, que em Agostinho a predestinação é incondicional (como explicaremos mais aprofundadamente logo adiante), pois Deus, de antemão, antes da criação do próprio ser humano, já elegeu os que serão salvos dentro do seu plano de salvação da humanidade. Agostinho diz que não seria Graça se houvesse méritos que a precedessem; caso contrário, a graça seria uma dívida a ser paga por Deus, não algo gratuito. A Pastora Rosângela Coivo, durante nossa entrevista, diz algo parecido quando reflete sobre a salvação professada em sua Igreja Geração Eleita, de cunho protestante. Segundo ela, se a Graça fosse pelas obras, como a Teologia da Prosperidade apregoa, não haveria tantas obras que

suprimissem o seu tamanho nem tantos animais a serem sacrificados para agradar a Deus diante de Sua magnitude. Por isso, a graça só pode ser gratuita.

Padre Ricardo Padavini nos apresenta a doutrina da salvação tendo como norte o que se prega na Igreja Católica Apostólica Carismática: “por que precisamos de salvação? Porque sem salvação nós estamos perdidos! Por que precisamos de um salvador? Porque sem ele nós estamos perdidos! Nós somos pecadores. Todos nós pecamos e estamos separados da glória de Deus. Eu aprendi com o bispo que me formou, que me ordenou, Dom Euclides Nunes, que o Senhor Jesus segura na nossa mão e segura na mão do Pai. Ele nos liga ao Pai. Ele é o mediador da Nova Aliança. Então, por que precisamos de salvação? Porque sem salvação nós estamos perdidos! E o meio para nos salvarmos é o sacrifício do Senhor e salvador Jesus”.

O *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, de Samanes e Tamayo-Acosta (1999), explica que o caráter pecaminoso do ser humano é o que o distingue dos outros seres vivos. Então, Deus inicia um movimento de conversão para que se restabeleça a relação entre Deus e os humanos: uma relação de amor e entrega mútuos. A questão de Israel ser o povo *eleito* de Deus gerou dupla interpretação: os judeus se consideraram o *único* povo eleito – o que os fez cair no pecado do orgulho –, sendo que no cristianismo a *eleição* significa o dom gratuito dado a quem merece por absolutamente ser.

Com isso, Agostinho explica que a Graça se dá pela fé, não pelas obras. O pecado cometido por Adão recai sobre todos os seres humanos, por isso é do plano de Deus restaurá-los para que se livrem desse pecado – o Deus de Israel é libertador, santo e justo, nas palavras de Samanes e Tamayo-Acosta. Segue-se que Agostinho incorpora a misericórdia e a justiça: uma para a eleição daqueles que escolheram Deus e outra para aqueles que foram cegados – ou seja, que negaram sua misericórdia e seu plano de salvação.

Samanes e Tamayo-Acosta (1999) também explicam que o conceito paulino de Graça é extraído da teologia paleotestamentária da eleição gratuita. A teologia paleotestamentária é o estudo sistemático das crenças religiosas, doutrinas e temas encontrados no Antigo Testamento da Bíblia, incluindo a investigação das características de Deus conforme reveladas no Antigo Testamento, as promessas feitas a Israel, as leis e os mandamentos dados ao povo judeu, as profecias sobre o Messias, entre outros aspectos; busca entender o contexto histórico, cultural e literário dos textos do Antigo Testamento para interpretá-los corretamente e aplicar seus ensinamentos; envolve examinar o papel de Deus na história de Israel, os relacionamentos entre Deus e o ser humano, os rituais e práticas religiosas, as promessas e profecias messiânicas, além dos próprios dogmas em si. O conceito se apresenta da seguinte forma: a eleição gratuita (1Ts 1:4; 2Ts 2:13), não o mérito humano (2Cor 3:5; 4:7; 12:10). O

“resto de Israel” subsiste “porque foi escolhido por Graça” (Rm 11:6) e a Graça é “dom de Deus” (Ef 2:8). Padre Daniel Balzan concorda com a teologia ao afirmar que “esta iniciativa parte de Deus. A salvação é gesto gratuito da misericórdia do Pai. Esta é a pregação de Paulo nas Cartas aos Gálatas e aos Romanos: ‘Fomos justificados pela fê em Cristo’. ‘Justificado’ quer dizer ‘salvo’. A salvação é gesto gratuito. Resta ao homem aceitar esta salvação e colaborar mediante uma conversão permanente”.

Quando passamos do catolicismo (consequentemente, do agostinianismo) para o protestantismo, tal compreensão permanece. Temos como exemplo o Pastor Glauco Martins, da Igreja Batista, que professa a teologia calvinista (“com ressalvas!”, como ele próprio faz questão de salientar) e explica o processo de Graça e salvação de maneira similar. Diz ele que, por um longo período, o conceito de salvação permaneceu inalterado. Entende-se que se dá exclusivamente através de Cristo e que nada do que o ser humano faça contribuirá para sua própria salvação; o Pastor enfatiza que não há mérito pessoal no processo e se reconhece como um pecador miserável que foi alcançado pela Graça de Deus – e Graça, segundo ele, é um favor concedido sem merecimento, um ato de bondade divina.

Para Calvino (2016), a salvação é fruto da predestinação divina, um decreto eterno pelo qual Deus escolheu alguns indivíduos para a salvação e outros para a condenação. Essa escolha não se baseia em méritos humanos, mas na Sua vontade soberana. Esse aspecto da teologia calvinista tem suporte em Efésios 1:4-5 – “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele; e em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” – e também em Romanos 8:29-30 – “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”.

Martinho Lutero compreende da mesma forma, não apenas por ser o precursor do Protestantismo e base intelectual para Calvino, Armínio e outros que se seguiram depois dele, mas também por seu histórico católico. Ao olharmos para Tito 3:5, averiguamos que, em conjunto das outras passagens bíblicas, Lutero deixa claro que a Graça é um dom imerecido: “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”. O mesmo acontece com Jacó Armínio e John Wesley: todos compreendem a Graça como um dom imerecido e que leva à salvação.

Contudo, de acordo com Samanes e Tamayo-Acosta (1999), foi o pelagianismo, tão combatido por Agostinho em suas obras, que gerou a inversão da ordem de precedência. Isso porque Pelágio, teólogo e monge britânico que viveu entre os séculos IV e V, trouxe o caráter antropológico que transforma a disputa em algo pendular, no sentido de que a Graça – e, por consequência, a salvação – seria ou uma tal afirmação da liberdade humana que resulta na Graça ou uma exaltação da Graça que resulta na liberdade humana. No entanto, Agostinho obtém êxito ao exprimir proceduralmente que só a primeira é possível. Tomando como base o que diz em 1 Coríntios 4:7, “O que há de superior em ti? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?”, Agostinho compreende que não há nada que Deus não tenha oferecido de antemão, inclusive a fé e a Graça.

Não é possível, a partir do agostinianismo, a lógica pelagianista de que a salvação é um mérito conquistado por vontade humana. “Todos os caminhos do Senhor são graça e fidelidade”, como nos lembra Agostinho (2018), citando os Salmos 24:8-22. Dessa forma, ele conclui que, de acordo com essa concepção teológica, a salvação sempre esteve disponível para qualquer pessoa que fosse digna dela, enquanto apenas ficaram sem ela aqueles que não a mereciam. Desde os primórdios da humanidade até o final dos tempos, a mensagem da salvação foi e continuará sendo proclamada, trazendo recompensa para alguns e condenação para outros, como relata o livro *A Predestinação dos Santos* (2018).

Disto, seguimos para a pergunta que não estava no questionário de todos os entrevistados: salvar de quê? Dos que foram interpelados sobre isso, houve consenso de que a salvação precisa ser compreendida pelo trinômio *corpo, alma e espírito*. Padre Ricardo Padavini diz que “Todos nós somos seres eternos. Todos nós somos eternos. A partir da nossa concepção, nós somos eternos e passamos a ter *corpo, alma e espírito*”. Rosângela Coivo traz em sua resposta: “nós entendemos que todo ser humano nasceu com um corpo, uma alma e um espírito. Corpo, alma e espírito. Quando alguém morre, morre no corpo, mas o espírito, nós entendemos que seja eterno. Logo, sendo eterno, ele tem dois caminhos, segundo a Bíblia: o da salvação ou o da perdição”. Fernando Pupo, Pastor da Igreja Metodista e filósofo, descreve assim: “o que é a salvação para nós? A salvação é corpo, alma e espírito. Quem defendeu isso não foram nem os religiosos: foi Platão. Então, entre corpo e alma temos uma herança platônica e agostiniana, depois uma herança cristã, na releitura de Agostinho, para o espírito”. Altierrez dos Santos, por sua vez, coloca o problema de forma crítica. Diz ele que a Igreja Católica atualmente enfrenta uma das maiores crises de sua história, especialmente evidente aqui no Brasil. Essa situação, em grande parte, está ligada à juventude, que não

compreende do que precisa ser salva. Para ele, a questão central não está em outras preocupações, mas exatamente nessa: “por que devo fazer isso, me submeter àquilo, e passar por um longo processo de anos para receber os sacramentos e alcançar a salvação? Salvação de quê, afinal?”, complementa o teólogo.

Corpo se refere à parte física e material do ser humano. Não apenas Agostinho, mas outros teólogos reconheciam a importância do corpo como a morada temporária da alma e como o veículo através do qual interagimos com o mundo material ao nosso redor. *Alma* é a parte imaterial e espiritual do ser humano. O platonismo contido no cristianismo nos obriga a ir à República, de Platão, e analisar o diálogo com Trasímaco, no qual ele analisa a função da alma. Sócrates inquirir Trasímaco se a alma possui funções que são próprias de suas virtudes. Do mesmo jeito que os olhos veem por virtude e os ouvidos ouvem, a alma vigia, comanda, delibera “e o resto”, ao que Trasímaco concorda. Assim, compreende-se que a alma possui a virtude de comandar o corpo, seja o pensamento, as emoções ou os desejos físicos. O corpo se torna um vaso para que a alma atue. A alma é o que possui todas as virtudes, todas as capacidades para controlar o corpo, e é responsável pela capacidade de raciocínio, pelo livre-arbítrio e pela busca da verdade.

O *Espírito*, portanto, é o aspecto mais íntimo e profundo do ser humano, no qual ocorre a comunhão com Deus. Agostinho via o espírito como o receptor da graça divina e o meio pelo qual os seres humanos podem se conectar com o divino. Ainda que *alma* e *espírito* sejam comumente confundidos, participam de instâncias diferentes na teologia: a alma é o que carrega o pecado original, mas é pela comunicação do espírito embevecido de fé que o pecado pode ser extirpado da alma e, conseqüentemente, do corpo. Então, a *salvação* acontece quando o corpo e a alma entram em um processo contínuo de remissão dos pecados.

Ainda que não tenhamos recebido respostas mais diretas, já que, como descobrimos, não há pragmatismo, precisamos entender a salvação também pelo caminho de sua história. Em sua resposta, Fernando Pupo nos deu o mesmo caminho de Samanes e Tamayo-Acosta (1999), ou seja, que a história da salvação tem o peso da filosofia helenística, platônica e aristotélica. Os autores afirmam que por muito tempo este foi o quadro teórico preferido para interpretar toda a realidade, inclusive a realidade da relação entre Deus e os seres humanos.

A história da salvação pode ser pensada a partir da noção da *essencialidade extática*, isto é, estar imerso na própria essência de algo de forma profundamente gratificante ou sugerir uma conexão com algo fundamental que traz grande senso de satisfação, alegria ou até mesmo transcendência. A salvação não é “coisificada”, uma vez que está atrelada ao dogmatismo religioso. O que se vê, com Samanes e Tamayo-Acosta (1999), é que a história

de Deus e, conseqüentemente, da salvação, foi sendo acumulada ao longo do tempo, seja pela observação da natureza, seja pela hermenêutica dos escritos ou pela homilia. Claramente não é algo retilíneo, por isso frequentemente se encontram intervalos em que a salvação tem um caráter físico, como num arrebatamento, ou moral, como o caminho do comportamento que leva ao prazer celestial.

A própria essência da salvação, de acordo com Samanes e Tamayo-Acosta (1999), não pode – nem deve – ser plenamente decifrada porque Deus não é totalmente decifrável. A comunicação entre o ser humano e o mistério, quando analisada sob a ótica agostiniana, nos é dada mediante também à Graça, o que significa que é algo igualmente imerecido e, por isso, impossível de se entender em toda sua extensão. “A vontade salvífica de Deus não se manifesta de forma igual em vários momentos da história e nos diversos povos”: esta afirmação de Samanes e Tamayo-Acosta (1999) indica a medida em que o conceito de salvação também tem suas raízes no espírito do tempo.

Portanto, a história da salvação no cristianismo está diretamente ligada à superação dos pecados e, como percebemos nas regras do nosso jogo, se arrepender é um dos caminhos historicamente reconhecidos. De forma geral, a teologia vai além e estabelece não apenas que alguém se arrependa pelos seus pecados, mas que o ser humano se reconheça como pecador a partir de Adão e que o trabalho de salvação seja algo ininterrupto em sua vida. A salvação é um processo de transformação que ocorre diariamente ainda em vida, e não somente após a morte. “A salvação é operante quando há conversão e transformação”, como apontam Samanes e Tamayo-Acosta (1999).

A mente mais pragmática quer buscar uma resposta imediata e contingenciada. Salvar *de quê*? Salvar da pobreza? Promessa da Teologia da Prosperidade. Salvar da doença? Promessa de algum santo. Salvar da danação eterna? Promessa da obediência a Deus. Não é tão simples assim. Por vezes, parece mais produtivo pensar no “não”: “se eu *não* fizer isso serei salvo; se eu *não* fizer aquilo serei salvo”. Mas os teólogos apontam para um caminho de salvação como se fosse uma longa escada: sobe-se três degraus, desce-se um, sobe-se mais dois, desce-se outros dois... A salvação é uma construção diária, as histórias da salvação e do pecado são as mesmas e a salvação tem a ver com o compromisso direto com Deus. Daí a ideia das “regras do jogo da salvação”, pois todas elas representam esse laço estreito.

Ao mesmo tempo que existe o alargamento das regras do jogo, no sentido de que a Bíblia se torna um “manual de vida”, como diz a Pastora Rosângela Coivo, também existe aquele “mínimo aceitável”, que não ofende nem exalta. Mas será que Deus é leniente assim? Estamos falando de um Deus misericordioso e compreensível que dirá “Ok, eu reconheço

seus limites e sei onde você pode chegar ao praticar as regras do meu jogo”, ou será ele o Deus ciumento e destemperado, como acusam os ateus altifalantes? É necessário analisar isso com mais profundidade para tentar compreender o que Deus deseja da humanidade. Por isso, fizemos a separação entre predestinação incondicional e predestinação condicional.

Predestinação incondicional

Essa é a ideia de que Deus já escolheu as pessoas que serão salvas antes mesmo da própria criação do mundo. Duas pessoas nascem já com a dádiva divina da Graça; ao longo de suas vidas, nutrem a mesma intensidade de fé e obediência a Deus e a Jesus Cristo. No final, uma é salva, mas a outra não. Por que Deus faz isso? Ninguém sabe. Ou melhor: não é possível que saibamos. Isso de acordo com Agostinho de Hipona e João Calvino.

No livro *A Doutrina da Eleição* (CALVINO, 2016), alerta que “o cristão deve ser tão bem-resolvido nesta doutrina que ela esteja acima de qualquer dúvida para ele”. Deus, em um primeiro momento, “não possuía qualquer estima às nossas pessoas, nem à nossa dignidade, nem a quaisquer méritos que poderia haver em nós”. Dessa forma, não há como nos diferenciarmos uns dos outros; podemos somente entender que todos somos iguais e que quem fará essa diferenciação é Deus. Ele derrama graça e bondade sobre todos porque é gratuita e preveniente – já existe antes da própria conversão. Jesus Cristo é o caminho para que nos reconheçamos como pecadores e, aceitando-o, Deus também nos aceita. No entanto, a salvação é apenas para os que já foram escolhidos de antemão.

Na hermenêutica de João Calvino, a questão de *por que* apenas uma pessoa é escolhida para a salvação enquanto a outra não pode ser compreendida: trata-se de uma das “profundezas” dos decretos divinos. Calvino enfatiza que a vontade de Deus é suprema e soberana, e não está sujeita à nossa compreensão plena. A razão por trás da eleição de uma pessoa para a salvação e a não eleição de outra está fundamentada na vontade soberana de Deus, que não é limitada pelos padrões humanos de justiça ou mérito. Calvino argumenta que, como seres finitos, não podemos compreender completamente os motivos de Deus e devemos confiar em sua sabedoria e justiça perfeitas, mesmo quando não entendemos totalmente Seus caminhos.

Calvino nos mostra ao menos uma forma para elucidar esse mistério. A salvação pela fé não é pela vontade humana de se ter fé e aceitar Jesus, como veremos na predestinação condicional: os escolhidos são mais *preparados* por Deus para terem fé e receberem o Evangelho. Calvino (2016) afirma que precisamos elevar nossa compreensão, pois quando se

atribui a fé ao livre-arbítrio humano, se profana Deus e se comete um grave sacrilégio. Devemos nos ater ao que a Escritura revela: quando Deus nos concede a fé, entendemos que não somos capazes de receber o Evangelho por nós mesmos, apenas quando Ele nos molda através do Espírito Santo. Ser escolhido, portanto, significa possuir as virtudes para que seja possível ter uma conexão diferenciada com o Espírito Santo e, a partir disso, poder ser salvo. Todos podem ter fé e obedecer, mas somente os que são “equipados” para viver real e profundamente esta fé serão salvos.

Nosso entrevistado, Pastor Glauco Martins, explica que a Igreja Batista pode variar entre a concepção arminiana (de Jacó Armínio) ou calvinista (de João Calvino) no que tange à salvação. Embora não exista uma regra estabelecida, a Igreja Batista já foi predominantemente arminiana, depois predominantemente calvinista e hoje é mais variada. É possível que duas Igrejas Batistas estejam na mesma cidade e cada uma delas prefira um dos dois teólogos. No entanto, o Pastor menciona uma “fé genuína” que pode provocar uma mudança significativa na pessoa. Durante a entrevista, diz ele que “entendemos que há salvação uma vez que alguém professa a fé verdadeiramente, porque existe uma fé que pode ser subjetiva: ‘ah, eu estou frequentando a igreja’, ‘ah, fui batizado na igreja’, mas isso em si não significa que a pessoa é realmente salva. Exemplo: Judas Iscariotes, que foi chamado por Jesus, foi batizado, tomava a ceia, fazia parte do corpo apostólico, e Jesus se refere a ele como sendo ‘filho da perdição’. Ou seja, ele estava junto do grupo, mas nunca experimentou a salvação genuína”. Calvino explica em *A Doutrina da Salvação* (2016) que, numa multidão em que todos ouvem a palavra de salvação, alguns poucos a recebem: os que foram nomeados para ela. Diz ainda que Paulo fala extensivamente sobre isso na epístola aos Efésios, e que somente os estúpidos e ignorantes não conseguem ver algo tão simples e evidente.

Então, que atitude tomar? O que faz uma pessoa obedecer a Deus sem saber se realmente será salva? Essa é uma questão complexa e profunda que envolve tanto aspectos teológicos quanto psicológicos e existenciais. Na perspectiva das doutrinas da predestinação incondicional, defendidas por Agostinho e Calvino, uma pessoa pode sentir um profundo senso de responsabilidade e dever para com Deus, mesmo sabendo que sua salvação não está garantida; alguns indivíduos podem sentir uma obrigação moral intrínseca de seguir os mandamentos e ensinamentos de Deus, independentemente das consequências pessoais; ou uma pessoa pode sentir gratidão e amor por Deus por sua bondade, misericórdia e graça, independentemente da sua própria salvação. Essa gratidão pode motivar a obediência a Deus como uma expressão de amor e devoção. Mesmo sem a certeza da salvação pessoal, pode-se

ter esperança e confiança na providência divina, acreditando que Deus tem um propósito e um plano para sua vida, mesmo que esse propósito não inclua a salvação eterna. Ainda, é possível aceitar humildemente a soberania de Deus sobre todas as coisas, incluindo sua própria salvação, e escolher obedecer a ele como um ato de submissão e confiança em seu plano soberano.

João Calvino (2016) afirma que os cristãos nunca devem ter a soberba de se acharem escolhidos, já que nunca há essa certeza. Ele escreve que, quando questionados sobre nossa salvação, não devemos afirmar que fomos escolhidos, pois não é prudente querer alcançar tal altura. “Teremos os nossos olhos ofuscados, antes que possamos vir ao conselho de Deus”. O que se deve fazer? Devemos ouvir o que é declarado no Evangelho: quando Deus, em Sua Graça, nos faz alcançar a promessa oferecida, reconhecemos que é como se Ele tivesse aberto completamente Seu coração para nós e tivesse gravado nossa eleição em nossas consciências.

Agostinho e Calvino, mesmo em sentido oposto a outras interpretações da teologia cristã, concordam com a predestinação incondicional e que há pessoas que já estão salvas mesmo antes de nascerem. A fé e a obediência são inerentes ao processo, mas há um “quê” que diferencia uns dos outros e quem decide isso é Deus, por motivos que ninguém pode compreender ou duvidar. Há quem pense diferente disso? Sim. Falemos agora sobre Martinho Lutero, Jacó Armínio, John Wesley e Charles Taze Russell.

Predestinação condicional

Aqui, a ideia é de que a salvação pertence a todos, sem distinção, enquanto tiverem fé e serem obedientes a Deus. Essa forma de pensar o cristianismo e a salvação é a que está mais engendrada no senso comum do nosso espírito de tempo e gera, inclusive, certo tipo de leniência, como no caso do “católico não-praticante”: aquele que acredita que, enquanto cumprir dois ou três dos Dez Mandamentos, tudo ficará bem; aquele que pensa que, enquanto acredita em Deus e vai à igreja com alguma frequência – ou reza um Pai-Nosso aqui ou acolá – tudo ficará bem também. Esse cenário, no entanto, está bem fora do que os teólogos apregoam, uma vez que muitos fundamentos – as “regras do jogo da salvação” – persistem no mesmíssimo grau de importância.

No século XVI, Martinho Lutero e Erasmo de Roterdã debateram muito sobre a salvação por meio de cartas e livros. Sidnei Nascimento, em seu artigo *O livre-arbítrio, o servo-arbítrio e a presciência divina* (2019), explica que o impresso “O Livre-Arbítrio”, de Erasmo de Roterdã, causou grande alvoroço num século marcado por grandes controvérsias

teológicas e, acima de tudo, pela própria Reforma Protestante. Ali, ele discutia “se a vontade racional e livre possuiria alguma autonomia frente à presciência divina”. Para Erasmo, de acordo com Sidnei Nascimento, o ser humano tem o livre-arbítrio de se aproximar ou se afastar da salvação se assim quiser; isso o levou a questionar se as virtudes e os defeitos humanos possuem um papel na própria vontade de se voltar para o bem ou para o mal por necessidade, por exemplo. “Se a vontade se volta para o mal por necessidade, por que Deus imputaria o pecado?”

Martinho Lutero, por sua vez, em sua publicação *O servo-arbítrio* (apud Nascimento, 2019), discorrerá sobre a incompatibilidade entre presciência e liberdade. Para o reformador, Judas traiu Cristo porque Deus já sabia que ele faria isso, então não seria seu papel intervir, mas deixar que a natureza má de Judas agisse. Para Lutero, isso significa que o livre-arbítrio se torna uma falácia porque, nas palavras de Sidnei Nascimento, o único caminho possível é o da presciência. Deus não freia a condição humana “desgraçada e insuficiente” porque permite que o ser humano seja assim; está dentro dos Seus desígnios. Significa também que, por mais que transpareça um alto grau de fatalismo no raciocínio de Lutero, Deus opera mais em um nível determinista.

Ao longo da nossa entrevista que conduzimos, o Pastor Glauco Martins explica esse viés adotado pela Igreja Batista no seguinte sentido: “a gente entende que existe uma coisa que é o livre-arbítrio, mas que livre-arbítrio só quem teve foi Adão, porque Adão pôde decidir: eu vou pecar ou não vou pecar? Este foi o único ser humano que pôde ter o livre-arbítrio. E ele usou mal o livre-arbítrio dele porque decidiu pecar. Eu não tenho livre-arbítrio para dizer ‘a partir de hoje eu não peço mais’. Isso não está mais na minha mão, eu não consigo, entende? A minha natureza, hoje, é pecaminosa. Por mais que eu te fale ‘a partir de agora eu nunca mais vou pecar!’, eu consigo? Eu não consigo. Isso foi tirado da minha mão. O que a gente tem agora é uma coisa chamada ‘livre-agência’. O que é livre-agência? ‘Vou ficar contigo até as 11 horas, está bom?’ Isso é livre-agência! Determinadas decisões do dia a dia são suas: hoje não vou à faculdade à noite, tenho uma prova para fazer à tarde e não sei se tenho ânimo, acho que vou ficar com a minha esposa... isso é livre-agência, e não livre-arbítrio”.

Diz Sidnei Nascimento (2019) que Erasmo de Roterdã pediu a Martinho Lutero que refreasse seu espírito beligerante para que a discussão sobre o livre-arbítrio fosse frutuosa; que mais resolvesse o problema do que criasse outros novos. Não foi bem assim. Além de Lutero desconstruir sistematicamente o que Erasmo propõe, ainda invalida o caráter humanista de Erasmo, atribuindo a Deus cada um dos passos da humanidade. Em sua

conclusão, Sidnei Nascimento diz que “o servo-arbítrio de Lutero admitirá que a vontade racional fora completamente obscurecida pelo pecado original”. Mesmo com toda a sua importância, Lutero não cabe nesta categoria de predestinação condicional exatamente por compreender que o ser humano não possui capacidade de chegar à sua salvação por conta própria. Devemos, então, voltar a quem defende o mesmo que Erasmo de Roterdã, ou seja, um ser que consegue construir sua própria salvação não a partir das obras, mas da fé e da regeneração do seu espírito e seu caráter.

Para tal empreitada, devemos nos voltar a Jacó Armínio, teólogo holandês que desenvolveu uma teologia da salvação que enfatiza o livre-arbítrio, a graça preveniente e a cooperação humana. Seu antagonismo frente às ideias de Calvino fez com que sua teologia inaugurasse um movimento paralelo dentro do protestantismo. Após a morte de Armínio, no século XVII, suas ideias encontraram eco especialmente nas Províncias Unidas dos Países Baixos, onde ele viveu e ensinou; seus escritos influenciaram diversos teólogos e líderes religiosos, resultando no estabelecimento de denominações e igrejas que adotaram sua perspectiva teológica. Ao longo dos séculos, o arminianismo se espalhou para diferentes partes do mundo, influenciando várias tradições cristãs, sobretudo o metodismo (este pelo trabalho de John Wesley) e o batismo arminiano.

Ao acessarmos o *Manual da Teologia Arminiana*, publicado em 2021 por Flávyo Henrique Costa Santos, encontramos um panorama para diferenciarmos as teologias supralapsarianas (se Deus determinou os escolhidos antes da queda de Adão, como Calvino) ou infralapsarianas (se Deus determinou os escolhidos após a queda de Adão, como Erasmo de Roterdã e Jacó Armínio). Para Armínio (apud Santos, 2021), o ser humano, mesmo após a queda, ainda possui livre-arbítrio, a capacidade de fazer escolhas livres. Essa liberdade, no entanto, foi debilitada pelo pecado, mas não anulada. Portanto, ainda existe a capacidade de responder à graça divina e cooperar com o processo de salvação.

O início da lógica que propomos nesta etapa, que tem suporte em Armínio, está em Romanos 5:1-2: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus”. Armínio ainda encontra em Tiago 1:12-15 o subsídio para a compreensão de que o ser humano pode se relacionar com Deus e buscar sua salvação por vontade própria: “Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam. Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e Ele mesmo a ninguém tenta.

Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.”

Diferentemente do calvinismo, o arminianismo mostra que a presciência ainda faz parte de todo o “jogo do cristianismo”, porém, não é por meio da passividade de Deus que isso acontece. Flávyo Santos (2021) explica, a partir de Armínio, que Deus sabe de antemão quais são as pessoas que vão se voltar para Cristo e as que não vão, e dá a elas a liberdade de fazer isso por conta própria, mesmo sabendo quem elas são. Armínio, citando 2 Timóteo 2:19, atenta que “Deus conhece os que são Seus”, e por isso tem um plano de salvação para eles. Assim, Deus saberia quem será cristão, muçulmano ou ateu mesmo antes de nascer e já teria a salvação preparada para quem o satisfizer em suas regras. Desta forma, a predestinação não poderia ser incondicional, pois Deus sabe quem será cristão e quem não será, mas permite o curso da história de cada indivíduo – algo que pode se aproximar da Aposto de Pascal.

Armínio reconhece a importância da Graça divina em todo o processo de salvação. A Graça preveniente, concedida a todos os homens, os capacita a crer em Deus e iniciar o processo de arrependimento, mas essa Graça não garante a salvação porque o homem ainda possui a liberdade de rejeitá-la. A explicação de Flávyo Santos (2021) parece ser bastante elucidativa nesse aspecto. A concepção da eleição do corpo é amplamente difundida e popular, especialmente entre os arminianos contemporâneos. Essencialmente, essa visão considera a eleição absoluta apenas em relação a Cristo, enquanto as demais eleições são condicionadas a ele. Quando olhamos para o Antigo Testamento, onde Israel foi eleito como um veículo para a salvação, mas nem todos os israelitas eram verdadeiramente eleitos, essa perspectiva vê a igreja no Novo Testamento, o corpo de Cristo, como o meio pelo qual os eleitos são discernidos. Portanto, toda eleição está vinculada à conexão com Cristo, representado pela igreja, que é o seu corpo.

Essa lógica, trazida por Armínio, reside em 1 Timóteo 2:3-6: “isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a Si mesmo Se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos”. Flávyo Santos (2021), citando Donald Stamps na *Bíblia de Estudo Pentecostal* (1995), utiliza a alegoria no navio: “a predestinação é o destino do navio e ao que Deus preparou para quem nele permanece. Deus convida a todos para entrarem no navio mediante Jesus Cristo”. Ou seja, a fé, para Armínio, é fundamental para a

salvação; através da fé, o indivíduo se conecta com Deus por meio de Cristo e recebe a graça salvadora. Essa fé, no entanto, não é um dom divino irresistível, mas uma resposta humana à graça preveniente.

Eunice Medeiros, Pastora da Igreja Renascer, afirma em sua entrevista que a teologia que pratica é subscritora do arminianismo, ainda que não oficialmente, pois a igreja não segue um teólogo específico e se concentra mais em ler e interpretar a Bíblia. Segundo ela, é necessário “reconhecer Jesus como Senhor e Salvador” para que se conquiste a salvação e que, com esta entrega, exista uma *transformação* na vida e na conduta de uma pessoa, mais que uma mera mudança. Diz a Pastora que de nada adianta reconhecer Jesus e continuar praticando as mesmas maldades, como roubo, uso de drogas e agressões. Então, para ela, não existe a predestinação incondicional e supralapsariana, e sim o desejo do próprio ser humano de se entregar a Deus e confirmar sua própria salvação, como Pelágio, Erasmo de Roterdã e Jacó Armínio propuseram.

A teologia de Jacó Armínio é a base para que John Wesley produza seus próprios estudos, que serão o farol para diversas igrejas, mais proeminentemente a Igreja Metodista. Para Wesley, a graça preveniente é o primeiro passo no processo de salvação; é a Graça de Deus que precede e capacita a vontade humana a responder ao seu convite para a salvação. Fernando Pupo explica que o arminianismo está mais alinhado com a doutrina da Graça, que pode resultar em quedas na desgraça. Dentro da doutrina da Salvação, uma vez que uma pessoa se reconhece como pecadora e se arrepende – ou seja, aceita Jesus –, ela dá início a uma nova vida pela possibilidade de salvação. Assim, há um processo delineado na *Doutrina da Santificação e da Perfeição Cristã*, conforme definido por John Wesley, com base em Armínio, em que se percorre uma escada da salvação para alcançar o nível de Jesus. Isso implica em tornar-se semelhante a Ele.

Wesley segue o conceito da santificação, no qual a transformação contínua dos crentes para se tornarem semelhantes a Cristo é um processo central. Para ele, a santificação como uma atuação do Espírito Santo na vida do crente deve ser de fluxo contínuo, capacitando-o a viver em amor a Deus e ao próximo e seguindo os preceitos de Jesus. De novo, temos a analogia da escada que mencionamos mais acima, uma ideia bastante presente no metodismo por estar em consonância com o que a teologia compreende a respeito da salvação. Fernando Pupo nos ensina que John Wesley apresentou dois tipos de Graça na doutrina metodista: a Graça Preveniente e a Justificadora. Ambas são uma forma de distinção em relação aos calvinistas. A Graça é uma oferta sempre presente, porém, sujeita à recusa, que desperta no ser humano um anseio por conhecer a Deus e o capacita a responder ao chamado divino para

estabelecer um relacionamento com ele. A possibilidade de optar por esse relacionamento é algo que pode ser rejeitado. Nesse contexto, a Graça Preveniente desempenha um papel fundamental no metodismo, delineando o papel do ser humano. Sem ela, não haveria necessidade de esforço, decisão ou escolha, pois seríamos simplesmente vítimas do destino, como na mitologia grega: predestinados ao sucesso ou ao fracasso. Portanto, a crença metodista rejeita a ideia de um Deus “destino” e enfatiza um Deus amoroso que oferece a oportunidade de salvação.

O que John Wesley e Jacó Armínio defendem tem muita similaridade. Como apontamos anteriormente, o tipo de salvação que eles propõem parece ser bastante reconhecido dentro do senso comum: tenha fé em Deus, seja obediente, não pense que a salvação está nas suas obras, mas na sua fé, e você – talvez! – poderá desfrutar do paraíso. Cabe salientar que, até esse ponto, não levamos em consideração a Teologia da Prosperidade, que é o contrário de tudo isso. Ela promove a ideia de que a vontade de Deus é que Seus seguidores desfrutem de prosperidade material e sucesso financeiro nesta vida.

Aqui, gostaríamos de dar atenção especial às Testemunhas de Jeová. Ainda que a soteriologia que eles professam divirja da maioria dos teólogos que elencamos neste estudo, é possível extrair algumas similitudes. Em entrevista, Kleber Barreto, Coordenador de Comunicação das Testemunhas de Jeová no Brasil, explica que a salvação se dá pela graça imerecida de Deus, apoiando-se na passagem de Gálatas 2:16-21, na qual a justificação do homem não vem das obras da lei, mas através da fé em Jesus Cristo. Mesmo que exista a busca para ser justificado em Cristo e o ser humano seja considerado pecador, não significa que Cristo promova o pecado.

Além disso, a teologia de Russell traz o conceito dos 144 mil selados, ou 144 mil predestinados, que são pessoas “marcadas” por Deus para fazerem parte de um grupo especialmente salvo. Isso vem do livro do Apocalipse. Os versículos 2 a 4 do capítulo 7 dizem: “Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo ‘Não danifiquéis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na fronte os servos do nosso Deus.’ Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel”. As Testemunhas de Jeová, porém, não veem os 144.000 como predestinados no mesmo sentido que Calvino e Agostinho entendiam; elas acreditam que a “unção” dos 144.000 é uma escolha baseada na fé e na resposta voluntária dessas pessoas ao chamado de Deus. Em outras palavras, as Testemunhas de Jeová veem essa seleção como condicional à fé e obediência aos ensinamentos bíblicos, em vez de uma

escolha arbitrária de Deus, o que deixa essa visão mais próxima da dos teólogos humanistas, como Erasmo de Roterdã e Pelágio. Por isso, nossa abordagem sobre a salvação das Testemunhas de Jeová se encontra no subitem “predestinação condicional”.

Outro fato sobre a doutrina de Charles Taze Russell: ela é antitrinitariana, ou seja, defende que a Trindade não existe e que Jesus é filho de Deus, mas não o próprio Deus encarnado. Kleber Barreto explica que, conforme esta crença, a alma não é considerada imortal e não há fundamentação bíblica para afirmar que Deus tortura as pessoas eternamente em um inferno. Também defende que aqueles que possuem responsabilidades na congregação não devem ser agraciados com títulos que os elevem acima dos demais, baseando-se nos ensinamentos de Eclesiastes 9:5, Ezequiel 18:4 e Mateus 23:8-10.



Assim, é possível conciliar o pensamento sobre a salvação? Não há como. Pode-se explicar cada uma das teorias, compará-las e analisar como elas são aplicadas nas realidades das igrejas, mas dizer qual está correta e qual é a mais eficaz é irrelevante. Se o consenso entre os próprios líderes religiosos é restrito – no sentido de que são pouquíssimos temas em que eles concordam – como nós, comunicadores, vamos resolver esta questão? E mais: quando se frequenta missas e cultos para fazer uma análise fria dessas teologias, muitas vezes elas são misturadas, talvez por descuido, talvez para agradar ao público. Imagine dizer, no meio de uma missa católica, que Agostinho afirma que só alguns poucos ali terão a plena salvação e que o resto está somente sendo obediente?

Na entrevista do teólogo Altierrez dos Santos, comenta-se que “a salvação no cinturão do agronegócio não é a mesma das senhoras ricas do alto de Pinheiros”. Ele responde que “o conceito de salvação, na maior parte dos discursos, é algo até ausente. É curioso falar isso! É o cerne da religião, mas não é presente. Você tomou duas posições aí: o agronegócio e as senhoras ricas de Pinheiros. Eu não sei se o pessoal de Pinheiros está preocupado com a salvação ou se fala disso.”

Maria Hattunen, líder nacional de Comunicação da Igreja Ortodoxa da Finlândia, revela ao longo de sua entrevista que sua religião não pensa tanto em *salvação*, e sim em *santificação*. Ela explica que em sua igreja não se diz que Deus quer isso ou aquilo. Segundo ela, o pensamento se dá pela lógica do “não”: Deus não quer o mal, Deus não age na escuridão, Deus não busca a injustiça – ainda que o entendimento sobre justiça divina e justiça humana seja bastante distinto. De fato, o que Hattunen mais diz na entrevista é que

não se sabe se seremos realmente salvos. Então, a Igreja Ortodoxa da Finlândia trabalha com a ideia de se ter uma vida mansa e seguir os exemplos dos santos e de Jesus. “Todos somos convidados à santificação.”

Se falarmos de salvação na perspectiva cristã, encontraremos diversas formas de “facilitar” o pensamento, que também estão imbricadas com os próprios desejos das igrejas enquanto instituições, além dos líderes em si. Aldo Quintão, pároco da Igreja Anglicana de São Paulo, consegue ir além ao explicar que as igrejas passam a desenvolver uma teologia para consumo interno: “olha que interessante, vou citar três países da América do Norte: Estados Unidos, Canadá e México. Aí você veja a situação econômica dos três. Qual dos três tem mais religiosidade? O México. Nossa Senhora de Guadalupe para o México. Você não para Nova Iorque com uma festa de Nossa Senhora, você não para Ottawa ou Toronto com uma festa de Nossa Senhora. Se o presidente do México não for à festa de Nossa Senhora de Guadalupe, ele perde voto. Se o presidente do Brasil não for à festa de Nossa Senhora de Aparecida, ele perde voto. Se ele não for ao Templo de Salomão, ele perde voto. Então, a gente começa a observar o quê? As igrejas têm uma teologia própria delas, para consumo interno. Para os caras ficarem presos e direcionados àquilo”.

Perguntamos a todos os líderes religiosos se o conceito de salvação se transformou. Todos foram categóricos ao dizer que não e que a mensagem de Cristo permanece inalterada; o que mudou foi a forma de comunicá-la. Parece razoável, mas quando olhamos mais atentamente para o que Agostinho, Lutero, Armínio, Calvino, Wesley e Russell propõem, percebemos algo em comum: todos os seus estudos foram feitos anteriormente ao capitalismo, à alfabetização em massa da Europa e ao sinal de rádio, num momento em que só se podia falar ou ouvir e pouquíssimos sabiam ler; a “Sola Scriptura” de Lutero demorou muito tempo para se concretizar efetivamente. Os debates entre teólogos eram feitos para teólogos, não para a população. Qual comoção os escritos de Lutero e Roterdã, ou de Agostinho e Pelágio, poderiam ter afligido a sociedade se *quase ninguém sabia ler*?

Para Aldo Quintão, existe a sensação de que, mesmo com o compromisso com a teologia, as igrejas estão começando a operar de forma a equilibrar o senso comum. Diz o pároco anglicano: “ninguém sabe de Patrística, ninguém sabe de Reforma Protestante. Se você falar para o cara ‘o que você entende sobre a salvação só vir pela fé?’ ou ‘você acha que vai ser salvo?’, o cara vai dizer ‘olha, eu vou ser salvo se eu não roubar, se eu não matar, se eu não fizer nada de errado; é isso que *não vai* me levar para o inferno’. Se você falar de Teologia da Libertação onde o agronegócio é forte, você apanha”, completa Aldo Quintão.

Quando olhamos para o aspecto da Ecologia da Comunicação, o cenário hoje parece ser ainda mais desolador. É ponto pacífico entre os líderes religiosos entrevistados que os meios de comunicação social não substituem a presença nas igrejas e que estes devem servir de ferramentas para cumprir o “ide e pregai o Evangelho a toda criatura”. “Ide” no sentido de se deslocar com seu próprio corpo e “pregai”, de verbalizar a crença. O rádio, a TV e a *internet* são vistos como propulsores para que a comunicação da salvação se torne ainda mais eficiente, mas o que aconteceu, sobretudo após a pandemia de COVID-19, foi o comodismo dos fiéis, que acreditam que o eletrônico substitui o presencial. Rosângela Coivo, da Igreja Geração Eleita, delata esse comportamento: **“as pessoas acham que o culto transmitido pelo YouTube substitui a presença na igreja?** Alguns. Infelizmente, no pós-pandemia, alguns se acomodaram dentro de casa. **E como se resolve isso?** Não se resolve, porque você não é dono de ninguém. Nós falamos da importância de estarmos em comunhão, de estarmos juntos com outras pessoas, de termos relacionamento. O homem não nasceu para viver isolado; ele nasceu para viver em comunidade. Então, por que não dentro de uma comunidade cristã, dentro de uma igreja? Dentro de um grupo de pessoas que professam a mesma fé? Mas existem, sim, ainda pós-pandemia, alguns – não muitos, mas acredito que, para nós, um número significativo de pessoas que se acomodaram a ficar em casa, participarem do culto e acharem que está tudo bem. Mas nós não acreditamos que esteja tudo bem. Nós entendemos a necessidade que as pessoas têm de estarem juntas”.

Padre Daniel Balzan, da Igreja Matriz de São Roque (SP), também oferece sua contribuição para esse pensamento: “Meios Digitais e Participação Atual: quando bem utilizados, os meios digitais podem ajudar na participação qualitativa das pessoas. Certamente, tais meios facilitam a comunicação desde que sejam utilizados com responsabilidade. A Santa Missa transmitida pelas redes sociais da paróquia pode favorecer os doentes que não têm condições de marcar presença física na Igreja. No entanto, não se confunde presença física no Templo com participação atual na Comunidade de Fé. A participação atual vai além da simples presença física. Ou seja, mesmo aquele que vem à missa, faço uma diferenciação entre aqueles que vêm e já vão embora e aquele que entende que tem um sabor comunitário”.

O Padre Ricardo Padavini também participa dessa discussão, mostrando que o comodismo no uso dos meios de comunicação se tornou um problema sério. “Agora, o nosso programa de rádio tem um objetivo: trazer as pessoas para a igreja e não deixar as pessoas em casa. Então, o nosso objetivo é realmente levar a palavra de Deus pelos meios de comunicação, deixando bem claro para a pessoa que não pode andar, está doente, está no

hospital, está acamada, está impossibilitada de vir à igreja, que nós estamos indo ao encontro dela pelos meios de comunicação. Agora, as pessoas que são plenamente capazes de se locomoverem, estas devem vir para a igreja! Estas devem vir para a missa presencial. Essa é a nossa mensagem! Agora, de fato, acontece que tem pessoas que têm condições de ir para a igreja se acomodarem, não virem e acompanharem a missa pelos meios eletrônicos. Isso acontece, mas não deveria acontecer”.

Já Altierrez dos Santos apresenta outro dado a respeito disso, conforme se lê na íntegra a seguir: “conhecendo bem o campo, diria que esse fenômeno não é expressivo. Tem gente que acompanha pela TV e pelo YouTube? Tem bastante, sim. Mas sabe quem dá mais audiência para o YouTube ou para a TV católica? Aqueles que participam presencialmente. Então, na pandemia havia muito padre preocupado dizendo ‘meu Deus, agora ninguém vai querer vir à minha missa mais!’ Não, eles pararam de ir à igreja, mas pararam de assistir pelas mídias também, seja TV, rádio, qualquer coisa. Pararam. Pararam mesmo! Não foi só na Igreja Católica. Eu diria para você o seguinte: conhecendo bastante este campo, quem dá audiência para missa televisionada é o fiel que vai lá também presencialmente. Não é um fenômeno relevante neste caso.”

A Pastora Eunice Medeiros, da Renascer, traz uma contribuição valorosa para esse pensamento, que está diretamente ligado ao que apregoa a Ecologia da Comunicação. Ela afirma que “nenhum ser humano nasceu para ser sozinho” e que “quanto mais ele se isola, mais desumano ele fica”. O comodismo que aflige as igrejas, sobretudo após a pandemia, por conta do uso das redes sociais causou uma inversão dos valores na profissão de fé. Para ela, conviver dentro da igreja, orar em conjunto e participar das atividades promovidas deve ser primordial, transformando os meios de comunicação em apoio para que os fiéis sejam informados e possam se comunicar quando da impossibilidade física. “Eu lembro quando saía daqui quatro horas da tarde para participar de uma reunião no Ministério do Ensino às oito da noite lá na Lins de Vasconcelos. Era uma loucura! E hoje a gente tem reunião pela *internet!*”, diz a Pastora. Os meios de comunicação devem servir como apoio sem substituir a presença. Por isso, para ela, ainda que a igreja fique praticamente vazia durante a semana e receba mais pessoas aos domingos – como que por uma obrigação teológica –, ainda é pouco. É necessário que as pessoas voltem a compreender o real significado da presença, da troca e da comunhão, e a usar os meios de comunicação como um recurso a mais. Segundo ela, a salvação só acontece dentro da igreja, em comunhão com os outros fiéis, demonstrando a entrega e a fé.

Especificamente no caso do catolicismo, causa certo estranhamento que a eleição incondicional seja um dos pontos centrais do dogmatismo cristão, sobretudo porque essa não é a proposta praticada pelos padres, sejam da *Sui Iuris* ou das igrejas sem comunhão com Roma. Aqui no Brasil, pelo menos, a resposta disso está dentro da Teologia da Libertação, movimento teológico criado na América Latina entre os anos 1960 e 1970 com acentuado viés marxista – por mais que o Papa Francisco negue. O *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo* (1999) explica que a Teologia da Libertação tem sido cada vez mais aceita nos países ditos em desenvolvimento (antigamente qualificados como “de Terceiro Mundo”, como consta na página 820 do próprio livro) e se tornado um movimento plural com diversas interpretações.

Tamayo-Acosta cita Gustavo Gutierrez para explicar que “a história humana foi escrita por uma mão branca, masculina e de classe social dominante” e que a proposta da Teologia da Libertação é readaptar a fé cristã no contexto latino-americano, emoldurando uma práxis teológica diferente da europeia. Na verdade, a Teologia da Libertação ganhou versões em diferentes lugares e para diferentes povos, como os afro-americanos, hispânicos, asiáticos e africanos, no intuito de criar esta diferenciação de fé entre colonizadores e colonizados. Por seu pluralismo, há grande dificuldade de sistematizar esta teologia, porém, como dissemos, o elemento fundador é o marxismo, mas também a filosofia de Feuerbach e a dialética hegeliana.

Um dos resultados disso é que a comunicação da Igreja deixa de ser única e passa a ser conveniente para cada cultura, sendo adaptada dentro dos contextos em que é professada. No caso específico da salvação, enquanto a teologia tradicional muitas vezes enfatiza a salvação individual, a Teologia da Libertação destaca a sua dimensão coletiva. Ela aponta que a salvação é mais do que uma questão de destino pessoal após a morte, dizendo respeito também à transformação das estruturas sociais injustas e à promoção da justiça neste mundo. Para os teólogos da libertação, a salvação está intimamente ligada à ideia de libertação; isso significa libertação do pecado, da opressão e da injustiça. Eles veem Jesus Cristo como o libertador que veio para soltar os oprimidos e restaurar a dignidade humana. A lógica opressora do “Primeiro Mundo” dá lugar a políticas recentes de dignidade humana, típicas do viés progressista.

Parece-nos claro que a fé cristã está cada vez mais entrando em combate com a entropia dos interesses; que cada vez mais ela precisa lidar com interesses particulares, com o comodismo oferecido pelos meios digitais, a desinformação e a “falta de educação religiosa”, como nos alerta Padre Balzan, que permeia o senso comum. Também se torna um

instrumento de política social e isso causa debates entre igrejas ao redor do mundo. Sabendo de tudo isso, vem-nos a pergunta: é possível sistematizar a comunicação da salvação nos dias atuais? A partir da próxima etapa começaremos a seguir esse caminho.

ETAPA 2: METODOLOGIA

Esta tese se vale de metodologias que serão trabalhadas em conjunto e tem o objetivo de saber como a doutrina salvação cristã é compreendida nas teologias selecionadas para analisar o processo comunicacional das igrejas após a pandemia de COVID-19. Antes, porém, é importante alertar que, em termos de amostragem, tornar-se-ia demasiado conveniente entrevistar apenas líderes de igrejas financeiramente abastadas e que estavam preparadas, em termos tecnológicos, para passar por um evento que assolou o mundo entre 2020 e 2022. Igrejas como Universal do Reino de Deus ou Renascer já possuíam todo o equipamento eletrônico necessário para transmitir seus cultos pela internet assim que as ordens de distanciamento social e isolamento foram estabelecidas no Brasil; interessa-nos mais conhecer a realidade das igrejas de bairros, com estruturas menores, e como elas resolveram seus problemas comunicacionais antes e depois da pandemia. Ainda que estejamos falando de grandes estruturas, como a Igreja Batista ou a Metodista, muitas unidades sofrem com verbas diminutas e estratégias improvisadas para a transmissão de suas mensagens. É claro que as igrejas grandes, como a Anglicana de São Paulo ou as Testemunhas de Jeová, foram levadas em consideração, porém tentamos equilibrar o cenário com igrejas mais humildes.

A primeira metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e os autores selecionados abarcam as informações necessárias para que possamos elucidar a parte teológica desta tese. Severino (2013) mostra que a pesquisa bibliográfica é um método da investigação teórica que utiliza documentos para dar suporte a novos estudos. No caso do catolicismo, por exemplo, optamos por utilizar Agostinho de Hipona ao invés de Tomás de Aquino – ou os dois paralelamente – pelo fato de que Agostinho antecede Aquino cronologicamente, conforme explicamos na “Etapa 1”. Enquanto Agostinho estava no século IV, Aquino viveu o século XIII; enquanto Agostinho utilizou as filosofias de Platão e Plotino para construir sua base teológica, Aquino fez uma releitura de Aristóteles, que passou a ganhar evidência após as traduções de Avicena e Averróis. Portanto, entendemos que a teologia de Agostinho de Hipona se caracteriza como a mais apropriada para nossos estudos pelo caráter fundamental

dentro da teologia católica. Em termos mais simples, foi Agostinho que sistematizou primeiro e com mais profundidade sobre a salvação.

No caso do protestantismo, selecionamos teólogos que são a base das principais teologias que existem hoje. Então, Martinho Lutero, João Calvino e Jacó Armínio são nossas escolhas para interpretar as doutrinas que fazem parte do conhecimento soteriológico de que necessitamos. No caso de John Wesley, compreendemos que, embora a sua teologia seja derivativa do arminianismo, ele traz nuances diferentes em alguns aspectos, e isso nos interessa, sobretudo ao analisar o conceito de salvação pela ótica da Igreja Metodista. Da mesma forma, Charles Taze Russell é estimado no intuito de entender a soteriologia dentro do prisma do antitrinitarianismo, característica particular das Testemunhas de Jeová. Quando falarmos sobre predestinação condicional e incondicional, poderemos criar um contraste entre João Calvino e Jacó Armínio ou então analisar paralelos entre as doutrinas de predestinação incondicional de João Calvino e Agostinho de Hipona, que participam de cismas diferentes. Dessa forma, temos a oportunidade de desenhar um panorama a respeito de diversas doutrinas das várias denominações cristãs que existem. Chegamos, assim, ao segundo momento: a entrevista semi-estruturada.

Para Eduardo Manzini, no livro *A Entrevista na Pesquisa Social* (1990-1991), uma entrevista deve ter o componente “interação” entre entrevistador e entrevistado. A partir de um clima de segurança e confiança, como diz Eduardo Manzini, é possível alcançar maior nível de franqueza nas respostas. Soma-se a isso o caráter semi-estruturado da entrevista, em que há um roteiro prévio, mas que não é seguido como um questionário, dando a liberdade de ir e voltar e incorporando outras perguntas relevantes de acordo com o que o participante expõe, sempre tomando o cuidado de não perder o objetivo da conversa.

No entanto, por conta das restrições impostas pelo Alto Clero das Testemunhas de Jeová, esta foi a única entrevista feita por escrito e seguindo a ordem das perguntas. Insistimos em uma reunião face a face, mas, como não obtivemos sucesso, abrimos essa exceção para não perder a oportunidade de adentrarmos no mundo deles. Mesmo assim, tendo as diretrizes de Manzini em mente e no intuito de confrontar tanto o que está nas obras dos teólogos selecionados quanto a realidade comunicacional que se vê hoje dentro das igrejas, especialmente no pós-pandemia de COVID-19, elencamos sete líderes religiosos e três profissionais da comunicação:

1. **Aldo Quintão**, pároco da Igreja Anglicana de São Paulo;
2. **Fernando Pupo**, clérigo da Igreja Metodista (terceira região);

3. **Daniel Balzan**, pároco da Igreja Católica Apostólica Romana (diocese de Osasco);
4. **Ricardo Padavini**, bispo primaz da Igreja Católica Apostólica Carismática (São Paulo);
5. **Rosângela Coivo Teixeira**, pastora-presidente da Igreja Geração Eleita (Sorocaba, SP);
6. **Glauco Martins da Silva**, pastor-presidente da Igreja Batista Cristo Salva (São Roque, SP);
7. **Eunice Dalva de Medeiros**, pastora da Igreja Renascer (Sorocaba, SP);
8. **Maria Hattunen**, líder de comunicação da Igreja Ortodoxa da Finlândia;
9. **Kléber William Barreto**, coordenador de comunicação das Testemunhas de Jeová;
10. **Altierrez Sebastião dos Santos**, doutor em Ciências da Religião, editor da Editora Paulus e catequista.

Cada nome foi selecionado mediante um único critério: ter o conhecimento necessário para falar sobre os temas abordados. No primeiro contato já trazíamos a explicação sobre a tese e apresentávamos uma cópia da pauta; se o entrevistado não se sentisse à vontade ou estivesse impossibilitado de participar por qualquer motivo, seria excluído e o próximo contato da mesma igreja seria abordado. Nos casos da Igreja Geração Eleita, que é de sede única, e das Testemunhas de Jeová, que concentram sua comunicação em uma central, acabamos por aproveitar a única oportunidade que nos foi oferecida para entrevistá-los sem apresentar burocracias adicionais.

Oferecemos a possibilidade de realizar a reunião onde o líder religioso se sentisse mais à vontade. As conversas com Padre Daniel Balzan, Rosângela Coivo, Glauco Martins e Eunice Medeiros foram conduzidas dentro de suas próprias igrejas; Fernando Pupo optou por nos receber em sua própria casa, em São Roque (SP); conversamos com Aldo Quintão, Ricardo Padavini e Maria Hattunen pela *internet* por meio da plataforma *Google Meet*; e Kléber Barreto, das Testemunhas de Jeová, foi o único que respondeu às perguntas por *e-mail* em face das exigências da própria igreja.

Com relação à amostragem, também tivemos a consideração de selecionar responsáveis pela comunicação institucional das igrejas. Embora os líderes religiosos se mostrem conscientes das características comunicacionais que suas igrejas enfrentam, seja em seus aspectos positivos ou negativos, falamos com profissionais dedicados exclusivamente à comunicação da instituição para que pudéssemos vislumbrar uma abordagem mais ampla desta *práxis*. Assim, Maria Hattunen e Kléber Barreto foram os escolhidos.

Ao mesmo tempo, tivemos recusas ou fomos solenemente ignorados. Por exemplo, um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus impôs tantas burocracias, falhando em prosseguir com a tratativa, que acabamos desistindo; o mesmo aconteceu com um proeminente e midiático padre da Igreja Católica, cuja agenda exaustiva nos impediu de encontrá-lo, e com uma pastora da Igreja Renascer da cidade de São Roque. Outros líderes, como pastores da Igreja Presbiteriana e da Igreja Bola de Neve, até demonstraram interesse, mas não se comunicaram efetivamente nem para agendar a entrevista nem para executá-la. Outros nomes que faziam parte da nossa lista inicial, que foram contatados por *e-mail*, também falharam em se pronunciar e foram substituídos por outros. No final, conseguimos as dez pessoas de que precisávamos e esperamos que, nos próximos estudos, elas possam participar com seu conhecimento acerca do tema.

A pauta é dividida em duas partes: a primeira aborda a questão teológica de cada igreja e a segunda, os processos comunicacionais praticados. Utilizando um roteiro semi-estruturado, seguindo o que explicam Manzini (1990-1991) e Severino (2013) em suas obras, pudemos criar uma situação confiável e por vezes informal de conversa, sem abandonar o caráter acadêmico ou o objetivo da reunião. Manzini nos atenta também sobre o conhecimento prévio do assunto por parte do entrevistador. Assim, para que não houvesse “desperdício” de perguntas mal direcionadas, fizemos uma leitura cautelosa das teologias que seriam abordadas, tanto para que alcançássemos a profundidade teórica necessária quanto a didática que nos proporcionasse avançar no desenvolvimento da tese. Um dos métodos utilizados para isso foi levar ao entrevistado comparações com outras teologias. Por exemplo, se o assunto abordado fosse a teologia calvinista, o participante recebia comparativos com outras para que pudesse desenvolver seu raciocínio com mais acuidade.

Para cada entrevistado foi apresentada a seguinte pauta:

1. Qual é o seu nome e a sua posição dentro da igreja?
2. Qual é a designação da sua igreja? (*Sui Iuris*, sem comunhão com Roma, protestantismo conservador histórico...);
3. Qual é o conceito de salvação professado em sua denominação cristã?
4. Você acredita que este conceito de salvação se aproxima de qual proposta teológica? Entre elas, agostiniana, luterana, calvinista, arminiana...
5. Este conceito é o mesmo das outras igrejas de mesma designação?
6. Por que nós precisamos ser salvos?
7. Como este conceito de salvação é professado com a utilização da fala?

8. Como este conceito de salvação é professado com a utilização da mídia impressa?
9. Como este conceito de salvação é professado com a utilização dos meios de comunicação eletrônicos, como a TV, o rádio e a *internet*?
10. Você acredita que o conceito de salvação professado na sua igreja se alterou com o passar dos tempos?
11. Você acredita que a facilidade de se comunicar alterou a forma como se pensa e se professa a salvação?
12. Como você descreveria o ambiente da sua igreja quando o assunto central é a salvação?
13. Você compreende a comunicação da salvação como um processo educacional?
14. Você acredita que os meios de comunicação contribuem para comunicar a salvação de uma forma responsável?
15. Você acredita que os meios de comunicação podem substituir a presença na igreja para a absorção da salvação?
16. Você acredita que os meios de comunicação ajudam a construir uma religião mais participativa?
17. Como você analisa os próximos passos para a utilização dos meios de comunicação dentro da sua igreja e, mais especificamente, para propagar o conceito de salvação?

Às questões um a seis, direcionadas para a identidade do participante e a teologia da igreja que ele comanda, cada um deve informar seu nome e a qual igreja pertence. As de número dois, três, quatro e cinco têm o objetivo de localizar onde a instituição se situa em termos teológicos e se a forma com que ela professa a doutrina da salvação é uniforme em todas as unidades que a compõem; por exemplo, no caso de uma igreja *Sui Iuris*, é de se esperar que todas desta mesma denominação professem a mesma soteriologia, mas, em algumas situações, como a da Igreja Batista, isso pode não acontecer, pois uma unidade pode professar a doutrina arminiana da salvação e outra, a calvinista. A pergunta seis, apesar de ser bastante direta, sempre foi acompanhada de uma outra que não constava no questionário: “ser salvo de quê?” Com este complemento, o entrevistado tinha a oportunidade de ampliar a sua resposta e adicionar novos elementos ao questionamento original.

As questões sete a nove buscam entender como a comunicação é feita a partir das etapas do que Harry Pross denomina de mídia primária, mídia secundária e mídia terciária, ou seja, como a pessoa compreende a fala, a escrita e os meios eletrônicos e se ela possui algum nível de autonomia ou fluência teórica dentro desses meios. As de número dez e 11 surgem

como uma mescla entre teologia e comunicação; com elas, buscamos elucidar se o entrevistado entende a força que os meios de comunicação possuem em moldar a mensagem, segundo Marshall McLuhan (1969). Além de levarmos em consideração que o seu conteúdo deve ser ajustado ao público, também queremos saber se os meios alteram a mensagem de salvação em si.

A pergunta 12 se refere aos estudos de recepção, ainda que tal parte das teorias da comunicação não seja o foco desta tese. A ideia é assimilar se o entrevistado percebe alguma alteração nos ânimos da audiência — e se esta alteração é positiva ou negativa em termos de receptividade — quando o tema da salvação é abordado. Queríamos saber, por exemplo, se há uma comoção maior do que a habitual quando se fala desse assunto ou se a audiência busca interagir com o líder religioso depois.

As questões 13, 14, 15 e 16 estão diretamente relacionadas à Ecologia da Comunicação e às Hipermediações. Segundo Vicente Romano (2004), que afirma que a Ecologia da Comunicação é um processo de construção do indivíduo e dos grupos a partir de uma comunicação que seja educadora, responsável e participativa, tentamos criar um vínculo entre a teologia e a comunicação para descobrir se existe tal aproximação. Falar sobre educação e responsabilidade na comunicação da soteriologia cristã nos ajuda a compreender se os líderes religiosos estão atentos ao que a sociedade hodierna busca. Quando mencionamos a entropia dos interesses na Introdução da nossa tese, também queríamos saber se a aplicação da Ecologia da Comunicação nos processos comunicacionais das igrejas é suficiente para mitigar alguns comportamentos das audiências, entre eles, baixo nível educacional, *déficit* de atenção ou desinteresse em frequentar um templo presencialmente.

A questão 17 busca encerrar a entrevista de forma livre, ensaiando um exercício de “futurologia”; com isso, podemos identificar se o próprio entrevistado se mostra adepto ou avesso às novas formas de se comunicar. A título de curiosidade, sem revelar antecipadamente o que eles disseram, as respostas variaram desde utilizar o Metaverso para a confissão de fé até a aniquilação total do cristianismo por parte do comunismo. Isso nos faz acreditar que a amostra da nossa pesquisa se revelou heterogênea. Esta pergunta, portanto, não apenas revela o que os participantes pensam a respeito da fé e da comunicação, mas também como analisam o futuro da comunicação dentro de suas próprias igrejas.

Tendo em vista o caráter exploratório e o baixo custo da realização das entrevistas, não encontramos qualquer limitação metodológica que nos impedisse de prosseguir. As dez conversas foram suficientes para que já emergisse um padrão de pensamento dos líderes religiosos acerca das atitudes que tomam a respeito da comunicação social de suas igrejas e,

principalmente, entendêsemos suas opiniões sobre as mudanças causadas pela pandemia de COVID-19; além disso, as questões criadas foram suficientes para que pudéssemos abordar os principais temas trazidos pelos teólogos selecionados e pelos teóricos da comunicação que sustentam nossa pesquisa. Quando Manzini (1990-1991) diz que uma forma eficiente de analisar os dados é relacionando-os com o objeto de pesquisa, pinçando-os para a discussão do conteúdo, é possível confirmar nas transcrições, presentes nos anexos, que conseguimos aproximar e relacionar todos esses elementos.

Sobre as transcrições, fazemos questão de afirmar que somos veementemente contra o uso de Inteligência Artificial para esta tarefa. Explicamos os motivos abaixo:

1. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estabelece que as entrevistas são sigilosas até que a tese seja publicada. Quando utilizamos qualquer ferramenta na *internet* para transcrever materiais, foge do nosso controle o destino deste conteúdo, afinal, ele pode servir para alimentar um banco de dados ou treinar uma Inteligência Artificial qualquer, então tal sigilo é quebrado. Se estamos falando sobre **ética de pesquisa**, não há espaço para o “jeitinho brasileiro”, ou seja, levar qualquer vantagem ou utilizar atalhos. É necessário que haja padrão e protocolo;
2. Deixar-se ser substituído por uma Inteligência Artificial, além de ser algo pernóstico para nosso próprio brio, pode acarretar na perda de detalhes que estão contidos nas respostas dos entrevistados. Ouvir e digitar cada palavra é nosso método preferido de estudo para que possamos nos aprofundar ainda mais no que cada pessoa revelou, nos próprios conceitos e teorias abordados nas gravações. Sendo assim, as transcrições foram feitas mecanicamente.

Assim, para atingir o objetivo desta tese, precisamos olhar quais são os entrelaçamentos entre as teorias de comunicação selecionadas para este estudo e a soteriologia, como faremos a seguir.

ETAPA 3: ENTRELAÇAMENTO DAS TEORIAS DE COMUNICAÇÃO COM O CRISTIANISMO

Na década de 1960, enquanto o Concílio Vaticano II estava decidindo como sua comunicação deveria ser feita, os evangélicos já tinham produções com acabamento profissional para a transmissão em televisão, rádio ou impressos – dentro das possibilidades tecnológicas da época, evidentemente. Ainda que a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR daqui em diante) estivesse ampliando cada vez mais sua presença em veículos de comunicação, suas realizações ainda tinham caráter amador em termos de aparência e estética. Em 2024, sobretudo na *internet*, a programação, tanto do catolicismo quanto do protestantismo, acabou por se equiparar em questões de *qualidade* – que aqui significa a padronização visual vigente no mercado e que não causa estranhamento, ou a utilização de conceitos e técnicas que estão de acordo com o que vigora nas escolas de artes visuais e comunicação e são praticados por agências de publicidade, produtoras de vídeo ou editoras dentro da visão de mundo corrente.

Conforme Marcos Beccari *et al*, no artigo *Seis eixos para uma filosofia do design*, publicado em 2017 na revista *Estudos em Design*, longe de serem uma emanção *ex-nihilo*, elementos de *design* são resultado de processos de recombinação, rearranjo e reconfiguração dentro do que é proposto por escolas de *design* e autoridades da área segundo correntes filosóficas. Aqui, nos referimos à diagramação de materiais impressos ou digitais, cortes, enquadramentos e movimentos de câmera, geradores de caracteres em programas de televisão, filmes e vídeos de YouTube e animações. A filosofia do *design*, ao trabalhar com estruturas para a reflexão sobre o fazer, oferecerá eixos que guiam profissionais da área enquanto uma aproximação nietzschiana de “vários olhares para entender algo melhor”. Então, é possível que o *design* se apoie em ramos da filosofia como lógica, estética, ética, epistemologia e ontologia, mas que também se cerque de pré-definições mais específicas ao visual, por exemplo, movimento, repetição, proximidade, hierarquia, entre outros.

Beccari *et al* explicam que existem seis eixos diferentes para se pensar o *design* a partir da Filosofia: *design* e linguagem, *design* e sensibilidades, *design* e valores, *design* e conhecimento, *design* e realidade e *design* e cultura. Em todos eles, o *design* atua como um articulador para que todas as outras características emergjam e se organizem para que se chegue ao resultado esperado. Ao mesmo tempo em que pode ser um articulador de afetos (*design* e sensibilidades), também pode agir como um produto sociocultural (*design* e

cultura). Dessa forma, terá o papel de traduzir determinada realidade, dentro de determinado contexto, com determinada linguagem, para determinado fim.

Voltando às teorias da comunicação, constatamos que Innis e McLuhan se tornam fundamentais não apenas por instigar os outros autores que virão ao longo deste estudo, mas porque suas análises, calcadas em bases sólidas, entram em consonância com o que é estabelecido nas propostas da ICAR sobre a comunicação. A literatura das ciências da comunicação mostra que é consenso que Innis e McLuhan se tornaram referência no pensamento comunicacional a partir de 1950 e 1960, o que também influenciou os protocolos comunicacionais da ICAR. Em outras palavras, não é uma mera coincidência que o que Innis e McLuhan apregoam em suas teorias esteja presente nos documentos papais do Concílio Vaticano II. Os cardeais Eugène Tisserant, como presidente da Comissão Central de Informação do Vaticano, Leo Joseph Suenens e Karol Wojtyła trouxeram para a ICAR conceitos sobre comunicação e ecumenismo que estão presentes nos trabalhos de Innis e McLuhan.

A *Inter Mirifica* (1966), documento produzido a partir dos debates no Concílio Vaticano II, interessa-se pela ideia de que os meios de comunicação podem mover sociedades inteiras, citando nominalmente a imprensa, o rádio, a televisão e o cinema. Esta discussão pode assumir um caráter subjetivo quando analisamos cada suporte, ou “meio”, na acepção de Innis e, conseqüentemente, de McLuhan (1969), por conta do pragmatismo de sua análise em *O Viés da Comunicação* (2011), que não contempla perfil determinista em sua fala. Para Innis, o papel é um meio volátil, de rápida dispersão de informação e, em termos de impacto comunicacional e social, também é de altíssima credibilidade. O protestantismo mantém sua construção sobre a posição luterana da “*Sola Scriptura*”, o que nos leva a crer que a Bíblia, assim como outros livros sagrados de outras religiões, têm uma função muito mais ampla do que serem meramente “meios”.

Na primeira parte da Etapa 3, falaremos sobre os entrelaçamentos das teorias da comunicação em relação ao catolicismo. Na segunda, debruçaremos sobre o protestantismo.

3.1 Comunicação no catolicismo

A ICAR teve o cuidado de sistematizar protocolos de comunicação em registros oficiais, que podem ser usados como guias para uma análise aprofundada das teorias comunicacionais que abordaremos ao longo deste estudo. A partir do texto *Inter Mirifica* (IM

daqui em diante), publicado em 4 de dezembro de 1966, temos um parâmetro comparativo para analisar e identificar como os principais autores referenciados nesta pesquisa são evocados a cada instante.

Particularmente no Brasil, o movimento para esta sistematização já começa a acontecer antes do Concílio Vaticano II. No livro *A Comunicação da Igreja Católica Latino-americana* (2015), Paulinele José Teixeira evidencia que há passos iniciais para esse movimento que culmina na consolidação da comunicação católica mundial. Em 1955, o CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano, organizava conferências para tratar da comunicação da fé, da educação e outros interesses particulares da igreja na promoção da sua teologia; Teixeira (2015, p.14)¹ diz que a cada conferência a preocupação com a comunicação se aprofundava, e isso se refletia até na terminologia adotada. Por exemplo, na conferência do Rio de Janeiro, em 1955, mal se falava sobre comunicação, mas na de Medellín, em 1968, passou-se a utilizar o termo “meios de comunicação social”; depois, “comunicação social” na conferência de Puebla em 1979; “comunicação social e cultura” em 1992, na cidade de Santo Domingo, até instituir o que se chama hoje de “pastoral da comunicação” a partir de 2007, na cidade de Aparecida, interior de São Paulo. Entre Rio de Janeiro e Medellín ocorre a IM, o que guiará os passos da comunicação católica a partir daquele ponto.

A versão da IM que utilizamos para esta pesquisa é eletrônica, portanto, constituída de forma inteiriça e sem numeração de páginas. Assim, faremos as devidas referências apontando as seções apresentadas no documento. Em seu proêmio, a IM² utiliza o termo “comunicação social”, o que provocou no CELAM a adoção desta mesma nomenclatura de 1968 em diante. Mundialmente, porém, a ICAR utiliza o termo “comunicação social” não de forma genérica, mas como o resultado de toda a sua compreensão acerca do tema. A igreja, por meio da IM, diz que acolhe e fomenta o uso de técnicas que facilitem a propagação de notícias e da palavra de fé. Mas não foi sempre bem assim.

Joana Terezinha Puntel, em *Contribuições e Desafios das Mídias Católicas* (2003), apresentado no III Mutirão da Comunicação de Salvador, delineou como a ICAR se

¹ Em 1955, o CELAM, na sua primeira conferência no Rio de Janeiro, pouco tratou sobre a comunicação, mas foram feitas considerações sobre a imprensa e a publicidade. Na conferência seguinte, em Medellín, em 1968, o tema foi tratado como “meios de comunicação social”; na conferência realizada em Puebla, no ano de 1979, se escreveu “Comunicação Social”; em Santo Domingo, 1992, foi utilizado “Comunicação Social e Cultura”; e na última conferência, realizada em Aparecida, em 2007, tratou-se da “Pastoral da Comunicação”.

² Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens, mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão, meios de comunicação social.

comportou ao longo dos séculos a respeito de técnicas e meios de comunicação. Ela explica que há quatro etapas no comportamento da ICAR perante os avanços tecnológicos de comunicação – talvez possa se estender a cinco, dependendo da análise.

A primeira fase é a de censura e repressão. Isso foi demonstrado durante a Inquisição, em que a igreja, como aparelho do Estado, regulamentava o conhecimento como sendo o intermediário entre a produção e a disseminação. Aqui também ocorre a compilação do *Index Librorum Prohibitorum*, a lista de livros proibidos que só foi suspensa em 1966 pelo papa Paulo VI. A segunda fase é a que Joana Puntel (2011) chama de “aceitação desconfiada”, ou seja, o estado de repressão persiste em um nível menor, porém, as transformações sociais impelem que a igreja tenha que se adaptar a estes tempos. Assim, a instituição passa a utilizar os meios de comunicação, mas sem o domínio técnico necessário.

Joana Puntel (2011) apoiar-se-á em Marques de Melo para descrever a terceira fase, que eles chamam de “deslumbramento ingênuo”. O papa João XXIII clamou para que a igreja revisitasse e atualizasse muitas das suas atividades em diversos setores, incluindo a comunicação – o chamado *aggiornamento*. Citado por Joana Puntel (2011), Marques de Melo explica que este *aggiornamento* fez com que a igreja passasse a utilizar os meios de comunicação que antes desprezava com maior afincamento e até mesmo certa pressa, pois entendeu (tardamente, de acordo com a autora) que seriam ferramentas eficientes para a disseminação da mensagem eclesial.

A quarta fase, ainda dialogando com Joana Puntel, é a superação deste “deslumbramento ingênuo”, ou seja, a ICAR introduz a IM para incorporar a comunicação social de uma vez por todas em sua agenda. Com este respaldo, os processos comunicacionais da ICAR entram em um novo nível de profissionalização, com investimentos na produção de conteúdos relacionados à fé, ao fomento à educação e à preparação de novos profissionais, no intuito de estabelecer um ciclo autossustentável. Este período ainda tem a influência do trabalho do CELAM na América Latina, sobretudo após a conferência de Puebla, em 1979. Como vimos acima, o trabalho desenvolvido na América Latina somado aos esforços vindos do Vaticano, além de diversas outras influências – como a perda de terreno para o protestantismo – fizeram com que os processos comunicacionais fossem instrumentalizados de forma a serem incorporados dentro da IC.

Esta etapa ressona com os estudos de Harold Innis em *O Viés da Comunicação* (2011). Ora, a ICAR tem o próprio papel de império, que domina e transforma culturas por onde finca sua bandeira, e gera impacto por onde atua. O monopólio do conhecimento está voltado à interpretação da realidade defendida pela igreja e sua subsequente imposição à

população, afinal, como é dito na obra mencionada, existe o esforço de colocar os meios e a arquitetura comunicacional como recursos para o entendimento da realidade – aqui, entende-se como “realidade” a promovida pela fé cristã, ou seja, seus dogmas e crenças.

Como Harold Innis apregoa (2011), os movimentos da ICAR para estabelecer um padrão comunicacional estão em concordância com a tentativa de estabelecer uma “cultura superior ou mais perfeita”. Há a vontade de encontrar o devido equilíbrio entre a tradição oral e os meios de comunicação; tais movimentos vão desde a adoção da língua vernácula em missas até o fomento de estruturas complexas de produção e veiculação de conteúdo, como a TV Aparecida faz hoje. A forma de conduzir a liturgia da missa é entendida como “tradição oral”, que desde nossa dissertação de mestrado, em 2017, compreendemos como a alternância entre as mídias primária e secundária de Harry Pross; os meios de comunicação eletrônicos são a mídia terciária de Pross.

Particularmente, o trabalho de Innis em *O Viés da Comunicação* (2011) é sobre o equilíbrio entre tempo e espaço, ou seja, entre a longevidade de um meio e a velocidade com que ele transmite uma informação. A palavra “viés” se refere ao grau de importância que um meio exerce sobre a mensagem, entre outros atributos. Por exemplo, mensagens importantes, como leis ou conhecimentos científicos, requerem meios duráveis e que inspirem determinada confiança tanto no emissor quanto no receptor, ao passo que outras mensagens ditas efêmeras são adequadas para outros meios. Innis (2011, p. 38)³ propõe que as características dos meios influenciarão o tipo de império que os emprega. Mais uma vez, o cristianismo é entendido como um império, uma grande e influente esfera cultural e/ou religiosa, que se modificou e ganhou cada vez mais nuances cada vez que incrementava sua estratégia comunicacional com novas e diferentes mídias, não apenas utilizando as mídias conforme o momento presente, mas também oferecendo a seu público o que é possível dentro das próprias capacidades dele.

O protocristianismo era fortemente calcado na tradição oral, afinal, eram raríssimas as pessoas que sabiam ler e, portanto, poderiam interpretar o que estava escrito nos primeiros textos judaicos. Jesus, quando na Sinagoga de Nazaré, levanta-se para ler o livro do profeta Isaías e depois passa a interpretá-lo por meio da pregação, sendo reconhecido pelos seus interlocutores como “filho de José”. Isso está registrado na Bíblia, no Evangelho de Lucas,

³ Como argumentei em meu livro, “*Marginal Man*”, uma cuidadosa leitura de “*Empire and Communications*” e de “*Bias of Communication*” revelará que, no nível da teoria, Innis postulava que as características dos meios irão influenciar o tipo de império que os emprega, como indicado no quadro 1. Se Innis tivesse se restringido à sua teoria da tecnologia, sua abordagem teria sido extremamente determinística e teria pouca relevância para a política. Creio que McLuhan entende Innis dessa maneira unidimensional e que, de fato, ele depois simplifica o trabalho de Innis ao se concentrar no sensual, ou no “olho *versus* ouvido”, nível genérico da dicotomia teórica.

capítulo 4, versículos 16 a 20. A edição de 2008 da Bíblia de Jerusalém, da editora Paulus, traz o comentário: qualquer homem adulto poderia fazer uma leitura pública do Pentateuco se autorizado pela sinagoga.

Aqui, a mídia primária de Harry Pross se faz presente e necessária: o foco no *kerygma*, na pregação, nas parábolas e nos ensinamentos. Mídia primária, como nos explica Vicente Romano no livro *El tiempo y el espacio en la comunicación* (1998), são meios de contato elementar humano, como corporais e naturais. Essa comunicação direta e pessoal fez com que o cristianismo se alastrasse pela Ásia Menor, chegando a Roma. Em 313, Constantino Magno, pelo Édito de Milão, declarou o cristianismo como a religião oficial do Império Romano – um império que começava a se formar dentro de outro império – e em 325, com o Concílio de Niceia, foram estabelecidas as bases desta nova religião, com foco na solidariedade, caridade e conversão. O papel começa a ganhar uma importância cada vez mais significativa dentro deste “império”.

À medida que o cristianismo começou a se espalhar, o uso de pergaminhos, e mais tarde de códices para registrar as escrituras e os ensinamentos dos apóstolos, tornou-se mais comum, permitindo a uniformidade e preservação dos textos cristãos e facilitando a disseminação da doutrina de forma coesa. Ali, a mídia secundária de Harry Pross começava a ganhar cada vez mais força. Ele e Vicente Romano explicam que as mídias secundárias são suportes que perenizam a mensagem sem a necessidade de codificação ou decodificação – exceto pela própria escrita, que exige alguém alfabetizado para entendê-la. Estes são meios técnicos empregados pelo emissor, não pelo receptor. Assim, os copistas que disseminavam as Escrituras Sagradas eram os responsáveis por alimentar a sociedade com obras literárias, mas a sociedade não tinha qualquer responsabilidade em manuseá-las com algum tipo de destreza; bastava saber ler – o que, já sabemos, era incrivelmente incomum na Idade Média.

Na história da humanidade, porém, nada acontece da noite para o dia. Paul Zumthor, no livro *A Letra e a Voz* (1993), explica que o comércio de livros teve seu início no século XIII, na França, mas só se consolidou realmente com a Prensa de Gutenberg, no século XV. Zumthor (1993) cita McLuhan, inclusive, para diferenciar o *homem escrevente* do *homem tipográfico*, no sentido de que a escrita manual seria uma continuidade da tradição oral que só fora rompida com Gutenberg. A invenção da imprensa teve um impacto significativo no cristianismo porque não apenas estabeleceu o comércio de livros e impulsionou o letramento na Europa – ainda que de forma bastante lenta –, mas a possibilidade de imprimir a Bíblia em línguas vernáculas habilitou muitos avanços no cristianismo – “avanços” no sentido de novas

atitudes, não necessariamente “melhorias”, como nos explica Joana Puntel (2011). “Melhorar”, no contexto da comunicação cristã, também é um processo muito mais lento.

A ICAR deteve o controle do conhecimento por muitos séculos, mas a imprensa permitiu que novas revoluções acontecessem. A Reforma Protestante criou mais uma cisão nas religiões abraâmicas e desafiou o controle social da ICAR, permitindo que mentes como as de Jacó Armínio e João Calvino florescessem em meio às interpretações de Agostinho e Aquino e dando um sentido diferente ao “ser cristão”. Mesmo assim, a ICAR mantém a rédea curta em relação às produções literárias a partir do século XVI, seja por meio de restrições ao que se podia publicar, como estabelecia o Concílio de Trento entre 1545 e 1563, de censura prévia, chegando até a Congregação do Santo Ofício, ou da Santa Inquisição. A ICAR impõe rígido controle sobre a mídia secundária, implicando também no controle à mídia primária e atingindo a educação clerical e da sociedade como um todo.

A mídia terciária de Harry Pross emergiu no início do século XX com as primeiras missas católicas e cultos evangélicos sendo transmitidos tão logo o rádio começa a ganhar força. Vicente Romano (1998) explica a mídia terciária como aparatos técnicos utilizados em ambos os extremos das etapas comunicativas; ou seja, entendidas como um avanço da mídia secundária, as mídias terciárias necessitam de codificadores e decodificadores para que sua mensagem seja transferida com sucesso. Nisso estão o rádio, o cinema, a televisão e a internet. Em 1920, a pastora protestante Aimée McPherson começou a pregar nas rádios e alcançou fama suficiente para fundar a Igreja do Evangelho Quadrangular; quem conta essa história é Matthew Avery Sutton em seu livro *Aimée Semple McPherson and the Resurrection of Christian America*, pela Harvard University Press (2007).

O controle da ICAR sobre os meios de comunicação chegou ao fim com o Iluminismo, ao menos de maneira burocrática, pela separação total entre igreja e Estado. Em termos práticos, este império continuava a exercer uma grande influência na opinião pública, política, educação e outras questões da ordem diária; não poderia mais censurar manuscritos de livros antes que fossem impressos, mas teria a suposta liberdade de incitar fiéis para que não lessem estas publicações, votassem em determinado candidato político ou tomassem partido em questões de cunho social, como o aborto ou o casamento homoafetivo.

Ainda em seu proêmio, a IM⁴ mostra preocupação com os danos que a comunicação irresponsável pode causar ao ser humano e à coletividade. O segundo ponto do documento é explícito ao querer que os meios sejam “retamente utilizados”, o que implicaria em recrear, cultivar os espíritos e firmar o reino de Deus. Também existe a preocupação com o progresso de toda a sociedade humana, por isso a ICAR busca constante vigilância com esses usos.

Os pontos dois e três da IM⁵ fazem referência direta à Ecologia da Comunicação, de Vicente Romano (2004). Isso se identifica por dois motivos: o primeiro é a influência de McLuhan nas ciências da comunicação e, por consequência, na elaboração da IM, como já foi explicado; o segundo, pela influência de McLuhan no próprio trabalho de Romano. Os questionamentos da IM estão presentes também no que Vicente Romano apregoa (2004). Tanto a IM quanto Romano se dedicaram a investigar como os seres humanos querem se comunicar, quais exigências se derivam desta comunicação e, sobretudo, como é possível criar relações satisfatórias com o meio interno, social e natural. Quando a IM diz que os meios, quando retamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao gênero humano, este também é um fundamento da Ecologia da Comunicação. Como podemos inferir, não existem coincidências.

No capítulo 1 da IM está um dos pontos determinantes para esta pesquisa: a obrigação de pregar a mensagem da salvação. O ponto três esclarece que a ICAR deve se utilizar dos meios de comunicação social a fim de instruir seres humanos sobre a mensagem de salvação e, mais ainda, que os próprios líderes religiosos e demais profissionais da ICAR busquem sua própria salvação e perfeição a partir dos ensinamentos. No entanto, antes da Ecologia da Comunicação, a IM também tem correlação com Marshall McLuhan. Na obra *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1969), aprendemos que o “meio”, ou seja, o canal através do qual a informação é transmitida, como televisão, rádio, imprensa e *internet*, tem um impacto significativo e muitas vezes sutil na sociedade e na cultura. Isso porque cada meio tem suas próprias características e capacidades, que influenciam a maneira como a informação é percebida e entendida. Por exemplo, a televisão, sendo um meio visual e auditivo, oferece uma experiência diferente do rádio, que é apenas auditivo, ou do texto impresso, apenas visual.

⁴ 2. A mãe Igreja sabe que estes meios, rectamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao gênero humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus; sabe também que os homens podem utilizar tais meios contra o desígnio do Criador e convertê-los em meios da sua própria ruína; mais ainda, sente uma maternal angústia pelos danos que, com o seu mau uso, se têm infligido, com demasiada frequência, à sociedade humana.

⁵ 3. A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar rectamente estes meios.

Pelo que está evidenciado na IM, a religião cristã também entende desta forma, uma vez que diversas passagens bíblicas atentam para o uso reto, consciente e edificante do meio, principalmente a fala. Efésios 4:29 fala sobre sair da boca apenas o que transmita graça aos que ouvem; Mateus 12:36-37, sobre a condenação que está por vir resultando da “palavra ociosa” que sai da boca dos homens – “ociosa” aqui tem o sentido de frívola, negligente ou sem integridade –; outras passagens, como Colossenses 4:6 ou Provérbios 18:21, tratam do mesmo cuidado que se deve ter com a fala. McLuhan (1969) ensina que as mudanças nos meios de comunicação ao longo da história tiveram profundos efeitos na sociedade e na cultura.

Para Robert A. Houston, em seu artigo *The Growth of Literacy in Western Europe from 1500 to 1800* (2011), o conceito de alfabetização é subjetivo, pois havia pessoas que copiavam textos sem compreender o que escreviam, que assinavam seus nomes, que sabiam ler e escrever fluentemente. Homens eram mais letrados que mulheres, indivíduos da cidade eram mais letrados que camponeses e protestantes eram mais letrados que católicos – no texto, ele cita que apenas 40% da população adulta espanhola sabia os Dez Mandamentos no início do século XVI, frente a 80% no final dele.

A diferença de tratamento na alfabetização entre católicos e protestantes também chama a atenção. Para que os fiéis católicos não lessem textos considerados impróprios ou sem a devida orientação dos líderes, a ICAR privilegiava recitais e repetições, principalmente na Espanha, França e Itália. Já os protestantes tinham mais independência: podiam ler livros sobre a teologia reformista e discuti-los em suas igrejas. O fator luterano da “*Sola Scriptura*” impulsionou o nível de letramento dos fiéis protestantes, afinal, para eles é necessário ler a Bíblia e também teólogos como Calvino e Armínio. Dessa forma, possuir livros sobre religião era de alta consideração social, não apenas por serem referências, mas um símbolo de autoridade, conforme argumenta Houston (2011).

Publicações em língua vernácula também passaram a fazer diferença no processo de alfabetização, tanto na Europa Ocidental quanto Oriental. Enquanto a ICAR ainda estava restrita ao uso do latim, o protestantismo publicava livros nos idiomas dos países por onde ampliava sua influência. Como McLuhan (1969) sustenta, a mídia secundária – ou seja, o livro, o panfleto e o documento oficial – passa a moldar a cultura dos países europeus e das colônias do chamado “Novo Mundo”. Ao dizer que “o meio é a mensagem”, McLuhan atesta que o meio influencia a mensagem e a sociedade de maneira complexa e profunda. Em outras palavras, as transformações tecnológicas implicam também nas transformações das relações

humanas, já que, na página 24⁶ (1969), isso resulta também numa transformação de escala, cadência e padrão de comportamento.

O ponto quatro da IM⁷, com subtítulo “Normas para seu Reto Uso”, leva em consideração as circunstâncias e condições com que as mensagens são transmitidas, como o fim, as pessoas, o lugar e o tempo. Há especial atenção para a natureza peculiar de cada meio para que se alcance a bondade dos que recebem tais mensagens; esta passagem está em acordo com McLuhan e a ideia de que “o meio é a mensagem”, afinal, a ICAR considera que cada meio tem sua influência e resultado característicos. Uma das implicações da convergência entre a comunicação do cristianismo como um todo e as teorias que abordamos neste estudo é o que McLuhan chama de “Aldeia Global”. Tanto no livro *A galáxia de Gutenberg* (1972) quanto no próprio *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1969), o autor descreve como o mundo tem se tornado cada vez mais interconectado e interdependente devido ao avanço das tecnologias de comunicação. Primeiro, vamos lidar com as confluências entre os universos para depois, se necessário, tratarmos das críticas e limitações. Tanto o IM quanto a comunicação do protestantismo se entrelaçam com os fundamentos deste pensamento de Marshall McLuhan.

O conceito da aldeia global sugere que as barreiras geográficas e culturais estão diminuindo, o que, no contexto da comunicação cristã, facilita a disseminação global das mensagens desta fé. A comunicação digital e as mídias sociais permitem que ensinamentos e práticas sejam compartilhados e acessados por pessoas ao redor do mundo, independentemente de sua localização física. O documento “*Unitatis Redintegratio*” (UR daqui em diante), publicado em 1964 durante o Concílio Vaticano II, traz uma discussão sobre o estado das crenças católicas na questão dos cismas que ocorreram ao longo de sua história e como seria possível buscar a unidade entre elas. Por um lado, o UR é específico ao dizer nos pontos três e 13 que as igrejas que se separaram são defeituosas ao não concordarem com o que foi estipulado nos concílios de Niceia, Éfeso e Calcedônia, assim como as cisões das igrejas orientais; por outro, o texto é claro ao assumir que todas as igrejas

⁶ Estamos aqui nos referindo, contudo, às consequências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas.

⁷ 4. Para o recto uso destes meios, é absolutamente necessário que todos os que servem deles conheçam e ponham fielmente em prática, neste campo, as normas da ordem moral. Considerem, pois, as matérias que se difundem através destes meios, segundo a natureza peculiar de cada um; tenham, ao mesmo tempo, em conta todas as circunstâncias ou condições, isto é, o fim, as pessoas, o lugar, o tempo e outros factores mediante os quais a comunicação se realiza e que podem mudar ou alterar inteiramente a sua bondade moral; entre estas circunstancias, conta-se o carácter específico com que actua cada meio, nomeadamente a sua própria força, que pode ser tão grande que os homens, sobretudo se não estão prevenidos, dificilmente serão capazes de a descobrir, dominar e, se se der o caso, a pôr de lado.

possuem em seu fundamento a devoção e a busca pelas virtudes cristãs, que também levam à experimentação da Graça. Assim, o UR incita a procura pelo ecumenismo mundial, o que na linguagem de McLuhan se traduz como a aldeia global, a partir de atividades como o trabalho da igreja, a renovação – que passa pelo uso reto dos meios de comunicação social –, a conversão, a oração, o reconhecimento dos irmãos separados, entre outros.

Então, o ponto 18 do UR convoca que pastores e leigos ajudem a promover a unidade das igrejas tendo em consideração que é um processo lento, porém, factível, se utilizado o devido vigor. Ao alinhar pontos fundamentais da fé católica, notadamente a Confissão de Cristo, Estudo da Sagrada Escritura, Vida Sacramental, Liturgia e Moral e a Exortação ao ecumenismo prudente e católico, a ICAR deseja que não haja obstáculos para a Providência, ainda que o documento traga em seu teor o ar de superioridade característico desta instituição. Existem outros registros que abordam a questão da unidade entre cristãos, porém, aqui nos ateremos aos que foram publicados como resultantes do Concílio Vaticano II por conta da uniformidade de pensamento com a IM.

O ponto dez da IM⁸ trata da moderação e disciplina no uso dos meios de comunicação social. Mais uma vez, vemos o pensamento da ICAR convergir com o que ensina Vicente Romano (2004). Nas páginas 149 e 150⁹, Romano trata do mesmo tema, tanto afirmando que deve ser exigido que os seres humanos tomem consciência e assumam suas responsabilidades em seu entorno comunicacional quanto mencionando explicitamente a educação de crianças e jovens para uma existência comunicativa e um trato razoável com os meios. Ou seja, tanto a IM quanto a Ecologia da Comunicação estão preocupadas em tratar a comunicação como um sistema de relações humanas no intuito de facilitar a atividade social e transformadora do ser humano, como Romano atesta na página 60¹⁰ (2004). No entanto, diferentemente da Ecologia da Comunicação, a ICAR não se refere à conservação das relações interpessoais não mediadas. Enquanto Romano defende que haja mais relações em nível de mídia primária, a

⁸ 10. Os destinatários, sobretudo os jovens, procurem acostumar-se a ser moderados e disciplinados no uso destes meios; ponham, além disso, empenho em entenderem bem o que ouvem, lêem e vêem; dialoguem com educadores e peritos na matéria e aprendam a formar um recto juízo.

⁹ *Se plantea, pues, la exigencia de que los seres humanos tomen conciencia y asuman su responsabilidad ante su entorno comunicacional, En este contexto resulta relevante la educación de los niños y jóvenes para una coexistencia comunicativa y un trato razonable con los medios.*

¹⁰ *Por un lado, se trata del proceso de comprensión entre individuos y grupos sociales, proceso que se desenvuelve con el objetivo de facilitar la actividad social y transformadora del ser humano. A través de esta actividad contribuye a la creación, estabilización y modificación de las relaciones y condiciones sociales. El objetivo final de la comunicación es la comprensión de los seres humanos para la cooperación en el conocimiento, empleo y/o modificación de la naturaleza, a fin de garantizar su existencia y su desarrollo físico y espiritual.*

IM mostra preocupação com a retidão e conservação dos valores fundamentais do cristianismo na utilização dos meios de comunicação.

Ao chegar no ponto 13, no capítulo 2 da IM¹¹, encontramos a convocação da ICAR para que os meios de comunicação social sejam utilizados imediatamente e com profissionalismo – ou, nas próprias palavras, “sem demora e com o máximo empenho”. Assim, o papel dos sagrados pastores é o de construir uma plataforma que envolva a educação de profissionais atuais e futuros para a produção de conteúdo voltado para a agenda da igreja – assim como também consta no ponto 15 da IM¹². Os leigos, ou seja, os que não são ordenados bispos, padres ou diáconos, devem utilizar os meios de comunicação social como um instrumento para reafirmar a fé. Neste ponto, a ação pastoral também se torna fundamental.

Falando especificamente sobre educação, a IM instrui que se deve criar escolas, faculdades e institutos que permitam a formação de profissionais capazes de participar da comunicação da ICAR. Instituições como a própria Universidade de Sorocaba estão em estreita relação com o que é abordado no ponto 15 da IM, uma vez que é ligada à ICAR e oferece diversos cursos, tanto de Comunicação quanto de outras disciplinas que fazem parte desta coleção de saberes – o curso de Filosofia da Universidade de Sorocaba é voltado para seminaristas e tem o aval do bispo da região de Sorocaba. Já que a Ecologia da Comunicação tematiza e analisa as correções que acontecem além das disciplinas científicas e dos setores sociais, e que a comunicação deve ser constantemente aprimorada, conforme consta na página 150¹³ (2004), está mostrada, mais uma vez, a consonância da ICAR com a teoria de Vicente Romano.

A IM fala diversas vezes sobre progresso – cinco, para ser exato. Mas “progresso” em que sentido? Para a Ecologia da Comunicação, progresso é a superação de prejuízos, a produção de juízo crítico, o aumento da emancipação e a expansão da autodeterminação, que

¹¹ 13. Procurem, de comum acordo, todos os filhos da Igreja que os meios de comunicação social se utilizem, sem demora e com o máximo empenho nas mais variadas formas de apostolado, tal como o exigem as realidades e as circunstâncias do nosso tempo, adiantando-se assim às más iniciativas, especialmente naquelas regiões em que o progresso moral e religioso reclama uma maior atenção. Apressem-se, pois, os sagrados pastores a cumprir neste campo a sua missão, intimamente ligada ao seu dever ordinário de pregar. Por seu lado, os leigos que fazem uso dos ditos meios, procurem dar testemunho de Cristo, realizando, em primeiro lugar, as suas próprias tarefas com perícia e espírito apostólico, e oferecendo, além disso, no que esteja ao seu alcance, mediante as possibilidades da técnica, da economia, da cultura e da arte, o seu apoio directo à acção pastoral da Igreja.

¹² 15. Para prover às necessidades acima indicadas hão-de formar-se oportunamente sacerdotes, religiosos e também leigos, que possuam a devida perícia nestes meios e possam dirigi-los para os fins do apostolado.

¹³ Para B. Mettler von Meibom, el objetivo de la ecología de la comunicación estriba en "tematizar y analizar las retificaciones que se dan más allá de las subdivisiones de las disciplinas científicas o de los sectores sociales"

acarretam na liberdade. Embora seja isso que Romano diz (2004, p.39)¹⁴, no caso da ICAR, parece tratar mais de progresso e regresso: volta-se constantemente ao velho para que se possa avançar em determinados aspectos. O “progresso” da IM¹⁵ está diretamente ligado à conservação de valores cristãos a fim de utilizá-los em seus meios de comunicação para arregimentar fiéis em busca da salvação. No ponto 13 da IM, está indicado especificamente que os meios de comunicação devem ser utilizados especialmente nas regiões em que o progresso moral e religioso reclamam maior atenção.

Desta análise sobre a comunicação da ICAR, os caminhos percorridos com Harold Innis, Marshall McLuhan, Harry Pross e Vicente Romano nos levarão a Carlos Scolari, com a Ecologia da Mídia e Hipermediações.

3.2 Comunicação no protestantismo

O caráter descentralizado do protestantismo implica na falta de protocolos sistematizados para a comunicação da sua fé, assim como a ICAR. Das denominações que escolhemos como ponto de partida para as entrevistas e a documentação necessária, encontramos apenas três que utilizam um rigor parecido com o que verificamos na IM. No entanto, isso não quer dizer que as denominações protestantes não apresentem padrão em seus métodos comunicativos; todas elas, em graus diferentes, publicam cartas, manifestos e atuam nos meios analógicos e eletrônicos de comunicação social para estarem em contato constante com seus fiéis.

A tese de doutoramento de Ricardo Zimmermann Fiegenbaum pela UNISINOS, intitulada *Midiatização: a Reforma Protestante do Século XXI?* (2010), analisou quatro igrejas evangélicas: Metodista, Presbiteriana do Brasil, Confissão Luterana do Brasil e Luterana do Brasil. O intuito da pesquisa de Fiegenbaum era relacionar os discursos e as práticas midiáticas para verificar como os atores sociais respondiam a esses estímulos; nas páginas 106 e 107, há documentos sobre a comunicação da Igreja Metodista que refletem sobre a forma como esta igreja deve se comunicar, tornando-se um elemento importante para

¹⁴ Si no se entiende únicamente como mera acumulación de medios técnicos, el progreso significa también superación de prejuicios, producción de juicio crítico, aumento de la emancipación, extensión de la autodeterminación en menoscabo de la heterodeterminación, en suma, de la libertad del hombre. Es evidente que no se trata entonces de un continuo proceso en ascenso y hacia adelante, sino que avanza en zigzag.

¹⁵ A primeira questão refere-se à chamada informação, ou obtenção e divulgação das notícias. É evidente que tal informação, em virtude do progresso actual da sociedade humana e dos vínculos mais estreitos entre os seus membros, resulta muito útil e, na maioria das vezes, necessária, pois a comunicação pública e oportuna de notícias sobre acontecimentos e coisas facilita aos homens um conhecimento mais amplo e contínuo dos factos, de tal modo que pode contribuir eficazmente para o bem comum e maior progresso de toda a sociedade humana.

essa sistematização que queremos na nossa própria tese. Um dos textos que utilizamos se chama *Cânones da Igreja Metodista* (2023) – CIM daqui em diante. Enquanto o Credo Social da Igreja Metodista do Brasil (1971) cita apenas os malefícios causados por uma comunicação desordenada e fora dos preceitos cristãos, outros materiais, como veremos abaixo, desejam uma reflexão consciente sobre os benefícios na utilização dos meios de comunicação social.

A página 103 do CIM (2023) define “Comunicação Cristã”, que parece ser muito particular a esta denominação, mas se alinha às teorias clássicas da comunicação que estudamos aqui. Diz no CIM que “Comunicação Cristã é o processo de transmissão da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo pelos veículos da comunicação social visando a transformação das pessoas e da sociedade segundo as exigências do Reino de Deus”. Há algumas coisas para se extrair daí. Ao fazer tal definição, o CIM está de acordo com a maioria dos autores que analisamos até este momento, desde Innis até Harry Pross.

O item 2.1 dos Objetivos (2023, p. 103) fala sobre despertar a igreja e estimulá-la, em todas as áreas, a usar os meios da comunicação social como veículos de divulgação, propagação e efetiva realização da Missão. Isso está em consonância com a teoria de Katz e Lazarsfeld descrita no livro *Personal Influence* (1955), e com Lazarsfeld *et al* no livro *The People's Choice* (1944), sobre a *two-step flow communication*, que descreve uma cadeia de duas etapas para influenciar a audiência. Nas duas obras, os autores abordam o sistema eleitoral estadunidense e descrevem como a decisão sobre o voto está ligada à influência de familiares, amigos e outras pessoas de forte valor social. No caso da Igreja Metodista, esse processo tem início no próprio conceito cristão de transmitir o Evangelho (a “boa notícia”), que implica na conversão de fiéis. Este, porém, acaba sendo um modelo deveras básico.

Por outro lado, o item 2.3 vislumbra um pensamento mais moderno ao sugerir a conscientização sobre os aspectos positivos e negativos sobre a comunicação social – erroneamente chamada de “comunicação de massa” no texto original. Scolari (2008, p. 111)¹⁶ fez a diferenciação entre a comunicação “um para muitos” e “muitos para muitos”. Enquanto a “comunicação de massa” se concentra especificamente no envio de mensagens a grandes audiências através de canais tradicionais ou digitais de mídia com pouca interação direta (um para muitos), a “comunicação social” é um termo mais abrangente que inclui tanto a

¹⁶ Para visualizar mejor las diferentes prácticas de la comunicación digital interactiva podemos representarlas por medio de un gráfico cartesiano donde el eje vertical parte del modelo de la difusión (uno-a-muchos) y llega hasta la lógica muchos-a-muchos, y el eje horizontal cubre el espacio que va de la monomедialidad a la multimedialidad. Las dimensiones de las letras hacen referencia a la mayor o menor hipertextualidad de las estructuras textuales (véase la figura 2.4).

comunicação de massa como uma de suas formas quanto a vasta gama de interações que ocorrem dentro da sociedade (muitos para muitos). A comunicação social considera o contexto mais amplo, incluindo os aspectos sociais, culturais e políticos que influenciam e são influenciados pela comunicação. Neste aspecto, o item 2.3 também está em conformidade com a Ecologia da Comunicação de Vicente Romano, uma vez que demonstra preocupação com a interação, o meio social e natural por onde as mensagens passam e a influência que elas exercem.

Por dar foco constante à “Missão”, que o CIM (p. 30) corresponde a “participar da ação de Deus no Seu propósito de salvar o mundo”, a Igreja Metodista busca cumprir esta missão, cultuar Deus, ao pregar a palavra, ministrar sacramentos e promover a fraternidade e disciplina cristãs, que estão dentro da compreensão Luterana destes conceitos. Assim, ela lança mão dos meios de comunicação social disponíveis para a manutenção constante desta empreitada. Embora o item 3 do CIM estabeleça que essa atuação deve acontecer na totalidade da sociedade por meio de imprensa, rádio, televisão, editoras, cinemas e outros – aqui, é claro, está incluída a *internet* –, o item 3.5 diz que precisa ocorrer dentro das igrejas; ou seja, a Igreja Metodista tenta satisfazer as três categorias de mídias de Harry Pross. Dessa forma, tem-se o seguinte cenário: comunicar-se com os indivíduos (mídia primária), exercendo influência direta na conversão e no trato pessoal; explorar a Imprensa Metodista (mídia secundária), como estipulado no item 3.3 do CIM, e mídias de propagação massiva, como TV, rádio, *internet*, entre outros (mídia terciária).

Já o item 4 do CIM fala especificamente sobre os meios de atuação da Igreja Metodista. São 14 subitens que delineiam as atribuições de líderes, fiéis e outros participantes dessa denominação, incluindo profissionais de comunicação, educadores, entre outros; o de número 4.2 se destaca porque pretende dinamizar o expositor cristão como instrumento de unidade, formação e comunicação visando o envolvimento na Missão. Assim, a igreja apresenta uma mescla de teorias da comunicação mais “antigas”, como a promovida por Lazarsfeld *et al* (1944), e outras mais “novas”, como as de Vicente Romano e Carlos Scolari. As ações englobam pesquisas sociológicas para conhecer a realidade do povo brasileiro, de forma geral, e do povo metodista, de forma particular. Aqui, consta a evidência de que o processo comunicacional da Igreja Metodista procura se atualizar e permear o maior número possível de cenários sociais.

O Plano Nacional Missionário (2023) da Igreja Metodista – PNM daqui em diante –, também tem caráter educativo no que tange à comunicação. Como é descrito em sua página

7¹⁷, ele contém as bases bíblicas, ênfases doutrinárias e prioridades da ação missionária da igreja para sua ação em território nacional, e exorta a coesão das igrejas metodistas do Brasil no intuito de explicitar o propósito de Deus em salvar o mundo. O documento se dedica à conciliação com a Constituição da Igreja Metodista, serve como alicerce para que os planos locais, distritais e regionais o utilizem em suas operações e traz reflexões acerca do comportamento humano e sua relação com a fé, do desejo por solidez na vivência com Cristo e de outros aspectos da sociedade atual. Por fim, a página 23¹⁸ traz a discussão sobre a urbanização da sociedade, no sentido de que mesmo as pessoas do campo, por consequência das redes sociais e da televisão, passam a ter uma visão urbanizada da vida. Aqui, emerge a necessidade de pensar diferentes estratégias comunicacionais para se aproximar dos diferentes públicos que compõem a sociedade, por exemplo, articulando a linguagem e os formatos para a comunicação eficiente.

O PNM também faz menção ao pós-denominacionismo, fenômeno no qual a fidelidade a uma denominação específica se torna menos central na identidade cristã de uma pessoa ou comunidade. Este movimento tende a se afastar das estruturas e tradições eclesiais estabelecidas, priorizando uma abordagem mais fluida e inclusiva da fé cristã, refletindo em uma mudança para uma fé que transcende as fronteiras denominacionais tradicionais e focando mais na prática e na experiência religiosa pessoal. Quem discute esse assunto são Phyllis Tickle em seu livro *The Great Emergence* (2008), e Diana Butler Bass em *Christianity After Religion* (2012). O PNM concorda com estas autoras quando diz que muitas pessoas passaram a ver o cristianismo como um movimento, não como um fundamento, e isso gera a desconexão de cristãos com doutrinas de igrejas específicas, transformando a fé em modismo ou em pessoas “desigrejadas”, como Altirez dos Santos falará mais adiante em sua entrevista nesta pesquisa.

Talvez pelo reconhecimento desta prática, a Igreja Metodista reconhece que a comunicação e as mídias sociais se tornaram um grande desafio para solidificar sua liturgia e seus preceitos na direção da comunidade. No PNM (p. 43) há o objetivo de utilizar de modo

¹⁷ O Plano Nacional Missionário (PNM) orienta a ação da Igreja Metodista no território nacional. Ele contém as bases bíblicas, ênfases doutrinárias e prioridades da ação missionária em cada área de vida e trabalho da Igreja, apontadas pelo Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI). O PNM enfatiza a dinâmica e identidade confessionais do metodismo brasileiro como uma comunidade conciliar, episcopal e conexional, participando do propósito de Deus em salvar o mundo, conforme preconiza a Constituição da Igreja Metodista, em seu artigo 3º. Ele nos desafia para uma pronta disposição ao avanço missionário, à semelhança do PNM do último período eclesial.

¹⁸ b) A crescente urbanização da sociedade: com a popularização e o aumento do acesso a meios de comunicação e redes sociais, mesmo quem vive na área rural passa a ter uma visão urbanizada da vida. Isso demanda pensar novas estratégias de aproximação a públicos diversificados, de articular a linguagem e os formatos para a comunicação eficiente e, inclusive, a atualização da formação pastoral para o momento atual.

efetivo os meios de comunicação para tornar a Igreja [Metodista] conhecida, mas o que significa este “modo efetivo”? O site oficial *metodista.org.br* é utilizado como ponto de partida para todos os canais de comunicação, sobretudo digitais, da Igreja Metodista; as seções “Sala de Imprensa”, “Notícias”, “Redes Sociais” e “Vídeos” existem para consolidar a ideia de que é necessário atacar várias frentes para que a mensagem seja tão amplificada quanto possível. Se estes elementos constituem o que consideram como “modo efetivo”, as teorias comunicacionais mais modernas dirão que eles precisam de mais artifícios para atingirem seus objetivos.

Seguindo a trilha de Fiegenbaum (2010), encontramos por sua sugestão as *Diretrizes para a Comunicação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil* (1994) — IECLB daqui em diante —, e por nossa própria iniciativa o Programa de Qualificação da Comunicação IECLB (2018). Escolhemos esses documentos por seu caráter sistemático, semelhante aos que analisamos até aqui. No entanto, não são publicações físicas ou em PDF como os outros; tratam-se de páginas de *internet* com direcionamentos generalistas, porém, com potencial de serem aprofundados nesta tese.

No artigo I das Diretrizes, a IECLB (2018) estabelece que sua política de comunicação consiste em “propagar o Evangelho de Jesus Cristo e estimular a vida evangélica em família e sociedade, bem como participar do testemunho do Evangelho em todo o mundo”, afirmação consistente com os documentos e decretos que encontramos até então. Ao contrário de uma abordagem tecnicista dos outros textos, porém, as diretrizes comunicacionais da IECLB são justificadas pela teologia. Robert Houston (2011) diz que tradicionalmente os protestantes eram mais letrados e educados que os católicos, o que se torna evidente nas produções literárias das igrejas protestantes. É ponto pacífico entre os autores que arregimentamos para esta tese que a “*Sola Scriptura*” – fundamento luterano em que o que vale mesmo é o que está escrito na Bíblia – impulsionou a alfabetização europeia a partir do século XIV, como demonstramos anteriormente. Então, essa abordagem proporcionada pela IECLB parece estar de acordo; o documento afirma que a comunicação de Deus tem o propósito de nos mostrar Sua natureza, uma vez que somos “Sua imagem e semelhança”, conforme consta em Gênesis 1: 26. Ou seja, Ele fala através de Sua criação, por anjos ou pessoas. Assim como fizemos em nossa dissertação de mestrado (2017), a IECLB também credita à passagem de Marcos 16:15 ser a propulsora da comunicação cristã e passa a listar suas características e objetivos de forma sucinta.

Queremos dar particular atenção ao item 6 do artigo III, que considera que todas as pessoas são sujeitos no processo de criação. Desta afirmação, podemos inferir que o

pensamento da IECLB está em sintonia com o pensamento de que a comunicação não é um sistema unidirecional e que, portanto, alinha-se ao que Vicente Romano (2004) e todos os outros autores que abordamos aqui dizem neste mesmo sentido. Isso mostra que, mesmo parecendo distante da linha comunicacional em nível teórico, a IECLB conseguiu se aproximar de ideias modernas talvez por acaso, talvez por senso comum. Os documentos não são claros a respeito das fontes de informação utilizadas para sua confecção.

Vicente Romano (1998) aborda o problema da *representação* em detrimento da *significação*, citando Milton Santos. Nesta passagem da página 23¹⁹, reclama que não há interlocutores ou diálogo, já que a comunicação unilateral emprega uma fala *funcional* – característica da teoria hipodérmica. Isso acarreta em uma doutrinação da linguagem, necessária para aumentar sua credibilidade, pois a falsidade do discurso resulta em ofuscar o entendimento. Tanto nos registros da IECLB quanto nos outros que vimos, existe um especial cuidado com o entendimento, o que se torna essencial para a missão evangelizadora e salvífica da comunicação cristã. É claro que existe a doutrinação, particular da conversão, mas o que Romano sugere a respeito da “grande mídia” não se aplica totalmente à comunicação cristã aqui especificamente.

Dos nove objetivos da comunicação da IECLB, constam também o ecumenismo com outras instituições religiosas, a promoção de vida digna, paz, justiça e fraternidade, a formação de consciência crítica e a fomentação da reflexão através de critérios baseados na ética cristã. Nada disso seria possível em um cenário em que a mensagem é imposta de cima para baixo, sem a possibilidade de interação. Como diz Romano (2004, pp. 148-149), o valor de uso político da Ecologia da Comunicação reside em liberá-la do jugo de simples meio de produção útil para transformá-la em comunicação, que produz e conserva relações e experiências; nisso, os textos analisados se mostram empenhados pelo que podemos observar, tanto que a IECLB lançou o Programa de Qualificação da Comunicação para qualificar e ampliar os métodos, fluxos e meios utilizados. De acordo com o seu conteúdo, no site *luteranos.com.br*, o Programa tem o intuito de contribuir para firmar os valores institucionais, promover a identidade por meio da confessionalidade luterana, valorizar recursos e iniciativas na IECLB motivando sua divulgação, intensificar a interação e a troca de experiências, gerar ação transformadora e fazer a devida gestão para impulsionar a reflexão e participação.

¹⁹ Como dice el investigador brasileño Milton Santos, hoy se asiste al triunfo de la presentación sobre la significación. En semejante mundo no hay interlocutores propiamente dichos, no hay diálogo, puesto que la comunicación unilateral emplea un habla funcional. "La mediación interesada de los medios conduce a la 'doutorização' del lenguaje, necesaria para aumentar su credibilidad, y a la falsedad del discurso, destinado a ensombrececer el entendimiento".

Vicente Romano (2004, pp. 149-150) valida esta empreitada da IECLB, ao explicar que surge a necessidade de que as pessoas se tornem conscientes e responsáveis pelo ambiente comunicativo ao seu redor. Neste cenário, é imperativa a educação de crianças e adolescentes para uma vida comunicativa saudável e o uso sensato dos meios de comunicação. Segundo B. Mettler von Meibom, citada por Romano (2004), a Ecologia da Comunicação visa discutir e examinar as interações que ocorrem além das barreiras de disciplinas acadêmicas e setores sociais – assim como a natureza foi dominada pelos avanços técnicos e industriais nos últimos 150 anos, o que resultou em um experimento mal-sucedido, uma situação parecida pode estar acontecendo na comunicação, que, por sua vez, precisa de avanços técnicos, mas a gestão dos processos comunicativos por meio da racionalização técnica e econômica pode levar a resultados negativos.

Assim, o Programa de Qualificação da Comunicação IECLB se destina a profissionalizar a comunicação desta igreja, criando vínculos com sua audiência e permitindo a interação do público. Conforme Vicente Romano (2004, pp. 159-160)²⁰, percebe-se o meio próprio mediatizado e os meios se convertem em objeto de percepção. Por “informação”, se entende que os conteúdos do que se percebe podem ser modificados ou se modificam pela tecnologia da informação: sabe-se também que a mediatização e a informatização possuem determinadas dimensões sociais.

Sabendo que deve haver mais documentos que possam oferecer nuances a respeito da comunicação do cristianismo como um todo, acreditamos que estas referências se tornam suficientes para mostrar aonde queremos chegar. O que se pôde constatar é que a comunicação das igrejas busca reafirmar o que se promete na Bíblia em termos dos seus dogmas e desígnios e se adaptar aos tempos em que vivemos para que suas mensagens de fé atinjam a audiência eficientemente. Todas elas falam em vivificar a palavra de Deus, salvar a humanidade, solidificar o senso de comunidade e transformar a sociedade, cada uma dentro de suas interpretações teológicas.



Os caminhos da comunicação no cristianismo culminam na proposta da Ecologia das Mídias e das Hipermediações. Neste estudo, debruçar-nos-emos também nos trabalhos do

²⁰ *En el contexto de la comunicación, mediatizar significa sacar a alguien de la inmediatez de la comunicación a través de contactos elementales, la dicción, contradicción y signos primarios, y someterlo por tiempo indefinido a sistemas mediales heterodeterminados. Estos tienen una estructura monológica, no dialógica. Se percibe el medio propio mediatizado, y los medios se convierten en objeto de percepción.*

pesquisador argentino Carlos Scolari porque entendemos que ele faz parte da espinha dorsal de autores que elencamos. Scolari (2008) propôs uma extensa discussão acerca do papel dos estudos de comunicação, oferecendo contraposições entre pensamentos que não são necessariamente divergentes, mas podem trazer soluções e problemas ao longo do percurso de investigação. Um dos exemplos disso é o problema das metáforas utilizadas para definir o que é comunicação como um processo linear e que cria efeitos. Chamá-la de “flecha”, “projétil” ou “espiral” (p. 25)²¹ permite que se entenda a comunicação como algo unidirecional, enquanto enquadrá-la como uma relação “polêmico-contratual” implica em considerar detalhes que fazem parte de algo que se assemelha a uma *ecologia*. Se no trabalho de Scolari o foco é na comunicação mediada por tecnologias digitais, neste englobamos todas as mídias disponíveis às igrejas cristãs. Sendo assim, não consideramos que haja uma relação de maior ou menor força entre os meios analógicos e eletrônicos, pois cada mídia pode ser utilizada de acordo com a necessidade, criando uma espécie de “força-tarefa” na comunicação de uma igreja.

Dessa forma, passaremos a tratar sobre as *hipermediações* da mesma forma que Scolari o faz na página 113: “processos de intercâmbio, produção e consumo simbólico que se desenvolvem em um entorno caracterizado por uma grande quantidade de sujeitos, meios e linguagens interconectados tecnologicamente e de maneira reticular entre si”. Scolari, porém, trata das hipermediações como posteriores às mídias tradicionais, pois se conectam diretamente à Ecologia da Comunicação enquanto um sistema de *intercâmbios simbólicos* que são feitos a partir dos materiais disponibilizados na rede. Isso não significa que os meios massivos são esquecidos (“se você pensa que a *internet* vai matar o jornal, tente embrulhar um peixe com um *iPad*”), mas sim que estes são reconfigurados e reaproveitados na trama proposta pelas hipermediações. Ou seja, a relação de “um para muitos” perdura, é aproveitada e utilizada na relação “muitos para muitos”.

Se a forma de consumir estes materiais muda, toda a relação humana também sofrerá alterações, uma vez que as hipermediações, como o próprio Scolari atesta, criam uma trama de reenvios, hibridações e contaminações pela tecnologia digital, abrindo diferentes possibilidades de relacionamentos entre as pessoas diante de tais materiais simbólicos. Para as gerações dos *baby boomers* adiante, que vivenciaram o surgimento da *internet* em todas as

²¹ *La comunicación ha sido vista sucesivamente como canal, instrumento, flecha, proyectil, conflicto, contrato, orquesta, espiral o red. Cada una de estas metáforas configura las percepciones, preguntas y métodos del investigador. Si la comunicación es un proyectil, entonces se tratará de medir su impacto en los receptores, y si la consideramos un canal, nos fijaremos sobre todo en las características tecnológicas del tubo por donde circulan los mensajes.*

suas instâncias (*Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0* etc), o limiar entre o físico e o digital parece ser mais evidente do que para a geração nascida a partir dos anos 2000, que tem uma noção muito mais difusa entre as duas instâncias, no sentido de que uma faz parte da outra e ambas se completam. O capital social adquirido pela geração dos anos 2000 é formado tanto – em alguns casos até mais – pelo que é vivido no “mundo digital” quanto no “mundo físico”.

Em *Hipermediaciones* (p. 116)²² Scolari defende que a pesquisa sobre hipermediações deve abandonar a explicação fria sobre como os equipamentos eletrônicos funcionam e focar nas transformações sociais e no desenvolvimento gerado pelas novas formas de comunicação. Dessa forma, as hipermediações podem beber de fontes já estabelecidas para que possamos ampliar nosso entendimento sobre elas, como a etnografia, os estudos culturais e a própria Ecologia da Comunicação. Além da compreensão do que Vicente Romano estabelece, Scolari também faz referência a Jesús Galindo Cáceres em seu livro *Cibercultura: un mundo emergente y una nueva mirada* quando afirma que a Ecologia da Comunicação tem um viés mais poderoso que somente o social ou somente o cultural, já que coloca as duas em relação estreita. Aliás, Galindo Cáceres é um dos pesquisadores de comunicação que se apoiam na Ecologia da Comunicação, cada um à sua maneira, para elucidar questões dentro de diversas áreas do conhecimento, entre elas, a etnografia, os entornos virtuais ou o jornalismo.

Quando nos voltamos à comunicação do cristianismo, as hipermediações abrem caminhos de análise. O primeiro trata sobre o *consumo simbólico*: o processo de absorver ou utilizar símbolos, signos ou representações culturais de maneira significativa. Este tipo de consumo está relacionado ao significado simbólico atribuído a produtos, serviços, mídia ou qualquer outro elemento cultural; ou seja, em vez de apenas satisfazer necessidades práticas, o consumo simbólico envolve a busca de significado, identidade ou *status* por meio da escolha e utilização de determinados símbolos. O cristianismo tem mostrado a capacidade de se adaptar a este novo momento, exatamente por ter em seu cerne a simbologia e a ritualística.

O cristão se define e se caracteriza a partir da aceitação e do “consumo” da simbologia promovida por essa religião. Toda a simbologia litúrgica, como a eucaristia, o batismo, os elementos visuais, os objetos e as cores possuem profundo significado e também servem para atestar a própria fé. Vestir uma camiseta com uma imagem religiosa ou ostentar

²² Si el estudio de las mediaciones proponía analizar las articulaciones entre las prácticas de comunicación y los movimientos sociales, las investigaciones de las hipermediaciones deberían salir de la pantalla para analizar las transformaciones sociales que el desarrollo de nuevas formas de comunicación está generando. La experiencia acumulada por las investigaciones etnográficas, los estudios culturales y la tradición comunicológica latinoamericana constituyen una amplia base desde la cual abordar estos procesos.

uma cruz no pescoço ilustra esse compromisso; discutimos isso também em um artigo publicado na Pensacom em 2018 intitulado *O Cristo Crucificado Como Midia e a Einfühlung (Empatia) Como Mensagem de Fé Cristã*. Assim, a religião oferecerá outra série de “produtos simbólicos” que serão consumidos: a arquitetura e a arte sacra, a música, os sermões, o ensino, as vestimentas, além dos próprios símbolos religiosos, como a cruz ou o cálice.

Outra instância digna de reconhecimento é a participação em eventos, por exemplo, retiros e conferências. Nesses momentos, a prática da fé e a predisposição para as tarefas e rezas estabelecem o senso de comprometimento com o esperado pela religião e também abrem caminho para a interação – que pode ser física e digital. O consumo simbólico no cristianismo como um todo é uma das maneiras pelas quais os fiéis expressam e reforçam sua identidade religiosa, conectando-se emocional e espiritualmente aos elementos simbólicos presentes em sua comunidade de fé. Como veremos na Etapa 4 deste estudo, a comunhão física terá papel preponderante na construção da salvação de um indivíduo.

Dentro dessa proposta, podemos analisar a comunicação do cristianismo como uma mescla entre “um para muitos” e “muitos para muitos”. Isso porque em um primeiro momento espera-se a iniciativa de uma liderança religiosa para que algum conteúdo comece a ser disponibilizado. Podemos pensar em uma missa católica ou culto evangélico: o sermão começa com o padre ou o pastor, que é algo preparado antecipadamente para transmitir ensinamentos bíblicos ou abordar assuntos correntes. Se essa missa ou esse culto acontece fisicamente, dentro de uma igreja, com uma audiência de fiéis, a sua principal característica é a mídia primária de Harry Pross. O produto disso é um instante único, insubstituível, que será continuado a partir da experiência individual de quem esteve presente. É possível categorizar esta situação em “um para muitos”.

Por outro lado, se essa mesma missa (ou esse culto) é transmitida pela *internet*, tendo a própria igreja e seus símbolos como “palco”, este processo está no que se entende por hipermediações, já que o produto final – o vídeo – poderá ser compartilhado, *remixado* e referenciado ao gosto da audiência nas condições que elas próprias decidirem. Um exemplo muito banal disso seria compartilhar o *link* com um amigo seguido do aviso “hoje o padre (ou pastor) falou sobre algo que te interessa”. Então, este vídeo contendo a fala do líder religioso estará disponível para ser reutilizado como os espectadores preferirem. No caso da ICAR, apenas para facilitar nossa explicação, mas podendo ser qualquer igreja e qualquer religião, o vídeo da missa poderia ser compartilhado em uma rede social ou um grupo de *WhatsApp*, alguém poderia escrever um texto em um *blog* comentando o tema da missa e esse texto

poderia ser reaproveitado em alguma outra criação digital ou até mesmo no mundo físico. Ou seja, nessa simples exemplificação já se vê o poder das hipermediações no cristianismo.

Assim como falamos em outras teorias, o que as hipermediações nos trazem não é fruto do acaso: é a confirmação de resultados de pesquisas altamente consistentes. Como veremos mais adiante neste estudo, a comunicação do cristianismo ganhou outras camadas a partir do surgimento da *internet* e, sobretudo, da *Web 3.0*, afinal, esses novos processos comunicativos exigem outras formas de engajamento, de prender a atenção do espectador e de disseminar a mensagem cristã, sempre levando a bandeira de Marcos 16:15 em cada uma dessas empreitadas comunicacionais. Os líderes religiosos que entrevistamos para esta pesquisa são muito categóricos ao revelar que a pandemia da COVID-19 os obrigou a investirem, a saírem do completo amadorismo, e que o resultado disso modificou permanentemente a comunicação de suas igrejas e de sua fé.

ETAPA 4: A ECOLOGIA DA PLURICOMUNICAÇÃO DO CRISTIANISMO

No intuito de oferecer um instrumento para mitigar a distância entre o que os teólogos fundadores definem como doutrina da salvação e como esta é abordada sobretudo após a pandemia de COVID-19, propomos a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo, uma forma de sistematização da comunicação ao longo das denominações cristãs que envolve a interlocução digital e tradicional. No jargão publicitário, a comunicação digital é chamada de *online*, ou seja, o que se faz na *internet*, como redes sociais, *sites*, *blogs*, *YouTube*, páginas *wiki* etc; já a tradicional é a *offline* e envolve TV, rádio, cinema, impressos, mobiliário urbano etc, acessadas em seus suportes habituais. Ao longo deste capítulo, utilizaremos esta convenção para separar os meios em grupos. É importante salientar que o *outdoor* é considerado mídia impressa e que o aparelho de televisão não é um meio digital, ainda que seja eletrônico, portanto, pertence à categoria *offline*.

A Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo (EPC, daqui em diante) é um movimento conjunto das mídias *online* e *offline* na luta contra a entropia dos interesses. Não é apenas uma estratégia de comunicação ou *marketing*; é a compreensão de que a pluralidade da sociedade exige que se leve em consideração os meios que a alcançam. Em outras palavras, a mensagem religiosa precisa ser emitida em uma ação conjunta entre o *online* e o *offline* a fim de que contemple todas as realidades. Em *La Ecologia de la Comunicación* (2004, p. 10), Vicente Romano alerta que as intervenções técnicas afetam a sociosfera e o âmbito da comunicação, uma vez que a profusão de mais aparatos técnicos faz com que haja mais informação, mas menos comunicação, principalmente menos contatos pessoais, ou comunicação primária. Como diz Romano (2004) na página seguinte do próprio livro, altera-se a função informativa e a função socializadora da comunicação.

Então, a EPC se torna um esforço para reafirmar e resgatar a ética, a responsabilidade e o comprometimento com a comunicação dos líderes religiosos em direção à comunidade, o que inclui voluntários e outros profissionais da comunicação dentro das igrejas. Aqui, acontece um processo tanto mecânico quanto mental de autocrítica das próprias atitudes comunicacionais. O tipo proposto, fundamentado na Ecologia da Comunicação e adaptado para as igrejas cristãs, independentemente da designação, configura-se como uma passagem de responsabilidade e reconhecimento do líder religioso sobre os problemas do *fazer comunicacional* da sua igreja; para fazer um trocadilho com o tema, é sobre dar um “salto de fé” para resolver os problemas de diálogo enfrentados pelas igrejas hoje, que vão desde o baixo treinamento dos voluntários, passando pela efemeridade das redes sociais – que

acarreta em pressa e baixo critério – até problemas de investimento. Ao longo das entrevistas, vimos igrejas com alto orçamento para investir em transmissões via *internet* e também igrejas que utilizam pacotes 4G de celular. Dessa forma, defendemos que a EPC auxilia em, primeiramente, mitigar as diferenças qualitativas entre as igrejas grandes e as pequenas quando se está imbuído da responsabilidade comunicacional para entender o que cada meio exige em termos de linguagem, plasticidade e interação com a audiência e, depois, elevar a eficiência da comunicação a estágios mais elevados. Apesar das críticas sobre a velocidade com que o cristianismo se adapta aos tempos em que vive – sobretudo a ICAR, talvez o exemplo mais emblemático disso tudo –, é possível dizer que a EPC é uma visão otimista sobre o tema, já que reconhece que há espaço para aprimoramento, que “nem tudo está perdido” ou que “as coisas são do jeito que são e pronto”.

Um dos efeitos da entropia dos interesses é o que os entrevistados relataram a respeito da concepção errônea de que as mídias *online* substituem completamente a presença no templo. Enquanto Romano (2004) diz que a redução dos contatos pessoais pode aumentar a solidão e afetar a saúde mental, os líderes religiosos afirmam que a presença eleva os sentimentos de comunhão e de pertencimento em uma determinada religião. Isso significa dizer que *tão somente* uma missa transmitida pela televisão ou *tão somente* a leitura de um PDF sobre alguma mensagem jamais serão suficientes; significa também que *tão somente* a presença física em uma igreja não soluciona a questão. Por isso, a Ecologia da Comunicação advoga pelo uso consciente dos meios de comunicação social: é necessário haver equilíbrio enquanto se transita por todas as categorias de mídias de Harry Pross.

A pluralidade da audiência em uma determinada igreja faz com que o uso das mídias também esteja submetido à sensação de conforto ou praticidade. Um cristão de certa geração e fluência tecnológica pode achar mais conveniente receber mensagens sobre salvação por vídeos; outro, ler textos; outro pode achar que a homilética é mais eficiente. Portanto, uma igreja precisa incentivar o uso dos meios de comunicação social para que uma mensagem seja uniforme entre os recursos disponíveis, afinal, o tema “salvação” é um que deve estar em várias mídias, sempre levando em consideração que o discurso deve ser ajustado ao público e ao canal em que é disponibilizado. Dentro dos estudos de redação, o texto do roteiro de TV não pode ser o mesmo do informe impresso ou das publicações em redes sociais. Cada um deve atender a uma demanda específica de estilo.

As perguntas que Vicente Romano faz (2004, p. 12) podem começar a ser respondidas a partir deste viés. Como querem se comunicar os seres humanos? A partir do que atesta Carlos Scolari (2008, p. 120), a comunicação *online* inaugurou um novo comportamento: as

peessoas começaram a ir além dos modelos massivos. Isso pode ser exemplificado como simplesmente receber um vídeo de uma pregação, editá-lo e publicar apenas o que interessa ao emissor em determinada rede social; também é possível analisar e registrar reações (os tais vídeos de “*react*”) sobre um determinado conteúdo. Ao mesmo tempo que um cristão busca a conveniência do melhor modo de receber uma mensagem, também reivindica a possibilidade de intervir de alguma forma naquele conteúdo.

Quando Romano (2004, p. 12) questiona “que exigências derivam disto para a organização das condições tecnológicas da comunicação?”, mais adiante, na página 157, ele traz um caminho: garantir o equilíbrio ecológico dos meios, isto é, adaptar as TIC às condições e possibilidades da comunicação primária, a do contato elementar humano. Romano sustenta que a base de toda comunicação em uma sociedade deve ter a mídia primária como mais urgente e as outras como suporte, desde que não haja efeito negativo nem suplantamento da comunicação primária. As TIC precisam ser adaptadas para complementar a comunicação primária, não substituí-la.

Vamos pensar: ao longo de todas as entrevistas, os líderes religiosos foram unânimes ao dizer que os meios de comunicação não substituem a presença na igreja e que o comodismo, sobretudo após a pandemia de COVID-19, alterou o comportamento dos fiéis, que estão substituindo o comparecimento à missa ou ao culto por assisti-los via *internet*. Agora, como dizem os políticos em épocas de tragédia, é hora de apontar culpados? Teria o líder religioso que repreender – ou até punir – quem não frequenta a igreja? Ou isso é “culpa” de um sentimento que vai se construindo pouco a pouco à medida que a sociedade caminha e ninguém acaba se opondo a ele? A “culpa” é da entropia dos interesses, pois as pessoas seguem satisfazendo seus desejos aleatoriamente, sem se preocupar com o valor de uma atitude? Tal como diz a pastora Eunice Medeiros, da Igreja Renascer: “você vai cortar? Cortar a transmissão não vai dar certo. Entre você ter – e aí sou eu, Eunice, que acho! – alguém ouvindo o culto da Renascer na casa dele ou ele ouvir algumas doutrinas malucas que andam pondo aí no *YouTube* também, é melhor que ele esteja ouvindo a Renascer.”

Sobre o que Romano – e, consequentemente, Scolari – vem nos alertar são o desequilíbrio e a mudança de valores que colocam os meios digitais como primários, invertendo os valores estabelecidos por Harry Pross. Romano (2004, p. 39) mostra que, ainda que um canal de comunicação oferecido por uma empresa seja percebido como de grande valor, o “boca a boca” continua infalível. Ora, se há essa percepção, então por que defender o uso da tela como primeira e melhor opção? As valências ecomunicológicas mencionadas por Vicente Romano (2004, p. 157) precisam voltar a ser equilibradas para que o diálogo da

salvação tenha mais robustez. Depois, de volta à página 12, Romano pergunta: “até que ponto é factível criar ou conservar relações satisfatórias com o meio interno social e natural?” Em se tratando da EPC, não apenas é factível como necessário! O cristianismo frequentemente exalta a importância da reunião presencial como justificadora da fé e da pertença, como em Romanos 10:24-25, Atos 2:42-47 ou Mateus 18:20. Todas essas passagens, além de outras, defendem a comunhão presencial como elemento engrandecedor do cristianismo.

O catolicismo concorda que o contato presencial com outros fiéis oferece apoio, encorajamento e a oportunidade de compartilhar experiências espirituais. Além disso, os principais ritos católicos, como os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, só são compreendidos como valorosos em sua totalidade quando feitos presencialmente. Igualmente, o protestantismo dá extrema importância para o contato presencial, seja no culto comunitário ou nos grupos de estudos bíblicos, em que se compreende o valor da troca de experiências e da educação cristã eficiente a partir deste costume. Quando Vicente Romano (2004) pergunta “como sensibilizar a percepção para as necessidades comunicativas, como orientar a ação comunicativa de modo que dê conta não somente do aspecto tecnológico, mas também do espiritual, social e ecológico?”, a resposta está na própria prática do cristianismo.

Quando o Padre Daniel Balzan denuncia que existe pouquíssima educação cristã, surge a oportunidade de remediar esta situação a partir da EPC devido ao seu efeito prático. Uma das saídas está exatamente na aplicação dela no próprio ensino religioso, em sermões e homilias, a fim de que se faça entender que, no cristianismo, o contato humano deve se sobrepor aos outros – ou que as mídias secundária e terciária são apoios para o contato primário humano. Uma missa ou um culto que pregue sobre a salvação terá como ponto de partida, como elemento primordial, a mensagem falada dentro da igreja, com a reunião dos fiéis; os meios impressos e eletrônicos servem como um suporte divulgar a mensagem fora do alcance físico, seja para os que não puderam comparecer presencialmente ou para os que pretendem expandir esta mensagem para além das quatro paredes de uma igreja. Trechos filmados de uma missa ou culto podem ser *remixados* e vistos em escala exponencial, textos impressos ou em PDF podem ser utilizados como material educacional, arquivos de áudio sobre a salvação podem ser companheiros em momentos de introspecção, mas tudo começa na presença física.

Isso está de acordo com o que afirma o teólogo Altierrez dos Santos. Para ele, não apenas a comunicação da salvação é parca como os catequistas estão altamente despreparados para lidarem com o tema. Em sua entrevista, ele afirma que, há cerca de dez anos, os católicos acreditavam que uma formação teológica sólida seria suficiente para nos dar

capacidade de direcionamento. Quando se observa a realidade na Alemanha, porém, vê-se algo diferente: lá, praticamente qualquer catequista possui um doutorado em Teologia, “e isso não é uma metáfora, mas um fato literal”, atesta. Apesar disso, ele continua, tal formação não tem impedido a igreja alemã de enfrentar uma crise profunda; o mesmo ocorre no Canadá. Altirez prossegue: “o Brasil tem um problema maior, e não entenda isso como um discurso proselitista ou como uma espécie de crítica às outras religiões. O problema da raiz da questão toda é que a população brasileira é muito mal-preparada ao ponto de, se não estão entendendo o conceito de salvação porque não tiveram boa escola, vai aparecer um estelionatário – que vai falar que é pastor, muitas vezes nem é – e vai falar ‘vem aqui, me dá mil reais e eu curo, eu resolvo para você’. O pessoal está em busca disso. Não vou dizer que é espetáculo, mas está em busca de sobrevivência. Então, é muito difícil preparar catequistas teologicamente quando, na verdade, terão que lidar com um exército de adolescentes, jovens e adultos que têm, além de analfabetismo funcional, um enraizamento das piores partes da nossa matriz cultural e religiosa brasileira”.

Assim, podemos responder a última pergunta de Vicente Romano: “quais são as necessidades humanas de informação e comunicação?” Talvez esta pergunta por si só já valha uma nova tese de doutoramento, mas tentaremos respondê-la dentro do nosso escopo. Romano (2004, p. 17) afirma que a comunicação é essencial para a formação da identidade, a capacidade de se relacionar com os outros e a competência comunicativa. Um adendo: apesar de Flusser não fazer parte desta tese, consideraremos também, a título argumentativo, que a comunicação é um processo neguentrópico, em que a linguagem organiza o caos do pensamento e o coloca à disposição do ensino, trabalho e socialização. Ao unir Vicente Romano e Flusser, podemos estabelecer que *informação* e *comunicação* são duas instâncias diferentes do processo neguentrópico da EPC.

Romano (2004) diz que a comunicação representa tanto o processo quanto o resultado da interação entre indivíduos, grupos sociais, instituições e outras entidades, mediada pela troca de informações e emoções. Por um lado, ela engloba a compreensão mútua entre esses atores sociais, visando facilitar suas atividades, promover mudanças e desempenhando um papel fundamental na criação, estabilização e transformação das relações e condições sociais; por outro lado, a comunicação representa o resultado concreto da troca de dados e sentimentos entre os indivíduos e grupos. Essencial para a divisão do trabalho e da cooperação social, ela é um dos pilares fundamentais da vida em sociedade. Para Romano, a informação é o elemento constitutivo do pensamento que gera a comunicação e, ao

colocarmos isso na perspectiva da salvação, a salvação é a informação e a comunicação da salvação é a práxis.

A tecnicidade das TIC, porém, converte as pessoas em submissas e em massa de manobra para interesses corporativos. Dessa forma, para a Ecologia da Comunicação, não existe “revolução” quando se trata das TICs e NTICs, e sim um desgoverno no que tange ao equilíbrio dos usos dos meios de comunicação social. As tais “bolhas” criadas pelas redes sociais polarizam e confirmam vieses em vez de realmente informar. A comunicação da salvação precisa estar segura em um ambiente onde não haja desvirtuamento ou subjetividade – além do exercido pela própria hermenêutica – a fim de que sua essência possa ser transmitida por inteiro e realmente transformar a vida de uma pessoa. Este é um dos princípios do caráter de conversão do cristianismo.

A *internet* abriu possibilidades para uma parte da população que se sentia digna de ter uma profissão na área da comunicação, mas era impedida pelos caminhos estreitos dos meios tradicionais. Por exemplo, para ser uma “celebridade”, era necessário ser agenciado por profissionais de emissoras de rádio ou televisão e treinado para que se encaixasse no que era tido como padrão – como a aparência e o sotaque; hoje, basta ligar a câmera do celular e entrevistar alguém. A qualidade da produção, seu alcance e os resultados em termos de capital social podem até ser discutidos em outra oportunidade, mas a tecnologia fez com que aparecessem milhares de pessoas que teriam um caminho muito mais árduo – e até mesmo seus sonhos de estrelato podados – numa era *pré-internet*.

Por este e outros motivos, Scolari afirma que não se pode estudar os novos meios de comunicação a partir de teorias antigas, que são esticadas para contemplar a nova realidade. A EPC está nessa perspectiva, pois leva em consideração os efeitos tanto das mídias *offline* quanto das *online*, mas dá foco ao seu efeito prático. Assim, quando Scolari (2008, p. 123) divide os estudos de mídia em continuidade crítica e descontinuidade acrítica, é possível pensar que a EPC está em uma terceira via, que podemos chamar de continuidade agregadora. Vamos explicar.

Na continuidade crítica, Scolari (2008) explica que os críticos dos hipermeios frequentemente argumentam que não houve uma mudança significativa nos meios de comunicação nem na cultura que os envolve. Essas abordagens críticas destacam a persistência dos interesses econômicos, dos imperativos políticos e dos valores culturais que orientam e moldam os meios de comunicação, tanto os novos quanto os tradicionais. Já para a descontinuidade acrítica, Scolari mostra que os teóricos cegos de paixão pelo novo frequentemente insistem, de maneira assaz frívola, que tudo mudou e que estamos a caminho

de um paraíso digital – por isso, o *online* estaria destinado a criar sociedades mais democráticas e igualitárias. Por fim, a ideia da continuidade agregadora sustenta que o antigo não é substituído pelo novo, mas o complementa de forma a versatilizar e incrementar o movimento comunicacional como um todo. Os aparelhos de TV continuarão como são, porém, serão readaptados para atender às necessidades atuais da audiência, como a nova era de TV digital, que cada vez mais se assemelha ao *YouTube* no sentido de que muitos conteúdos serão sob demanda e outros continuariam a ser transmitidos ao vivo. É possível fazer como nas teorias transmídias, nas quais existe uma continuidade da mensagem entre diversos meios, mas também a mesma mensagem pode ser escrita e reescrita levando em consideração seu formato, sua plasticidade e quem a receberá. A mesma mensagem de salvação pode ser reescrita diversas vezes, em mídias diferentes e para atender grupos diferentes.

No texto *El humanismo de la ecología de los medios*, dentro do livro “*Ecología de los Medios: entornos, evoluciones e interpretaciones* (2015), Neil Postman cita o poeta Stephen Vincent Benét, que diz ao final do seu poema *John Brown's Body*: “não diga que é maldição ou benção. Diga apenas ‘aqui está’”. No entanto, concordamos com Postman que não se pode analisar os meios sem pensar na ética. Vicente Romano faz isso, Carlos Scolari também. McLuhan, por outro lado, deixava o moralismo de lado para fazer suas análises, conforme comenta Neil Postman (apud Scolari, p. 69). Acreditamos que esta isenção não seja o papel da EPC, ainda que levemos em conta de que as coisas “aqui estão”.

Se virmos o que Scolari nos explica, é possível afirmar que a continuidade agregadora está dentro de uma análise interpretativo-cultural, ou seja, não existe ruptura com o passado, mas compreende-se que os meios novos são radicalmente diferentes – sobretudo na questão do “um para muitos” e “muitos para muitos” – e existe uma negociação entre o que exige o objeto e as táticas dos usuários. Essa perspectiva se assemelha aos estudos culturais desenvolvidos por David Marshall (apud Scolari, 2008, p. 125); aqui, a produção e o consumo de informações ganha muito mais possibilidades pelos aparatos tecnológicos e pelo que os usuários querem fazer com eles. Se pensarmos na comunidade de amantes da computação dos anos 1980, que digitalizam manuais antigos e os disponibilizam em repositórios para serem comentados e acessados, temos aqui uma pequena faceta do que a Ecologia da Pluricomunicação (neste caso, não só do cristianismo) é capaz de fazer.

A *internet* pode ser encarada tanto como um palco quanto um repositório. Produtores de conteúdos, *vloggers* e pessoas que emitem opiniões em redes sociais geralmente encaram a *internet* como um palanque, em que buscam ser vistas e levadas em consideração, atrair

seguidores e conquistar algum tipo de notoriedade, o que também pode se converter em oportunidades de trabalho em emissoras de televisão, por exemplo. Pense em quantos comediantes começaram com produções caseiras no *YouTube* e hoje estão em programas de televisão, cinema e teatro. Os que veem a *internet* como um repositório geralmente produzem conteúdos para serem arquivados e acessados à sorte dos resultados de buscas ou para compartilharem em grupos estreitos. Em ambos os casos, todos estão constrictos às mesmas “regras” que as hipermediações proporcionam, e isso pode ser aproveitado também pela EPC.

O ecossistema das mídias é um dos pilares da EPC, afinal, carrega em si a base fundamental das teorias *multiplataformas*. Em outras palavras, engloba as três categorias de mídias de Harry Pross e as faz coexistirem como troca permanente, turbilhão e continuidade. Ainda que seja possível identificar o mesmo tipo de paralelismo proposto por Lewis Mumford em seus estudos dos meios, a EPC leva em consideração os aparatos técnicos, os ambientes digitais e analógicos, a plasticidade e a linguagem empregada neles para surtirem efeitos. Em sua entrevista, Maria Hattunen afirma que o cristianismo precisa ser reinventado para se adequar aos novos tempos – algo que a ICAR sempre fez, mesmo que dentro daquele processo descrito por Joana Puntel, como vimos na introdução desta tese. Sendo assim, a EPC está a serviço desta reinvenção.

Scolari (2008, p. 232) mostra que há contaminação entre o velho e o novo quando tratamos do ecossistema das mídias. No entanto, os exemplos trazidos em um livro de 2008 já não dão conta de traduzir as práticas atuais. Enquanto o livro fala sobre *CD-ROMs*, aqui podemos falar sobre o *TikTok* como uma força de atração da atenção de jovens para a igreja; para confrontar novamente o velho com o novo, podemos falar sobre compartilhar o folheto litúrgico via *WhatsApp* em um determinado grupo. Na EPC, porém, somente a tela não é o bastante. O ecossistema das mídias funciona como hiperônimo das possibilidades midiáticas que encontramos hoje.

O ecossistema da comunicação religiosa, por sua vez, é formado por diversos atores, entre eles, igrejas, líderes, textos sagrados, meios de comunicação e indivíduos. Em um modelo de comunicação de “um para muitos”, a abertura para interagir com conteúdos é muito restrita: é possível obter um impresso e trabalhá-lo com um pequeno grupo, como uma escola ou dentro da família. Quem oferece este conteúdo pode ser considerado um influenciador analógico, em contraposição ao influenciador digital que os meios digitais criaram. Scolari (2004, p. 96) concorda com outros autores, como Rafaeli e Heeter, que os meios digitais tendem a eliminar a diferença entre emissores e receptores, fazendo com que a *internet* proponha a manipulação dos conteúdos publicados, em termos que hoje conhecemos

como *remixes*, compartilhamento, *download*, entre outros. Sendo assim, os meios digitais iniciam essa nova etapa para a comunicação cristã.

Vamos falar sobre a adaptação à velocidade da informação. Sobretudo após a pandemia, a sociedade se acostumou em um nível praticamente definitivo ao que o meio *online* oferece, mas houve, anteriormente à *internet*, o mesmo nível de adaptação ao que o rádio, o cinema e a televisão ofereceram, conforme McLuhan (1969) ensina. A mensagem da salvação, que era restrita à fala e às escrituras, passou a ser propagada de maneira massiva às audiências. O esquema “muitos para muitos”, peculiar do *online*, possibilita que a mensagem de salvação abranja um grupo ainda maior de cristãos, tanto pelo caráter rizomático das interconexões entre os diferentes atores quanto pela própria velocidade oferecida pela tecnologia em si. Como já dissemos, antes da pandemia de COVID-19, as igrejas – principalmente as pequenas – tinham pouquíssima destreza com as redes sociais e transmissões via *internet*, porém, os decretos de isolamento social as obrigaram a adotar tais tecnologias, ou estariam de portas fechadas hoje. Essa transição se deu de tal forma que o nulo se transformou em semiprofissional e hoje, após a pandemia, existe um interesse em aumentar gradativamente este nível de profissionalismo. Claro que não são todos que conseguirão tão rapidamente, mas o intuito existe.

Em sua entrevista, Maria Hattunen diz que a Igreja Ortodoxa da Finlândia está transitando aos poucos do impresso para o digital, mas não abandonará completamente o impresso. Os custos de impressão de todos os materiais necessários ficaram muito altos e a Igreja Ortodoxa tem olhado mais para o digital, colocando textos em *sites*, enviando PDFs para grupos em aplicativos de mensagens e utilizando redes sociais para disseminar pensamentos e interpretações. Segundo ela, isso tem feito com que a participação nos eventos da igreja aumentasse e oferecido um caráter educacional, no sentido de que os idosos estão começando a compreender melhor como funciona um celular, um computador, como ler um texto pela *internet* etc. “É bom? É sacrilégio? É algo realmente mau ou é melhor que nada?”, pergunta-se Hattunen ao longo da entrevista. O que ela responde é que a transmissão dos sermões via *internet* e a publicação de textos nos meios digitais têm trazido conforto para os idosos que não podem se deslocar até a igreja. Além disso, a adoção dos meios digitais fez com que muitas pessoas pudessem conhecer e se acostumar com os hábitos e rituais particulares de sua denominação religiosa – a Igreja Ortodoxa da Finlândia.

Em contrapartida, o pastor Fernando Pupo explica que a Igreja Metodista não fez muitos avanços em termos de comunicação social. Existe na *internet* uma página da igreja em nível nacional e outras referentes às regiões das unidades; neste caso, tratamos da Terceira

Região Eclesiástica, que abrange municípios do sul, sudeste e litoral do estado de São Paulo. O site www.metodista3re.org.br reúne informações para diversos fins: documentos emitidos pelas lideranças, informações institucionais, mapas e localizações das igrejas da região e o *iConexão*, um periódico digital com matérias, editais, comunicados e convocações. A Igreja Metodista também possui um canal no *YouTube*, chamado “Igreja Metodista 3RE”, com uma diversidade de conteúdos, entre eles, palavras de sabedoria, oração, vídeos educativos e entrevistas; há também cultos gravados na época da pandemia de COVID-19, nos quais se pode notar o caráter semiprofissional das produções quando levamos em consideração o que falamos sobre “qualidade da comunicação”, citando novamente Marcos Baccari *et al* (2017). Além disso, Pupo menciona o canal “Igreja Metodista de Mairinque”, que reúne transmissões do seu próprio culto e está a serviço daquela comunidade.

O padre Daniel Balzan diz que quando existe, de fato, uma comunidade, ou seja, laços que unem pessoas efetiva e afetivamente, os meios de comunicação ajudam numa religião mais participativa. Inclusive, diz que, embora a CNBB insista para que cada paróquia tenha seu “Setor de Comunicação”, também alerta para que não sejam veiculadas propostas e interpretações equivocadas da Palavra. “A Paróquia de São Roque possui seu Boletim Informativo Paroquial Bimestral ‘Igreja Viva e Peregrina’, emitido pelo Setor de Comunicação; sua Missa Dominical transmitida a partir da Matriz; sua coluna no jornal local, ‘O Democrata’. Através destes meios, a Paróquia mantém informados os membros da Grande Família Paroquial (fiéis, voluntários e outros participantes da paróquia) e a presença da Igreja na cidade”, conclui o padre. Além disso, ainda existem alguns grupos de *WhatsApp*, seja para resolver burocracias dentro da igreja ou para conversar com fiéis. O Setor de Comunicação também transmite a missa dominical pelas suas redes sociais.

Ricardo Padavini é um líder que se apresenta muito à vontade nos meios de comunicação social, desempenhando igual fluência nos meios *online* e *offline*; suas mensagens religiosas atingem tanto seu círculo de seguidores pela *internet* quanto os fiéis que frequentam sua igreja. Ele explica que o mesmo conteúdo que transmite individualmente será transmitido para um grupo de pessoas ou pelos meios digitais. “Então é assim: seja num jornal, seja um texto, seja uma fala, seja para uma pessoa ou um grupo ou um veículo de comunicação que vai abranger milhares de pessoas, é a Palavra chegando para muita gente! É a Palavra de Jesus convidando as pessoas que estão longe do caminho do Senhor para se voltarem para Ele, para buscarem Ele: a cura, a libertação, o perdão e, sobretudo, a salvação que necessitam”, explica Padavini.

A pastora Rosângela Coivo coloca a comunicação da Igreja Geração Eleita prioritariamente no meio *online*, com um canal no *YouTube* e perfis em redes sociais, mas não abandonou os materiais impressos nem a presença física. Na visita ao prédio, pudemos constatar investimentos em equipamentos de áudio, câmeras de vídeo e espaços de convivência com mesas grandes, livros, brinquedos e outros objetos que auxiliam na fixação da fé cristã. Durante a entrevista, a pastora revelou que não faz transmissões de TV, rádio nem produz impressos devido ao alto custo destes meios, porém, é categórica, como se vê na entrevista, a respeito de a comunhão presencial ser mais importante e os meios digitais serem um chamamento à igreja.

A pastora Eunice Medeiros, da Renascer, contribui igualmente para a discussão ao trazer sua visão de que os meios de comunicação social devem ser um suporte, mas não a principal forma de professar a fé. Para ela, existem dois momentos estanques: apesar de confessar Jesus como Senhor e Salvador dentro da igreja ser a única forma de alcançar a salvação, os meios de comunicação social têm a capacidade de guiar as pessoas para este evento. A partir de exemplos práticos ao longo de sua entrevista, ela mostrou como as emissoras de televisão e rádio, assim como a *internet*, atuam como chamarizes para o encontro pessoal com os outros fiéis, assim como com Deus. Em uma situação, ela conta como uma senhora analfabeta sentia a necessidade de participar da igreja ao ouvir os programas da Rádio Gospel em seu sítio; em outra, citou como um homem já desenganado pelo hospital em que estivera internado assistiu a um culto da Renascer pela televisão e, após uma oração, recuperou-se e passou a conviver com os fiéis da igreja. Ou seja, para a pastora, a presença física é o pilar central da relação com Deus e os meios de comunicação são ferramentas para propagar a mensagem cristã no intuito de cativar as pessoas para que busquem esta presença.

Altierrez dos Santos nos explica a dinâmica de hoje da comunicação do catolicismo, principalmente por sua ótica como editor da Editora Paulus. As produções estão acontecendo em grande número: filmes católicos, produtoras católicas. No entanto, percebe-se um hiato, uma falta de clareza no foco. Três exemplos de sucessos midiáticos recentes da Igreja Católica podem ser citados. Primeiro, a agência *Church Pop*, com uma comunicação moderna, mas com pouquíssimo conteúdo relacionado à salvação; Altierrez argumenta que eles produzem textos interessantes, mas com baixo teor teológico quando se trata da salvação. O segundo é o portal “O Catequista”, que, de acordo com o teólogo, “foi popular por um tempo, mas perdeu força”. Por fim, o terceiro é o projeto “*Aletheia*”, com textos elegantes e jornalísticos, também com dificuldades para tratar da salvação. Altierrez completa: “agora

falando de mídias [eletrônicas]: na TV não. Na TV não tem nada, que eu saiba, relevante. No cinema tem alguma coisa? Tem, mas restrito. Há as histórias heróicas de alguns candidatos a santo. Na pregação do padre no púlpito da paróquia, via de regra, tenho 80% de certeza que a homilia deve ser rasa, precária, cansativa, enfadonha, chata, desconectada”. Ou seja, Altierrez dos Santos coloca um impedimento entre a preparação teológica dos líderes e leigos, a produção de conteúdo acerca da salvação e o crescimento individual e intelectual dos receptores da mensagem cristã, algo que a EPC busca combater.

De acordo com os relatos das entrevistas e as observações feitas dentro das igrejas, pudemos constatar que a adaptação à velocidade dos meios digitais se deu forçadamente em virtude da pandemia de COVID-19. Antes dela, as transmissões das missas eram muito mais precárias e o investimento maior, em equipamentos de áudio para missas e cultos presenciais. Nas igrejas que visitamos, existem mesas de som de variados tamanhos e preços, microfones, instrumentos musicais e demais dispositivos que justificam o aprimoramento da qualidade sonora pensando somente na presença física do público. Se havia transmissão pela *internet*, era feita com equipamentos de baixa qualidade, como simples *webcams* e microfones. No entanto, a pandemia mudou este cenário, e os entrevistados afirmam que a mudança é para sempre.

Os líderes precisam se preocupar não só com a parte religiosa, mas também com a financeira e administrativa das suas igrejas. Um templo vazio não arrecada doações ou dígitos para quitar manutenções, reparos e pagamentos de contas mensais, tampouco oferece a doutrina de salvação a ninguém. Portanto, a solução foi investir em equipamentos de transmissão via *internet* – e aprender a utilizá-los rapidamente. Para isso, muitas das igrejas entrevistadas se valeram de voluntários: jovens e adultos que têm destreza com equipamentos de áudio e vídeo e se propuseram a assessorar a compra e o manuseio para as igrejas. Isso teve que ser feito às pressas, afinal, havia uma expectativa dos fiéis com relação à continuidade dos programas oferecidos pelas igrejas e pela própria necessidade das igrejas – enquanto empresas, com suas implicações – de sobreviverem financeiramente.

Assistimos a algumas missas e cultos arquivados no *YouTube* durante a pandemia. O canal da Igreja Metodista de Mairinque registrou entrevistas e *lives* com fiéis via *Google Meet*, todos feitos com a linguagem visual característica de uma produção sem qualquer investimento e/ou equipamentos profissionais. “Era do jeito que dava”, constatou um dos entrevistados com o gravador desligado. As igrejas que possuem mais investimentos, porém, como a Igreja Metodista da Vila Mariana, em São Paulo, puderam fazer obras com um acabamento muito melhor em termos técnicos e estéticos, entre eles, edições com músicas,

equipamentos de corte de imagens (*switcher*), captação de vídeo e áudio de primeiríssima qualidade e intérprete de LIBRAS.

Outras igrejas protestantes que foram entrevistadas apresentam uma mistura entre transmissões improvisadas e algumas melhor cuidadas – sempre levando em consideração o conceito de “qualidade” que estipulamos para esta tese. Aqui, queremos dar ênfase às produções da Catedral Anglicana de São Paulo, que produzia o programa “Café com Deus” durante a pandemia; de todos os materiais que vimos, certamente este é o que demonstra o maior nível profissional em termos estéticos, com vinhetas elaboradas de abertura, de quadros e de encerramento, sonorização e efeitos visuais em todas as edições. É claro que um olho mais treinado percebe que são modelos prontos e adaptados ao conteúdo em questão, mas, mesmo assim, não é algo simples de se fazer. Com a apresentação do reverendo Aldo Quintão, o programa em si possui cenário elegante, cortes de câmera em cinco ângulos diferentes, participação musical e interação via comentários.

A maioria dos vídeos das igrejas protestantes tem apenas um ângulo de câmera, que mostra um palco, um púlpito ou algum espaço improvisado na época em que as regras de distanciamento estavam em sua força total. Quando olhamos para os vídeos da Igreja Carismática durante a pandemia, notamos produções semelhantes às outras: vinheta de abertura, altar, sonorização de sinos anunciando o início da missa e o padre Ricardo Padavini fazendo todo o cerimonial em frente à única câmera disponível. Os fiéis participaram pelo bate-papo do canal no *YouTube* pedindo orações e fazendo outros comentários. Neste mesmo modelo, a Paróquia de São Roque transmite sua missa dominical pelo Instagram: apenas um ângulo de câmera, captação de áudio ambiente, não diretamente pela mesa de som, e o Padre Daniel Balzan ao centro do enquadramento.

A Igreja Batista Cristo Salva, de São Roque, produzia uma série de sermões gravados com a voz do pastor Glauco Martins e ilustrações que pontuam seu raciocínio. Assistimos a um, intitulado “Só Jesus Cristo Salva”, e notamos que a produção utiliza linguagem semelhante aos outros vídeos: vinheta de abertura, sonorização, a mensagem em si e hino congregacional também fazendo as vezes de vinheta de encerramento. Não é tão elaborado quanto outros vídeos com os quais tivemos contato, inclusive demonstrando um ar de produções radiofônicas das décadas de 1960, mas, pelo que se propôs e dentro das limitações técnicas, obteve êxito.

Falando da capacidade de adaptação aos meios digitais em termos de produção artística, notamos que existe uma grande variação entre os materiais com que tivemos contato. Uma vez que as igrejas pequenas têm baixo investimento em equipamentos e

utilizam basicamente mão de obra voluntária, em que fica evidente que o treinamento é básico, é possível perceber que elas assumem riscos baixos, ou seja, não *inventam* muito para dar foco ao que é necessário. Outras igrejas, com mais recursos, conseguem produzir materiais com baixo nível de *estranhamento*, a olhos mais treinados ou para os mais leigos. Tomando como base Baccari *et al* (2017), podemos pensar em critérios como “o que se parece mais com a Globo?” ou “o que se parece mais com meu *podcast* favorito?” Dessa forma, conseguimos tangibilizar melhor o conceito de *estranhamento* a que nos referimos.

A partir da EPC, entendemos que a adaptação à velocidade da informação se deu por imposição. Antes da pandemia, os fiéis cristãos estavam acostumados com um tipo de comunicação digital que servia como um reforço ou lembrete para o evento principal, que era sempre presencial; hoje as igrejas utilizam as redes sociais como táticas de panfletagem, divulgando a agenda de missas, encontros, orações etc. Durante a pandemia, porém, a panfletagem levava às *lives* no *YouTube* ou às próprias redes sociais; hoje, buscam levar as pessoas novamente ao templo. Portanto, nota-se um ensejo de possibilidades de equilíbrio entre a mídia primária – relações pessoais – e as mídias secundária e terciária – meios de comunicação *online* e *offline*.

Nas suas entrevistas, os líderes religiosos afirmam que o número de fiéis que substituem a presença física nos templos pelos meios digitais incomoda. Baseada no que apregoa Vicente Romano sobre a questão de privilegiar as relações primárias e usar os meios *online* e *offline* com mais responsabilidade, a EPC defende que as igrejas devem nutrir os encontros em pessoa como a principal forma da propagação da salvação e utilizar outras ferramentas como reforço. No entanto, isso não significa que se deve descuidar dos meios *online* e *offline*. Pelo contrário: segundo a EPC, eles devem servir de suporte à mensagem principal e suas mensagens, ser adaptadas ao formato e ao público que se destina.

Por exemplo, se a Paróquia São Roque deseja realizar uma quermesse, a mensagem principal precisa estar centrada na congregação entre as pessoas, na troca de experiências, no trabalho coletivo e no apoio à comunidade e à própria paróquia. O convite principal, contendo toda a retórica necessária, no primeiro momento deve ser feito presencialmente, em uma missa; nas mídias *online* e *offline*, reforçar a mensagem e expandir o alcance do evento; nos meios *offline*, levando em consideração quem os lerá e que tipo de abordagem se espera, ainda tendo como foco a mensagem principal, que não se trata apenas de comer e beber, mas de participar em um espaço público e manter relações de afeto e respeito; no *online*, lembrando-se da plasticidade inerente ao meio, as táticas de propagação e o relacionamento a distância.

A EPC permite que haja aplicações, reconfigurações e modificações nos conteúdos que circulam tanto no *online* quanto no *offline* – além, é claro, da utilização do conteúdo em sua totalidade. Pensemos no seguinte: um líder religioso faz uma exposição verbal sobre a salvação dentro da igreja, que é registrada em vídeo. A partir daqui, ela pode ser compartilhada com mais pessoas, seja em um grupo de *WhatsApp*, para seguidores de uma rede social ou em um grupo de estudos; pode ser transcrita para ser utilizada como legenda de publicações de redes sociais; o texto integral ou parcial pode ser adaptado em um informativo digital, servir em um estudo das Ciências Humanas ou ser publicado em uma página HTML5 para consulta; pode ser diagramado em um impresso para ser entregue a pessoas que não possuem conexão com a *internet*; pode ser decorado e se transformar em uma apresentação de teatro. Em outras palavras, o caráter *transmedia* faz com que a mensagem de salvação consiga percorrer diversos meios, atingir diversos públicos e dar suporte ao que o líder religioso diz ao longo do encontro pessoal com os fiéis.

Pela lógica da EPC, os meios de comunicação social devem permitir que os fiéis tenham a capacidade não apenas de receber as mensagens, mas também de compreendê-las e manipulá-las de forma que elas sejam propagadas de maneira responsável e educadora, os mesmos preceitos da Ecologia da Comunicação. Por isso, também devemos abordar a ética e a responsabilidade dentro da EPC, afinal, o cristão é participante fundamental do processo e deve ter plena consciência das suas responsabilidades tanto quanto o líder religioso. O padre Daniel Balzan relata que falta educação religiosa para que os fiéis “cumpram sua parte no acordo”, explicando que a Palavra de Deus oferece, sim, uma nova perspectiva para enxergar a realidade, mas também propõe atitudes e comportamentos específicos. Por isso, a Igreja Católica Apostólica Romana enfatiza sua missão no mundo, sendo chamada a “ser luz”; essa missão é refletida na constituição dogmática da Igreja, a *Lumen Gentium*, que significa “luz dos povos” e orienta a Igreja a olhar para o horizonte. Portanto, a Igreja possui uma responsabilidade social e não existe em função de si mesma, mas do reino proposto por Jesus Cristo.

A responsabilidade social refletida pelo padre Balzan também passa pelos fiéis cristãos quando se trata de comunicação. Ele relata que a experiência vivida durante a pandemia de COVID-19 fez emergir a evangelização por meio das redes sociais e que essa solução lhe trouxe alívio, já que não havia preparação prévia para tal situação. Com o fechamento das igrejas, o isolamento das pessoas e a necessidade de manter o distanciamento social, a Igreja se viu forçada a se adaptar. Nunca havia enfrentado uma experiência

semelhante. Foi nesse contexto que a evangelização pelas redes sociais surgiu, estabelecendo-se como uma prática duradoura.

Como explica o padre Balzan, à medida que aumentam os recursos comunicacionais, crescem também os desafios e a necessidade de qualidade, tanto na utilização quanto na formação prática para usá-los; é importante capacitar pessoas para atuar nesses meios e investir na formação humana, espiritual e bíblico-teológica. “Toda cautela é necessária para não veicular propostas e interpretações equivocadas da Palavra, em dissonância com aquilo que o Magistério da Igreja propõe”. Por isso, a EPC defende que todos os atores participantes do processo comunicacional do cristianismo devem ter plena consciência do seu entorno, do que emitem e de como manipulam o que recebem para que a mensagem cristã possa ser disseminada com a devida coerência.

Pelo que descobrimos ao longo das entrevistas, pareceu claro que os líderes religiosos conhecem bem as suas responsabilidades comunicacionais quando professam as doutrinas de suas igrejas: a mensagem da salvação permanece inalterada, uma vez que está estabelecida na Bíblia, mas na prática, é alterada para satisfazer necessidades, como sobreviver ao capitalismo ou manter as portas de uma igreja abertas. O problema é conciliar a responsabilidade dos líderes com a dos fiéis, pois também se percebe que a educação religiosa está em níveis precários. Para se ter uma ideia da relação da sociedade com os meios digitais, em 19 de setembro de 2022 o *site* “Olhar Digital” publicou que 85% dos internautas leem notícias pelo *Twitter* (ou X, após a tomada de Elon Musk) como forma de sabotar ou se desviarem da grande mídia; por outro lado, em reportagem de 20 de setembro de 2022, um dia após a matéria do “Olhar Digital”!, a revista digital PropMark revela que a confiança dos internautas nos conteúdos do mesmo *Twitter* é de 23%. Como é possível se informar por um canal em que não se confia? Essa discussão é muito longa e inapropriada para esta tese, portanto, vamos focar no que a EPC pretende com relação à comunicação cristã.

Se falamos de ecologia, também precisamos falar sobre a sustentabilidade da comunicação. A ética desempenha um papel fundamental na sustentabilidade da espiritualidade cristã. Sendo assim, a EPC defende que líderes religiosos e comunidades cristãs devem aderir a padrões éticos elevados na comunicação para evitar a disseminação de informações enganosas ou que prejudiquem a verdade cristã, promovendo, assim, a honestidade e a integridade. Quando utilizamos a expressão “padrões éticos elevados”, estamos nos referindo ao que o próprio cristianismo enfatiza em suas doutrinas. Passagens como as de Mateus 7:12 (“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas”), ou Provérbios 12:22 (“Os

lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor, mas os que agem fielmente são o seu prazer”), ou ainda Salmos 25:21 (“Preservem-me a sinceridade e a retidão, porque em Ti espero”) guiam os cristãos para o que se entende como “padrão ético elevado” sem a exigência de análises tão mais elegantes. Parece bastante claro o que o cristianismo pretende.

A ética na comunicação, pelo viés da EPC, consiste em manter a essência dos valores cristãos – em concordância com a teologia praticada naquela determinada igreja – no momento em que qualquer mensagem é criada, manipulada ou replicada. É preciso haver um entendimento profundo sobre a responsabilidade não apenas do líder, mas também da equipe de comunicação da igreja e dos fiéis, de preservar sempre a doutrina da salvação, ainda que os meios de comunicação ou o espírito do tempo incitem qualquer tipo de modificação. Tanto a Igreja Católica quanto outras igrejas protestantes possuem programas específicos de ensino sobre comunicação para treinar novos profissionais e a disciplina de Ética deve fazer parte da ementa destes cursos, para que eles possam compreender o seu papel na área da Comunicação como um todo. Alunos em sala de aula são a oportunidade que o mundo tem de transformar o que é precário e improvisado em algo com a qualidade que se espera no ramo. É necessário que os alunos compreendam que não se trata apenas de um diploma, mas da própria chance que eles têm de mudar o que não tem serventia.

A comunicação da salvação no cristianismo, quando tem a EPC como fundamento, busca êxito ao inter-relacionar todos os atores envolvidos para que a mensagem seja rica em significado, não sofra alterações impertinentes e seja reavivada com interpretações significativas para a comunidade. Em outras palavras, os fiéis que se apropriam da mensagem do religioso precisam ter autonomia para replicá-la mantendo sua essência, mas também a responsabilidade de não alterá-la para criar confusão entre outros fiéis que terão contato com ela futuramente. O problema da desinformação, que afeta a política há alguns anos, deve ser combatido veementemente entre os fiéis responsáveis por replicar conteúdos dos padres ou pastores; da mesma forma, líderes que utilizam os meios digitais para divulgar ações da igreja e convidar entrantes precisam estar conscientes de que se deve construir uma atmosfera saudável e edificante. O propósito da salvação deve ser algo divulgado com o máximo de clareza, sem deturpação da teologia fundadora da fé – seja o catolicismo, protestantismo, Teologia da Prosperidade ou Teologia da Libertação.

Os líderes religiosos, as congregações e os indivíduos não operam isoladamente, mas em uma rede de relações na qual cada parte influencia e é influenciada pelas outras. A interdependência sugere que o bem-estar espiritual, a coesão e a vivência da fé de um membro ou grupo estão intrinsecamente ligados ao bem-estar dos outros membros da

comunidade e isso fica claro ao longo das entrevistas. O pastor Fernando Pupo relata que muito da burocracia da igreja hoje, após a pandemia de COVID-19, é resolvida exclusivamente por videoconferência: líderes se encontram via *Zoom* ou *Google Meet* para discutir os próximos passos de suas atividades eclesiais, organizam grupos de estudos com jovens e veiculam comunicações sobre temas ordinários, como festas e outros eventos. Da mesma forma, Eunice Medeiros relata que muitas das reuniões que faz com líderes é somente pela *internet*; encontros com os líderes máximos de sua denominação também são feitos assim, o que à primeira vista é percebido como uma comodidade benéfica, ao contrário das reclamações de que muitos fiéis deixam de ir à igreja, preferindo assistir aos cultos pelo *YouTube*. Líderes como Aldo Quintão, Ricardo Padavini e Rosângela Coivo são bastante vocais nos meios eletrônicos, disseminando mensagens de fé em canais do *YouTube*, *Instagram* ou *WhatsApp*.

Em maior ou menor grau, essas mensagens são utilizadas como substitutas da presença física nas igrejas, mesmo com a reprovação já discutida neste estudo. Por exemplo, o canal do *YouTube* da Igreja Geração Eleita oferece “cortes” (pequenos trechos relevantes ao público) dos cultos que promove, que contêm um duplo caráter: podem ser utilizados como reforço de um ensinamento proferido ao longo de um culto, com a capacidade de “viralizar” (o grande troféu da *internet*), ou, em alguns casos, servir como material para cobrir a ausência dos que não participaram presencialmente. De qualquer maneira, estes “cortes” jamais suprem o contato humano e a atmosfera criada dentro de uma igreja quando o intuito é professar a salvação.

Durante a pandemia de COVID-19, essas produções digitais tiveram a única tarefa de suprir a ausência provocada pelos decretos de isolamento social; depois, virou prática comum. A pastora Eunice Medeiros faz a denúncia: “durante a semana, a igreja tem poucas pessoas porque, com a pandemia, elas aprenderam a assistir cultos pelo *YouTube*”. Assim, entende-se que os meios de comunicação digitais, como plataformas de vídeo e redes sociais, não são mais a exceção para que a igreja mantivesse suas atividades e propagasse suas mensagens durante o isolamento: eles se tornaram a regra, mas trouxeram como efeito colateral a preguiça. Disse Eunice Medeiros: “e não adianta, sabe? Às vezes eu chamo alguém e falo ‘você vai lá na igreja?’, ao que a pessoa responde ‘ah, não, pastora, vou assistir no *YouTube* aqui na minha casa, vou assistir na televisão’. Não vem”.

Essa interdependência entre os líderes religiosos e a comunidade se reflete em como a comunicação das suas mensagens, ensinamentos e orientações afeta diretamente a compreensão e a prática da fé pelos membros da congregação. Na EPC, os fiéis têm a

liberdade de manter contato com os líderes por meio de suas publicações, inclusive compartilhando e comentando os temas abordados. Entretanto, a troca de experiências, conselhos e suporte emocional entre indivíduos só terá a devida força e coesão comunitária se for direcionada para a presença física dentro do templo, pois, de acordo com os entrevistados, este é o ápice da promoção de um ambiente de crescimento espiritual coletivo. É certo que as redes sociais e as tecnologias digitais estão transformando as dinâmicas de interação na comunidade cristã, permitindo uma comunicação mais rápida e abrangente, porém, a presença física e o testemunho público de fé são exigências para validar a salvação. Ou seja, ao mesmo tempo que essas ferramentas possibilitam que os membros da comunidade se conectem de maneiras antes impossíveis, compartilhando recursos, participando de discussões e reforçando a interdependência através de plataformas digitais, sempre é necessário conservar as relações interpessoais sem mediação, afinal, é o que tanto a EPC, com base na Ecologia da Comunicação, e a própria teologia cristã exigem.

No entanto, essa adaptação às mudanças culturais provocadas pelos meios de comunicação não resulta apenas em uma análise, na qual eles se tornam vilões, uma vez que a EPC defende o uso consciente sem que o relacionamento humano seja totalmente suprimido por estes meios. Como já comentamos, igrejas e líderes religiosos estão utilizando plataformas digitais como *sites*, *blogs*, *e-mails*, aplicativos e vídeos para disseminar desde conteúdos inspiradores, sermões, ensinamentos e mensagens espirituais até eventos para interagir com a comunidade, o que permite que eles alcancem um público mais amplo, incluindo aqueles que não podem frequentar fisicamente as igrejas – e não há problema nisso. Sempre nos remetemos a Marcos 16:15 – e pessoas novas, especialmente jovens que são usuários frequentes dessas plataformas. O problema começa quando o relacionamento com os fiéis acaba aí.

Existe uma faceta dessa adaptação: a facilidade de a *internet* ser um palco. Ela pode comportar facilmente líderes religiosos que entendem muito bem o que estão falando, mas igualmente abarca os aproveitadores e os que distorcem a mensagem cristã e toda a educação que está por trás dela. É disso que a *Inter Mirifica* está falando quando exige que os meios de comunicação sejam “retamente utilizados”; ou seja, isso é uma demanda tanto de católicos quanto de evangélicos. O padre Daniel Balzan e a pastora Eunice Medeiros demonstraram esta preocupação ao longo de suas entrevistas. O padre ressaltou que, de acordo com o Concílio Vaticano II, o uso dos meios de comunicação social devem ser feitos com responsabilidade: “a *Lumen Gentium* esclarece que não se pode falar da salvação sem mencionar a Igreja fundada e desejada por Cristo”. A pastora Eunice segue o mesmo

raciocínio, ainda que dentro da teologia professada pela Renascer, ao dar um exemplo sobre como os ensinamentos cristãos podem ser distorcidos para criar uma aura de emoção: “só que, muitas vezes, é mais agradável. Vou te dar o exemplo: um pastor falou que Jesus transformou água em vinho no casamento lá em Caná, mas que essa água era suja, que as pessoas tinham lavado os pés. E não é isso! O que está escrito na Palavra é que Jesus mandou encher as talhas com água, que é a água da purificação. A água da purificação, o que é? Como eles vinham a pé, eles chegavam, lavavam os pés para entrar na festa. E essa água era jogada fora!”

Conclusão: os meios de comunicação permitem que a mensagem cristã permaneça acessível e transformadora, como os próprios líderes desejam. Contudo, a irresponsabilidade, os interesses pessoais e a vaidade dos que utilizam a *internet* apenas como palco devem servir de alerta para que a comunicação da salvação não seja distorcida. A Ecologia da Comunicação, e por consequência a EPC – com teorias que focam em entender a comunicação como um sistema orgânico que interage com o ambiente – não são inerentemente contrárias ao uso das mídias digitais. Em vez disso, as teorias se preocupam em analisar como a comunicação, incluindo o uso das mídias digitais, afeta e é afetada pelo ambiente em que ocorre.



A EPC está a serviço da preservação da fé enquanto modelo de consciência religiosa e prática comunicacional das igrejas. Assim como a ecologia ambiental se preocupa com a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras, esta teoria se empenha em promover a sustentabilidade espiritual em direção à preservação e a transmissão da mensagem cristã em caráter intergeracional. Como um sistema religioso, o cristianismo busca conservar doutrinas, valores e princípios essenciais que precisam ser comunicados com responsabilidade e mirando resultados, sendo o principal deles a salvação. O “objetivo do jogo” que descrevemos é alcançado com a manutenção de práticas comunicacionais que permitam que os fiéis compartilhem momentos de fé e comunhão dentro de seus templos e utilizem os meios de comunicação social como reforço para seu compromisso com Deus.

ETAPA 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A salvação é um paradoxo. Ela não é dada pelas obras, mas precisa ser construída diariamente. Ela nunca mudou na sua essência, mas mudou pela vontade de homens que desenharam círculos em volta de si próprios e puxaram para dentro os que concordam com eles. “Na Palavra, todo mundo é salvo, mas ninguém voltou para contar. Então a gente não sabe”, diz a pastora Eunice Medeiros. Se é por eleição, se é por vontade própria, se aconteceu antes ou depois do pecado original, se é por um caminho ou por outro... Ninguém tem certeza de nada. Tudo que sabemos é que homens brancos colonizadores deliberaram para decidir se indígenas tinham alma ou não para que pudessem ser salvos pelo cristianismo; deliberaram se nós, brasileiros, éramos pessoas ou animais.

Como Agostinho pede, estar bem resolvido com a doutrina da salvação tem a ver com a Aposta de Pascal: se acreditamos que existe um Deus, é bom que obedeçamos às Suas leis para sermos salvos, pois, se Deus existe e não O obedecemos, é um risco muito grande a se correr. A salvação trabalha no limiar entre a incerteza e a convicção, exatamente como uma aposta. Como objetivo do jogo de Deus, a salvação foi objeto de escrutínio para que novas dissidências fossem criadas ao longo dos séculos, mas toda vez que voltamos à cristologia original, ao protocristianismo, percebemos que as regras são bem mais simples do que impõem teólogos, templos e líderes.

A Bíblia de Jerusalém, da editora Paulus, explica bem isso no livro “Atos dos Apóstolos” e fala das primeiras comunidades cristãs. Em 2:42, “eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” e, no versículo 44, “todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos segundo as necessidades de cada um”. Esta simplicidade é diametralmente oposta a todo o sistema de poder e burocracia dos judeus do Oriente Médio e, mais tarde, à fundação do cristianismo na Europa. Imagine compartilhar ao invés de acumular! Imagine despir-se das vontades de poder e controle para fazer o bem comum! As irritações pelas quais Jesus passa em diversos trechos da Bíblia são um claro sinal de que até mesmo os Seus seguidores mais próximos tinham dificuldade em entender Sua proposta.

O cristianismo forjado nas relações de trabalho escravocrata e feudal, que compreende ao menos 1600 anos de história, é antagônico ao que Jesus Cristo queria. Nos “Atos dos Apóstolos”, 4:32: “a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum”.

Não é necessário salientar o quanto isso é escandalosamente inverso à dialética capitalista também. Assim sendo, entende-se que o trabalho dos padres fundadores do catolicismo, e depois dos teólogos protestantes, foi acoplar um cristianismo que fosse subserviente aos sistemas de poder, não uma prática de fé genuína como se pede nos Atos.

O problema da salvação é que ela originalmente não se encaixa na dialética do capitalismo nem na busca por capital social, que pode ou não se converter em capital financeiro; a salvação *precisou* ser vinculada ao capitalismo para que fizesse sentido aos diferentes grupos sociais que compõem as religiões, o que responde, por exemplo, à afirmação de que cada estrato social tem sua própria concepção de salvação, mesmo quando diferentes estratos se reúnem sob o mesmo teto para rezar. O capitalismo, o *marketing* e a comunicação são uma grande roda que faz o conceito de salvação ser distorcido para que se encaixe nos desejos da sociedade capitalista.

As mídias digitais tiraram do caminho intermediadores que antes eram responsáveis pela definição do *status quo* de uma sociedade. Pensando na música, antes da *internet* eram os produtores, radialistas e agentes de gravadoras que definiam o que ouvíamos nas rádios e quais discos deveriam ser comercializados. Hoje não é mais assim: quem define o *status quo* é o próprio público, deixando o músico a cargo de, além de tudo, ainda ser especialista em produção de conteúdo para redes sociais e aplicativos para se destacar na multidão. De acordo com o site “*ChartMetrics*”, em que fizemos uma consulta pública, no ano de 2024 foram lançadas diariamente nas plataformas de música 28.700 músicas – sem que se diga quantas delas são de robôs ou inteligência artificial. No caso da comunicação, é a mesma coisa: as plataformas de vídeo e as redes sociais excluíram produtores de televisão, caça-talentos e outros intermediadores e colocaram na própria sociedade a responsabilidade de ter a desinibição, o carisma e o investimento de tempo e dinheiro para se destacar, tanto que começou um processo inverso: artistas que começaram no *YouTube* estão indo para emissoras de televisão, telas de cinema, livros e outros meios ditos “tradicionais”. Não é diferente com os comunicadores religiosos: hoje, existe uma plethora de líderes que compreendem, se aproveitam com eficiência da transmediatização e atuam tanto nas emissoras de TV e rádio religiosas quanto no *YouTube* ou *TikTok*, e vão de um ao outro com a mesma fluência para atingirem seus públicos desejados.

A dicotomia entre fé e obras, como debateram Martinho Lutero e Erasmo de Roterdã, parece estar plenamente superada. De acordo com as entrevistas, parece muito claro que a salvação vem, antes de tudo, pela fé, o que explica a conversão dentro de presídios, entre outras coisas. O problema é o que se faz com as obras, afinal, os seus modelos estão ligados

ao tempo em que se vive. A dialética da Idade Média permitiu um tipo de obra bastante introspectivo de compromisso com o sagrado: a clausura, o silêncio, o autoflagelo, a repetição de orações, o trabalho dentro da hierarquia das igrejas, sobretudo a Católica.

Agora, na dialética do capitalismo, a acentuação das mídias oferece outro tipo de obra que se mistura com a comunicação: o religioso precisa não apenas ser, mas também parecer e divulgar. Então, a frase “caridade com publicidade é vaidade” terá uma explicação muito mais ampla e complexa. No contexto do capitalismo, as obras têm a ver com o bem-estar coletivo e com o próprio capital social do indivíduo que as pratica. Isso não significa que as práticas idealizadas na Idade Média não consigam transpor o efeito do tempo, mas que, dependendo da teologia e da igreja, esses dois modelos serão concomitantes. Os intuitos são diversos: existem religiosos altamente comprometidos com o sagrado, mas que se sustentam apenas no discurso, no canal do *YouTube* e no *podcast*, e não nas atitudes que, de acordo com a Ecologia da Comunicação, promovem equilíbrio, cooperação, ética e respeito.

Mesmo assim, essa demonstração de compromisso com o sagrado não ressona totalmente com o público fiel. A partir das entrevistas, a ideia de salvação está mais atrelada a um sentido de ausência do que de presença de atitude. “Se eu não fizer tal coisa vou para o céu”, “se eu não me comportar de forma inadequada serei salvo” e coisas do tipo, ou seja, no imaginário popular a salvação tem muito mais a ver com a negação de determinados comportamentos do que com a pró-atividade. Dessa forma, as obras acabam sendo feitas por pessoas com um nível de comprometimento com o sagrado acima do que se espera do geral, em vez de serem positivas e unânimes em relação à fé e à salvação.

Ateus fervorosos costumam utilizar uma frase apócrifa de Napoleão Bonaparte: “religião é uma coisa excelente para manter as pessoas comuns quietas”. Depois deste estudo, é possível perceber o quanto esse pensamento está equivocado. Não foram pessoas comuns que estabeleceram as bases teológicas que temos hoje e tampouco são pessoas comuns que mantêm estas religiões em pé. O uso do cristianismo como instrumento para tentar instaurar a teocracia, sobretudo pelo movimento de direita e extrema-direita, continua sendo um atentado ao Iluminismo, porém, observar mais de perto o trabalho de pessoas simples, mas incomuns, na divulgação da salvação como um meio para passar pela vida sem exageros mostra esse copo “meio cheio” das religiões.

Aqui não falo sobre aborto, casamento homoafetivo, pedofilia na Igreja Católica ou pastores estelionatários – apesar de não fechar os olhos para isso. Aqui falo sobre os caminhos individuais para a salvação e a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo é a sistematização da consciência e do fazer comunicacional para atingir este objetivo dentro

dessa teologia. Neste aspecto, as denominações sobre as quais me debrucei têm se mostrado ávidas a chegar lá. Ainda não é suficiente, mas é perceptível que o movimento não perde força. Nesta tese falo sobre como os estudos em comunicação ajudam a organizar o pensamento em prol da salvação, e como a instrumentalização dos meios de comunicação social permite tal possibilidade.

Então, o que é a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo? É a luta contra a preguiça e o comodismo; é o exercício do senso de ridículo para combater o simplismo e a ineficiência; é conversar com diversas gerações ao mesmo tempo e fazê-las conversarem entre si; é reavivar a experiência da fé cristã aos moldes das Escrituras. Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo significa criar a necessidade de pessoas se olharem nos olhos ao dizerem o que querem e o que pensam; é a fusão moderna do que ensinaram Innis, McLuhan, Pross, Romano, Scolari e tantos outros pesquisadores em universidades, congressos e livros – e também o que *eu* estou dizendo agora. A Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo é um modelo voltado a dirimir o peso do capitalismo sobre os ensinamentos de Cristo, não apenas no que tange à salvação, mas na própria compreensão da fé e sua prática em termos de mídia primária. Da mesma forma que a Ecologia da Comunicação não é contra os novos meios de comunicação, a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo deseja que os meios eletrônicos sejam usados de forma a estimular as relações físicas e pessoais. Agregar pessoas em torno de um ideal comum é o cerne do cristianismo das primeiras comunidades e não deve ser substituído por telas.

A inteligência artificial está ameaçando o talento humano, ao mesmo tempo que empodera aqueles que não têm um talento específico. Eu, que mal sei desenhar, posso gerar ilustrações complexas com algumas poucas palavras; toco instrumentos, mas não sei cantar e, com a devida paciência, posso colocar uma voz feita artificialmente – e quase imperceptível – nas minhas composições. Os *chatbots* estão substituindo as pessoas, substituindo o original, o imprevisível, o magnífico, e as pessoas estão se acostumando a isso. O “passável” está virando padrão de qualidade. Isso não pode acontecer. Temos a Ecologia da Comunicação para lutar contra isso. No caso da religião, agora temos a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo.

Esta tese defende o humanismo sem ser apocalíptica. Como disse ao longo do estudo, não precisamos ser contra as coisas, mas não podemos deixar que elas nos substituam; precisamos defender nosso talento. Uma igreja que tira foto de um panfleto impresso e o reproduz numa rede social precisa ler esta tese. Um líder que escreve um texto com Registro Cuidado para um jovem impaciente precisa ler esta tese. A “Bíblia na Nova Tradução na

Linguagem de Hoje” é um grande exemplo da Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo a serviço da salvação, uma vez que fala na linguagem de quem entende (o jovem) naquele recorte de tempo específico (a juventude); depois, mais velho, o cristão pode partir para as versões mais “duras”. No entanto, isso não elimina a necessidade de levantar cedo aos domingos e ir à escola bíblica para encontrar pessoas, conversar e compartilhar a vida. É isso que Jesus quer, afinal de contas!

Dessa forma, pode-se concluir que se confirma a nossa hipótese de que as mídias desvirtuam o conceito de salvação do cristianismo, mas são utilizadas como ferramentas da roda capitalismo-*marketing*-comunicação para que se obtenha capital social e financeiro. Como insistimos ao longo desta pesquisa, a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo não deseja eliminar os meios digitais e voltar ao protocristianismo; ela espera que desviemos do foco de que a comunicação da salvação seja primordialmente mediada por telas, que deveriam ser um auxílio para a interação pessoal – a mídia primária nas categorias de Pross – para que a salvação possa acontecer como os líderes religiosos entrevistados desejam.

O que um cristão pode aprender com a Ecologia da Pluricomunicação do Cristianismo? Vá à igreja, diga diante de todos que você quer ser salvo e encontre as pessoas que também o querem; aprenda um instrumento com um professor e toque na banda do seu culto; vá à escola bíblica; faça catecismo e crisma; batize-se nas águas do rio de sua preferência; distribua as comunicações da sua igreja dando seu testemunho sobre como aquilo é importante e te faz bem. Seja cristão como Cristo quer, não como seu líder religioso obriga. Comunique sua fé e você terá uma experiência cristã plena.

REFERÊNCIAS

BBC. **Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e RJ.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

BACCARI, Marcos; PORTUGAL, Daniel B.; PADOVANI, Stephania. **Seis eixos para uma filosofia do design.** Estudos em Design (Revista Online). Rio de Janeiro: v.25, n. 1, 2017, p. 13-32.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: www.biblioaonline.com.br. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

CARTA CAPITAL. **Pesquisa mostra que 16% da população mundial não têm religião.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pesquisa-mostra-que-16-da-populacao-mundial-nao-tem-religiao/>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

CALVINO, João. **A Doutrina da Eleição.** São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO. Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilio/trento/#>. Acesso em: 9 de mai. de 2022.

DADOS MUNDIAIS. **Difusão do Cristianismo.** Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/religoes/cristianismo.php>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização: a Reforma Protestante do Século XXI?**. Tese de Doutorado. 2010. Unisinos.

HIPONA, Agostinho de. **A predestinação dos Santos.** Teodoro Editor: Rio de Janeiro, 2018.

HIPONA, Agostinho de. **Confissões.** Abril: São Paulo, 1979.

HOUSTON, Robert A. **The growth of literacy in western Europe from 1500 to 1800.**

Disponível em:

<https://brewminate.com/the-growth-of-literacy-in-western-europe-from-1500-to-1800/>.

Acesso em: 16 de jan. de 2024.

IGREJA METODISTA. **Cânones da Comunicação Cristã.** 2012.

INNIS, Harold.. **O Viés da Comunicação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

INTER MIRIFICA. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 25 de ago. de 2025.

KATZ, Elihu; LAZARSELD, Paul F. **Personal Influence:** the part played by people in the flow of mass communication. New Brunswick: Transaction Publishers, 1955.

LAZARSELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. **The People's Choice.** New York: Columbia University Press, 1944.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco. **O livre-arbítrio, o servo arbítrio e a presciência divina.** Pensando: Revista de Filosofia. Vol. 10, n. 21, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339160128_O_Livre-Arbitrio_o_Servo-Arbitrio_e_a_Presciencia_Divina. Acesso em: 27 de abr. de 2024.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

HOBBS, T. **O Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

INNIS, Harold. **O viés da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

OLHAR DIGITAL. **Twitter mostra que 85% dos seus usuários leem notícias pelo menos uma vez ao dia..** Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/09/19/internet-e-redes-sociais/twitter-mostra-que-85-dos-seus-usuarios-leem-noticias-pelo-menos-uma-vez-ao-dia/>. Acesso em: 27 de mai. de 2024.

PLANO NACIONAL MISSIONÁRIO. Igreja Metodista. 2023.

PORTAL LUTERANOS. **Diretrizes para a comunicação da IECLB**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/diretrizes-para-a-comunicacao-na-ieclb. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

PORTAL LUTERANOS. **Programa de Qualificação da Comunicação da IECLB**. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/qualificacao-da-comunicacao>. Acesso em: 14 de mai. de 2024.

PROPMARK. **Cai a confiança dos usuários nas principais redes sociais, aponta relatório**. Disponível em: <https://propmark.com.br/cai-a-confianca-nas-principais-redes-sociais-nos-estados-unidos-aponta-relatorio/>. Acesso em: 27 de mai. de 2024.

PUNTEL, Joana T. **Contribuições e desafios das mídias católicas**. 2011. Disponível em: <https://paulinascursos.com/contribuicoes-e-desafios-das-midias-catolicas/>. Acesso em: 9 de jan. de 2024.

ROMANO, Vicente. **El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida**. Hondarribia: Hiru, 1998.

ROMANO, Vicente. **La Ecología de la Comunicación**. Hondarribia: Hiru, 2004.

SAMANES, Cassiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. **Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SANTOS, Flávyo Henrique Costa. **Manual de Teologia Harminiana**. Caxias-MA: 2021.

Disponível em:

<https://ia904509.us.archive.org/33/items/manual-de-teologia-arminiana-2021/Manual%20de%20Teologia%20Arminiana%202021.pdf>. Acesso em: 27 de abr. de 2024.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hipermediaciones**. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Narrativas Transmedia**: cuando los medios cuentan. Bilbao: Deusto, 2013.

SCOLARI, Carlos Alberto(org.). **Ecología de los medios**: entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

UNITATIS REDINTEGRATIO. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acesso em: 25 de ago. de 2025.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO - REVERENDO ALDO QUINTÃO IGREJA ANGLICANA DE SÃO PAULO

Gostaria de começar, apenas como forma protocolar, perguntando seu nome e qual posição o senhor ocupa na sua igreja.

Meu nome é Aldo Pereira Quintão, e eu sou o pároco da Catedral Anglicana de São Paulo.

Qual é a designação da Igreja Anglicana? É Sui Iuris, sem comunhão com Roma, protestantismo inglês...

Esta igreja específica aqui começou como uma missão da Igreja Inglesa, a Igreja Britânica, junto aos que vieram trabalhar no Brasil na abertura dos portos. Tem um documento assinado entre Portugal e o Reino Unido onde [sic] era feita a abertura dos portos pelos britânicos, e eles vieram também para construir as estradas de ferro. Aqui em São Paulo, notadamente, essa comunidade viria a construir a Estação da Luz, o Viaduto do Chá, o Viaduto Santa Ifigênia e todas as estradas de ferro. Aí os ingleses se reuniam nas casas, e depois, em 1873, eles resolveram constituir, então, formalizar o que já existia. Então, esta comunidade, esta Catedral foi juridicamente reconhecida, registrada em cartório em 1873. Ou seja, este ano ela completa 150 anos de registro documental. E o templo, este templo aqui, que a primeira comunidade era no centro, ao lado da Estação da Luz, onde se concentrava a maioria dos trabalhadores, este templo foi constituído aqui no Alto da Boa Vista, uma região que na época eram chácaras – por isso se chama Chácara Alto da Boa Vista –, faz agora em novembro 56 anos. E, nestes 150 anos, todos eram britânicos, todos vieram de Londres. Eu sou o primeiro a ser titular, ser reconhecido e registrado em cartório, que é brasileiro, que é caipira. Eu sou formado pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR daqui em diante) e fiz a minha portabilidade para cá, oficialmente também, há 25 anos.

Somente a título de explicação para a pesquisa, qual seriam as diferenças e similitudes entre a posição do senhor como Reverendo na Igreja Anglicana e de um padre na Igreja Católica?

Se eu estivesse na ICAR hoje, eu seria aquele padre que fica na Catedral onde fica o bispo. Por isso se chama 'pároco'. Às vezes a pessoa fala assim: vá reclamar com o vigário! Mas o vigário é o auxiliar do pároco, que é o titular da igreja. Na Igreja Anglicana, as pessoas costumam falar "deano", dean, quer dizer, aquele que é o mais importante na estrutura da Catedral. Ele está acima de todos, só não do bispo. Então, eu sou pároco desta igreja. Para as pessoas entenderem, há uma outra situação que é a seguinte: a Comunhão Anglicana são as igrejas espalhadas pelo mundo que se unem como se fosse um sindicato. Eles dizem: olha, nós gostamos e seguimos as normas da Igreja da Inglaterra, mas o bispo da Inglaterra não tem autoridade sobre as igrejas espalhadas pelo mundo. A gente tem uma autonomia. Por exemplo, esta daqui, hoje, tem sido criada pelos britânicos por ser um terreno próprio, por ser uma comunidade própria. Ela é uma igreja totalmente autônoma e independente. Óbvio que no estatuto está dizendo: nós temos como nosso principal líder religioso o Arcebispo de Cantuária, seguimos a tradição anglicana, e para ser bispo aqui só pode ser eleito quem seguir a tradição anglicana. Então, para exemplificar: um bispo de uma igreja protestante ou o líder evangélico de uma igreja pode ser bispo aqui? Não. Um bispo católico romano pode ser bispo aqui? Não, a não ser que a gente mude o estatuto. Estou falando das duas formas, da forma jurídica como da forma espiritual, para as pessoas poderem entender e a gente não ficar preso – acho que vai ser o centro da sua pesquisa – o seguinte: nesse mundo moderno e mundo da comunicação, o que é que está valendo mais: a lei da igreja ou o que existe de verdade? Por exemplo, quando a gente fala de ICAR, a gente entende que ela está baseada no rito romano. E o rito romano, o direito romano, é assim: "Roma locuta, causa finita". Ou seja, Roma falou, não se discute. Dura lex sed lex. A lei é dura mas é a lei. A Igreja Anglicana: senso comum. Então, já vou responder ao âmago do seu questionamento, do seu trabalho. Então, por exemplo, a ICAR discute se você assistir à missa, mesmo que ao vivo, tem o mesmo valor. Eles vão dizer que não, que você tem que ir ao templo para assistir, que é uma – tanto é que eles até dizem: comungue espiritualmente com a gente, né? E você não pode assistir à missa gravada – não sei se já te falaram isso; tem que assistir à missa ao vivo. E a Igreja Anglicana não vai me questionar.

Sim, a missa é ao vivo.

O que é mais importante na vida de uma pessoa? O que traz a salvação para uma pessoa? As atitudes dela. As minhas atitudes. Então, eu posso estar ao vivo dentro do templo e não ter atitudes cristãs, e não ter atitudes de empatia – com a dor do outro –, com a necessidade do outro, e eu posso assistir sempre – até gravado – e me conectar com Deus através daquilo, quem é Cristão, que nós aprendemos com Jesus. O que era comum na época de Jesus? A pessoa ia ao altar, pegava um rolo, que era um papiro – não era uma Bíblia como é hoje; ainda não tinha o [Johannes] Gutenberg, não –, então a pessoa ia lá, desenrolava e lia aquilo que a gente chama de Torá, os livros judaicos, em especial o Pentateuco – “penta”, cinco; cinco primeiros livros. Aí você ia lá e lia, lia. Aí um cidadão chegou e falou: Jesus, aqui está o livro do Levítico. O que é Levítico? Lei! Para as pessoas entenderem: seria como nosso Código Civil, código criminal. Por exemplo: você matou, você roubou, você estuprou, você lesou alguém... Aí o advogado vai lá, pega o Código, ou o Juiz, ou o promotor, ou para te acusar ou para te defender. O que você fez, está dentro da lei? Está contra a lei? Então a Igreja tem isso, a IAR tem isso, também. Ela tem o livro das leis, como tinha antigamente. Aí o cidadão abriu e falou: Senhor, tem 613 leis! Eu não consigo decorar todas! Aí Jesus disse: enrola o rolo, coloque no altar. Depois ele falou: ame a Deus sobre todas as coisas, e a teu próximo como a ti mesmo, e isso te basta. Ou seja, ele resumiu tudo no amor, na caridade, na bondade, na empatia. Hoje, hoje, se você viver em comunidade, a ciência já prova que isso é bom. Ela não está dizendo que a comunidade deva ser religiosa, ou evangélica, ou católica, ou protestante ou budista; está dizendo que a vida religiosa faz bem, que viver em comunidade faz bem. Viver numa comunidade terapêutica – tem que ser terapêutica!; uma que não adoeça as pessoas! – também faz bem para as pessoas. Então, o que que eu acredito? E quero respeitar todas as pessoas, quero respeitar você na sua tese... O que é importante? Importante é eu ser feliz, desde que isso não esteja acarretando na infelicidade dos outros. “Ah, eu quero subir na empresa, então tenho que pisar em alguém”. Está errado! Está errado. “Ah, eu quero aquele cargo. Vou fazer fofoca dos que pretendem aquele cargo”. Está errado, está errado. Olha uma visão mais moderna, por exemplo, que é da inclusividade: aquele cargo, todos têm direito de concorrer a ele – e este é um pensamento que eu tenho –, e que a pessoa possa chegar a ele por méritos, e que também não seja desclassificada por causa de cor, raça, credo ou gênero. Cargo que precisa daquela pessoa. Então, baseando — porque, antigamente, como era a religião de alguns? “Dê o cargo para quem é da nossa religião. Dê o cargo para quem é cristão. Dê o cargo para quem é casado. Não dê o cargo para quem for divorciado. Não dê o cargo para quem usa método

contraceptivo. Não dê o cargo para quem fez tratamento para engravidar”. Tudo isso por quê? Porque você tem o código de direito canônico, que seria o Pentateuco, que seriam os Códigos Civil e Criminal do Direito. Então, aquele código da igreja romana, e que quem é romano segue – e eu não estou criticando; estou só botando um contexto histórico da pergunta que você me fez sobre a diferença da Anglicana para a Romana –, então está lá: abortou, pecado mortal; sexo antes do casamento, pecado mortal; uso de anticoncepcional, pecado mortal; tratamento para engravidar, pecado mortal; divorciados que querem comungar na igreja, pecado mortal; masturbação, pecado mortal. Ai você vem para o Anglicanismo: common law, senso comum. Por exemplo, agora, agora, foi descoberto agora! Está nas notícias hoje: um senhor, padrasto, engravidou uma menina de nove anos. Ai a ciência diz: esta menina não tem condições emocionais nem condições estruturais de uma gravidez. Então eu, como Anglicano, falo: sou a favor de que a ciência interrompa esta gravidez por um bem maior. Ai um romano diz: não! Está na lei! Dura lex sed lex. Roma locuta, causa finita. Não façam amor que é pecado. Me procura uma pessoa que é infeliz. Vamos para casos extremos: que apanha, que é traída, que é abusada... Que não é feliz, pronto! “Eu não sou feliz, eu não quero viver mais isso”. Então não viva! Ai, o direito romano: Roma locuta, causa finita. Casada é até o fim. A Igreja Anglicana: não, você tem que procurar sua felicidade sem fazer a infelicidade do outro. Então, vamos lá: eu faço minhas missas pelo Facebook e faço minhas missas pelo YouTube. Qual a diferença de vir aqui na igreja? Que é bom, que é bacana, a gente convive, cumprimenta o outro, vive em sociedade, troca energia, isso é legal. Agora, para mim, na minha opinião: eu me conecto espiritualmente com Deus pelas missas televisionadas? Conecto. Posso ter uma mudança de vida ali? Posso. Aquilo pode me fazer tão bem como se eu estivesse presencialmente no campo da espiritualidade? Pode, pode e eu acredito nisso. Tenho zero dúvida sobre isso. Por exemplo, outra diferença que você falou – e agora vou crescer um pouco mais e botar o mundo evangelical: protestante ou evangélico, o pastor tem que casar para dar o exemplo. Católico romano: o padre não casa. Anglicano: quer casar, casa; não quer casar, não casa. Igreja romana, ou algumas evangélicas protestantes: só o homem pode ser líder. Igreja romana: só o homem pode ser líder. Na Igreja Anglicana: mulher pode ser líder também. Tem reverendo e reverenda. Tem padre e reverenda. O divorciado é obrigado a deixar de ser reverendo ou reverenda? Não! Se ele não cometeu nenhuma ilicitude de gravidade — as pessoas confundem que o divórcio... Não, o erro está em como você fez o divórcio.

[Pausa por queda na conexão]

Então vamos voltar lá. Antes eu queria deixar bem claro, Luiz Guilherme, o seguinte. Eu sempre digo aqui na igreja: eu nunca faço comparação dizendo que eu sou melhor. Jamais faria isso. Eu apenas distingo para as pessoas entenderem. Por exemplo: este ano, a Páscoa judaica, a Páscoa cristã e o Ramadã vão estar juntos²³. Inclusive vou te mandar um convite se você quiser vir! Vai ter uma festa aqui na Catedral. Algumas igrejas – e eu tenho que respeitar; não vou brigar com a comunidade ou com o líder religioso – não concordam que você receba e dê a palavra para que um muçulmano ou um judeu possam se manifestar e orar na sua igreja. Aqui na Catedral eles podem. Por que eles podem? Primeiro: se você diz que a religião tem que promover a paz, a integração e a interação das pessoas, e você tem que buscar respeitar, e fazer para o outro aquilo que você gostaria que fizessem por você, então se você estivesse no mundo muçulmano, você gostaria que tivesse um espaço para você conviver? Se você estivesse num mundo eminentemente judaico, você gostaria de ter um espaço? Gostaria. Então faça o mesmo. Então, há alguns anos a gente acompanha este grupo, e este ano aqui na Catedral vai ter a celebração e a confraternização, ou seja, um jantar, porque no mundo islâmico quando nasce o sol e até o pôr do sol durante o Ramadã você não se alimenta. Aí quando anoitece, você convida pessoas para a refeição, para conviver com elas, para dizer da sua felicidade e sua alegria. Então, quando o sol se pôr naquele dia, aí judeus e cristãos vamos nos reunir com os irmãos para convivemos. Aí volta naquilo que a gente conversava no início: então, vale ou não vale a oração da missa pelas redes sociais? Vale ou não vale receber a oração e a meditação de um judeu, ou só vale a minha porque só Jesus é o caminho, a verdade e a vida, pois só Jesus salva? Então, esse é o jeito da Catedral Anglicana de São Paulo, esse é o jeito da maioria dos anglicanos. Tem gente que pensa diferente na comunhão anglicana? Tem! E ele tem que ter o direito de pensar diferente, porque se ele não puder pensar diferente, nós não somos inclusivos. É mentir. Ser inclusivo é fazer do jeito que eu quero? Não, não é. Por exemplo: aqui na Catedral Anglicana não tem imagem, não tem imagem dentro da igreja. Pronto.

Desculpe a interrupção, mas não tem por algum motivo particular ou é uma decisão em conjunto?

²³ Nota do pesquisador: em 2023, a Páscoa judaica se dá entre os dias 5 e 13 de Abril; a Páscoa cristã se dá em 9 de Abril; O Ramadã se dá entre 21 de março e 22 de abril.

Tem pelo que vou falar para você agora. Você diz que esta igreja aqui é inclusiva. Está bom. O que significa ser inclusivo? A gente quer que todos se sintam bem aqui. Como é que o evangélico vai se sentir bem se tiver uma imagem? Como o judeu se sentir bem se tiver uma imagem de Jesus pregado na cruz e embaixo escrito “crucificado pelos judeus”? Por exemplo, Luiz: você é casado? [Não, não sou]. Imagine: você tem um relacionamento com alguém hoje. Por que você vai ter na sua casa, na sua sala ou sua parede, fotos dos ex-relacionamentos? Né? Não é legal para você, nem para a outra pessoa e vice-versa! Então, o que a gente crê é nisso! É assim: nós temos as igrejas católicas que já têm as imagens. “Ah, eu quero imagem”! Então vá na católica. Você tem lá evangélicos, que a pessoa vai e não pode rezar uma Ave-Maria. Então vem aqui! Aqui você quer rezar Ave-Maria, pode, se não quiser rezar, não reza. Por exemplo: quando eu vou pra cantar a Ave-Maria, digo para as pessoas “que receba esta oração aqueles que creem na mãe de Jesus como um momento espiritual, e os que não creem como um grande momento cultural”. É uma oração linda, muito bem escrita, ou por Bach, ou por Beethoven, ou por Schubert... Então, é uma cultura.

Tem uma coisa que fico pensando, principalmente agora nesta nova fase de estudar o conceito de salvação. São duas coisas. A primeira: tenho notado, quase que invariavelmente, que a ideia de salvação está cada vez mais atrelada ao momento, aos tempos em que as pessoas vivem. Se você pensar o conceito de salvação há 100, 200 anos, fatalmente era muito diferente do que a gente pensa hoje. Então tenho esta percepção – é só uma hipótese, mas tenho esta percepção. E isso me leva a questionar uma coisa: a ideia [de salvação] professada na sua igreja, por exemplo, fica mais próxima do que Agostinho professou, ou do que João Calvino professou, ou do que Armínio professou... Onde, na sua igreja, fica esta ideia? Aqui ainda é a parte teológica da entrevista, depois vamos para a parte comunicacional.

Veja bem, Luiz: eu acho que, na verdade, o trabalho que a gente faz aqui na Catedral... Olha, espero que você não fique muito bravo comigo porque não sou... Eu não me preocupo muito nos meus sermões – e não sei se já ouviu uma oração minha... Meu sermão é bate-papo! É conversa, né? Então, tenho certeza que a gente recebe a influência de todos. No início, antes de ter a Reforma Protestante, qual era o conceito? Uma coisa que você está estudando e sabe. O conceito é o seguinte, e este ainda é muito forte na ICAR: eu posso estar sofrendo aqui mas, depois que morrer, minha vida no céu vai ser legal. Este é o conceito da

ICAR. Aí, depois, com a Reforma Protestante, veio assim: eu também quero ser feliz agora! É possível ser feliz agora sem eu perder minha salvação futura! Eu tenho uma oração que faço em toda cerimônia – toda, toda, toda! – que não está em livro nenhum. Ela é minha, eu que faço. E como o povo gosta, e eu também gosto, então eu uso. Aí eu falo sobre tudo que a gente aprendeu e sobre as novidades que a psiquiatria e a psicologia trouxeram. Ela é assim: Que Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe todas as nossas faltas, nos permita almejarmos a vida eterna. Mas, enquanto a vida eterna não chega, que eu seja feliz aqui e agora, com qualidade de vida, tendo uma convivência terapêutica. É isso, é isso. Toda celebração minha, tem um certo momento em que falo: diga para você, coloque seu neurotransmissor para funcionar! Diga assim: eu não carrego peso, eu não carrego culpa, eu quero ser feliz, e não obstante as dificuldades da vida, eu não vou desistir dos meus sonhos. É isso! É nisso que eu creio. Então, é claro que quando São Tomás de Aquino criou a Summa Theologica, claro que ele colocou ali bastante medo; tem que educar as pessoas. Eu, por exemplo, minha mãe tem sete filhos. Aí você imagina: uma situação de muita simplicidade, morando num bairro e ela com medo de perder os filhos. Então, como é que ela educou a gente? Dizendo assim: se vocês saírem de casa e forem para a rua, tem um homem que tem um saco branco [nas costas], aí ele passa, põe as crianças dentro e leva embora. Pronto! Eu nem sei se isso é Agostinho ou Calvino, ou uma mistura de tudo. E tem muita igreja dizendo que tem um homem do saco branco aí querendo pegar a gente.

Quando a gente fala da época de Martinho Lutero, até o final do século 19 e começo do século 20, a taxa de analfabetismo era uma coisa impensável, uma coisa estrondosa. Então, existia o papel da educação dentro da igreja também neste sentido. E, claro: cada uma ia um pouco ao seu gosto! Algumas iam exatamente para este viés de comunhão, de convívio, e outras iam mais para o apelo ao medo. Acho que, então, a gente pode afirmar que, no caso da Igreja Anglicana, especificamente, as ideias de salvação que a gente tem, seja com Martinho Lutero, seja com Agostinho, seja com o neoplatonismo, com Tomás de Aquino, todas essas ideias são reconfiguradas para o que o senhor oferece na sua igreja. Podemos dizer isso, então?

Eu acho que você pode falar da nossa comunidade. Esta é a maior comunidade anglicana do Brasil. Como você é estudioso, então fica fácil. Se você pegar as dez catedrais anglicanas do Brasil, e hoje como tudo é comunicação, você vai e olha: reverendo Aldo, quantas pessoas seguem ele? E quantas pessoas seguem as outras igrejas? Você vai ver que, se juntar as

outras dez, não dá 10% da nossa aqui. Estou dando dados históricos! Não estou dizendo “ele é melhor, a igreja dele é melhor, ele vai pro céu...”, não tem nada a ver! Então, acho que quando você afirmar, esse é o pensamento da maior comunidade anglicana do Brasil, mas você pode ter pessoas que pensam diferente. Tem igrejas anglicanas que pensam diferente. Por exemplo: lá na Inglaterra, foi aprovada a bênção homoafetiva, e aí muitas igrejas estão contra, principalmente na África e no nordeste do Brasil. Aí, olha que engraçado: a gente tem que tomar cuidado com o que a gente fala para as pessoas não pensarem que a gente está sendo preconceituoso. Não é. Isto é um conceito! Por exemplo, eu digo para você: a maior pressão, no Brasil, contra o jeito mais moderno de pensar vem das igrejas do nordeste, principalmente de Pernambuco. Aí você vai e faz um paralelo. Os maiores índices de feminicídio no Brasil: nordeste, e mais notadamente, Pernambuco, onde ainda reina a peixeira. Mas você tem que tomar cuidado para falar uma coisa dessas. Observe, também, você pode ver no seu estudo, quais os locais – se você não estudou isso, vou te dar uma dica agora porque eu estudei, eu vi e fui visitar! Você mora onde? [No interior de São Paulo, em São Roque]. Fui aí na sexta-feira fazer um casamento num dos restaurantes. Então, olha que engraçado. Eu não conheço, mas vou te falar: na igreja matriz de São Roque, que deve ser a mais importante da cidade, você não tem manifestação de pessoas sendo incorporadas pelo maligno, caindo no chão e se debatendo. Tem? Não. Você não tem aqui na igreja mais classe alta de São Paulo, que é a Nossa Senhora do Brasil, também você não tem. Onde é que você vai encontrar isso, mais forte? Nos estratos de igrejas D e E, que são aquelas que têm mais medo do “homem do saco branco”.

Isso que o senhor está falando tem alguma relação com a Teologia da Prosperidade, então?

Tenho zero dúvidas disso! A Teologia da Prosperidade pode pegar algumas pessoas de mais cultura, mas ela pega mais as pessoas humildes, bem como a Teologia da Libertação. Se você for falar da Teologia da Libertação numa região do agronegócio, você apanha. Você apanha. Porque, na verdade, as coisas pegam força de acordo com a necessidade da comunidade... Você quer ver uma coisa interessante? Olha que interessante: as maiores economias cristãs do mundo são os Estados Unidos, o Reino Unido, a Alemanha e a França. Citei os quatro principais para não estender muito. São os locais onde mais se tem hoje pessoas – estou falando do mundo cristão! – se dizendo ateias ou agnósticas, não é verdade? [Sim, é verdade!]. Está atrelado a que? Está atrelado a “estou bem, eu tenho meu trabalho,

eu tenho meu dinheiro, eu tenho meu barco, eu tenho...”, né? Olha que interessante: vou citar três países da América do Norte: Estados Unidos, Canadá e México. Aí você veja a situação econômica dos três. Qual dos três tem mais religiosidade? O México. Nossa Senhora de Guadalupe para o México. Você não para Nova Iorque com uma festa de Nossa Senhora, não para. Você não para Ottawa ou Toronto com uma festa de Nossa Senhora. Se o presidente do México não for à festa de Nossa Senhora de Guadalupe, ele perde voto. Se o presidente do Brasil não for à festa de Nossa Senhora de Aparecida, ele perde voto. Se ele não for ao Templo de Salomão, ele perde voto. Então, a gente começa a observar o que? As igrejas, elas têm uma teologia própria delas, para consumo interno. Para os caras ficarem presos e direcionados àquilo. Pronto! Mas eu garanto a você: o povo não tem conhecimento disso, o povo não tem cultura sobre isso, o povo está pouco se lixando sobre isso, eles vão à igreja para orar, para rezar e para buscar respostas sobre seus problemas. “eu estou desempregado”, “estou com medo de ficar desempregado”, “tenho problemas de saúde”, ou “tenho medo de ficar doente”, “eu me preocupo com o futuro dos meus filhos”, “eu me preocupo com meu bem-estar emocional, psicológico, psiquiátrico”, e por aí afora. Ninguém, a não ser pequenos grupos que estejam brigando pelo poder, se você fugir desses grupos que estão brigando pelo poder, ninguém nem sabe quem foi Santo Agostinho! Ninguém sabe de Patrística, ninguém sabe de Reforma Protestante. Se você falar para o cara “olha, o que você entende sobre a salvação só vir pela fê?” ou “você acha se você vai ser salvo?”. O cara vai dizer: olha, eu vou ser salvo se eu não roubar, se eu não matar, se eu não fizer nada de errado, é isso que não vai me levar para o inferno”. Você vai observar – se você não assistiu, assista que está tudo gravado lá – na minha missa, no meu batizado, no meu casamento eu não utilizo nada na mão. Eu não utilizo livro, eu não utilizo a Bíblia, eu não uso nada, absolutamente nada! Primeiro porque o meu trabalho, a minha função é buscar trazer este Deus para as pessoas que não manda nada dos outros, mas de uma forma mais tranquila, mais carinhosa, mais generosa, sem medo, sem culpa. Agora, se você perguntar “você paga caro por isso?”, pago! Muito caro por isso. Quando fiz a primeira união homoafetiva, um padre da igreja romana me ligou, foi muito educado comigo, mas disse: a partir de hoje você não pode fazer mais nenhuma celebração na igreja romana. A gente trocava templos: católicos casavam aqui, e eu ia no templo católico. E um grupo de pastores excluiu meu número. Então, hoje não posso celebrar nem numa igreja evangélica e nem numa igreja católica romana. Por que? Porque o que eu faço, o que eu digo não está dentro dos cânones, não está dentro das leis, não está dentro das regras destas igrejas. Vou até te mandar depois o documento da divisão da igreja anglicana, entre liberal e

conservador, e vou te mandar um documento – não sei se você viu – dos bispos da ICAR da Alemanha resolvendo dar a bênção para divorciados e gays, você viu isso?

Alguma coisa eu vi. Um tipo de afrouxamento neste sentido.

Agora vou te falar um negócio, para ajudar no seu estudo e na sua vida: a Alemanha é a maior contribuidora financeira do mundo da igreja. Ninguém contribui mais que a Alemanha. Todo mundo que faz a declaração do imposto de renda, você tem que colocar a qual igreja você pertence, e já sai direto do imposto de renda a oferta para a igreja, você sabia disso?

Não, na verdade não sabia disso.

Na Alemanha, se você não coloca... “Não coloquei? Não”, Se você morrer ou alguém da sua família, não chame padre ou pastor, que não irão. Não pense que seu corpo vai para dentro de uma igreja. Não vai. Não pense que você vai enterrar num cemitério católico ou protestante. Não vai. Então, o cara vai lá e põe, então o dinheiro já é automático. Então, meu amigo, já vindo direto do governo, garantido, é a que mais arrecada no mundo! Ai eu te faço uma pergunta, e isso vale para qualquer religião: se fosse os bispos de um país, igual ao Uruguai ou Paraguai, ou um bispo do Butão, ou do Sudão, que tivesse dito que iria dar a bênção, você acha que já não teria sido massacrado?

Eu fico imaginando se o dinheiro que sai do nosso imposto de renda fosse direto para a igreja do Edir Macedo, por exemplo.

Pois é, ué! Bilionário, bilionário.

Eu gostaria de entrar na parte comunicacional desta conversa exatamente porque consigo sentir um senso de modernidade muito grande no que o senhor fala, tanto na relação com as pessoas quanto na própria utilização dos meios de comunicação. Pensando especificamente na ideia da palavra em si, do querigma, do proselitismo, pode dar o substantivo que quiser, como é hoje a utilização da fala para os serviços? Como é a utilização dos meios impressos? Como é a utilização dos meios eletrônicos? O senhor

conseguiria traçar um panorama de como é a utilização dos meios [de comunicação] para sua comunidade?

Quando eu estudei Filosofia, e a gente estuda os fenômenos, e quando você fala sobre fenômeno as pessoas confundem — você não está dizendo que é positivo ou negativo, está dizendo que chamou a atenção. Eu não sei se você procurou ou deu uma olhada lá nas redes sociais, ou na internet, o que que fala da minha pessoa. Eu fui duas vezes lá no Jô [Soares], fui no Silvio Santos, aquela coisa toda. Hoje é que eu vejo isso. Por que isso aconteceu? Aconteceu porque verdadeiramente nós somos um trabalho que vai contra a maré. E outra coisa: não é um trabalho de hoje. Não é um trabalho de modismos, de TikTok. Por exemplo, quando fui recebido aqui na catedral, e empossado na catedral há 26 anos — vinte e seis! um quarto de século! —, quem fez a leitura da minha posse foi um casal gay. Quando eu estive no programa do Jô Soares, em 2009 — eu não sei se você viu os dois —, mas no primeiro programa, em 2009, eu disse a ele que as pessoas têm direitos iguais, os divorciados... Brinquei muito porque é o Jô! Ele brinca muito, conta piada, se você não “entrar”, você “morre”! Eu lembro até de uma piada que fui muito criticado, os haters quase me lincharam, quando eu disse assim: você não tem que ficar vigiando a vida das pessoas, não adianta! Você tem que ganhar a pessoa pelo amor, e não pela dor. Lembra do diálogo do Platão, quando o cara aperta o braço do outro e fala “você vai ou não vai obedecer?”, “eu vou porque você é mais forte que eu; o que não vou é te respeitar”. Eu lembro que falei assim para ele: “Jô, você pode trancar uma pessoa no armário, passar a chave e dizer ‘você vai ser fiel a mim’. Se ela quiser ela te trai com o cabide”. É besteira porque você fica ali... Eu não quero fugir da sua pergunta, mas é que eu gosto de pegar as coisas e trazer para o dia a dia, para não viver aquilo de “eu finjo que ensino e você finge que aprende”. Senão, você vê, a igreja fica “olha, você tem que ser católico apostólico romano, reza o Credo, reza o Glória, a Ave-Maria, não resolveu tudo, aí o cara vai tomar uma garrafada do espiritismo. Ele vai tomar um passe. Ele vai botar uma vela à meia-noite dentro de um pote de comida. Por que isso? Porque não está satisfazendo a ele, não está respondendo àquilo que ele precisa! Hoje está aí nas redes sociais, nas comunicações, na Folha, G1, tudo, uma igreja que eles estão tentando pegar — não sei se é Universal — que o pastor incentiva as pessoas a fazer empréstimo para pagar o dízimo, que depois Deus vai te abençoar. Tem um vídeo — procura depois — do Malafaia dizendo “faça empréstimo, pega dinheiro emprestado, deixe de pagar o aluguel, deixe de pagar a prestação da geladeira e do fogão e dê o dízimo para você ver o que Deus faz na sua vida”. O que eu procuro aqui no meu trabalho, o que eu tento fazer aqui

no meu trabalho, e talvez posso estar errado, posso ser o único errado, que as pessoas não estão mais interessadas em saber se você é católico romano ligado ao Papa. Elas não estão mais interessadas em saber se você é do ramo anglicano ou não ligado ao Rei da Inglaterra. Isso pouco importa! Tem umas que estão lá no ‘oba oba’, mas eu não sou desse ‘oba oba’. Então, meu trabalho, que é muito simples – você já deve ter visto –, o que eu faço? Faço todo dia uma oração da manhã e uma oração da noite, e de vez em quando coloco alguma coisa lá no Instagram ou no Facebook e no Twitter. Por que? Porque não vou ficar lá “olha, gente, hoje estou almoçando um peixe”, e aí tira foto do peixe. “Olha, gente, estou indo ao banheiro”. Isso vai me dar quinhentos mil seguidores, mas eu não quero esses quinhentos mil seguidores! Eu quero os meus 50 mil que estão lá, e quando eu faço a Festa Junina de caridade, auditada pela Ernst & Young, com o selo da FGV, com o acompanhamento da Universidade Mackenzie, as pessoas falam “isso é verdadeiro”, “isso é correto”, “nós vamos lá”. A maior festa junina do bairro é minha, mesmo tendo três igrejas católicas aqui do lado – e a maior igreja do País! Qualquer cidade do interior que você for, qualquer, qualquer, tem uma igreja católica no centro. Qualquer! Mas o único religioso que foi duas vezes no Programa do Jô, e que ficou todos os blocos, fui eu! Eu, tirando o Marcelo Rossi e o Fábio de Melo, que são expoentes, fui capa da Veja São Paulo. Então, hoje fico analisando: mas por que isso? Porque é uma coisa diferente! Eu não quero usar as redes sociais para trazer mais dor, para trazer mais sofrimento, não! Quero uma mensagem de bom dia, o dia está começando, vai dar certo, eu vou lá e não vou desistir... Por exemplo, eu atendi agora uma menina, um casal que veio com uma filha. A menina de dez anos quer se matar. Hoje virou moda! As crianças estão se cortando. Hoje as crianças estão indo para um lado – aqui não tem conservadorismo que você sabe que não sou conservador! – que faz mal. Por exemplo, a MC Pipoquinha não faz bem para as pessoas. Ela faz mal! Você viu o que ela fez com a professora? A professora falou na sala de aula para assistirem outra coisa que não a MC Pipoquinha, porque ela fica lambendo o microfone, ela passa o microfone na genitália, ela passa o microfone no ânus... Ela usa o microfone no palco como se fosse um pênis. Aí a professora falou para os alunos. Aí ela respondeu: “essa professora é uma frustrada! O que eu ganho num show ela não ganha em um ano”. Então, veja, olha a resposta! Não tem fundamento, não tem... Então, assim, Luiz, eu sei que minha igreja é uma igreja de classe média-alta, eu sei disso! Aliás, uma das coisas que mais ouço das pessoas é assim: o que você consegue é difícil! Trazer a classe média-alta para a igreja todo domingo, e as três celebrações lotadas! E fazer com que eles assumam os projetos sociais. Tem uma creche grande no Morumbi – é o maior prédio construído para ser creche na América Latina –, e

uma escola de inglês, a única da Cultura Inglesa dentro de uma favela. E mais nove creches no interior: Botucatu, São Manoel e Itai. Por que? Porque eu ouvi de Jesus o seguinte: “tudo que você fizer por aquele que não pode te pagar, o Pai do Céu vai te pagar”. Então uso minha comunicação... Se você falar “qual é sua maior força na comunicação?”. É eu subir no caixote, botar meu microfonezinho e falar de Jesus.

Era exatamente esta pergunta que eu ia fazer para o senhor!

Esse é o mais forte. Mas eu não sabia, e aí vou descobrindo. As pessoas vão me contando. Eu pergunto “por que?”. “Porque você fala da vida, você fala a verdade. Então, por exemplo, na minha missa de domingo retrasado, uma menina que já fez dois transplantes de coração e duas rejeições. Aí está lá uma senhora que tem duas filhas, uma de cinco e outra de sete anos; ela entrou na igreja, me abraçou, chorou e falou “eu começo a quimioterapia amanhã, eu não quero abandonar, eu não quero deixar meus filhos, eu quero tratar, eu quero ser curada! Me ajuda, me ajuda!”. Aí, uma menininha de dez anos, a [NOME DA CRIANÇA], a [NOME DA CRIANÇA] está perdendo a visão, está fazendo quimioterapia por um câncer no cérebro, ela tem só 30% de visão. Ela falou “mãe, me tira do hospital, me deixa um tempo em casa, eu quero guardar a imagem das minhas irmãs” – ela tem duas irmãs gêmeas pequenininhas. Ah, e a menina que foi soterrada lá no litoral! Aí você já vai me entender. Pronto, aí eu chego: “oremos pela mãe da Fulana, pela [som de lero lero monotônico], o senhor esteja convosco, ele está no meio de nós, corações ao alto, [som de lero lero monotônico]”, aí uma velhinha, “hino quarenta! [som da velhinha cantarolando]”... Não dá, estamos no terceiro milênio! “Gente, bom dia, bem-vindos! Estão vendo esta mãe aqui? Vamos fazer uma oração por ela? Estão vendo esta criança? Podia ser nosso filho, podia ser nossa neta, podia ser nosso sobrinho”... Então, eu não me prendo! “Vamos falar sobre isso?”, “Vamos rezar por isso?”... “Olha, amanhã nosso caminhão está descendo” – eu tenho um caminhão aqui na igreja –, “nosso caminhão está descendo, mas nós vamos entregar na mão; não vamos entregar para ninguém para não desviar recurso”. Aí, “olha, hoje vou falar sobre o pensamento de Santo Atanásio. O que ele pensava?”, “Hoje vou falar sobre Santo Agostinho”, “Hoje vou falar sobre a Teologia Dogmática...”. Isso é importante para mim, que quero estudar, para um grupo que quer estudar, isso é importante para formar, para fundamentar, para ter a base da igreja. Mas o povão não quer saber – na minha opinião! Ele quer ser comunicado de uma outra forma. Olha, eu vou te mandar, se você autorizar, os TikToks de padres e você vai ficar abismado! O padre falando “se você se

masturba você vai para o inferno!”. “Você se separou? Você não vai se salvar”. “Se você não for à igreja e se confessar com o padre, você não vai para o céu!”. Então, você vê: são todos jeitos de, pelo medo, fazer a pessoa vir. Como se fosse um comércio: se você não comprar a cama nas Casas Bahia, você não vai dormir bem. Se você não comprar sua geladeira no Ponto Frio, não vai gelar suas comidas. Uma igreja não pode entrar nisso! Então, esses meios de comunicações, fantásticos, maravilhosos... Você pode ver, observe uma coisa que eu vou te falar, observa: desde o Papa João Paulo II, que foi o mais comunicador de todos, até o Papa Francisco, eles não mudaram; continuam dogmáticos – mas com o clero. Com o povo, para fora, eles procuram ser carinhosos. Os padres da ponta é que não são carinhosos. Aí entra no seu trabalho: os padres não estão sabendo se comunicar!

O senhor mostra uma profunda compreensão dos meios de comunicação, seja da fala, ou do meio impresso, ou dos meios eletrônicos. É possível entender que a utilização “correta” desses meios de comunicação – da fala, do impresso e do eletrônico – podem ajudar a igreja a se tornar mais participativa, ajudar as pessoas a participarem mais...

E as pessoas a terem mais qualidade de vida, que é o mais importante!

Também acho importante a gente pensar na igreja não apenas como um processo de fé, mas também como um processo educacional. Um processo de civilidade. Busca-se isso, não?

Luiz, se você me permitir uma coisa: na igreja romana, o evangelho que é lido aos domingos é o mesmo no mundo inteiro – que foi uma sacada boa dos antigos! Porque assim todo mundo vai estar unido no mesmo pensamento. Aí, você vê que interessante: no Antigo Testamento, no livro das leis, é proibido conversar com estrangeiro. Vamos para o estádio de futebol: aqui a torcida do Corinthians, aqui a torcida do Palmeiras. Quem entrar do lado do outro apanha. Argentino, brasileiro; corinthiano, palmeirense; flamenguista, fluminense... Na época de Jesus: samaritano e judeu. Aí, tinham os poços d'água, onde iam lá pegar água. Água do judeu e água do samaritano. Ninguém invade o território do outro. Ponto. Segundo ponto: um homem nunca deve se dirigir a uma mulher quando ela estiver sozinha. Não pode! A adúltera tem que ser apedrejada. Aí, vamos lá: o evangelho de domingo que foi lido no mundo inteiro. Jesus viu uma mulher, sozinha, tirando água do poço do samaritano e ela era samaritana. Ele se aproximou dela e pediu água. Ela disse “não vou te dar água porque você

é judeu”. Aí ele falou assim: “mas você não sabe o que eu tenho para te oferecer: a água da vida, do bem, da alegria, da felicidade...”. Aí, ela falou assim: “ei, se você ficar mexendo comigo, vou chamar meu marido!”. Aí Jesus falou: “qual? Você nunca teve marido!” Esse que você tem agora nem é seu marido!”. Aí ela diz: “ah, então o senhor verdadeiramente é um profeta!”. Aí os padres pegam essa fala e dizem “tá vendo?! Tem que parar de ser pecador! Tem que parar...”. Não foi isso! Ele incluiu! Ele foi lá com a mulher que estava sozinha, ele bateu papo com ela, ele conversou com ela, ele falou “tenho uma solução para sua vida”... Por que ela estava na prostituição? Será que estava na prostituição porque era uma safada, uma sem-vergonha, ou porque ela está precisando se alimentar e viver. A gente não sabe! Aí entra o senso comum: antes de julgar, condenar, de apedrejar, acolhe! Está chovendo aí na rua, uma chuva danada! Destelhou a casa do meu vizinho e as crianças dele estão com problema. Espera aí: “vizinho, você é gay? Você é protestante ou evangélico?”. Não! Eu vou lá socorrer meu vizinho! Eu vou ajudar meu vizinho! Se ele tiver criança pequena e não tiver condição, traz aqui para casa, que aqui não deu enchente, até a gente resolver a situação! Molhou tudo na casa dele: “vizinho, tenho um cobertor aqui; coloca na sua criança”, “tenho blusa de frio aqui; coloca na sua esposa”. É isso! E não “qual religião você frequenta? Você paga dízimo?”.

Como o senhor vê os próximos passos da utilização da comunicação para a igreja? O que o senhor imagina que venha pela frente? A gente passou por uma época em que tinha missa pelo rádio, e agora temos padres, pastores e reverendos no TikTok e no Instagram. Então, o que o senhor imagina que vem pela frente?

Você sabe o que vai vir agora? Avatar no metaverso.

TRANSCRIÇÃO - ALTIEREZ DOS SANTOS
EDITOR, EDITORA PAULUS

A título de catalogação, gostaria que você me dissesse seu nome e sua profissão, por gentileza.

Meu nome é Altierrez dos Anjos, eu sou editor da Editora Paulus – editor de Catequese e Teologia da Editora Paulus –, sou consultor de catequese e presido uma agência de mídia de amplo alcance que foca em formação teológica.

A teologia que você trata é a católica?

Exatamente!

E quando você fala da teologia católica você fala de Agostinho de Hipona?

É muita gente para ser lembrada, mas Agostinho acaba sendo, né? Como quase todos acabaram tendo uma confluência, você vai lembrar da Patrística, de Tomás de Aquino, de Agostinho antes como parte da Patrística; vai lembrar de Teilhard de Chardin, do concílio Vaticano II.

Na minha tese falo sobre Agostinho de Hipona quando falo de catolicismo porque existe um debate teológico entre Agostinho e Tomás de Aquino, que é a questão das obras. Agostinho diz que a salvação não se sustenta pelas obras, mas Tomás de Aquino diz que sim. Por conta deste impasse, tive que escolher entre um e outro. Você lida com este impasse também na sua produção de conteúdo?

Existe um termo recorrente hoje na teologia chamado Demanda Protestante, e esta é uma demanda protestante. Não é relevante na teologia católica porque há um equilíbrio entre estas duas visões – por incrível que pareça não é algo tão dicotômico assim. A gente sabe que Agostinho e Tomás de Aquino retomam de certa forma as bases de Platão e Aristóteles, então a gente sabe que tem ali, naturalmente, um diálogo mais que uma oposição. Não é uma oposição, na verdade.

Quando a gente fala de Agostinho, a gente fala de um tipo de salvação que é bastante particular. Quando olhamos para o acrônimo TULIP do Calvino e olhamos onde Agostinho se encaixa naquele acrônimo, ele não se encaixa em quase nada, a não ser duas coisas: a salvação infralapsariana e a salvação incondicional. Se falarmos dentro de uma igreja que ninguém sabe quem será salvo e que não é pelo comportamento dela que ela vai ser salva, essa igreja fecha as portas no dia seguinte.

Depende de qual discurso religioso. Ainda falando sobre as obras, embora elas sejam importantes, elas não são determinantes. Vou dar um exemplo: todo católico sabe que se Deus quiser, ele pode tornar alguma pessoa aleatória santa – é a teologia da Graça de Agostinho; Deus dá um dom extraordinário para essa pessoa se ele quiser. E não tem o que fazer porque não tem uma métrica, uma régua para medir. Qual foi o parâmetro? O único parâmetro é Deus. Mas acho que isso hoje depende, mas nas comunidades católicas é algo bastante tranquilo. Já nas comunidades pentecostais não! É uma teologia calvinista num sentido não muito puro – acham que podem coagir Deus por meio disso ou daquilo. Existe um pensador interessante que você pode usar na sua pesquisa que é André Droogers, um holandês que cunhou o termo “matriz cultural e religiosa brasileira”. E, curiosamente, religiosidades pentecostais pegaram este tipo de posicionamento, de possível comércio com o sagrado, possível determinação do que a divindade faz ou não, e possível salvação, inclusive. Então, veja: o que pensa um pentecostal clássico? “Clássico” não é o melhor sentido, mas típico: se ele fizer o reteté certinho, orar no monte, falar mal de imagens, se ele for bastante radical contra os espirítistas, os umbandistas, os católicos, então significa que ele criou condições para que sua salvação aconteça. Ele recusa uma série de coisas e supostamente pratica outras. Ele faz a dança mágica do feijão com Valdemiro Santiago, passa ali com Agenor Duque, faz ali um salamaleque, e acredita que está tudo certo. Mas a salvação, ele acha que pode vir de um comércio do sagrado. Detalhe: a matriz cultural religiosa brasileira tem pelo menos doze pontos muito curiosos que perpassam a religião ancestral dos primeiros povos, as religiões afro-brasileiras que se formaram aqui, e o catolicismo também – o catolicismo ibérico. A mesma pessoa que antigamente virava Santo Antônio de ponta-cabeça para achar um marido, depois se tornou pentecostal e acha que se fizer o reteté e o pastor expulsar o capeta, ela está também dentro de uma possibilidade de diálogo com o sagrado e que Deus vai falar “minha filha, você está salva. Você desceu no seio das águas. Vem para cá”. É uma coisa muito curiosa. Então, eu diria que, neste ponto, a questão das obras acaba

nem sendo tão determinante assim. E tem um ponto, se você me permite acrescentar: eu também sou jornalista, e estudei por muito tempo uma coisa curiosa que é a busca de identidade – isso no catolicismo. E aí vem uma outra parafernália e outras patologias no catolicismo. Na busca por identidade hoje, parte da juventude católica – que não é significativa, mas tem bom impacto, porque são jovens de classe média alta –, eles não se preocupam em nada com as obras, mas se preocupam com criar um casca, uma identidade – essa identidade costuma ser pré-conciliar, as meninas usando véu, os meninos usando terno e gravata, coisas que a Igreja Católica aboliu em 1972; eles acham que isso é bom e importante –, e aí é curioso porque, ao contrário do que a Igreja Católica prega e ensina, e também a Sagrada Escritura e a tradição, eles não fazem muitas obras. Não ajudam no orfanato, não tem um voluntariado... Mas eles acham que porque estão de mãos postas na missa – de preferência em Latim – ali eles encontram salvação. Então, o conceito de salvação neste caso, para este público peculiar, é um conceito de salvação muito ancorado “no que me salva em uma sociedade de massa que é angustiante, é sufocante”. Pode ser uma cidade como Sorocaba, pode ser uma cidade como Jundiaí, como Itu, como São Paulo, não importa onde. Como Nagasaki, como Nova Iorque... O que eles querem se salvar, mesmo, é de um anonimato, de não se perderem como mais um número na multidão.

Esta sua fala é interessante porque fico pensando onde a uniformidade do pensamento da salvação se perde, falando especificamente da Igreja Católica. Onde as interpretações começam a ganhar força, não só ao ponto de criar dissidências, mas ao ponto de você ter pessoas frequentando a mesma igreja mas pensando a salvação de formas diferentes?

Tem uma turma tão interessante, embora eu seja teólogo católico – e não vou nem dizer “embora” porque sou historiador, também – e vejo que tem uma chave de leitura fantástica nos historiadores ateístas e comunistas, como Umberto Eco, Jacques Deleuze, Peter Brown – tem vários, né? Tem até Régine Pernoud, tem vários. Eu diria para você o seguinte: essa uniformidade nunca existiu, é uma ilusão. Tem algumas lendas que circulam na nossa sociedade. Uma lenda que circula é: a Europa era uma unidade teológica até o século 15. É uma lenda isso! Nunca foi! Você quer ver como? Até o século 18, o norte da França e o norte da Alemanha não eram cristianizados. Entenda bem: a Dinamarca e a Noruega não eram cristianizadas. Havia ali, de fato, todo um sistema muito pujante de uma religiosidade ancestral, que convivia em parte com um catolicismo meio mágico, meio popularesco, mas

que o catolicismo não conseguia suplantar. Então, há uma ilusão muito grande ao pensar que na Europa, até o século 15, 16, tinha uma grande unidade, e que na Reforma [Protestante] ela se perdeu. Isso é uma lenda! Não aconteceu isso! Agora eu digo isso, veja que interessante: talvez você tenha lido alguma coisa do Jacques Delemon, porque acaba sendo a história das mentalidades. Quando ele mostra as investigações sobre o inferno, sobre o purgatório, sobre a morte, sobre o além na Idade Média, nos vários livros dele, ele mostra exatamente uma divisão entre o que pensam os teólogos, o que pensam os bispos etc. Agora, se quiser voltar ao catolicismo, essa pluralidade nunca foi um problema. O catolicismo sempre se viu na sua estrutura como um grande guarda-chuva simbólico – claro, não pode ter contradição, mas oposição pode. Lá em Atos 15, você vê que no ano 48 a primeira geração da Igreja Católica tem um conflito, uma divisão. Pedro evangelizou uma região ampla, que depois se tornou a primeira grande Diocese, que é Antioquia, é desse grupo que surge, por exemplo, Barnabé, as pessoas que vão acolher Paulo quando ele estava indo para lá. Então, Pedro preparou um campo, Paulo acabou sendo “capturado” nesse campo, mas Paulo diverge, e aí eles têm um problema: devemos abrir para os outros ou não? Pedro é contrário, Paulo é a favor... Então, sempre teve este pensamento, digamos, divergente mas nãopositor. Isso é tranquilo na tradição.

Quando você fala do século 16, a imprensa de Gutenberg vai explodir um monte de coisas, ainda que não de uma forma tão imediata. Mas o impacto que a imprensa de Gutenberg terá tanto na teologia católica quanto na protestante é evidente – até porque Martinho Lutero surge num tempo bem próximo à imprensa de Gutenberg, e aí ele consegue se aproveitar disso.

Exato! A gente vê que há uma efervescência teológica nesses limites da cristandade. Martinho Lutero situa-se exatamente num desses limites, porque toda a parte do norte da Alemanha tinha ainda um descobrimento do que seria exatamente isso. “Nossa, tem uma faculdade de Teologia aqui”, então há uma efervescência midiática. Você repare que àquela época os domínios do Rei da Espanha incluíam, por exemplo, a Holanda, parte do norte da França. Era ali, naqueles territórios que, pouco depois de Gutenberg, estavam situadas as maiores imprensas de todo o império colonial espanhol. Tudo que era impresso, era impresso em Antuérpia, por exemplo. Não era impressa no território espanhol. Então, o protestantismo tem no DNA dele essa questão da propaganda impressa, e também uma coisa que surge com o protestantismo: na necessidade de se posicionar diante das forças de oposição, acaba

trazendo uma visão – que hoje podemos chamar de ideológica – para o lado teológico deles. As teses de Lutero são fantásticas porque só tem ali três que são realmente problemáticas para o catolicismo; todas as demais não são. Aliás, ele é muito respeitoso com o papa nas suas teses, muito respeitoso. Quatro delas até tecem uma espécie de elogio ou reverência ao papa. Mas tudo bem! O que acontece, então, com este surgimento da imprensa que vai refletir na crença sobre a salvação? Parte-se ali para uma campanha de difamação, de parte a parte. Penso que a parte mais desfavorecida tenha sido a Igreja Católica porque começam lendas neste momento como “a Igreja Católica queima bruxas”, e isso nunca aconteceu. Para os católicos era uma espécie de crime pensar que uma mulher fosse bruxa. Fogueira existiu, sim, não vamos negar! Mas quem queimava bruxa era quem acreditava em bruxa. Ou seja, todo o norte da França, parte setentrional, Alemanha também, tinham as crenças mágicas deles, então as bruxas tomam uma personalidade. Então, começou uma série de situações que afetou bastante a forma como as pessoas se sentiam salvas, e deu muito problema entre eles. A Guerra dos Camponeses, que foi um capítulo muito difícil particularmente do cristianismo, começa por um conflito de visões de salvação. Você tem uma visão de salvação que se choca com a visão elitista de Lutero – Lutero, também, não queria que pegasse fogo, evidentemente que não queria isso – mas Lutero entra numa encruzilhada: anteriormente ele havia questionado a autoridade divina dada a algumas pessoas. ele tem que reafirmar este conflito. Então ele acaba sofrendo uma série de contradições, e quem salva um pouquinho do Luteranismo é [Filipe] Melâncton, que entende a salvação de uma forma mais próxima do que dizia a Igreja Católica, e refuta algumas teses. O conceito de salvação me parece, como teólogo, muito confuso somente para o calvinismo. Por isso Calvino e Lutero rompem, mas também Erasmo de Roterdã vai romper com Calvino porque Calvino condiciona a questões mínimas, rígidas, talvez porque ele tinha questões não resolvidas na teologia dele, e aí as pessoas acabam... Estou resumindo mas vou dizer por que o calvinismo é tão importante para o Brasil e acaba influenciando negativamente. As pessoas, então, começam a compor uma visão de salvação que tem ancoragem no catolicismo, mas que também tem toda uma formulação no calvinismo que é: se eu fizer tais e tais coisas para mim, por exemplo, se eu me rebatizar e negar algumas coisas, então a minha salvação vai acontecer magicamente – sem necessidade de uma mudança de vida, sem necessidade de uma renovação de costumes, e isso acaba sendo uma visão curiosamente presente no Brasil de forma ampla. Então, se em algum momento você falar com um presidiário – provavelmente ele será pentecostal, que é a grande religião popular – aí ele vai dizer que está tudo bem porque o pastor batizou, então não tem problema

se ele bateu, matou e tudo mais, mas ele desceu no seio das águas e está salvo. Aí retoma aquele ponto da salvação: as obras não têm impacto algum.

Eu fico pensando também no [Jacó] Armínio, e em como ele entra na composição desse pensamento. O que você pensa sobre isso?

Confesso que não tenho muita profundidade sobre Arminio. Tem outro teólogo, porém – que tem até o busto dele em Genebra –, que é bem importante: Roger Williams. Ele é o equivalente ao Frei Bartolomé de Las Casas na catolicidade. Faz a limpeza dos primeiros povos, ele é originalmente pietista mas acaba sendo rechaçado pela própria igreja dele. O conceito de salvação que ele traz é interessante porque é muito amplo. Roger Williams, na verdade, fez uma série de postulados teológicos em contraposição a Calvino e a Arminio, também. Meu pouco conhecimento sobre esta área é o que sei de Roger Williams. A salvação dele passa por um aspecto de abertura para o outro, de acolhimento e de coisas muito práticas, como respeitar, não julgar, deixar o outro na religião dele. E naquele conflito do século 16 que ainda molda nossa mentalidade – nós somos uma medievalidade estendida –, ainda hoje as pessoas pensam: já que você é calvinista, arminiano, ou quem quer que seja, isso acaba, na minha visão, sendo uma coisa que vai determinar o caminho do inferno e do céu. Só por uma forma de dizer “eu pertencço a tal torcida”. E aí aparece Roger Williams com este pensamento muito diverso: isso não é determinante, não há exclusivismo na salvação, e até por isso ele foi rechaçado por muito tempo. Mas, indo para as questões práticas de hoje: como a nossa sociedade brasileira foi formada por um grande cinturão de violência, isso acabou colocando certos elementos no nosso DNA religioso que curiosamente se manifesta agora numa efervescência nada surpreendente que é a polarização ideológica. A polarização ideológica não é uma novidade! A gente sempre teve polarizações! A religião absorveu por muito tempo isso. O pentecostalismo brasileiro na verdade é uma grande religião afro-brasileira que renega suas matrizes mais importantes. Tem orixá? Fala mal do orixá. Tem Erê? Fala mal do Erê. Tem sessão de descarrego? Faz sessão de descarrego mas faz contra o suposto feitiço da mãe de santo. É uma espécie de revanchismo que precisa provar que não somos mais aquela negritude, é uma igreja evangélica pentecostal – na verdade, se você vai por cidades como Belém ou Porto Alegre, você pode ver: se mudar a plaquinha de “Assembleia de Deus” para “Terreiro de Seta Branca”, tanto faz! São os mesmos ritos! Tudo muito parecido! Mas o que tem aqui de peculiar: os conceitos de salvação são radicalizados. Nas religiões afro-brasileiras, a salvação é vista com desdém

porque você pode se salvar com o banho de ervas do babalorixá, mas se você for com o pastor “ah, como você é tonto!”. Mas se você é pentecostal e está fazendo todo o ritual próprio, a roda de gira e tudo mais, ali você está a salvo das forças do mal, não importa se você tem um comportamento muito moral – como na religião afro-brasileira. Se está fazendo os ritos, está bem. No catolicismo, por sua vez, a mesma coisa: estou participando disso e daquilo, estou me vestindo assim e assado; está tudo bem! Imoral então é o Lula, imoral então é o Bolsonaro, imoral é a Fernanda Montenegro com esse filme da filha dela... Mas eu não! Porque eu estou a salvo dentro de uma barricada que montei bastante artificial, mas que me dá sentido naquele momento.

Bastante conveniente.

Bastante conveniente!

No começo das minhas entrevistas sempre perguntava “por que precisamos ser salvos?”. Mas todos os líderes religiosos em suas respostas estavam indo para um mesmo caminho. Aí eu mudei um pouco a pergunta, e é esta que te faço agora: “do que” a gente precisa ser salvo? Não “por que” mas “do que”?

Esta pergunta, Luiz, passo muito tempo tentando ajudar as pessoas a responder. De fato, como leigo catequista, como organizador desse bloco de mídias, hoje a Igreja Católica tem uma das piores crises de toda sua história. Aqui no Brasil está tendo um capítulo dessa crise. Sabe por que? A juventude não entende do que ela tem que ser salva. A questão não é nem outra, a questão é exatamente essa: por que eu tenho que fazer isso, me submeter àquilo, fazer um processo de cinco, seis anos para receber os sacramentos para ser salvo? Mas salvo do que? Então, esta é uma dívida muito difícil de ser colocada para os fiéis responderem, porque eles não vão saber. Não tem como. Antigamente, há cerca de pelo menos 60 anos, havia um componente social muito interessante: eu me tornava seu compadre. Tudo bem, a gente não estava com medo do capeta mas, a partir do momento que eu tenho mais um flanco fortalecido na minha relação social – agora eu tenho um compadre novo, tenho padrinho e tudo mais –, isso me salvava de certa forma num contexto social. Essas relações foram diluídas depois do êxodo rural e agora as pessoas simplesmente não têm como imaginar do que vão ser salvas. Comparando com a época em que eu e você éramos crianças, você deve lembrar: não era tão fácil conseguir roupa para todos os filhos,

as famílias tinham algumas restrições. Não é que tinha tantas oportunidades para todos. Agora a época é outra! O que você fala para um jovem desde a década de 1990 do que ele tem que ser salvo, ele não consegue encontrar sentido nisso. Não faz sentido: ser salvo do que? Não vou morrer de fome, se eu não conseguir me casar às vezes pode ser lucro, tanto faz se eu tenho ou não tenho amigo na igreja, as redes sociais estão aí para isso, então anulou-se aquela espécie de salvação social que a igreja tinha. Então, hoje poucas igrejas – faço um destaque aqui talvez para a Igreja Luterana – conseguem dar uma resposta interessante que é: há uma necessidade de salvação, sim. Salvação do sentido. A gente tem toda a filosofia de Viktor Frankl. A salvação do sentido é uma realidade! Só que aí vem uma curiosidade: os livros religiosos não estão preparados para lidar com isso. E nem os adeptos, falando do catolicismo, nem os jovens nem ninguém sabe comunicar isso: comunicar o sofrimento dos transtornos emocionais, como ansiedade, depressão, síndrome do pânico; aumenta o número de suicídio, aumenta vertiginosamente o número de pessoas que não se sentem mais igrejadas, que querem uma outra forma de pertença, que traz alguma emoção, folclore e tudo mais. Porque, simplesmente, a pergunta fundamental que conseguiu construir o cristianismo por dois mil anos, “você está interessado em ser salvo?”, esta pergunta fundamental não tem sentido nenhum mais. Isso não é retórica! É isso: se todo mundo tem tudo, vou ser salvo do que?

Quando você diz que a Igreja Católica está passando por uma crise, acho que posso dar mais um ponto a ser considerado: a falta de mulheres no sacerdócio, também por conta disso que você está falando: as pessoas não têm mais interesse. Antes você poderia ter turmas de 30, 40 crianças numa catequese; hoje você tem sete, oito. Acho que a isso que você diz soma-se ainda mais esta: uma ideia medieval da Igreja Católica que não permite mulher no sacerdócio.

Mas veja bem: há duas comunidades interessantes para nós que têm a permissão e que são muito próximas da Igreja Católica: uma a gente chama de Comunhão Luterana e a outra de igreja episcopal, que é a Comunhão Anglicana. As duas têm há muito tempo! E as duas estão muito mais em frangalhos do que a catolicidade! Comunhão Anglicana não se sustenta mais, você sabe disso. Nas últimas décadas, dioceses inteiras delas pediram para voltar para Roma, e a Igreja Luterana a mesma coisa. Na verdade, este argumento, na prática, não mostrou que fosse algo relevante. É claro que não dá para comparar também o catolicismo com outras religiões como o Budismo ou o Hinduísmo, em que também o “sacerdócio”, por

assim dizer, é majoritariamente masculino. Não tem comparação. Eu vou muito à Amazônia. Inclusive, vou passar dez dias lá em missão. Nas comunidades tradicionais indígenas, o sacerdócio é eminentemente masculino. Então, acaba sendo um componente antropológico, mas vamos só ficar no nosso nível. Se você olhar para a Comunhão Anglicana e a Comunhão Luterana, que são os dois grandes pulmões do protestantismo, eles têm ordenação feminina já há muitos anos. E não resolveu! Acaba sendo uma questão talvez não tão determinante. Você me disse que sua namorada tem uma turma menor de catequese agora, a Igreja passa por um processo que a gente chama na Sociologia – eu sou também Sociólogo – de implosão institucional. É um processo de perda de bases. Quando a gente perde as bases a gente perde também a presença na sociedade. Ontem estive em Prudentópolis onde existe um catecismo oriental, um catecismo bizantino. Estava em um Congresso lá e eles estavam contando quantos hospitais eles entregaram, quantas creches... Implosão institucional é isso: a gente não tem mais vocações de freiras, padres ou leigos, nem recursos suficientes – a pandemia deu uma chacoalhada –, que estava meio morno ali acabou caindo do galho de repente. Então, se tínhamos trinta crianças numa turma agora tem seis. É bem isso, no Brasil inteiro! E esta implosão institucional – temos até uma data de ponto sem retorno, que é 2030. Em 2030, se o Censo continuar mostrando que o catolicismo cai e cai e cai – hoje os católicos são em 49% da população – existe a estimativa que até lá poderemos ser algo em torno de 39%. Se a gente chegar nisso, vai acontecer exatamente o que aconteceu com a igreja evangélica de confissão Luterana. Perdoe se eu estiver dando um número um pouquinho diferente, mas fiz meu doutorado aqui na Metodista e muitos professores eram luteranos, então eles diziam que a maior igreja do Brasil tinha cerca de um milhão e oitocentos membros no ano 2000, e apenas dez anos depois tinha somente 800 mil membros. Ou seja: teve um processo de implosão institucional, teve um ponto sem retorno do qual eles não conseguem mais sair. Resultado: é frequente que a Igreja Luterana passe para a Igreja Católica centros de pastoral, creches, escolas, paróquias, porque não tem mais como. A questão de mostrar para essas crianças como é importante o conceito de salvação tem sido um desafio muito grande, e aí as catequistas têm tentado de muitas formas, mas hoje basicamente têm sido animadoras de torcida. O que elas fazem: reúnem a criançada e toca dinâmica nelas! Faz a dinâmica da latinha, da pedrinha, disso e daquilo, mas ao mesmo tempo fazem isso porque não têm muita profundidade bíblica. E aí a coisa vai piorando. Essas crianças vão ser daqui a pouco adultos que não veem nenhum sentido na catequese ou na Igreja Católica, já que a experiência de catecismo delas foi a catequese. Elas vão gerar

mais uma leva de crianças depois que vão voltar menos ainda para a igreja, então está sendo um processo difícil de tangenciar.

E além disso tem outras denominações que oferecem um imediatismo que a Igreja Católica não oferece. Isso também pode atrair para uma migração de igreja.

Sim, tem essa circularidade de fiéis, mas isso aqui é interessante, sabe, Luiz? Tem alguém que escreveu uma tese sobre isso que você acabou de dizer – eu vou lembrar o nome! A Igreja Universal criou um projeto bem sofisticado chamado Força Jovem Universal, você já viu? Eu achei sofisticado! Uniformes bonitos, um estilo de encontros bem atraente, alimentação... A Igreja Universal criou isso há cerca de 20 anos, e eles tinham até meta! Eles diziam que até o ano de 2020 teria cerca de 20 milhões de jovens na Universal. Bom, foi o contrário! Segundo o que se pode espiar aí, este projeto nem está mais tão em alta, tem cada vez menos pessoas. A Igreja Assembleia de Deus também fez um trabalho interessante com crianças nas periferias basicamente focada em duas coisas: dava a alimentação e fazia a catequese deles, que é uma catequese bem anticatólica. Não se ensina valor ali, “seja bom, seja honesto”, mas se ensina “critique as imagens, fale mal dos espíritas, reencarnação é isso, comunhão é aquilo”... Aí acabou gerando uma geração bastante vacinada contra outras expressões religiosas mas também não vinculada à Assembleia de Deus. Tem uma pessoa interessante para pesquisar, que é Gedeon Alencar, mas tem um outro ainda mais interessante que é Kenner Terra, que é muito mais lúcido que Gedeon. Ele sabe fazer autocrítica da Igreja Assembleia de Deus. Ele vê que esta estratégia de proselitismo, no fim das contas, não acrescentou tanta gente. Se fosse uma igreja separada – isso diz o Censo de 2010, que é confiável; o de 2020 não é confiável, qualquer sociólogo vai dizer a você –, o Censo de 2010 diz que temos cerca de 15% da população que fez a circularidade religiosa, não encontrou raízes de salvação na Igreja Católica porque estavam orbitando muito longe. Aí passou por Universal, Assembleia de Deus, Sara Nossa Terra – em geral três – até concluir o que? “Aqui não tem salvação nenhuma, como falaram mal dos católicos eu não volto para lá, mas o pastor roubou dinheiro, roubou minha mulher” – como as pessoas veem essas situações que não agradam –, e aí ela não quer também ser pentecostal. Então ela se chama “desigrejada”, que é o termo que eles gostam, e se fosse uma igreja seria a maior igreja evangélica do Brasil. São 15% da população, né? Então, tudo isso em decorrência dessa falha sistemática dessas agências religiosas no país ao oferecerem minimamente plausível sobre o que é salvação. Não consegue!

Como é falar de salvação hoje em dia com tantas mídias diferentes? Eu sei que a mídia que prevalece é a digital – e aí a gente pode colocar tanto as redes sociais quanto o próprio YouTube –, mas ainda existe um consumo muito grande do impresso pelas religiões. Muitas editoras especializadas no cristianismo – não digo que estão nadando de braçada – ainda consomem o impresso.

Aí teremos tantas respostas quanto são as mídias, sabe? Curiosamente, o Brasil é um dos países que mais lê no Ocidente. É uma lenda que não lê tanto. Ele lê, sim! Lê mais que Canadá, lê mais que Reino Unido, mais que Holanda. Mas, depende da mídia. Vamos falar do catolicismo. Falando da Editora Paulus, que é a maior editora católica da América, e temos com a Paulus, muito em comunhão de sentimento, as clássicas como Editora Vozes, a Paulinas – que era a mesma que a Paulus mas precisou repartir de tão grande; tem o mesmo DNA porque é o mesmo fundador –, a Loyola... Todas elas se reúnem como uma espécie de pool, que são muito alinhadas. O público que lê de fato essas editoras, para eles a salvação está num bom conhecimento teológico e na vivência de práticas de caridade, de prática de virtudes. De reforma íntima: fazer uma profunda reforma do caráter, das atitudes. Então, esse pessoal que está por aí e que ainda sustenta orfanatos, ainda sustenta asilos, ainda sustenta casa de refugiados, ainda invade prostíbulo para resgatar meninas, o que fica nas ruas alimentando pessoas, de alguma forma eles bebem dessa leitura, em algum grau eles ainda bebem dessa leitura. Pessoas como, por exemplo, o Padre Júlio Lancelotti. Ele é uma espécie de boa representação desse grupo. Se formos para um outro grupo de católicos que leem editoras como Petra, Minha Biblioteca Católica, Cultor de Livros, Quadrante, este público está interessado num outro conceito de salvação. Tem alguma proximidade, sim, com esta questão das obras, mas acaba sendo uma questão muito mais intimista. Algo assim: eu vou me reformar para ficar configurado a Cristo, mas eu não tenho tanto que fazer tudo isso. Uma terceira fatia católica, que já começa a se miscigenar com outras religiões, entende a salvação mais como uma autoajuda. “Está na moda falar mal de narcisista, então vou classificar todo mundo que não gosto ou que tive problema como narcisista. O Pablo Marçal falou também que tem que vencer sempre, então vou vencer bastante! Quero dar certo, quero dar resultado”. E começa a mesclar um monte de coisa: Zibia Gasparetto, Silas Malafaia, Homem do Chapéu. Começa a reunir tudo num grande balaio.

Até mesmo discursos neoliberais, como da meritocracia.

Sim, sim! A direita católica, por exemplo, tem dupla vertente: um pouco de gente que pensa que é conservador, e esse pessoal raso que pensa que combina falar com o Evangelho que ‘bandido bom é bandido morto’. Embora Jesus tenha falado diferente mas tá tudo bem! “Aborto, não, mas matar bandido, sim”. “Família tradicional brasileira, sim, mas ter amante, sim, também”. É contraditório! Tem tudo isso.

Eu ouvi de um entrevistado algo muito interessante: “se eu falar de salvação agostiniana no cinturão do agronegócio, eu tomo um tiro”. A salvação do agronegócio não é a mesma salvação das senhoras ricas do alto de Pinheiros. Então, vou falar de uma forma simplista mas não ofensiva: você acha que o conceito de salvação acabou virando um cardápio? Você molda como quer e o que satisfaz um determinado grupo, e o que os fundadores falaram lá no passado ficou para trás, representa um outro pensamento. Você concorda com isso ou não?

Em partes, porque veja bem: o conceito de salvação, na maior parte dos discursos, é algo até ausente. É curioso falar isso! É o cerne da religião mas não é presente. Você tomou duas posições aí: o agronegócio e as senhoras ricas de Pinheiros. Eu não sei se o pessoal de Pinheiros está preocupado com a salvação ou se fala disso. Eu tenho também um trabalho lá, inclusive. Fui até Lucas do Rio Verde. Não me parece que o catolicismo deles também tenha algum ponto de preocupação com a salvação. Nem a deles, inclusive, nem a deles. Porque predomina uma visão de presente eterno, juventude eterna. Quem está no bico do corvo também: está lá para morrer e não está muito preocupado com salvação. É como se a salvação fosse um conceito que se autoexilou da religião, ou foi autoexilado, tanto faz. Alguém o removeu e isso não é uma preocupação. “Ah, mas agora eu tenho 80 anos, tenho câncer, mas eu tenho dinheiro e dou um jeito nos Estados Unidos”. Aí a salvação acaba sendo sabe o quê? Uma espécie de filtro em que algumas pessoas acabam se encontrando por conta de uma situação existencial com ela. Dois tipos de encontro aqui: o da pessoa muito pobre, que vai ter dificuldade em se sustentar, se alimentar, e vai rezar a Deus pedindo esta salvação, que é fisiológica até, e depois a pessoa de maior poder aquisitivo que vai encontrar crises existenciais. Aí a salvação acaba sendo só uma necessidade dela. Mas eu diria para resumir esta resposta, e falo do catolicismo: as pessoas não estão nem um pouco ligadas nem preocupadas em geral com a salvação. Não é um objeto de preocupação ou de consideração. Não é.

Você acha que a comunicação da salvação é problemática? Fala-se pouco da salvação, seja no púlpito, ou nos livros? Se pensarmos nas mídias primária, secundária e terciária do Harry Pross, como distinguir como a comunicação da salvação se dá nestas três frentes?

Eu diria que mais do que problema existe uma ausência. Não se fala disso. Quando se fala, é de forma enfadonha. Olha que curioso o que vou dizer, só para saber que você está antenado: uma pessoa que fala sobre salvação no Brasil há muitos anos é Padre Paulo Ricardo. Já tem aí um rótulo e um estigma. É um grande comunicador, mas veja aí que a postura da pessoa não é muito, assim, amigável. Aí começou a falar sobre salvação uma pessoa que não tem estudo teológico algum, chamada Frei Gilson, que é um grande cantor, grande comunicador mas não sabe, não tem conteúdo, é um papel vazio ali. Esses falam, mas é um discurso enfadonho, cansativo, agressivo às vezes. Aí você vai para um outro lado dentro do guarda-chuva simbólico: Dom Erwin Kläuter, um grande teólogo da libertação. Hoje não tem muitos teólogos da libertação, mas eles falam disso de uma forma muito chata, enfadonha e politizada. Causou ali um efeito reverso. O Brasil, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, teve a grande influência da Teologia da Libertação, teve um grande divulgador, que é Leonardo Boff – que não é teólogo; aliás é um teólogo meio fraco! Escreveu um livro bom sobre liturgia; nos outros ele era apenas divulgador. Só que, o que aconteceu naquele momento: muitos padres e freiras precários escondiam a precariedade do discurso teológico deles em lugares-comuns, chatos e gastos. “Ajuda o pobre, salva o pobre, ajuda o político etc”. O povo se cansou disso. Aí o discurso de salvação estava mesclado com elementos sociológicos, da transformação da sociedade. O que aconteceu no Brasil? Esta salvação é recusada ostensivamente! Se for para eu me salvar tendo que entrar numa disputa política, tendo que fazer um abaixo-assinado para asfaltar minha rua, tô fora! Abaixo a Teologia da Libertação! Aí o discurso da salvação começou a ser um pouco mobilizado por grupos neoconservadores, como estes que citei que, de novo, escondem dentro de palavras de ordem uma mediocridade teológica assustadora. Então, de novo, começam a esconder as mediocridades e usar bordões. Vou dar exemplos práticos que impactam a juventude. Felipe Aquino, por exemplo: um bom comunicador, mas não é historiador, não é teólogo, é engenheiro. E Felipe Aquino lança no início dos anos 2000 toda uma campanha sobre o namoro santo. Que os meninos não podem pegar nas meninas e vice-versa. “Eu escolhi esperar” mas não esperava coisa nenhuma, “estou selada para meu noivo” mas não estava selada coisa nenhuma. Começou ali também um discurso gasto, não se falava sobre virtude,

sobre respeito ao diferente, respeito às mulheres. Não se trazia para esta questão o diálogo da injustiça histórica contra o corpo feminino, nada disso! Só uma coisa muito rasa e superficial. De novo: o discurso da salvação foi levado por uma enxurrada de coisas rasas, e esse discurso cansou. Porque, assim como os teólogos da libertação esconderam a mediocridade teológica deles num bordão, aqui também os neoconservadores. O momento atual sobre o discurso da salvação, então, está bastante diluído. Se você, Luiz, me contar que para eu me salvar tenho que ajudar um morador de rua, o grande cristão Bolsonaro falou que morador de rua é um cachorro bandido que merece ser morto. Como conciliar isso? Prefiro ficar com meu político de estimação do que com você ou com o papa. Então este conceito de salvação não serve. E outro? Um conceito que é mais radical, interiorizado? Este gosta de ser usado como bandeira mas não é praticado. As pessoas gostam de falar sobre família tradicional mas fazer tudo ao contrário. É um inferno naquela casa, gente que se desrespeita, revivem ali os piores arquétipos possíveis, do marido autoritário, da esposa submissa, e o conceito de salvação, para dar um mote geral em tudo isso que estou falando, é ausente, inexpressivo, desconhecido, estigmatizado.

E quando a salvação é abordada, se a coisa é tão precária, não existe um cuidado ou tratamento com a mensagem? Falar pessoalmente não é o mesmo que escrever, são instâncias diferentes da apreensão do conhecimento.

A produção midiática a respeito da salvação é pífia. Tem muita produção acontecendo: filmes católicos, produtoras católicas, mas há um hiato aí, não tem uma clareza. Vamos pegar três sucessos de mídia fantásticos que a Igreja Católica teve recentemente: uma agência midiática chamada Church Pop. Nossa, que comunicação fascinante e descolada! Falavam coisas sobre salvação? Muito pouco! Textos interessantes que qualquer pessoa gostaria de ler! Outro sucesso de mídia que por um tempo esteve em alta mas depois decaiu é um portal semiconservador chamado O Catequista. Agora o rapaz lá é até diácono da Igreja Católica no Rio de Janeiro. Falava de muitas coisas com boa fluência – aliás, ele é jornalista também –, uma clareza para explicar as coisas. Quando chegava na questão da salvação ele dava aquela linda perdida por um labirinto. Um terceiro projeto foi a Aletheia, textos jornalísticos elegantes e tudo mais mas, também, com muita dificuldade de falar [sobre salvação]. Agora, voltando um pouco mais ainda sobre a propaganda da salvação, em 1992, depois de um trabalho de mais ou menos trinta anos, o papa João Paulo II publicou o livro Catecismo da Igreja Católica, desconhecido pelos católicos. Aqui há uma produção muito

densa sobre a salvação. Aqui é muito denso! Porém, tem mil páginas. O texto é fascinante? O texto é fascinante! Um ex-pastor da Assembleia de Deus nesta viagem me reconheceu pelas mídias e veio falar comigo. Ele falou “olha, fiquei fascinado! Li o catecismo de vocês para fazer a crítica e agora estou refazendo minha vida”. Tem vários casos assim na mídia. Tem um famoso aí, você podia até entrevistá-lo se você tivesse tempo: Eduardo Faria. ele é da mídia também, é leigo, ex-pastor, pessoa estudada, sabe? Fez Teologia de verdade. Fez o mesmo caminho. Então, sim, tem uma produção maior só que ela está alguns degraus acima. Tem na livraria do teu bairro? Tem. Alguém vai lá comprar? Não vai. Agora, falando de mídias: na TV, não. Na TV não tem nada, que eu saiba, relevante. No cinema tem alguma coisa? Tem, mas restrito. Há as histórias heroicas de alguns candidatos a santo. Na pregação do padre no púlpito da paróquia, via de regra, tenho 80% de certeza que a homilia deve ser rasa, precária, cansativa, enfadonha, chata, desconectada. Eu dou aula para os seminaristas na UNISAL, na Universidade Católica. Tem algumas turmas de Bíblia especialmente que eu acompanho e fico pensando “meus queridos, vocês têm uma dificuldade imensa para conectar a primeira leitura com a segunda com o Evangelho. Que tipo de homilia vocês vão fazer? Vocês não têm vergonha na cara?”. Aí eles ficam realmente perdidos porque é difícil compor um discurso sobre a salvação. É muito difícil! Então, agora sim uma resposta para a pergunta que você tinha feito antes!

Fico pensando a respeito de um caráter que a comunicação tem para a linha teórica que eu sigo, que é a Ecologia da Comunicação, que é o caráter educacional. Então, acho que pelo seu depoimento, o que entendemos aqui é que esta precariedade sobre a comunicação da salvação também surte efeito negativo na própria educação religiosa como um todo. A salvação é um elemento essencial para o cristianismo mas é deixado de lado, como você disse. Cria-se aí, então também, uma falha educacional.

Exato! O catolicismo se sente incomodado com esta falha educacional quando nossos interlocutores vêm até nós e conseguem reunir congregações muito maiores que a nossa. Isto nos incomoda. E aí, olhando de certa distância, o pastor tem uma cosmovisão afrorreligiosa – com todo respeito às religiões afro, muito respeito, aliás! Não é um cristianismo mesmo ali. Tem uma coisa maniqueísta, porque ele faz um discurso de que Deus está lutando contra o Diabo o tempo todo, tem ali claramente elementos de teatro com falso exorcismo – não acredito que seja exorcismo algum. E aí a gente olha e pensa “puxa, nossa comunicação com a salvação está tão fragmentada, tão arruinada, e o camarada ali”... Tive um professor

chamado José Marques de Melo, você deve conhecer, muito católico inclusive. Ele falava assim, dentro da questão de religião e mídia: moramos na lagoa e perdemos ponto para o sapo, como é que pode? A gente não tem capacidade discursiva de fazer com que as pessoas sintam que isso é relevante. Se passar um carro em qualquer bairro, até lá em Pinheiros, dizendo “o pastor Altierrez vai agora curar você! Vai trazer seu amor de volta, vai ler sua mão, vai jogar os búzios!”, o pessoal corre na mesma hora! Aliás, aconteceu isso aqui onde acompanho um grupo de pessoas em Barueri, no Alphaville. O André Valadão é um comunicador que você conhece, também diz ele que é pastor e tal. Bom, ele comprou um lugar lá e criou uma lagoinha. Tem uma paróquia muito estabelecida ali. É fascinante ver o afluxo de gente que estava na paróquia e correram lá para ver porque tem uma novidade, tem um discurso que liga com questões que a pessoa quer vivenciar. E aí a pessoa esquece rapidamente aquele verniz de catequese que ela recebeu, corre para lá, a hora que não der certo ali o pessoal vai, de novo, correr para os braços de Zibia Gasparetto. Zibia Gasparetto conta as vidas passadas deles. Abriu recentemente lá mesmo em Alphaville uma barquinha do Santo Daime. A mesma galera, como se fosse um triatlo, agora corre em direção à barquinha para tomar Santo Daime. Então é uma questão muito peculiar. Os discursos sobre salvação são inócuos, não consegue fazer sentido para elas, elas também não é que estejam tão preocupadas em se salvar de alguma coisa, talvez nem entendam do que podem ser salvas, e aí a gente tem uma defasagem incrível do discurso religioso católico face ao desinteresse quase absoluto das pessoas. O que dá legitimidade para elas ainda é que o catolicismo, diferentemente do protestantismo e do pentecostalismo, tem obras de caridade, querendo ou não é a agremiação religiosa que fundou este projeto de país. Tem algum apelo nisso, que é cada vez menor.

Como você vê hoje o problema de presença, ou da falta de presença, dentro da igreja? Este também é uma reclamação uníssona das pessoas que entrevistei. Cada vez menos pessoas estão indo à igreja por conta da conveniência do YouTube e das redes sociais. Como você vê isso?

Conhecendo bem o campo, diria que esse fenômeno não é expressivo. Tem gente que acompanha pela TV e pelo YouTube? Tem bastante, sim. Mas sabe quem dá mais audiência para o YouTube ou para a TV católica? Aqueles que participam presencialmente. Então, na pandemia havia muito padre preocupado dizendo “Meu Deus, agora ninguém vai querer vir à minha missa mais!”. Não, eles pararam de ir à igreja mas pararam de assistir pelas

mídias, também, seja TV, rádio, qualquer coisa. Pararam. Pararam mesmo! Não foi só na Igreja Católica. Eu diria para você o seguinte: conhecendo bastante este campo, quem dá audiência para missa televisionada é o fiel que vai lá também presencialmente. Não é um fenômeno relevante neste caso.

Pontos a se considerar sobre outras entrevistas que fiz: a pandemia gerou uma conveniência tão grande que as pessoas passaram a substituir a igreja pelo YouTube ou as redes sociais. Ouvi também sobre pastores telefonando na casa de fiéis e pedindo para voltarem para a igreja porque eles sabiam que os cultos estavam sendo assistidos pelo YouTube não por uma questão de fé, mas para não tomar bronca do pastor ou da pastora. Então não existe um consenso neste comportamento.

Não tem uma estatística, mas tem uma estimativa. O que falo para você é estimativa. Dentro do universo católico o que aconteceu de fato foi que a pandemia chacoalhou o cacho de jabuticaba e as maduras caíram e não voltaram mais. Teve na Igreja Católica um desenvolvimento das mídias? Teve! Eu ofereço curso há muitos anos, e somente na pandemia que começou a ser algo interessante, as pessoas gostaram. Depois, também, passou a pandemia e pararam. Continuaram os que eram sempre ligados em ver alguma coisa. Mas eu diria para você, na Igreja Católica, sem chance de errar que não teve uma debandada de gente do presencial para o digital após a pandemia. Teve uma fuga mas não foi tão grande assim. Algo em torno de 20%. Não deve ter passado disso.

Tendo em vista este cenário que você me deu sobre a precariedade da comunicação da salvação, que ideias você teria para que isso melhorasse? Isso em termos de engajamento, de uma formação teológica mais sólida na catequese. Eu sei que vou te dar muito poder nas mãos agora, mas como você resolveria esse problema?

Uma ilusão nossa há dez anos era de que se tivéssemos uma boa e sólida formação teológica, nós teríamos o poder de manobra. Aí a gente olha para a Alemanha: na Alemanha católica, qualquer catequista é doutor em Teologia. E não é modo de dizer! É uma coisa literal! Qualquer catequista é no mínimo doutor em Teologia. Tem bastante catequista. Não está impedindo a igreja da Alemanha de naufragar. No Canadá a mesma coisa. Mas vamos falar do Brasil. O Brasil tem um problema maior, e não entenda isso como um discurso proselitista ou como uma espécie de crítica às outras religiões. O problema da raiz da

questão toda é que a população brasileira é muito mal preparada ao ponto de se não estão entendendo o conceito de salvação porque não tiveram boa escola, vai aparecer um estelionatário – que vai falar que é pastor, muitas vezes nem é – e vai falar “vem aqui, me dá mil reais e eu curo, eu resolvo para você”. O pessoal está em busca disso. Não vou dizer que é espetáculo, mas está em busca de sobrevivência. Então, é muito difícil preparar catequistas teologicamente quando, na verdade, terão que lidar com um exército de adolescentes, jovens e adultos que tem, além de analfabetismo funcional, um enraizamento das piores partes da nossa matriz cultural e religiosa brasileira. No fim das contas, ainda as pessoas querem um pouco de religião mágica, religião espetacularizada, até o ponto daquele jornalista e pastor, Antônio Gouveia de Mendonça, cunhar o termo “sindicato de mágicos”, que são os pastores pentecostais. Ele fala porque ele é pastor, então está falando dele próprio, também. Diz que isso dá muito resultado. Agora, padre católico muito bem preparado, pastor metodista ou luterano muito bem preparado, desculpa, mas tem pouca chance. Ou a catequista também. Agora veja: se tivermos uma melhor preparação teológica das catequistas, ajuda? Ajuda, mas costumo dizer que não é uma questão só teológica. São cinco fronteiras que as catequistas têm que alcançar hoje no Brasil para a Igreja Católica refrear um pouco a sua diminuição. A primeira é a de Sagrada Escritura, por que como os pentecostais não leem a Bíblia mas falam que leem, os católicos também não leem. Catequista fala que é catequista mas não lê a Bíblia. A segunda fronteira é a Sagrada Doutrina. Muitas catequistas, vamos dizer aí uns 95%, não fazem nenhuma questão de estudar a Doutrina Católica. Confundem um monte de conceitos curiosíssimos que tiram Deus sabe de onde. A terceira fronteira é muito prática que o pentecostalismo, que é uma religião afro-brasileira, não é cristianismo, usa com muita maestria, que é a comunicação. A fronteira das estratégias de comunicação. Catequistas têm que melhorar isso. A quarta fronteira é uma que tem um componente muito interessante, que é a psicopedagogia catequética, que trata dos processos de desenvolvimento humano. Como é que aquela criança ou idoso que chegou até mim, como é que foi o processo de formação daquela pessoa, daquela identidade? Com isso a gente pode ajudar muitas crianças, inclusive. Detectar autismo, TDAH. Isso ajuda muito! E aí a última fronteira é a Metodologia e Didática, que as catequistas da Igreja Católica usam uma didática formada lá em 1983 e não mudam. Se você for a um encontro de catequese, e com todo respeito porque sou catequista também, você vai ver um formato bem curioso, que é assim: vai ter uma oração inicial, via de regra as crianças falam algo, aí a catequista, na melhor da boa vontade, faz a introdução ao tema, faz uma leitura em algum momento da Sagrada Escritura, lê um pedacinho, faz uma dinâmica, pergunta para todo mundo numa

espécie de Programa Livre ao vivo “e aí, o que você acha?”, faz a oração final, se benzem, abraçam e acabou. Esse modelo, não é que ele seja nem ruim; ele é bom mas é insuficiente. Para a Igreja Católica conseguir melhorar a comunicação sobre salvação tem cinco componentes essenciais que precisam ser trabalhados, e que está longe de acontecer ainda. É uma realidade.

Então o problema da comunicação da salvação é geral. Todos os grupos têm sua parcela de culpa.

De fato é um problema estrutural da nossa sociedade, da nossa civilização. Ainda voltando à questão da matriz: ela formou um alicerce tão fantástico mas também tão sólido que, enquanto ela nos dá estrutura como coletividade, como comunidade imaginada, ao mesmo tempo ela nos prende a certos padrões que não nos ajudam. Se você vê outras sociedades, como a anglo-saxônica, que não tem nada de melhor que nós, mas conseguiram fazer uma passagem muito interessante da família para o clã, e do clã para a cidade. Eles têm um senso coletivo diferenciado. A nossa matriz nos leva a um outro senso, o senso de que preciso privilegiar muito a minha família. O que tem a ver isso com a salvação? Tem a ver que, no fim das contas, a salvação mesmo passa a ser comercializada num intuito de blindar aqueles que estão próximos. “Agora eu sou prefeito e você é meu primo. Vem para cá ser meu secretário”, entendeu? “Agora eu sou deputado e você é meu afilhado, então você é meu assessor”. Então a gente traduz de forma muito equivocada a salvação espiritual, da metahistória, da questão religiosa com uma questão muito prática, muito imediatista, ligada a uma sobrevivência alucinada, e o máximo que a gente consegue fazer é isso! Eu vou me salvar salvando o meu pedacinho de peixe, o meu pirão e o seu também. O máximo que a gente avançou como civilização na questão de salvar-nos é isso. “Eu vou trazer a brasa da sardinha mais para cá perto de nós, pode deixar!”. A gente não conseguiu dar um passo diferenciado. Se você fizer sua pesquisa em outras sociedades, você vai ver que a ideia de salvação, que é teológica, ela é metafísica; eles trouxeram de um jeito muito diferente e consistente. E não é que não tenham problemas, mas eles deram um passo, e aqui não: estamos numa guerra das baratas ainda.

Estava pensando naquela ideia um pouco simplista mas que resolvia bastante coisa, que é assim: salvar-se é estar no além-vida, num lugar seguro ao lado de Jesus e de Deus.

Aquela coisa até meio parecida com aquela novela espírita que tinha as pradarias com coelhinhos. Esta ideia também já está ultrapassada, não?

Ela está! Eu dei um curso, e se você quiser pode até olhar no meu canal no YouTube, que é um curso de Escatologia. Foi um curso aberto, sem custo, com 30 mil inscritos, para falar dessas ideias. O que acontece na nossa salvação? Sabe o que chamou a atenção? Isto, aliás, confirma um pouco tudo que estou falando para você. Embora a salvação não seja tão falada, propagandeada, há muito mais ideias de contra-salvação do que de salvação. O exemplo mais clássico: as pessoas têm muito cuidado e respeito pelo inferno. Esses que falam sobre salvação, que mencionei para você, dão grande ênfase no inferno. E no curso eu dizia: a teologia católica, a Escatologia, fala uma coisa muito diferente! O grande momento é o paraíso, o purgatório não é filial do inferno; a morte não é um processo ruim, ela é positiva – nascemos para morrer. O pessoal não gostava desse discurso, que é o discurso ortodoxo da Igreja Católica, e aí eles foram abandonando o curso. O primeiro encontro estava somando 25 mil participantes e o último somou 5 mil. Veja: o discurso de que a transcendência é um estado de alegria e paz não é assim tão agradável. Seria mais interessante, eu percebi, que se eu falasse do inferno, sofrimento, capeta, que é onde vai sua cunhada, que é onde vai sua sogra, “aquela véia vai queimar no colo do capeta”, o povo queria um discurso assim, sabe? Então, a transcendência que eles imaginam é meio reativa. Lá vão queimar corinthianos, petistas, bolsonaristas e tal. Isso agrada! Mas falar que Jesus é um Deus de alegria e paz que te acolhe, acolherá o umbandista, acolherá o budista... “Não, perai, como assim? Como assim?! Disso eu não quero saber!”. Então, o máximo que se chegou é este reflexo da salvação pela sobrevivência. Você me apadrinha, eu te apadrinho, a gente faz um rolo por debaixo dos panos e tá tudo bem. É muito próximo disso.

Então, acho que podemos concluir que existe uma modificação no conceito de salvação em função do público, da mídia e de interesses para agradar um determinado público.

Eu ainda acho que isto está preso na nossa raiz mais antiga. A gente não evoluiu muito neste sentido, eu diria isso. É que não tem como falar de catolicismo sem falar de outras expressões que são as interlocutoras. Até porque as pessoas transitam nisso. Veja bem: tem uma catequizanda minha cuja família é de tradição africana, e está fazendo Antropologia na USP. Então, ela me explicava assim: olha, a ética africana é diferente da ocidental porque em primeiro lugar vem a minha felicidade, por isso – dizia ela – explica-se o fato de que um

babalorixá faz um trabalho para roubar o noivo da outra e trazer para mim. Todos vão fazer? Não, mas há uma compreensão assim. Enquanto ela me falava, eu pensava que é a mesma compreensão que temos como civilização. Então a minha salvação é muito submetida aos meus caprichos, ao que eu acredito, uma espécie de revanchismo contra os outros, uma intrincada linha de intrigas e tudo mais. Tudo isso já é da nossa base. As mídias só arvoram um pouco isso.

TRANSCRIÇÃO - EUNICE MEDEIROS
IGREJA RENASCER DE SOROCABA

Só a título de catalogação, gostaria que a senhora começasse, por gentileza, dizendo seu nome e a posição da senhora aqui na igreja.

Meu nome é Eunice [Dalva de Medeiros], sou pastora auxiliar da igreja já quando tínhamos aulas presenciais; eu dava aula de estudo bíblico – o básico, né? Bem básico mesmo –, formação de constituição. E, depois, com o advento da pandemia, nós tivemos que nos adaptar ao Zoom, e agora as aulas acabaram ficando só online, então eu mesmo não ministro mais aula porque a gente tem uma equipe muito grande lá em São Paulo, e a igreja também fez um convênio com uma universidade, e agora está tudo online.

Tudo online.

Tudo online. É muito raro ter uma aula presencial. E para eu dar uma aula presencial, eu teria que ir para São Paulo. E, a esta altura do campeonato, não tenho mais esse pique.

Entendi! Bom, nós estamos na Igreja Renascer [de Sorocaba], que é uma igreja de vertente protestante.

É Neopentecostal.

Neopentecostal. O que significa isso?

É o novo pentecostal. É aquele que acredita no agir do Espírito Santo, que as pessoas podem ser batizadas pelo Espírito Santo, e nosso foco normalmente é isso mesmo: ensinar as pessoas a ouvir ou entender o que o Espírito Santo pode fazer na sua vida. Porque, quando Jesus falou para seus discípulos que ele ia embora, ele falou “mas eu vou enviar um consolador, aquele que vai estar com vocês até o final dos dias”. Então, nós professamos isso: a presença do Espírito Santo, o agir do Espírito Santo nas pessoas de um modo geral.

Podemos chamar isso de doutrina? Esta doutrina é particular de alguma teologia, como a Teologia da Prosperidade, Teologia da Libertação... Ela participa de algum desses grandes grupos?

A Teologia da Prosperidade, na Igreja Renascer em Cristo, por muito tempo foi conhecida por pregar a Teologia da Prosperidade. E não é só isso. Nós, como igreja, professamos nossa fé, convidamos as pessoas a terem um relacionamento íntimo com Deus, e esse relacionamento íntimo acontece através do Espírito Santo. Então, eu não saberia te dizer se “ah, vem dessa vertente, ou daquela vertente”, não sei. Mas, assim, porque eu me converti na Renascer. Eu era católica, espírita e eu me converti na Renascer. Então, o que eu sei é sobre isso. E eu tive uma experiência com o Espírito Santo logo no início da minha caminhada – e fez toda a diferença na minha vida, entendeu? Então, é assim que a gente... Mas a gente ministra, a gente explica que a salvação só acontece através do desejo da pessoa ser salva, porque a pessoa tem o livre-arbítrio; você não é obrigado a seguir Jesus se você não quiser, né? E daí, com a pessoa participando dos cultos na igreja – nós temos cultos muito segmentados. Que nem, de segunda-feira nós temos o culto para a área profissional; na terça-feira é Batalha Espiritual; na quinta-feira... Então, cada dia tem um tema central, e a gente desenvolve mas, se o Espírito Santo não estiver ali, não vai acontecer nada – nem com quem prega, nem com quem assiste ao culto. Então, é isso que nós acreditamos.

A senhora acha que a ideia de salvação que é professada aqui na Renascer vem de onde? A senhora acha que vem de João Calvino, de Martinho Lutero, de Jacó Armínio...

Então, eu até vi na sua minuta e pensei “nossa! Calvino eu sei alguma coisa... Vou procurar!”, e daí identifiquei que seria Armínio, porque ele fala que a salvação acontece, mas você tem que continuar sendo ministrado, vivenciando aquilo. Porque não adianta nada você dizer “ah, confessei Jesus como senhor e salvador da minha vida”, “Tá salvo?”, “Tá!”, mas e daí? Vai continuar vivendo do jeito que você vivia? Porque acontece uma transformação – pelo menos se espera, né? Que aconteça uma grande transformação. Então, se a pessoa não frequentar o culto, não estudar a palavra, não se aprofundar, o relacionamento dela com Deus vai ficar muito raso. E daí, sabe?, ela tá salva? A palavra diz que todo mundo que confessar Jesus como senhor e salvador será salvo. Agora, a gente não pode afirmar “ah, você não está salvo porque você não vem à igreja”.

A condição que o Armínio interpreta é a “predestinação condicional”, diferentemente do Calvino, que fala que é “incondicional”. Daí vem aqueles conceitos de salvação supralapsariana e infralapsariana. Então, a gente vê como cada detalhe é pensado e

estudado para fazer caber no pensamento. Agora, fico imaginando que das várias igrejas que entrevistei, todas elas são de vertentes diferentes mas têm um ponto em comum: a salvação vem pela graça e não pelas obras. Esse é o entendimento aqui também?

Também. Porque a palavra de Deus diz que a fé sem obras é morta, então, não é porque você faz o bem para alguém que você é salvo. Você é salvo pela graça alcançada através de Jesus, pelo sacrifício feito por Jesus, você confessa Jesus como senhor e salvador e você é salvo! Certo? Agora, isso não significa que você não vai mais ajudar ninguém, que você não vai se solidarizar com ninguém, não é isso. A salvação é individual – eu sou salva porque declarei Jesus como senhor e salvador; meu marido também, meus filhos, né? Então, cada um tem um momento em que levantou a mão e falou “eu aceito Jesus como senhor e salvador”.

Essa declaração é feita aqui dentro da igreja?

Dentro da igreja.

Então é uma declaração pública.

Pública. A gente incentiva, ainda, as pessoas a se batizarem nas águas como uma confirmação da conversão. Mas eu tenho um exemplo bem interessante para te falar. Muitos anos atrás, quando eu ainda era católica e espírita – ia nos dois lugares –, tinha me separado do meu marido, estava num processo bem difícil, eu tenho quatro filhos – quatro meninos! Imagina uma mulher com quatro meninos, tudo na pré-adolescência! Nossa! Uma loucura! Então, eu estava louquinha. E eu não trabalhava, eu era dona de casa! E eu comecei a comprar o jornal para procurar emprego. E daí nos classificados – não sei se você lembra daquele caderno do Estadão – aí tinha lá um anúncio que dizia assim: se você está passando por muita dificuldade e não sabe para onde ir, mande um envelope com seu endereço... Eu sei que fiz o processo e recebi um livro que era – não vou saber te dizer a denominação –, mas era do jogador de futebol, Müller, ele que fazia este trabalho evangelístico através deste livro.

E ele era da Renascer?

Não, não! Era de outra igreja, mas não sei que igreja era. E eu recebi o livro em casa. Aí eu li o livro, e no final do livro tinha uma oração, e é a oração que você declara Jesus como senhor e salvador da sua vida. E eu lembro direitinho que eu li e, no final, diz “convido Jesus para morar dentro do meu coração” e não sei o que, e no final estava assim: agora procure uma igreja para você dar continuidade a esse seu processo de salvação. Eu não fui! Eu tinha horror de igreja evangélica, por causa daquela coisa das pessoas caírem... E eu, sempre espírita, você acha que eu queria ir lá dar um show? De jeito nenhum! Então, eu não ia. E eu não fui. Mas, o tempo foi passando e eu fui trabalhar num local em que a minha diretora era evangélica. Começou a ministrar minha vida e me convidou para ir na Renascer. Então, eu fui para a Renascer – eu e meu marido, e a gente amou –, e então a gente ficou lá! Aí a gente foi lá na frente, levantou a mão, fez a oração “entregamos a vida para Jesus”, depois de um tempo nós nos batizamos, e estamos na igreja há 32 anos.

E o espiritismo, ficou para trás?

Ficou para trás. Porque, depois que comecei a estudar a palavra, comecei a entender muita coisa que estava errada.

Por exemplo?

Porque não bate com a palavra, né? Se você crê que Jesus morreu na cruz por todos os pecados, por que você vai ter que nascer de novo, e nascer de novo para expiar pecados? E eu nasci no espiritismo. Então, quando comecei a ter problemas no meu casamento e fui atrás, o líder falou “é porque na outra encarnação você era homem e mulherengo”, aí eu falei “meu, que justificativa mais boba!”, né? Nunca concordei com isso. E aí, depois, comecei a estudar a palavra de Deus e falei “se eu preciso nascer” – que nem no budismo, no “karma” que eles têm, né? – “se eu preciso nascer para ir me aperfeiçoando, então Jesus não precisava ter morrido”. Não precisava ter feito tudo aquilo que eles fez, né? O sacrifício que ele fez: derramar o sangue, ser pregado na cruz. Não precisava! Se esse era o plano de Deus. Então, comecei a entender que o plano de Deus era mais coerente. Seguir Jesus do que seguir essas doutrinas. Então, daí, eu me afastei.

Na verdade o espiritismo tem uma coisa interessante que ele também é cristão.

É! Inclusive onde eu ia, eles liam o Evangelho. Mas eles usavam o Evangelho segundo Allan Kardec – e se você for comparar, tem diferença. Por que? Vai fazer com que você acredite que você está certo. Eu tinha certeza que eu não estava fazendo nada de errado! Quando começou a acontecer todos os problemas e eu comecei a questionar, não conseguiram responder. E depois, quando eu conheci a palavra de Deus – porque eu não lia a Bíblia; eu tinha uma Bíblia enorme lá em casa mas eu não lia –, aí quando me converti e comecei a estudar a Bíblia, fazer curso de estudo bíblico, aí comecei a entender várias coisas e falei “não, realmente o melhor é ficar por aqui”. E aí mudou tudo, mesmo, foi uma grande transformação, e a gente continua aqui na caminhada e continua falando para as pessoas que vale a pena.

Quando a senhora fala para as pessoas que vale a pena, como elas entendem isso?

Depende muito da situação em que a pessoa se encontra. Tenho muitas amigas que são católicas praticantes, que vão à igreja, que confessam, professam a fé delas, e aí quando elas têm um problema mais grave elas me ligam “ah, dá pra você orar por mim?”. Eu entendo que é um pedido de socorro, não uma coisa assim “ah, agora vou deixar de ser católica e vou ser evangélica por causa disso”. Então, tenho muitas amigas que são assim. Têm uma vida normal, regular, e que são católicas praticantes. E eu conheço muitas pessoas – não só as que chegam na igreja mas, às vezes, senta do teu lado, começa a conversar –, e daí você começa a ver que a pessoa está totalmente perturbada, não tem uma direção... Então, eu costumo falar da minha vida. Costumo dar o meu testemunho do que eu vivi, do que eu vivo agora, como era... Consegui me libertar do vício do cigarro – sem ficar louca, né? Foi uma coisa, assim, tranquila; meu marido era alcoólatra e nunca mais bebeu... Então, quer dizer, são coisas que foram acontecendo mas gradualmente, sabe? Não foi assim: eu entrei na igreja hoje e amanhã já não tenho mais nada. Mas eu consegui encontrar uma força que não tinha antes. Então, daí eu falo pra pessoa “olha, por que você não vai na igreja?”. Nunca convido ninguém para aceitar Jesus na rua – a não ser quando a gente faz uma ação de evangelismo, que a gente vai pra rua, fala com as pessoas, mas aí nós vamos num grupo grande da igreja, né? Mas a gente sempre convida para vir à igreja para ouvir a palavra. Porque, aí, o Espírito Santo entra, né? No meu entender é ele que convence. Então, o Espírito Santo convence a pessoa. Fala “talvez aqui seja bom, eu vou experimentar”. E daí vai o processo da pessoa ir conhecendo a palavra, ouvindo a palavra, e vai sendo

transformada. Então, é uma coisa que é muito raro a pessoa entrar na igreja hoje e sair totalmente diferente. Ela pode sair um pouco mais leve, um pouco mais alegre...

Mais receptiva da ideia.

Sim! E aí é o processo: você vai acompanhando – nós temos esse processo de acompanhar as pessoas. Saber o que estão precisando. Então, a gente tem a parte da assistência social, a gente leva cesta básica, faz toda essa parte, mas tem pessoas que não têm essa necessidade, né? Mas precisam conversar. Então, dentro da igreja temos vários ministérios: temos o Ministério Kids, que é para crianças, cuidamos das crianças. As crianças descem, ficam no departamento infantil, mas elas não ficam lá só brincando: elas brincam mas são ministradas sobre a palavra de uma forma mais lúdica, mais fácil de entender. Depois nós temos o [Ministério] Teens, que são os adolescentes. E daí temos o Grupo de Jovens. Então, vai seguindo. Tem o Ministério dos Calebes, que são os velhinhos, mas aqui na igreja só eu sou velhinha [risos], então não tem ainda. Mas, assim, a gente vai cuidando. Então, tem o culto de casais, que é uma vez por mês, então tem uma ministração específica para os casais. E aí, se alguém se sentir com necessidade de conversar um pouco mais, tem um casal de pastores que acompanha, né? Então a gente sempre vai cuidando de cada detalhe.

Porque, a salvação em si, é declarar Jesus como senhor e salvador. Mas, para você viver a vida abundante que Deus promete que você tem, você tem que estar em comunhão com Deus. Se você só declarou Jesus uma vez e depois foi lá continuar fazendo as mesmas coisas que você fazia e que te prejudicam, que te fazem mal, você não vai ter uma comunhão. Na palavra diz que todo mundo é salvo, mas ninguém voltou para contar! Então a gente não sabe [risos]!

Por que a gente precisa ser salvo, pastora?

Aí já é uma pergunta mais complicada. Eu acho que a gente precisa ser salvo porque a gente quer crer que existe um Deus, e que ele não é carrasco. Então, se ele é o Deus Pai que nós conhecemos, se ele realmente enviou seu filho para que morresse por nós, então nós precisamos nos salvar para ter a oportunidade de entrar no céu. Porque aqui na nossa igreja a gente crê que tem o céu e o inferno, certo? Aqui ninguém é mandado para o inferno, mas a gente avisa que corre o risco [risos]! Até tem uma coisa que o pessoal diz: ah, mas o Fulano era bandido, era isso, era aquilo – porque tem muito questionamento disso, né? A gente faz trabalho nos presídios, vai evangelizar nos presídios. Aí a pessoa [o detento] resolve

confessar Jesus como senhor e salvador. E daí? "Ah, agora ele virou bonzinho?", não! Tudo que a gente faz tem uma consequência. Então, a consequência do nosso erro nós vamos viver, independente de ser salvo ou não! Certo?

Então, você é bandido, você está na cadeia, você vai continuar na cadeia! Não é porque você foi salvo que você vai sair da cadeia e vai ficar bonitinho! Agora, depois que passar todo esse processo, que você cumprir a lei dos homens, então você se aprofunde na lei de Deus e mude seu comportamento, seu caminhar, porque tem que ter alguma transformação. Por isso que falo sempre em "transformação" e não em "mudança".

Aqui na igreja existem várias maneiras de falar sobre a salvação. Então, fala-se sobre salvação aqui no salão, no púlpito, fala-se sobre a salvação nos meios impressos... Existe uma revista, um informativo?

Não, nós não temos revista. Na Renascer não tem.

Mas nunca teve?

Já teve jornalzinho, mas era muito assim... Nós temos muitas publicações de livros de estudos bíblicos, mas nós não temos nenhuma revista. O que fazemos para levar a salvação é o programa de rádio – a Rádio Gospel FM é da Renascer há muito tempo e a gente tem um alcance muito grande –, nós temos as redes sociais – Facebook, Instagram –, temos os cultos que passam pelo Youtube; as pessoas têm acesso para assistir. E daí em todos eles – não vou te garantir que em todo culto fala sobre salvação – mas vai ministrar a palavra que vai despertar na pessoa o desejo de querer conhecer mais, de entender um pouco mais.

Tem as mulheres, né? Nós temos o nosso ministério, Ministério das Mulheres Mais que Vencedoras, aí a gente usa camiseta, a gente está sempre de pink, e aquela coisa, né? Então, nós tivemos uma conferência agora em abril, dia 21 de abril [de 2024], o ginásio da Portuguesa lotado de mulheres! Todo cor de rosa! Vem mulheres de outros estados... Então, aquela coisa de você levar a palavra com leveza, não com peso. O que eu gosto na Igreja Renascer – não posso falar de qualquer outra denominação porque não frequentei outra igreja evangélica – é a leveza com que é tratado. Tudo, todos os assuntos, inclusive a salvação.

Você confessa Jesus como senhor e salvador, você fica na igreja, depois de um tempo você diz "ah, não tem nada a ver, vou embora", larga a igreja, né? Mas você pode voltar. E a hora que você voltar você vai ser recebido com o mesmo amor que você foi recebido quando ainda nem era membro da igreja. Nós temos esse cuidado com pessoas que "desaparecem", né? A gente liga, fala "e aí, tá tudo bem? Tá com algum problema?"... Às vezes tá doente, às vezes tá com problema financeiro, sem condição de vir... Então, a gente continua acompanhando. Agora, tem pessoas que dizem "eu não quero mais fazer parte da igreja, não acho que é meu caminho", então está bem! A gente não pode exigir nada, né?

E não tem essa coisa de "não, você"... Uma vez, logo que cheguei em Sorocaba – porque eu morava em Barueri, e de lá eu já era da igreja, né? Quando cheguei aqui para trabalhar, as meninas que trabalhavam comigo perguntaram "ah, você é crente! De qual igreja você é?", "da Renascer", "ah, a igreja da porta larga!". "Que que é isso?" – eu não sabia nem o que era! "A igreja que aceita qualquer coisa!". Aí falei "mas não é essa a função da igreja?". Porque o padre não fica lá na porta perguntando o que você faz, o pastor, o ministro de qualquer ministério! Você não é selecionado antes! Você entra na igreja e, se você se encontra, se aquilo que está sendo ministrado, se o louvor que está sendo tocado fala com você, você fala "nossa, acho que vou voltar aqui".

Eu lembro, quando eu e meu marido fomos à igreja, nós saímos e eu disse "a gente vai voltar domingo, né?". Ele falou "Vamos! Porque nós gostamos!", entendeu? Então foi assim, e o que gosto na Renascer é isso: tem a leveza. Pessoas que saíram e depois voltam, "ah, estou em pecado"... Meu, pede perdão, Deus perdoa, nós não temos o direito de julgar. Só não vamos concordar com o pecado! "Ah não, querido, você é assim mesmo! Continua roubando, continua matando"... Não dá, né? Aí a gente vai ministrar a vida da pessoa para ela mudar de atitude.

Se a gente olhar para uma perspectiva material, uma pessoa que consegue parar de fumar, uma pessoa que consegue parar de beber, uma pessoa que consegue não cometer mais crimes, é um tipo de salvação?

Sim! Só que depende do que a levou a não mais fumar, a não mais beber, né? No conceito da igreja não é uma salvação. A salvação é a declaração de Jesus como senhor e salvador da sua vida. Reconhecer a autoridade de Jesus na sua vida.

Nós temos o programa de rádio da Gospel, nossa, é muito antigo!

Antigo quanto? Uns 50 anos?

Não, a igreja não tem 50 anos. A igreja foi fundada em 1982. O programa de rádio tem uns 40. Começou na Rádio Manchete, e depois eles foram adquirindo – não entendo muito bem desse negócio de direito de rádio, de transmissão, mas eles foram adquirindo e hoje tem a TV Gospel, a Rede Gospel de Televisão e Rádio FM que alcança muita gente. Muita gente.

Então, no programa de rádio temos muitas pessoas que nos procuram e dizem "eu estava ouvindo a Bispa Sônia, o Apóstolo, ouvi na rádio que vai ter isso", então, vem à igreja através da rádio. Vai falar de salvação na rádio? Fala, mas a pessoa vai fazer a declaração de salvação aqui na igreja. É muito raro as pessoas... A não ser as pessoas que estão presas, ou no caso de um homem que... Todo mês nós temos um culto que é para todas as igrejas, o apóstolo que ministra. Chama-se Ceia de Oficiais. Uma vez um rapaz foi lá e falou que estava no hospital – já tinham deixado ele ali do lado porque não tinham mais o que fazer com ele –, e a televisão estava ligada e começou a passar o programa da Bispa Sônia. E diz que ele ouvia aquele programa e a Bispa Sônia falou assim "você que está nessa cama, que não tem esperança" e não sei o que, "você quer aceitar Jesus como senhor e salvador da sua vida? Se você quer, repete esta oração comigo. Se você não pode falar, pisca os olhos". E ele só podia piscar os olhos. E ele piscou os olhos. E ele falou que naquele mesmo dia – depois da oração, acabou o programa e ele ficou lá deitado.

Naquele dia ele sentiu vontade de ir ao banheiro. E ele levantou e foi ao banheiro! E ele não saía da cama! E daí começou o processo de cura dele. Os médicos não entenderam, mas ele foi melhorando, beleza, deram alta para ele. E aí ele falava assim "onde será que é aquela igreja do solzinho?" – porque antes a Renascer tinha o símbolo do sol. "Onde será que fica essa igreja?". Ele achou um panfleto, procurou a igreja. Ele disse que quando ele saiu do hospital ele tinha 38 quilos – um homem de um metro e oitenta. Aí ele já estava bem de saúde, começou a frequentar a igreja, não sei o que, e ele foi lá para dar o testemunho de que ele foi curado através da salvação.

Como eu falo: eu fiz aquela oração que estava no livro e não percebi nada. Mas depois, analisando minha vida, começaram a acontecer situações que foram me levando para outros caminhos, aquele desespero em que eu estava foi passando até que eu cheguei na igreja. Mas foi um processo. Então, a salvação pode se iniciar num programa de rádio, num programa de TV, numa ministração pelo YouTube, mas ela só vai se concretizar quando você for

deixando isso te envolver cada vez mais, para que você realmente tenha uma razão de ser. Por que você vem para a igreja? Fazer o que na igreja? Não vem fazer reunião social, então por que você vem na igreja? Tem que ter uma motivação maior; e a motivação maior é estabelecer um relacionamento íntimo com Deus. E isso é um processo.

Uma das coisas que argumento na minha tese é que, quando pensamos em Marcos 16:15, "Ide e pregai o Evangelho a toda criatura", a gente pensa no "ide" como um movimento físico, como um corpo que se desloca de um lugar a outro. Hoje não é mais tanto assim. Hoje o "ide" não está necessariamente na pessoa, mas nos meios de comunicação, nos aparelhos de comunicação. Isso traz uma diferença em como professar a fé? A senhora acha que existe uma diferença entre falar aqui [na igreja] e falar na rádio, numa televisão, numa live de redes sociais?

Acredito que, para a salvação, não existe essa diferença, porque você sempre vai direcionar a pessoa para ter esse relacionamento com Deus, independente de onde for, de qual meio você vai usar para que a pessoa chegue a esse termo, de falar "vou confessar Jesus como senhor e salvador". O que acontece com os meios de comunicação é que a abrangência é muito maior.

Outro dia cheguei aqui na igreja e tinha uma carta de um presídio. A pessoa ouviu na rádio e queria que um pastor fosse visitar, aí o pastor foi lá no presídio visitá-lo. Porque a rádio alcançou. Nós jamais conseguiríamos chegar até ele. Então, os meios de comunicação ajudaram muito a expandir o Evangelho. Eu lembro que eu ligava a televisão e tinha um pastor americano que ministrava. Eu assistia, achava legal, mas, sabe?, nunca me tocou. Eu realmente precisei do livro, e depois precisei ir para a igreja para ser salva. Agora, tem pessoas que estão numa situação tão diferente que a palavra chega até eles e eles aceitam Jesus.

Uma das "reclamações" que houve de alguns entrevistados, principalmente depois da COVID-19, é que muitas pessoas acabaram se acomodando e passaram a não voltar mais para a igreja, mesmo estando muito claro que a convivência é necessária para o reforço da fé. Esse problema também acontece aqui?

Nossa, muito! Muito, muito. Nossa igreja, durante a semana, tem poucas pessoas. Aos domingos fica lotadinha, cheia de gente, né? Mas, durante a semana, é muito pouco. Nossa igreja, todo mês, faz uma campanha de jejum—

Desculpa, mas "muito pouco" em comparação com antes da pandemia?

Antes da pandemia. Porque, depois do COVID, eles aprenderam a entrar no YouTube e assistir aos cultos no YouTube. E não adianta, sabe? Às vezes eu chamo alguém e falo "você vai lá na igreja?", aí "ah não, pastora, vou assistir aqui no YouTube aqui na minha casa, vou assistir na televisão". Não vem.

E aí, como resolve isso?

Ah, não tem como fazer, né? Você vai cortar? Cortar a transmissão não vai dar certo. Entre você ter – e aí sou eu, Eunice, que acho! – alguém ouvindo o culto da Renascer na casa dele, ou ele ouvir algumas doutrinas malucas que andam pondo aí no YouTube também, é melhor que ele esteja ouvindo a Renascer. Porque a gente sabe que está cheio de gente aí se autointitulando pastor, ou mesmo que tenha um conhecimento bíblico mas não tem discernimento das coisas – um dia estava ouvindo um culto de uma outra denominação, meu marido ligou a TV e estava passando, o ministro falou um negócio e eu falei "gente! Como ele pode falar isso?! Tá errado!". Então a gente tem que tomar muito cuidado com isso.

Só que, muitas vezes, é mais agradável. Vou te dar o exemplo: esse pastor falou que Jesus transformou água em vinho no casamento lá em Caná, mas que essa água era suja, que as pessoas tinham lavado os pés. E não é isso! O que está escrito na palavra é que Jesus mandou encher as talhas com água, que é a água da purificação. A água da purificação o que é? Como eles vinham à pé, eles chegavam, lavavam os pés para entrar na festa. E essa água era jogada fora! Aí o pastor "não, porque imagina: uma água que muita gente lavou os pés, Jesus transformou no melhor vinho". Falei "gente! O que é isso?!". Sabe? Para ficar mais dramática a coisa!

Então, tem coisas que você precisa prestar atenção, e eu fico muito preocupada com os meios de comunicação sendo usados por charlatões, por pessoas que estão preocupadas em angariar donativos, dinheiro, né? Porque, quando entrei na Renascer, se tinha uma coisa que me incomodava demais era esse envelope na cadeira! Eu chegava na igreja, "de novo esse envelope? Mas eu já entreguei meu dízimo!". Eu pensava comigo, e o envelope ali. Eu falava "mas que coisa!". Aí, depois aprendi que o envelope estava ali mas você não era obrigado a pegar o envelope, não era obrigado a colocar dinheiro. Se você entende o segredo de consagrar o dízimo você consagra, se você não quiser, é você e Deus. Tanto que, na nossa igreja, não tem controle.

Eu tenho um amigo que é pastor de uma outra denominação e ele falou "estou muito preocupado porque estou vendo que algumas pessoas estão empregadas e não estão entregando o dízimo". Eu disse "como você sabe?", ele falou "porque eu tenho uma lista!". Eles têm uma lista, e a pessoa vai lá e entrega um envelope com o nome dele, e o pastor vai lá e tica [o nome], sabe? Eu fiquei olhando para a cara dele e disse "a gente nunca fez isso aqui". Nunca. A gente não faz.

Então existe um cuidado de falar do jeito certo dependendo de onde você vai falar. "Isso aqui é melhor falar no rádio", "se a gente vai falar disso é melhor escrever e colocar numa página de internet". Existe esse cuidado no trato com a comunicação?

Eu acredito que sim. Porque nós temos o pessoal que cuida da comunicação, temos pessoas da área da comunicação, mesmo, que trabalham na Rede Gospel. Assim: nós temos a Bíblia. A Bíblia é a Bíblia, não é? Posso pegar a minha, pegar a sua, pegar a do outro, é tudo igual. Todas as passagens são idênticas. Aí, nós temos a Bíblia Apostólica, que é a Bíblia em que o Apóstolo colocou os estudos dele.

Como se fosse uma Bíblia comentada?

Isso! Aí estão no rodapé. Você não pode alterar nada que está na Bíblia! Então, na comunicação tem muito cuidado com isso. Os livros que são publicados, a gente tem muito cuidado em ensinar aquilo que está na palavra – eu posso até fazer um comentário a respeito.

É como se faz no catolicismo, na homilia.

Sim! Porque não tem como você pegar e "ah, agora eu vou falar...". Porque, vamos supor: a Renascer tem o Carnê de Gideão. Isso é um carnê que existe quase desde que a igreja foi fundada, e a pessoa faz uma doação. E ela faz R\$ 30 por mês, R\$ 50 por mês, tem lá os valores. Ela liga nessa central de atendimento e pede um Carnê de Gideão para ela, e ela pode fazer os pedidos de milagre que ela quer.

Nós temos, lá na sede em São Paulo, um local que se chama Cenáculo, que é um local onde os oficiais, os pastores intercessores oram por aqueles pedidos. O apóstolo, na TV, diz "faça seu Carnê de Gideão", a Bispa [Sônia] também. Por que? Porque é um recurso que vem para a igreja, até para manter os meios de comunicação. E nós temos outros [recursos]:

temos o Centro de Recuperação, em Santana de Parnaíba, que é dos "drogados", temos os Centro Assistencial Bispo Tide, que é na favela de Heliópolis, tudo isso tem custo. O "drogado" vai para o Centro de Recuperação e não paga nada! Ele é internado, tem o tratamento e todo o acompanhamento.

O Centro Assistencial do Bispo Tide, Tide Hernandez, dentro daquela favela enorme, é um local em que eles recebem as crianças das mães que precisam trabalhar, então eles ficam lá. Aí eles já fizeram – agora nós fizemos uma obra muito grande lá e tem salas de aula, as crianças aprendem inglês, para dar uma oportunidade. E aí eles fazem isso, e o que sustenta? As doações! Então é o Carnê de Gideão, é um voto que você faça – se a gente entrar nessa parte do financeiro, eles usam muitos recursos. E, da mesma forma que eles falam que você pode ofertar e pode pedir um milagre, eles também falam da salvação. Só que o foco é diferente. Salvação, mesmo, que acontece, é mais aqui no culto.

A salvação é mais reforçada quando está todo mundo junto, fisicamente, congregando.

Isso.

Podemos pensar que os meios de comunicação, a TV, a internet – vamos pensar só na internet, porque ela é muito forte, principalmente depois da pandemia. Vai existir algum momento em que a internet vai substituir a presença na igreja ou isso não é possível? Mesmo se num culto a senhora ler Atos, ler Hebreus, ler Salmos, todas as passagens que falam sobre estar em comunhão com pessoas, fisicamente; será que mesmo assim não vai dar certo? As pessoas não vão entender e vão preferir ficar em casa?

Eu acredito que vão.

E daí? Como é que fica isso?

É assim: se acontecer isso – como já acontece; a gente viu que depois da COVID, muita gente deixou de vir à igreja –, sempre vai ter aquele que vai querer estar em comunhão presencialmente. É que nem livro: quando começaram a surgir os livros digitais, disseram que os livros impressos iam acabar!

Eu lembro que até chegaram para mim e disseram "ih, a sua profissão, ó, tá acabando!". Falei "como tá acabando?", "ah, porque agora, com o advento da internet, todas as bases de

dados que nós temos, não dependemos de alguém fazer a pesquisa". Porque, antes, eu que tinha que consultar as bases de dados²⁴. Aí eu falei "mas sempre vai ter alguém que vai precisar de ajuda". Tanto que eles mudaram o nome da profissão: agora é "cientista da informação". Mas é bibliotecário de qualquer jeito! As bibliotecas físicas continuam existindo, e vão continuar existindo por muito tempo.

É lógico que a tecnologia ajuda! E no culto é a mesma coisa! Porque, olha, vou te dar um exemplo: na COVID, o bispo transmitia o culto direto da casa dele para nossa casa. A gente recebia o link e todo mundo assistia. Eu vou confessar: tinha dia que eu dormia!

Ué, mas tem gente que dorme na igreja, também!

Dorme [risos]! Mas você entendeu?

A senhora só dormiu mais confortavelmente!

Quando acordei, o bispo já estava terminando o culto, aí falei "meu Deus do céu! Perdi!".

A senhora se sentiu culpada?

Não! Não me senti culpada. Acho que se sentir culpado é se você sabe que está fazendo errado. "Ah, vou ligar aqui só para o bispo saber que estou online, mas vou fechar a câmera e dormir", aí me sentiria culpada!

A gente tem muitas pessoas que fazem isso até hoje! Nosso bispo – ele só tem cara de bravo; ele é muito bonzinho, o Bispo Cleiton –, marca reunião, e ele faz reunião online porque o pessoal diz "ah, bispo, não dá pra eu ir, estou saindo da faculdade, não sei o que". Daí ele faz reunião online, tem gente que tem a cara de pau de deixar a câmera ligada e dormir! Outro dia, mandei uma mensagem para uma moça dizendo assim: querida, pelo menos feche sua câmera! Você está dormindo! Aí ela disse que viu no dia seguinte a minha mensagem. Aí falei "você não tem receio? Porque é falta de respeito! Eu acho!

Pra começar, se eu for participar de uma reunião por Zoom, eu quero ver a pessoa que está do outro lado. Na época da pandemia, dei aula pela internet, pelo Zoom para alguns alunos, e exigia câmera aberta! Eu dizia "se fechar a câmera eu ponho falta, vai reprovar por falta". Porque eu acho que é falta de respeito, né? Agora, aqui na igreja, quando a pessoa começa a

²⁴ A pastora Eunice Medeiros é bibliotecária de formação. [Nota do Pesquisador].

dormir; a gente chega gentilmente: olha, um copinho d'água para você. Agora, pela internet não dá!

Então, acho que podemos chegar à conclusão que estar presencialmente continua sendo a melhor forma de praticar a salvação.

É a melhor forma.

Se a senhora pensar em tudo que acontece no entorno disso, então, o rádio, a televisão, a internet, é possível perceber um equilíbrio? Se todas essas coisas que estão no entorno conseguem sustentar bem a mensagem principal? Ou se existe um desequilíbrio? A senhora sente que toda a forma de comunicação rema para um lado só?

Eu acredito que sim. Apesar de todas as interferências que podem acontecer, eu acredito que sim. Porque a pessoa assiste a um culto pela internet, pela televisão, aí "ah, acho que vou lá na igreja", acaba vindo... Ou procura alguém que possa ajudar, acompanhar, para poder ensinar, para poder orar junto, sabe? Uma coisa muito gostosa que nós temos aqui na igreja é orar juntos. "Ah, eu quero orar para minha amiga", então eu posso ligar para minha amiga e orar com ela. Essa proximidade com as pessoas, a gente não pode perder. E eu não acredito que todos esses meios de comunicação façam com que isso se perca. Eu não acredito. Eu acredito que exista a necessidade física – até mesmo pelo telefone, mas você está falando com a pessoa! Você não gravou áudio, você está falando com a pessoa. "Olha, o que você está passando?", "Ah, eu to com isso", "Então vamos orar, pedir para Deus interferir nisso". Então, é assim, é um laço que a gente consegue construir que é difícil só nos meios de comunicação.

Acredito que todos os meios de comunicação contribuem para que as pessoas desejem estar em comunhão presencialmente, embora seja muito mais cômodo ficar em casa, assistir a hora que quiser, não ter compromisso com horário, né? Mas é muito interessante, porque eu vejo assim: tem uma senhora, ela vem de Salto de Pirapora para cá. Só que ela mora num sítio. Ela só ouve a rádio [Gospel]. É analfabeta. Aí, eu estava aqui de manhã – porque, às vezes, venho fazer uns cultos de manhã, e eu vim fazer um culto de encerramento de jejum – e ela entrou aqui na igreja. Ela falou "ah, graças a Deus encontrei a igreja!". Falei "como assim?". Ela contou a história dela, e disse "eu não sei ler. cheguei lá embaixo no terminal e mandaram eu tomar o ônibus". Aí ela conversando com o motorista, uma moça ouvindo falou "eu trabalho lá perto da igreja, se a senhora quiser eu levo a senhora até a porta da

igreja". E a moça acompanhou ela até aqui. Aí ela falou "eu ouço na rádio, e eu queria vir à igreja". Você vê a necessidade de ter a comunhão, presencial. Aí, eu "adotei" ela! Ela me liga, eu ligo pra ela, ela vem...

Aí, então, ela mudou minha vida, porque agora eu tenho que fazer um culto de quarta-feira de manhã, porque à noite ela não tem ônibus pra ir pra casa. Então, às quartas-feiras, nove e meia da manhã, estou aqui, faço um culto para ela e para uma outra senhorinha que mora lá no Carandá e tem medo de sair à noite.

A senhora conseguiu alfabetizar essa senhora?

Essa senhora agora entrou, olha só: isso faz alguns meses que ela está vindo à igreja. E ela fez o tal do Carnê de Gideão pela rádio, e aí eu falei "a senhora precisa se envolver mais, precisa fazer alguma coisa, não pode ficar lá naquele sítio sozinha", e ela foi no Clube do Idoso de Salto de Pirapora, e agora ela entrou no curso de alfabetização de adultos.

Eu já dei aula de alfabetização para adultos, e tenho um problema sério. É muito difícil! Precisa ter muito amor e muita didática para conseguir alcançar e fazer com que eles entendam, mas ela conseguiu lá. "Ah, agora eu vou aprender a ler e vou ler a Bíblia!", "que bom! Graças a Deus, né?". E ela vem de quarta-feira.

Pra você ver que, mesmo ouvindo na rádio, ela tinha necessidade de encontrar com alguém. Por isso que eu acho que os meios de comunicação podem até dar uma aparência de conforto. "Eu estou bem aqui, não preciso ir para a igreja", como tem muita gente dizendo "ah, não preciso falar com o pastor! Falo com Deus direto!". A gente escuta muito isso! Todo mundo fala com Deus direto, né? Que eu saiba, Deus tem ouvido para ouvir a gente. Mas o fato de estar junto, de estar reunido, orar junto, de compartilhar os sonhos, os problemas, isso é só presencial. É muito difícil você conseguir isso através de uma ministração de um culto na TV.

Para onde a senhora acha que a gente vai daqui dez, quinze anos? A senhora acha que um prédio desse tamanho vai continuar sendo necessário? Ou tudo vai acabar indo para a internet e a gente vai acabar perdendo cada vez mais isso? Será que essa ideia de estar junto vai começar a ser modificada?

Eu acredito que por mais que você tenha acesso – eu mando mensagem de WhatsApp para meu marido de dentro da minha casa. Eu acho isso um absurdo! Mas, tem gente que se sente bem fazendo isso! Acredito que o tamanho do prédio talvez possa ser menor, mas não podemos esquecer que temos crianças e jovens. Entendeu? Porque a gente vê, quando eles chegam aqui – tem dia que é muito engraçado: igreja está lotada; quando a gente manda as crianças descerem, a igreja fica vazia! É um monte de criança descendo! E eles são muito amigos! Então, essa comunhão entre eles já é... Porque tem a comunhão lá na escola, tem o vizinho que brinca com ele, mas o fato dele estar dentro da igreja, aprender desde pequeno a orar, a participar da Santa Ceia, tudo isso, eu acredito, faça com que a igreja até possa diminuir um pouco de tamanho, não vai precisar de um templo enorme, mas ainda vai ter os resistentes! Aqueles que vão continuar.

Mas é uma necessidade humana: o homem não nasceu para viver sozinho, e quanto mais ele se isola mais desumano ele fica. Porque aí ele não consegue mais enxergar a necessidade do outro, não consegue sentir empatia, não desenvolve empatia. Eu lembro quando saía daqui quatro horas da tarde para participar de uma reunião no Ministério do Ensino às oito da noite lá na Lins de Vasconcelos. Era uma loucura! E hoje a gente tem reunião pela internet!

Para algumas coisas facilitou a nossa vida. Facilitou! Eu tinha culto ontem. Aí a minha líder falou assim "olha, vou fazer uma reunião com vocês às 22:10". Por que? Já teria terminado o culto, daria tempo do pessoal ter chegado em casa. Então, é assim que se faz! Hoje em dia isso facilita muito.

Mas como apoio, não como a coisa principal.

Como apoio! Porque daí, ela mesma falou: vai terminar o semestre, vou fazer uma confraternização aqui na minha casa, e quero que vocês venham aqui. Porque a gente precisa do contato físico. A gente precisa disso. O ser humano não nasceu para viver sozinho.

TRANSCRIÇÃO - FERNANDO PUPO

IGREJA METODISTA

Para catalogar, gostaria que você dissesse seu nome completo e sua posição dentro da sua igreja.

Meu nome é Fernando Pupo, tenho 56 anos, me formei em 1990 em Teologia na Faculdade Metodista de São Bernardo – hoje atual Universidade Metodista. No final de 2023, a faculdade fechou por conta das dívidas, e ela reabriu com outro nome. Agora é FATIM [Faculdade de Teologia da Igreja Metodista], uma faculdade de Teologia, sem o reconhecimento do MEC. Então é um curso livre. Terminei em 1990 e pastoreei por dois, três anos. Estava fazendo Filosofia na mesma época, concomitante, na USP, e acabei me afastando do ministério e depois me afastei da Igreja por alguns anos. Depois retornei em Mairinque na condição de leigo, depois me tornei clérigo pelos processos canônicos que a igreja exige.

Então hoje você é clérigo na Igreja Metodista.

Hoje sou clérigo nomeado na terceira região eclesiástica – são dez regiões que tem no Brasil. Cada região tem um bispo; é um sistema episcopal porque é metodismo histórico – é protestante dissidente da Igreja Anglicana, que é dissidente da Igreja Católica. Nós somos chamados, portanto, de Protestantes Históricos, e temos o regime episcopal, que a Igreja Anglicana também preconiza.

Existe uma escuta ativa: o pastor sabe da minha vida, sabe onde eu moro, sabe que tenho casa própria, enfim, Luiz. Mas a palavra final, como é na Igreja Católica, como é na Igreja Anglicana, a palavra final é do bispo. É ele quem faz a nomeação. Este ano – o ano eclesiástico começa para nós em primeiro de fevereiro e vai até o último domingo de janeiro do ano seguinte – estou nomeado para a igreja de Vargem Grande, que fica a 20 quilômetros da minha casa. Então, como tenho outra profissão – sou professor da rede pública estadual de carreira; estou há 30 anos no magistério dando aula de Filosofia no Ensino Médio –, então tenho estas duas "profissões".

Sou casado com Ana Paula há 20 anos, tenho dois filhos. Como não somos celibatários, estamos no segundo casamento, eu e ela, somos divorciados e depois nos casamos e estamos aqui juntos há 20 anos.

Dentro da Igreja Metodista existe um conceito de salvação, como em todas as outras igrejas cristãs. Qual é esse conceito?

Muito bem lembrado! Inclusive, na Igreja, temos as doutrinas e, dentro dessas doutrinas, a doutrina da salvação. O que posso falar sobre esta questão em poucas palavras? Porque o assunto é amplo, é bastante complexo. Inicialmente, posso dizer que a salvação vem pela Graça. O que significa? Que não é mérito nosso. É um dom de Deus e, dentro do Protestantismo, você tem aqueles que são predestinados a essa Graça, que são os Calvinistas – que não é o nosso caso; nós somos arminianos de origem teológica – então, nós somos destinados. Deus, de antemão, nos destinou à salvação. Então ele cria o ser humano, antes de você nascer ele te sonhou, ele te projetou para ser salvo. Mas tem o livre-arbítrio, né? Você pode não querer, né? Então, dentro da doutrina da salvação existe o livre-arbítrio.

Livre-arbítrio ou livre-agência?

Livre-arbítrio.

É porque na [Igreja] Batista eles consideram como "livre-agência".

Não, não, é arbítrio, mesmo. É de arbitrar sobre sua vida. Você foi destinado, porque você é criação de Deus, e você pode não querer. Esse é o livre-arbítrio. Adão não quis.

Isso é do Jacó Armínio.

Isso, nós somos arminianos por teologia. Nós somos Metodistas, e não Anglicanos. Somos herdeiros do anglicanismo na estrutura eclesial, mas doutrinários do arminianismo. O arminiano é mais próximo da gente na doutrina da Graça. Por isso a gente pode cair em desgraça. Então, dentro da doutrina da Salvação, você pode ser salvo uma vez que você reconhece que é um pecador, se arrepende dos pecados, aceita Jesus e tem uma nova vida, um novo nascimento. Então aí você tem um processo, a Doutrina da Santificação e da

Perfeição Cristã, que John Wesley define, com base arminiana, que você sobre uma escada da Salvação para chegar ao nível de Jesus. Você é semelhante a Jesus – tem até uma música infantil que fala disso.

Mas, dentro desta caminhada, você pode cair em desgraça – literalmente, cair da graça – e Deus dá a oportunidade de você retomar. Então, dentro desta visão não somos calvinistas, e também não somos tão arminianos assim, porque a doutrina da Salvação preconiza a possibilidade do ser humano recomeçar – o Filho Pródigo, né? –, e a ideia de "destinado" é a de que, antes que se formasse, "no ventre da sua mãe Eu te concebi e Eu te criei para que fosse o profeta das nações". Então, Deus não pré-destinou, ele nos destinou à salvação. Mas ele nos dá outras oportunidades. Então, pelo amor que ele tem por nós, ele nos dá a opção de querermos caminhar com ele ou não.

Então, a doutrina da salvação é pela Graça, pela fé – somos justificados pela fé, então aí tem a herança agostiniana e de Lutero – mas podemos ser salvos. Hoje eu tenho a certeza da [minha] salvação. A pergunta clássica: você tem certeza da [sua] salvação? Sim, hoje eu tenho. Amanhã não sei! Eu posso cair da Graça. Existe um processo.

Mas como é possível cair da Graça se você é destinado?

Deus não cria uma obra para ser imperfeita ou jogada no lixo. Se nós somos criação divina, nós somos destinados à salvação.

Então essa diferença é fundamental: você ser predestinado e destinado.

Sim! Por isso a Doutrina da Graça. A Graça é preveniente e a Graça... Eu já vou lembrar do nome, mas John Wesley define esses dois tipos de Graça na doutrina metodista, exatamente para diferenciar dos calvinistas. É uma dádiva que está sempre disponível, mas pode ser também recusada. A Graça divina revolve em nós um desejo de conhecer a Deus e nos capacita a responder ao convite divino de estarmos em um relacionamento com Ele. O relacionamento é uma coisa que você pode não querer. Aí a Graça Preveniente, e aí dentro do metodismo acreditamos nessa Graça que define o papel do ser humano. Senão nós não precisaríamos fazer nenhum esforço nem tomar nenhuma decisão nem fazer escolhas, porque nós seríamos frutos do mito, da mitologia grega, né? Somos destinados à fortuna ou à

desgraça. Então não temos um Deus "destino"; temos um Deus que ama, que nos dá a oportunidade de sermos salvos.

Somos criaturas, somos imagem e semelhança de Deus, mas podemos cair. Como os anjos caídos, nós também podemos cair ao não aceitar esta proposta.

Tem vários autores que concordam que o protestantismo foi fundamental para a alfabetização do europeu. Principalmente depois da invenção da imprensa, da prensa de Gutenberg...

Lembrei! Graça Preveniente e Graça Justificadora. Nós somos justificados pela fé. Então tem a Preveniente, que é essa de "eu quero, eu aceito". "Você aceita Jesus?", essa é a pergunta clássica! Você aceita Jesus como seu Senhor e salvador? Então se arrependa dos pecados, peça perdão e nasça de novo. Batize-se. E aí o batismo tem outra concepção que está desvirtuada, além da salvação. Mas depois da gente vê mais isso.

Sim. Bom, então tem muitos autores que concordam que o protestantismo foi fundamental para a alfabetização na Europa, principalmente a partir do século 16, 17. Vários desses autores falam que os protestantes sempre foram mais letrados e educados que os católicos. Você percebe isso no seu dia a dia, na sua convivência?

Não. Isso não existe mais. Isso foi até minha época de estudante, quando estudava no Bernardino [escola municipal da cidade de São Roque] no ensino fundamental. Lá tínhamos aula de religião. "Fernando, você é protestante? Então você não precisa assistir a esta aula". A gente era alijado do processo, era excluído, mas existia uma diferença entre aquele que ia para a escola dominical da igreja, que me ensinou a ler, escrever e interpretar. Se hoje trabalho com a boca – meu instrumento de trabalho é falar; eu só sei falar, não sei apertar um parafuso nem trocar uma lâmpada. Trabalho manual é uma coisa que tenho dificuldade. Mas a igreja me ensinou a falar, a me portar, a fazer leitura, então eu tinha esse diferencial dentro da escola, e eles percebiam.

Hoje não. A gente tenta ver alguém que é "um ponto fora da curva", mas não é regra mais. Hoje está todo mundo na mesma vala. A palavra "escola" espanta todo mundo. Para os neopentecostais e pentecostais não existe mais "escola bíblica" como existia para os

assembleianos históricos. Hoje acho que nem tem mais escola bíblica – a gente chamava de escola dominical. Que é um lugar de aprendizado, de leitura e estudo. Então, você tem aula, tem capacitação. Foi ali que aprendi a ler, escrever e interpretar. Então, se hoje trabalho com a fala, eu devo à igreja. A igreja me instrumentalizou nesse sentido de aprender a ler, falar em público, ter coerência naquilo que fala, pensar no que fala; ouvir, discordar – dentro da Igreja Metodista você tem um sistema de Assembleia, em que você pode se posicionar, ir contra ou a favor. É uma ideologia liberal, da Inglaterra do século 18, então, da segunda metade da Revolução Industrial, então a gente tem essa ideologia de assembleia.

Tem lideranças. Eu sou clérigo mas não sou dono. Não assino cheque na igreja. Minha parte é pastoral, teológica. Existem os leigos que tomam conta da administração. Então, se a igreja está do jeito que está, se existem dívidas, é o conjunto, a sociedade anônima. Somos todos responsáveis. Não dá para dizer "a culpa é do pastor". Se cai o teto da igreja, o delegado chama o pastor. Não, tem que chamar o administrador da igreja! Então, até essa visão laica é distorcida em relação à instituição. Somos NPJ, temos contrato de Razão Social, e aí chamam o pastor, que é líder espiritual da pessoa! Para falar por que o teto da igreja caiu, por que pegou fogo, por que o extintor está vazio...

Estendendo mais sua pergunta, ela é muito mais ampla. Meus filhos leem pouco porque são de escola pública, são de um mundo que lê pouco. Não é porque eles estão na igreja que... Tem algum diferencial na formação, na educação, talvez da índole, talvez na formação de caráter... Talvez! Também não há garantias. É o que a gente busca apregoar para eles.

Na minha época, sim. 10 anos de idade, 12 anos, na quarta série eu via nitidamente a diferença.

A estrutura da Metodista é bem coesa a ponto de que todas as igrejas professam a mesma ideia [de salvação].

Ela é conexional, ela tem uma mesma formação para todos os pastores e pastoras – na nossa instituição aceitamos e reconhecemos a mulher como clériga. Então, temos bispas, a episcopisa do Brasil, ela mora em Brasília, na oitava região, e coesa porque tem uma formação teológica que a define, têm os cânones que você segue, e uma vez que você se torna clérigo dentro do processo de qualificação – tem uma prova, tem período probatório, tem

observações da sua vida pessoal, profissional e também intelectual. É uma exigência muito grande! A prova tem história do metodismo, Bíblia e doutrinas. Então tem uma série de exigências para você se tornar o que chamamos de Presbítero ou Presbítera, que é meu caso, que é uma qualificação que a nossa lei, nosso cânone, define como clérigo.

Então, eu sou clérigo, minha mulher é leiga. Então, a definição de clérigo passa por todo esse processo de formação teológica. Demanda uns oito anos, mais ou menos, porque esse processo é seletivo e depois tem uma eleição, um concílio regional em que as pessoas avaliam sua conduta: se tiver alguém a favor, ela vai falar; se tiver [alguém] contra, vai falar também. Depois tem a votação secreta, que é uma herança católica, que é uma herança anglicana. Só não tem a fumaça branca! Mas tem escrutínio e maioria absoluta.

Então, dentro do seu entendimento e de tudo que você estudou até chegar onde você está hoje, por que a gente precisa ser salvo?

Porque Jesus diz: eu sou o caminho, a verdade e a vida. Se ele é o caminho, então eu preciso de uma estrada e uma teleologia Para onde eu vou? Estou fazendo o que aqui? Eu sou, como Sartre diz "o acaso de uma folha que cai da árvore"? Eu não acredito nisso. Acho que são muitos acasos para que nós estivéssemos aqui neste momento conversando.

O acaso existe, mas para jogar dados, para a matemática, para uma folha que cai da árvore. Mas para a vida humana, para o universo, acho que é muito simplificado dizer que as coisas aconteceram ao acaso, por uma questão de evolução, explosões e tudo mais. Até brinco com meus alunos que o Big Bang é uma tese assim como a Bíblia. "Num princípio", a palavra hebraica é [palavra em hebraico], não tem um artigo definido na frente. Num princípio Deus criou. Num princípio teve uma explosão cósmica? Ninguém estava lá para fotografar nem o Jornal Nacional para fazer a reportagem.

Então, a salvação é o direito que a gente tem por acreditar numa vida após a morte.

Mas salvar do que?

O que é a salvação para nós? A salvação é corpo, alma e espírito. Quem defendeu isso não foram nem os religiosos. Foi Platão. Então, entre corpo e alma temos uma herança platônica

e agostiniana, depois uma herança cristã, na releitura de Agostinho, para o espírito. Então, o [palavra hebraica], o espírito solto é semita, só divide corpo e alma – o material e não-material. Os gregos vão acrescentar o espírito. Então, esse espírito da teologia grega, da teologia paulina, do Novo Testamento, do [inaudível] testamentário, que é depois dos evangelhos, mais precisamente após o primeiro século depois de Cristo, você tem a ideia do Espírito Santo. Então, é uma outra divindade que ocupa esse mesmo corpo, como a Trindade – Pai, Filho, Espírito Santo –, o ser humano é corpo, alma e espírito.

Que é o entendimento do Concílio de Niceia.

Isso! Que é cristão. Que é da cristandade. O Gonzalez – acho que é latino americano, gosto dele! – fala exatamente da cristandade. Então, a cristandade crê nisso, nós herdamos isso de Niceia, de Agostinho, do tronco da igreja cristã – a gente não gosta de chamar de "católico", a gente chama de "cristã" -- e no protestantismo nós ficamos com essa ideia. E aí, a salvação não é só para a eternidade; é também para a eternidade. Nós, Metodistas, acreditamos na salvação do corpo, da alma e do espírito. Eu creio na ressurreição do corpo, na vida eterna.

Quando falo que creio na ressurreição do corpo, eu vivifico o corpo, divinizo o corpo, eu valorizo o corpo físico. E aí tem uma série de questões, como "por que você fica doente?". Por que não há cura para algumas doenças? Porque é da natureza do corpo. Agora, como nós vamos enfrentar a doença, aí é uma outra questão. A falta de dinheiro, a depressão, a solidão... Como enfrentar? Alguns não enfrentam, param no caminho. A salvação é dada por Jesus Cristo. Outras religiões oferecem a salvação para a eternidade; nós acreditamos na salvação aqui e agora. Aceite Jesus aqui. Aceite Jesus agora. Arrependa-se dos seus pecados. Mude de vida. Tenha uma vida nova. Nasça de novo, como disse Jesus para Nicodemo.

Como eu posso voltar para o ventre? Não, não é voltar para o ventre. Não é fisicamente. Não é o corpo físico que você vai mudar; nós vamos mudar por dentro. Mude por dentro. Eu imagino o sorriso irônico de Jesus para Nicodemo quando ouviu essa provocação. "Cê tá de brincadeira comigo, né?". Só porque sou semita e não sou filósofo você me vem com essa história?

Então, eu imagino essa cena. Depois a gente aprende na Bíblia que na morte [de Jesus], Nicodemo e José de Arimateia estão lá para pegar o corpo dele.

Você acha que Jesus perdia a paciência mas mantinha a compostura por conta da missão dele?

Ah, perdia! Porque os caras provocavam. Era muita provocação. É como na política: tem hora que você estoura, chuta vendilhão do templo, então acredito que esse Jesus humano – porque tem o Jesus humano, Jesus histórico, que não lembro qual autor fala; depois eu lembro. Jesus é carne e osso. O filho de Deus encarnado.

Que é a cristologia, não? Quando você estuda Jesus fora do contexto religioso, mais filosófico.

Isso! Jesus tinha família, chorou, sangrou...

Em Cristo, e em outras religiões, a salvação é para o aqui e agora. Então, se você aceita Jesus você está salvo. Como quando dizemos "estou professor", então você está salvo. Eu não sou salvo, eu estou salvo. Acho que nessa brincadeira do nosso idioma dá para entender bem essa diferença.

Porque amanhã eu posso negar Jesus – três vezes, se for o caso! Mas eu posso me arrepender! E fazer coisas muito maiores do que ele fez nesse lugar. O que aconteceu com Pedro! Um exemplo humano e bastante próximo de qualquer um de nós. Qualquer um de nós negaria. A gente ia morrer: "não, eu não conheço esse cara". Mas também pode se arrepender profundamente. Então, essa oportunidade! Caminhou com Jesus, negou Jesus – foram três vezes; não foi uma só! Traiu Jesus, não se arrependeu.

Essas são as considerações do livre-arbítrio, cara. Então, a salvação é para o agora. "Estou salvo". Eu posso cair um degrau da salvação, posso cair em desgraça, posso negar a fé – não ser justificado por ela – mas eu posso também me arrepender. Posso ser também um filho pródigo. Eu posso voltar.

Lembre-se que o filho pródigo volta, mas não volta limpo. É como se eu pegar uma folha de papel, amassar, e depois pedir para você desamassá-la. Vai ficar igual? Não, vai ficar desamassado. Igual não vai ficar. O filho pródigo voltou? Sim. Foi aceito? Sim. Foi perdoado? Sim. Mas ele perdeu a herança. Houve consequências das suas ações e das suas escolhas.

Então, o livre-arbítrio também traz consequências das suas escolhas. Então: corpo, alma e espírito; ela é para hoje; o fato de eu ter uma casa, te acolher, te oferecer um café, de eu ter essa formação foi salvação, foi bênção, foram as consequências das escolhas que eu fiz por caminhar "o caminho, a verdade e a vida".

As outras coisas que deixei de fazer, estou pagando o preço: um casamento precipitado e insípido numa idade muito nova... Eu paguei o preço! Um divórcio, que não é bom para a vida de ninguém, que não está no relacionamento humano – você não casa para se divorciar. Você não compra um carro para vender. Você não compra uma casa para se desfazer dela. Então, um relacionamento também.

E se a gente faz é porque nós queremos. São escolhas nossas. Erros nossos. Então, podemos retomar. Reformar é mais difícil que construir. Então, esse caminho do filho pródigo, de cair da Graça e voltar tem seu preço. Então, a salvação é para a eternidade, mas ela começa no corpo.

Então, voltando à questão da doença, eu tenho diabetes. Sim, se eu seguir uma exigência do meu corpo – que é [diabetes] tipo 2 – eu vou me curar. Então, é uma decisão minha. Posso ficar doente por não ter feito essa escolha. Mas eu tenho também herança genética, da minha família que teve e morreu gente com diabetes.

Isso é culpa dos meus antepassados? Isso é "pecado", como disse Jesus? Não, não é! É da natureza do corpo. O corpo não é perfeito. Nosso corpo tem falhas de fabricação também. Nós temos doenças tanto genéticas quanto adquiridas. E fabricadas. Então, isso vem para o corpo mas não significa algo que esteja no processo de salvação de Jesus. Eu posso morrer de infarto e ser salvo. Eu posso "morrer de morte morrida", dormindo, de velhice. Eu posso ter uma doença fatal – um escorpião me morder e eu morrer.

E a questão da salvação? Então, eu tenho que me preparar para a salvação hoje. "Você está certo da salvação? Você acredita?". Sim, mas sei também que tenho que me manter firme e fiel a esta proposta, a esta perspectiva. Então, doutrinariamente, teologicamente, é da Graça Preveniente e da Justificação pela Fé.

Agora, quais impactos isso tem trazido no cotidiano? Nem todos os metodistas entendem isto, porque não são formados na sua catequese; muitas vezes os pastores passam muito batido na questão da Doutrina da Salvação – e da perfeição Cristã, que são doutrinas metodistas.

Doutrinas, você sabe, são coisas que o ser humano tira e interpreta à luz da Bíblia. Então, é um entendimento que eu tenho da Bíblia de que a salvação é corpo, alma e espírito. E ela é para a eternidade, mas ela começa agora.

Qual é a diferença entre alma e espírito dentro dessa lógica?

Espírito de Deus. A alma é minha. Alma é da Filosofia; alma é de Aristóteles. Ela é indivisível, ela é minha. Brinco com meus alunos, e espero que quem leia não veja pelo lado preconceituoso, mas mais pelo lado sarcástico, irônico e provocativo da brincadeira. Você não morre um ser humano e nasce um "veado". Por que? Porque você é uma alma, a sua alma é única. Então é a exclusividade da alma. Então, pode ficar tranquilo que você não vai voltar "veado". Os alunos amam essas histórias porque assim eles entendem da unicidade da alma.

O espírito é a coisa divina. Seu corpo é o templo do Espírito Santo. Então, dá para entender essa diferença. Eu faço essa brincadeira na aula exatamente para provocar os meninos, principalmente, e também para criticar a questão do kardecismo, né? A questão de "eu vou sair da outra vida"... No magistério tem muita gente que se diz espírita mas nem sabe o que está falando às vezes. A maioria das vezes nem sabe o que está falando. Eu falo: eu acredito em Aristóteles, não é nem em Jesus. Eu não vou voltar "veado" na próxima encarnação porque eu sou eu mesmo. A minha alma é eterna, então não posso voltar outra coisa. Eu serei eu mesmo.

Então, isso o Agostinho trouxe para o cristianismo: a questão do indivíduo, do ser humano único, insubstituível nesse sentido. Nós somos únicos, porque nós somos feições de Deus,

criaturas de Deus. Nós somos criados por Deus e à imagem dele. Então não dá para ser outra coisa. E aí, então, a questão da aceitação do divino na sua vida – ou da negação. Ou de não querer. Então, acho que a salvação passa por isso no mundo protestante, no mundo pentecostal – no mundo evangélico; os pentecostais e neopentecostais. Principalmente na década de 60, nos Estados Unidos, ele trouxe a ideia de prosperidade, e não de salvação.

Porque, neste caso, a salvação está ligada à prosperidade terrena.

Isso! E não a uma vida digna! Você entrou aqui. Você não acha que tenho uma vida digna?

Sim!

Isso, para mim, é fruto da salvação. Eu tenho cama, tenho emprego, tenho férias, tenho café, tenho uma família, saúde... Tenho um corpo cansado, mas é da natureza. Meu corpo não vai para a eternidade, agora – ele vai depois, porque eu creio na ressurreição do corpo. Então, eu tenho que cuidar do corpo. Não dá para ficar cortando membro do corpo e jogando fora. O corpo é divino.

Na sua trajetória, você teve contato com o calvinismo?

Sim! Tenho um primo que é presbiteriano. John Wesley diz que a diferença entre ele e Calvino é de um fio de cabelo. Ou seja, ele minimizou essa questão da predestinação exatamente porque, para nós, ser destinado é diferente de ser predestinado. Nós somos destinados à salvação.. Você não vai criar um filho para pô-lo no mau caminho ou colocar veneno no prato dele. Então, quando a gente fala de vacina, quando a gente fala dessas coisas, sempre digo na escola: um pai não vai dar um remédio que vai matar o filho. Dá o remédio para curar o filho.

Então, dentro dessa perspectiva, nós somos destinados. Se eu acredito que Deus me fez, e não foi só fruto do encontro do espermatozóide com o óvulo da minha mãe e do meu pai, ou de uma concepção de outra pessoa que me veio a me tornar filho – que é o caso dos meus –, Deus não criou para que eles morressem, que ficassem à míngua. Alguém fez isso por eles.

Então, a criação do ser humano não é diferente da criação divina. Então, nós somos destinados à salvação. A questão é do livre-arbítrio. Acho que essa questão você pode até anotar e ver nos cânones da Igreja Metodista, que é o diferencial do calvinismo e dos anabatistas.

Entrevistei um pastor da Igreja Batista, e ele fez essa distinção clara entre "livre-arbítrio" e "livre-agência". Só para explicar meio por alto, ele conta que o único que teve livre-arbítrio foi Adão. E, como ele escolheu pecar, então ninguém mais tem livre-arbítrio, apenas livre-agência. Ou seja, atua de acordo com a sua vontade. Assim, por conta da predestinação, em algum momento do jogo essas coisas vão se encaixar.

Isso, mas dentro da Filosofia isso não... Wesley fez Oxford. Ele estudou Letras em Oxford e fez Teologia em Oxford; ele era uma pessoa intelectualizada para a época, porque era filho de pastor. Dentro do anglicanismo, ele tinha acesso à universidade. Como Rousseau teve padrinho, no caso do Wesley não era padrinho, era o apadrinhamento da instituição para os filhos dos pastores. Tanto que o pai era pastor formado, a mãe alfabetizava crianças dentro de casa – com a Bíblia – e eles tinham uma formação intelectual. Para o século 18? Muito fora da curva! Muito além do tempo.

Por que? Porque tinha uma instituição. Assim como a instituição me ajudou, como declarei no início, a família de John Wesley não foi diferente! Era uma família pobre, sem estrutura para o nível universitário, mas que tinha bolsa, tinha casa – tinha o "CRUSP" deles, né? Ao invés de fumar maconha, eles faziam culto e evangelizavam, convertiam pessoas na universidade. Então, tem uma formação, tem um estudo, tem uma intelectualidade, tem uma espiritualidade.

Essa exigência, até hoje, dentro da Metodista é muito forte. A gente tem que estar muito bem preparado. Eu sou clérigo, respondo em nome da Igreja.

Essa preparação intelectual é típica do protestantismo.

No Metodismo mais ainda! A exigência é muito alta. Por isso digo que de alguns quarenta anos para cá, esse nível de exigência continua, mas o nível intelectual da sociedade, do nível de leitura; essa ideia da prosperidade... No final da década de 80, começo da década de 90

eu estudava Max Weber na faculdade, entendeu? A ética é um espírito do capitalismo. A gente já tinha essa noção de que o protestante, e os hinos que vinham dos Estados Unidos dizendo que era para sermos como os outros povos. Tem hino no hinário evangélico que não se canta mais, mas que são documentos da igreja, porque hoje se canta música gospel. Não se canta música do hinário porque tem teologia.

Então, essa formação está decadente não pela igreja, pela estrutura, nem pela exigência das doutrinas, mas pela própria sociedade! O nível intelectual dos alunos, os alunos que leem no cotidiano hoje na minha sala de aula é uma minoria quase igualada a esses protestantes da minha época quando criança, que tinham dois, três na sala de aula, o resto era católico que fazia um catecismo não muito qualificado, protocolar... Na minha época, a escola dominical era uma coisa que estava a anos-luz.

A gente pegava a Bíblia, lia a Bíblia, coisa que católico naquela época nem tinha acesso, nem tinha em casa, acho. Se tinha, era um objeto [de decoração], não algo de manuseio. A minha filha manuseia. Se você pedir a Bíblia dela, está mais riscada que a minha. Ela tem uma prática.

Mas isso, Luiz, é porque tem um outro segmento que cooptou – ou adequou, melhor dizendo, modelou – a tal da célula. E aí, então, a célula dentro do grupo Metodista estuda a Bíblia. Tem encontros, tem louvor; tem troca de experiências só entre jovens, mas também tem muita leitura. Minha filha toda terça-feira se tranca no quarto por uma hora, tem live lendo, estudando e falando de Bíblia. Então, ela vem tirar dúvida comigo – não só porque sou pastor, mas também porque sou o pai dela. Eu sou pastor dela, mas também sou pai. "Pai, o que significa esse negócio aqui?". No começo a gente ria muito, porque isso vinha com trocas engraçadas. Agora não tem mais graça, porque agora ela entende, ela evoluiu.

Então, esse negócio que você disse "ah, mas o protestante", isso é com alguns! Não é regra mais, mas foi, sim. Hoje, não; hoje é exceção.

Você acha que aquela Bíblia traduzida para a linguagem para a linguagem de hoje [NTLH, Nova Tradução para a Linguagem de Hoje] ajuda?

Olha, eu não dou para minha filha. Eu que compro a Bíblia. Eu compro a Ferreira de Almeida, atualizada e corrigida, porque ela é mais próxima do original. Aí, muitas vezes [a NTLH] perde o sentido do conceito das palavras. Para nós, que estudamos Filosofia, isso é muito grave. Ela é boa num primeiro momento – sabe, como "Filosofia para Leigos", alguma coisa assim? –, é boa como um livro de introdução, mas não para ficar. Eu recomendaria, mas não para ficar. Os meus dois [filhos] leem Ferreira de Almeida.

Bom, você disse que seu talento está na fala...

Acho que sim. E eu acredito que eu não nasci [com isso], que eu não sabia... Que é um dom. Mas não dom no sentido que nasci com ele, que foi dado de graça. Com ele sustento minha vida e minha família. Eu só sei falar, cara! Para mim, isso é muito sério! É engraçado mas é muito sério! Eu falo para meus alunos: gente, eu ganho a vida falando! Poderia ser um vendedor de consórcio? Poderia. Vendedor de carros? Poderia. Eu vendo para as pessoas pelo discurso. Eu vendo o que acredito e professor. Eu digo para meus alunos: eu confesso fora daqui, da escola. Dentro da escola eu professo!

Eu falo dos ateus. Uma vez dei uma aula de Bakunin e um aluno disse: eu não acredito que você não acredita em Deus! Aí eu disse: mas quem disse que não acredito? Aí ele diz: mas você está falando! Aí disse: Mas estou falando dele! Estou falando da teoria, professando. Se você entendeu, ótimo! Eu acredito em Deus! "Ah, bom, professor!". Foi uma aula clássica célebre. A menina que trabalha como intérprete era minha aluna e lembra dessa aula. Quando comentei ela falou "eu estava nessa aula", e ela é da [Congregação] Cristã do Brasil.

Então, professar e confessar são coisas bastante distintas. Eu acredito que o dom é daquilo que você confessa. E aí aproveitei e trouxe para minha vida secular! Fazer uma coisa que gosto e que não depende de apertar parafuso, ver se vai dar choque ou não, né?

Dentro dessa ideia que você tem sobre si próprio, quando você fala especificamente sobre salvação na igreja, como é?

Então, o discurso é esse: Deus me deu salvação plena! Total! Tô te falando: eu acredito que vou aprender a tocar harpa quando estiver no céu com Davi. Aqui na Terra não tenho essa

habilidade, mas no céu tenho certeza que vou fazer isso! Então, acredito no porvir. Eu sempre brinco que, quando estiver no céu e tiver bastante tempo [livre], quero aprender a tocar harpa.

Mas como você explica a salvação na igreja com a fala?

A salvação é para amanhã e é para nossa glória, aqui e agora. Ela é teleológica mas também é para agora. Jesus prega para a multidão e os discípulos falam: olha, o povo está com fome. E aí ele entende que a salvação não pode ser só de palavras, tem que ser de atos. A palavra é forte; ela que dá início. A palavra [palavra em hebraico] dá vida. "O pastor vai trazer a palavra", "a palavra de Deus", "a palavra tem poder" – e tem mesmo; ela mata, ela dá vida, ela ressuscita.

Então, a palavra, mas as ações também. Quando ele divide o pão, entre aqueles cinco mil, fora mulheres e crianças, ele tá fazendo uma salvação. ele está salvando o corpo, porque eles poderiam não ter aceito esse discurso todo de salvação, de seguir a Jesus, de viver uma nova vida. "Mas que vida é essa que não me dá condição mínima do meu corpo viver aqui nesse lugar?". Então, é uma salvação plena, integral – a gente chama de salvação integral: corpo, alma e espírito. Eu acredito nisso: a palavra tem que ser ofertada, mas às vezes a pessoa precisa de um copo d'água, às vezes precisa de um pedaço de pão. Quando você dá o pão e oferece a água, você também está trazendo a palavra.

A salvação é integral nesse sentido. E as pessoas confundem essa integralidade com a prosperidade. Hoje, o discurso, o problema maior da comunicação evangélica, protestante, é que as pessoas não querem a salvação! Elas não querem o Celtinha; elas querem a BMW na porta. Elas não querem andar de Uber; elas querem o carro do ano.

E aí essa compreensão indifere se você está falando, se está escrita no boletim mensal da igreja...

Isso está na ideologia das comunicações de massa. Isso está na grande mídia os neopentecostais que detêm os grandes meios de comunicação, que propagam que a salvação está ligada à prosperidade. "Eu tinha uma dívida de 300 mil e hoje tenho uma empresa de um milhão". É isso que você vê na TV.

Então, a salvação está atrelada a este processo. Não está atrelada a uma vida digna que eu tenho, que eu exemplifiquei para dizer assim: é isso que eu entendo por salvação. Então eu sou salvo, mas eu posso jogar tudo isso fora. Posso abandonar minha família, abandonar meu emprego, viver uma vida de andarilho, como esse pessoal de rua; romper com o sistema. Mas eu entendo que vou perder a salvação se fizer isso. Então, tenho muito a perder dentro do reino de Deus, dentro das escolhas que faço ou daquelas que deixo de fazer.

E, dentre elas, Jesus me dá condição digna. Não é uma contrapartida, mas tá no pacote. Quando você compra um pacote de internet, tem uma série de benefícios. A vida integral, que não vai te eximir de doenças, de problemas, de dificuldade, de desemprego, de perseguição, de bolsonarista, de extrema-direita... Não vai te livrar disso. Mas vai dar equilíbrio e paz para enfrentar os desertos, as dificuldades e os inimigos. Posso dar nomes para eles, assim como dão o nome de "demônio" para uma série de coisas, eu posso demonizar isso também – e é muito fácil também, nessa linguagem coloquial da salvação, demonizar as coisas. Eu posso colocar como provação, ou como fruto das minhas más escolhas, como falamos do filho pródigo. Queimou a herança, filho. Queimou. Pode voltar. Vai sentar à mesa com a gente, mas a herança não é mais sua. Perdeu, playboy!

Achei interessante o que você disse sobre a Bíblia traduzida para jovens, que o sentido de algumas palavras se perdem. Você acha que isso acontece também com o sentido de salvação?

Sim! Estou tentando fazer com que você coloque na sua tese que a culpa não é minha, nem do protestantismo, nem da Igreja Metodista, nem dos calvinistas, nem dos arminianos – que leem e interpretam da sua maneira. Como a gente tem o bolsonarista e o lulista, mas a gente não tem só isso: tem a esquerda, tem a direita, tem o centro... A gente tem mais do que isso. E dentro da religião também, mas esses discursos escamoteados com a falta de preparo de alguém que ouve... Aí, a sociedade está no pacote. Eu não posso criminalizar nem jogar pedra nos meus irmãos neopentecostais ou no movimento carismático católico só porque eles pensam da maneira que eu acho que é desvirtuada da realidade ou alienada – como queira o termo lato.

Eu acho que é, mesmo. Não que eu me aliene a algumas coisas mas, dentro desse discurso, para mim é claro que a comunicação é fundamental e teve um papel preponderante no neopentecostalismo, e para essa ideia hoje equivocada de salvação ligada à prosperidade e de uma salvação só para depois da morte. Estou insistindo com você há uma hora de que a salvação começou aqui! A minha vida se transformou. Tem músicas que falam sobre isso – que não se canta mais; canta sobre prosperidade, que sou guerreiro, que vou matar um leão por dia... Eu não mato leão, cara. "Eu sou da raiz de Jessé" – eu não sou da raiz de Jessé, cara, sou da raiz de Maria!

Olha o livro de Mateus: a descendência judaica vem da mãe, e não pelo pai. O que adianta ser de José? José não tem nada a ver com a história! Quem dá a genealogia é a mulher no judaísmo. Se você é filho de uma judia, você é judeu; se filho é filho de um judeu, você não é judeu.

O que você acha dessas vertentes judaicas que aceitam a conversão?

É a judaização do cristianismo. Colocam o quipá, colocam a túnica. Eu gosto muito, porque tenho um pezinho na Igreja Católica, porque frequentei na infância – fui expulso do catecismo porque já recitava o Salmo 23 e fazia a oração do Pai-Nosso evangélica, e não católica, então a mulher pediu para minha mãe me tirar do catecismo porque ela falava "Seu filho vai para São Roque, fica com os parentes protestantes e acaba atrapalhando aqui!"

Isso eu tinha oito, nove anos, já sabia ler e escrever. Essas questões passam pela vida da gente, trazem sinais, e tudo isso que você está investigando, eu gostaria muito que você colocasse que, pelo menos na minha fala, reputo tudo isso à comunicação de massa e da manipulação que essa comunicação tem exercido no conceito não só de salvação mas de toda a religiosidade.

No dia da reunião [do PT de São Roque] eu me apresentei como "terrivelmente protestante". Porque é aviltante, para mim, que sou protestante, evangélico, dizer que eu sou "terrivelmente evangélico". Isso me ofende muito. E dizer que eu acredito na salvação somente após a morte também me ofende, me agride. "Agride" no sentido conceitual: eu sei que a pessoa não sabe, entendo que ela está ignorante, entendo que ela está na caverna [de Platão], na escuridão das sombras, vendo as sombras, mas eu fico indignado com isso.

Não me conformo com este século. E hoje é muito triste ser pastor – não sou só pastor, né? Sou pastor que divido a minha vida com o mundo secular, com uma profissão, que é o magistério – que não é vocação, não é sacerdócio; é a profissão de professar, não de confessar. Então, tem que estudar muito, tem que se preparar muito para confessar o que os outros acreditam, e não colocar o seu ponto de vista. Acho que esta é uma questão ética – o ponto de vista eu ponho aqui, na minha casa; aqui eu confesso Jesus. Lá [na escola] eu tenho que professar o Marxismo, tenho que professar Platão, Aristóteles...

Então, acho que essa questão da comunicação desvirtuou não só o mundo religioso, o conceito de salvação, como também ele tem o que o jornalismo barato começou a chamar de "narrativas". Eu odeio, também. É uma simplificação horrível. Eu não sei como você, que é de Comunicação, enxerga isso. É aviltante também.

Como práxis, tem sido muito difícil como pastor trabalhar numa igreja – mesmo na Metodista, com todas as regras e leis e doutrinas – as pessoas virem e falarem "pastor, quero me batizar de novo". "Filho, como assim se batizar de novo?". "Não, mas eu fui batizado em uma Igreja Católica quando era criança". "Eu também". Um só batismo, né? O que você vai é aceitar Jesus. Você vai publicamente confessar sua fé. Profissão de fé. Você não precisa se batizar. João Batista e eu batizamos com água. Quem vai te batizar com espírito, se ainda não foi, não sou eu – e nem o batistério, e nem a jacuzzi e nem o Rio Jordão e nem a mangueira da minha casa. Quem vai batizar é o Espírito Santo. E as pessoas não entendem isso, Luiz!

É triste para mim. Eu mostro na Bíblia, que aí o cara aceita. "Tá na palavra, pastor?", "Tá na palavra!". Mas aí não importa. Tá na palavra, mas ele vê na TV o presidente [Bolsonaro] se banhando no Jordão...

Um dia eu vou, viu? Um dia eu quero ir para o Jordão, mas eu quero nadar no Jordão! Não quero me batizar, quero nadar no Jordão.

Como você entende essa dinâmica entre o que é falado, o que é escrito, o que aparece no meio eletrônico?

Religiosamente, isso é coisa do inimigo. Isso é coisa de Satanás! Isso é o demônio! Isso é o Príncipe das Trevas que está tomando conta desse mundo, cara! É um discurso mais acalorado, mas é isso: é uma manipulação, é uma ideologia que o Marx chama – que a gente chama desse jeito, né? Mas religiosamente, como pastor, falaria isso para você dentro da minha igreja. Nós estamos vivendo o fim dos tempos, isso é apocalíptico, é o fim dos tempos, é apostasia. Pessoas negando a fé, negando a palavra, dando-se em casamento, se casando – ou seja, Sodoma e Gomorra.

Mas você não acha que os meios de comunicação são eficientes para espalhar a teologia? O que você percebeu sobre o uso dos meios de comunicação, principalmente durante a pandemia? Houve uma melhora, uma piora, algum nível de profissionalização...

Quando estava na pandemia, esse sofá [na varanda] era meu lugar de trabalho. Aqui eu deitava, aqui eu sentava, aqui eu chorava, aqui eu saía um pouco da família... Aqui que eu trabalhei, nesse lugar que você tá vendo. Aí eu lavava roupa, estendia roupa, ficava no celular trabalhando, computador ali na mesinha...

Eu creditei à pandemia uma possibilidade do ser humano mudar e melhorar. Cri muito nisso nesse período. Mas eu não vi. A pandemia não trouxe nenhum ensinamento para a humanidade. Fiquei muito chocado com as polarizações, que aumentaram ainda mais do que já existia. Coincidência ou não, foi depois: foi na pandemia e depois da pandemia essa polarização política.

Aí eu entendi a obra do nazismo. Aí eu entendi o que Hitler fez – que até então não acreditava que um povo tão inteligente pudesse ser levado a essas circunstâncias. Mas nós também! Olha a quantidade de gente que foi levada! Então, me chocou bastante. E aí volto à questão: vivemos uma vida, uma estrutura, uma sociedade, por exemplo, para contrapor à Coreia do Sul. Eu vi um "Caco Antibes" desses por aí falando que assiste a novela coreana, que a mulher e a filha assistem a seriados coreanos, meu alunos estão citando esse negócio, que não é mais de Hollywood. Por que? Porque eles eram uma vila de pescadores que investiram em educação.

Eu tenho um [Hyundai] Creta, que é coreano. Então, falta isso. Não acho que é uma questão de uma comunicação eficiente, mas de uma cultura. Culpa também de assistir a novela

estrangeira, mas eles não se deixam levar pelo estrangeirismo das novelas. Eles assistem pelo romance, pelas tramas do ser humano. Como a gente lê Dostoiévski: é a questão da humanidade que ele coloca nos personagens, mas é só isso! E a gente, não: acho que é uma questão de cultura, de educação, e não de comunicação.

Acho que hoje a comunicação está "dando de banho" na sociedade exatamente porque a cultura e a educação no nosso povo é insípida. A gente não lê! Falei isso: na minha casa, na minha vida; só leio por questões profissionais – não tenho dinheiro para ficar comprando tanto livro, né? Não tenho recurso.

Quando você pensa "eu tenho uma determinada mensagem ou determinada ideia que preciso passar para os fiéis da igreja", como você decide qual forma fazer isso? Se é, por exemplo, num culto, ou por escrito?

Como eu defino minha comunicação: eu tenho as aulas que dou na escola dominical, que uso textos escritos por professores de teologia – inclusive um deles que escreve, ele manda para mim. A gente discute temas; já mandei temas para ele dizendo "olha, escreve sobre as festas religiosas, pois estamos na época de Páscoa", e ele escreve bem. Eu era novo, e temos contato até hoje. [Inaudível] do Novo Testamento – do Antigo Testamento. Metodista.

O que eu faço nas minhas escolhas? Eu vou lendo textos, tenho textos devocionais que aparecem nas minhas redes sociais e alguns me chamam a atenção. Então eu junto aquilo que os Metodistas da década de 50 diziam. "Numa mão o jornal, na outra mão a Bíblia". Então, eu tento ler a realidade, o que está acontecendo no mundo e o que a palavra de Deus tem me falado – ou seja, o que me aparece, o que eu lembro e as coisas que... Algumas vezes eu busco temas. Por exemplo, "paz", por causa da guerra da Palestina. Depois sobre Natal, né? São temas... Então, é assim: um pouco da realidade do mundo com a realidade eclesial. O que está passando? É um problema de comunhão? É um problema de falta de perdão? É um problema de falta de... É muito mundanismo? As coisas sacras, sagradas, como o domingo, por exemplo, o culto...

Às vezes é para o coletivo, às vezes não. No individual eu faço uma visita, chamo para conversar, e tudo entra nesse pacote. Então, assim: não tem essa profetada e nem aquilo que eu acredito que é "Deus mandou falar". Como diz meu bispo, ele [Deus] manda falar, mas

como a gente conhece, ele também pode falar para você. A gente tem um pouco de arminiano nesse caso, mais racional, de dizer assim: se Deus falou para você, por que ele não falou para mim, se eu falo com ele todo dia? Pode ser? Pode ser que ele fale – e fala mesmo! Invariavelmente, acho que esse é o canal que uso. Eu leio a Bíblia mas eu tenho temas; eu quero falar sobre ser profeta no dia de hoje...

Mas quando você escolhe o que você quer falar, você decide, por exemplo "isso é melhor falar no culto", ou "isso é melhor falar pela internet", ou "isso é melhor imprimir"...

Então, nós não temos internet. Dentro da Igreja Metodista não existe Comunicação Social, midiática. Agora, com a pandemia, algumas igrejas têm culto online. A gente está muito insípido perto da Universal, por exemplo, com uma rede de TV, por exemplo. A gente não tem essa preocupação. A gente tem o "e-Conexão", que é um boletim, e aí virou um boletim "e", né? E-Conexão. Tem a página da igreja, também, que você pode visitar. Terceira região e Brasil. Tem a terceira região nossa aqui, e do Brasil. www.metodista3re.org.br, ou, metodista.org.br sem "3re" que é nacional. Aí tem todas as regiões lá.

Hoje eu, depois da pandemia, que me preocupo em fazer culto online, por exemplo. Botar uma webcam no computador – em Mairinque a gente faz isso. Se você acessar no YouTube "Igreja Metodista de Mairinque", você vai ver todos os cultos postados. Em Carapicuíba o povo não quis. Dizem "ah, isso tira o povo da igreja". Não, é outro público! Então as pessoas ainda não têm essa clareza de que é outro público.

Agora, vindo para a igreja de Vargem Grande, eu quero usar Facebook e Instagram para fazer aula, aqui. Como eu não vou de dia de semana para a igreja, eu vou sentar ali e fazer o que eu fazia na pandemia: eu fazia estudo bíblico na pandemia. No Facebook da igreja. E aí o pessoal da igreja acessava. Sabiam o horário mas às vezes estavam trabalhando e acessavam depois, porque fica gravado, o culto também. Mas o povo ainda não ficou atento a isso, e eu... Para mim é importante, pois, por exemplo, você vai assistir ao culto um dia. E você não vai frequentar minha igreja. Acho importante ter uma comunicação de "você quer ver como eu prego? Vá procurar lá!". Lá você vai me ver pregando: eu uso texto escrito, eu me atenho a ele, então a pregação tem começo, meio e fim, tem introdução, tem desenvolvimento, tem aprofundamento, tem um link com a realidade como discurso, e tem a conclusão, que as pessoas chamam de "aterriçar o sermão".

O que Piaget diz? "O que nós aprendemos com tudo isso?". Siga uma linha! Que é uma linha da homilética, das minhas aulas de pregação – que é própria do John Wesley! Se você pegar o sermão de John Wesley, que tem disponível – o sermão dele é muito melhor que o meu! –, tem as clássicas três partes: primeira, segunda e terceira, e conclusão. Como é uma redação [escolar] hoje, né? Clássico, né? "Introdução, um, dois, três, conclusão".

Isso tem lá dentro da nossa... Tem temas, tem assuntos e tem... Então, a doutrina, faz-se uma pregação doutrinária – estou falando de pregação ainda, tá? Por que? Porque a revista da escola dominical tem um direcionamento. Assim como no Anglo, no Objetivo, nós temos revistas. Então temos a revista do semestre, e tem algumas igrejas que escrevem sua própria lição – ou compram material, que também não é recomendável. Porque tem outra doutrina.

Então, esse professor é da Vila Mariana, ele é aposentado, e ele escreve a lição para a igreja dele. Ele é de classe média, filho dele frequenta lá, todo mundo é rico. E ele escreve a lição. É outro nível. Mas aqui, no nosso nível, a gente compra a revista da igreja. A editora publica, os pastores e bispos supervisionam para ver se está dentro dos cânones e das doutrinas e aí tem a revista.

E você acha que uma estrutura mais organizada desses meios de comunicação facilitaria a transmissão desses conceitos?

Eu acho que é assim: não "vender" – no sentido bom da palavra – Jesus Cristo com esses aditivos, como faz o vendedor de consórcio, o corretor de seguros, que falam um monte de coisa e aí "mas e se essa árvore cair?", "Não, aí não cobre". Mas demoraram para falar que não cobre. Então, falar de Jesus sem aditivos demora para a pessoa se convencer. Então, você precisa ser intermitente. Igual vendedor de consórcio. Um pastor, amigo meu, que é empresário falava: falar de Jesus é que nem vender consórcio; liga um dia, o cara fala "não" e desliga na sua cara; liga de novo! Uma hora ele vai ouvir você e vai comprar o consórcio.

Para "vender" Jesus, na comunicação, ele entendia dessa maneira. E ele tinha várias técnicas para se comunicar. Ele é um cara legal de comunicação. Então, acho que sinto falta disso na minha igreja. Se tivesse uma estrutura mínima, como o presbiteriano tem, e algumas

outras pequenas igrejas têm, de comunicação, midiática no caso, eu acho que a gente alcançaria.

Há pessoas inteligentes, há pessoas que entendem o que estou falando – podem não concordar, podem não aceitar, mas dificilmente vão discordar da lógica, né? É como uma questão de Filosofia: eu entendo que essa doutrina é bem fechada. Você pode não concordar, você tem todo o direito, mas me fala o que está errado nela! Onde deixei algum fio [solto] nesse novelo?

Então, dentro dessa estrutura de discurso, de doutrina, de teologia, não sou perfeito mas entendo que essa doutrina é bem adequada. Como a religião que Agostinho definiu, de "religare", a forma que eu vejo religião é mais ou menos isso. É a roupa. Essa roupa me deixa confortável. Ela pode não te deixar. Mas todos nós precisamos usar roupa. Então, a religião para mim é uma coisa importante. Tá na antropologia do ser humano. [Trecho excluído a pedido do entrevistado].

Esse conceito de salvação se alterou com o passar do tempo?

Desvirtuou muito. Esse conceito de salvação integral. Fico muito triste quando as pessoas só pensam na salvação após a morte, espiritualizam questões e depois são tão materialistas, porque aí vão declarar lá na frente da igreja que ficaram ricos. Ficaram ricos? Mas não tem que dar tudo para os pobres? Não tem que repartir tudo que tem? Então, se é para repartir, o que a acumulação tem a ver com isso? Não tem! Nosso sucesso é o fracasso! É estar na cruz. Aos pés dela, não "na" cruz.

Hoje as pessoas atrelam a salvação aos ganhos imediatos. Você acha que é possível um retorno a uma compreensão "original", vamos dizer assim?

Nós estamos fazendo um caminho que algumas igrejas fizeram para retomar – que é o caminho que minha filha e meu filho estão fazendo, que é a questão do discipulado, as células, os grupos de jovem com jovem, casado com casado, velho com velho.. Essa segmentação dentro da igreja para falar dos mesmos problemas, das mesmas dificuldades... Isso tem ajudado. Pelo menos eu tenho visto que sim. Porque ir só para prestar o culto, para

fazer o serviço cútico, para adoração ou para professar aquilo que você acreditar tem sido insuficiente.

E aí os meios de comunicação ajudam a deixar a igreja mais participativa, quando você fala por informativo, ou fala por grupo de WhatsApp?

Aí é positivo. Mas eu não chamo de grande comunicação de massa. É uma comunicação setorial. Eles têm o grupo deles. Os jovens, eles sabem quantas pessoas irão, porque eles falam. Então, "quinta-feira na casa da menina". Um jovem e uma jovem, que são líderes. Eles sabem exatamente quantos vão. "Quantos vão?", "Ah, vão vinte e um hoje". Só na faixa de até 20 anos. Os mais velhos têm 21 e 22, que são os líderes. O resto é tudo para baixo disso, nem entra. "Você não entra lá; você não tem idade para isso".

Então, eles têm uma segmentação de uma comunicação que é própria para eles. E está dando certo para minha filha! Falei para meu primo que tem sobrinhos. Os filhos dele não estão indo à igreja porque ele é do R.R. Soares. E lá eles não têm esse grupo de jovens.

Você acha que em algum determinado momento a facilidade dos meios de comunicação, principalmente as lives e o online, podem substituir a presença na igreja?

Não. É como na escola: isso vai ajudar muito. Por exemplo, hoje eu não vou à reunião [do Partido dos Trabalhadores]. Mas tem uma reunião. Isso na igreja está facilitando muito, cara. A gente já fez reunião de liderança na pandemia, online. Meu bispo hoje faz reunião, que tinha que ir liderança regional, então um cara do Vale do Paraíba, outro de Sorocaba... De vez em quando, ela [a reunião presencial] é necessária. Eles fazem, sim, uma vez por mês presencial, mas as extraordinárias são todas no [Google] Meet, cara.

Então, assim: é muito importante.

Tudo Google Meet.

Tudo Google Meet. Meu bispo só usa Meet. Conversei com ele questões pessoais, particularíssimas aqui, olha, no quintal! Conversas pelo telefone, por WhatsApp. Falei com ele, tomamos decisões juntos, me aconselhei... Não precisei ir lá no centro [de São Paulo], na Vila Mariana para falar o que precisava falar e ele o que precisava ouvir.

E você fazer uma reunião online tem o mesmo peso da reunião presencial?

Exatamente o que você viu da [nome de pessoa] falar, na minha igreja funciona exatamente assim. Tem ata. É lavrada e constituída.

Então o escrito ainda vale mais que o resto?

Claro! Nós somos uma igreja documental! Nós somos uma sociedade anônima! Você declara Imposto de Renda de que jeito? Falando? Não, você tem que provar, filho!

Sola Scriptura.

Sim! Não tem como! No dia que eu não declarar Imposto de Renda escrito, aí eu declaro também as minhas falas.

Você acha que a gente está indo para onde, Fernando? Nesse sentido da comunicação do cristianismo, da fé, dos conceitos. Onde você acha que a gente pode chegar?

Da mesma maneira que eu critiquei a comunicação em função da sociedade, meio é meio. Continuará sendo meio de comunicação. Jesus usou o melhor meio que ele tinha à época, que era exatamente o boca a boca. Ele fez progressão geométrica. Então, é o que a gente está fazendo hoje, também. Retomando essa metodologia dentro do discipulado, dentro da Igreja Metodista. Não para crescer, como os Batistas estão fazendo muito bem – não estou falando mal –, mas nós estamos qualificando nosso povo por essa falha que lamentei, da falta de leitura, de preparo.

Inclusive minha! Eu também tenho deficiência de ler a Bíblia menos que John Wesley, que lia duas horas por dia, pelo menos – e falava que era pouco! Eu não serviria para ser um pregador dele no século 18, pelo grau de exigência que ele tinha com os pregadores dele. Eu tenho essa clareza. Eu falo isso e o pessoal não gosta de ouvir isso. Eu sou líder, né? Mas eu tenho noção da diferença entre a exigência que ele tinha lá no início do movimento e hoje, que nós temos! Então, essa retomada me dá esperança para meus filhos; uma geração que não está perdida.

A comunicação está ajudando, Luiz. Hoje, a comunicação de massa tem desvirtuado a questão do conceito. O meio tem atrapalhado. Mas dentro da nossa igreja esse meio, que não é de massa – o Meet, o WhatsApp ou mesmo o YouTube com os cultos; depois da nossa conversa, você pode acessar vários cultos da Igreja Metodista. Basicamente, o pregador faz o mesmo: o estilo de falar, a compreensão da palavra. Faça isso como exercício: pegue três cultos diferentes, Metodistas, dentro da mesma região – aqui da terceira região –, você vai ver!

O cara que assistir ao culto em Mairinque ou em São Roque vai ver um tema diferente, uma música diferente, mas o ritual, o movimento, até mesmo a seleção das músicas é a mesma.

Porque tem um protocolo, né?

Tem, todo culto tem. E na escola dominical, como te disse, ou tem alguém muito capaz que escreve a lição para você, ou tem alguém que a gente recebe por meio escrito, ou digital – tem também revista digital; chama "Angular" a editora.

Então existe uma estrutura de meios de comunicação social?

Existe! Só estou comparando com a mídia televisiva. Nós temos mídia: o bispo usa Instagram, Facebook – mais Instagram que Facebook...

Era aí que eu queria chegar.

A igreja usa tudo. Nós usamos! Nós estamos nesse mundo.

E você acha que o uso das redes sociais, o uso do YouTube aumentou depois da pandemia?

Aumentou!

Houve um passo maior na profissionalização do uso?

Profissionalização, não, porque os meninos são voluntários. Eles têm uma cabeça melhor que a nossa e eles que montam. Na pandemia, quando eu estava em Carapicuíba, eles compraram uma mesa de som – foi um cara de 20 anos que disse "o som tem que ser digital". "Ah é?", "É, mas custa 8 mil", "Mas isso vai melhorar?", "Vai, vai dar muita qualidade!". E a gente foi na cola de um cara de 20 anos, uma igreja inteira falou "tá bom, vamos atender o menino!". Deu certo! Falei "gente, se der errado não vão cobrar dele, tá?". Mas deu certo; poderia não ter dado.

Então, nós evoluímos em dois anos, mas também caímos no problema da mentalidade da cultura e da educação. Eu tenho uma TV e uma internet dentro da sala de aula do Estado, mas que não dá qualificação tecnológica. Você reproduz o caderno, o papel, a ideologia, aula pré-fabricada. Então, isso acontece às vezes dentro da igreja. Continuo na questão macro, estrutural, novamente. Tem? Tem. Tem coisas boas? Tem, mas tem também esses modelos quadrados e que minimamente...

Por exemplo, no culto, dá para eu saber como foi o culto em Mairinque – em São Roque o cara tirou, também, não quis. Então, isso eu não entendo das pessoas, isso não está muito claro: a importância de comunicar o que você faz.

Quando você está falando de salvação, por exemplo, numa live e num culto, você acha que o nível de atenção é o mesmo? Ou existe uma dispersão maior em um ou outro?

Total! A dispersão é em todos os níveis, mas acho que na live é menos. Porque a gente assistia ao culto na pandemia na TV...

Na live a dispersão é menor?

É, porque no culto você "viaja". É como um programa de TV: às vezes você desfoca. Eu vi várias vezes meus filhos, eu, nós quatro assistindo eu pregar – a gente montava, subia e punha gravado, né? –, as pessoas na casa faziam o louvor, aí uma pessoa editava tudo, subia e coloca às sete horas da noite no YouTube, e a gente assistindo e não sabia o que o outro tinha preparado; não sabia como ia ser a pregação. Cada um... Só a pessoa que preparou lá, que editou.. Mas havia dispersão.

Como tem também no culto presencial. Então, não dá para atrelar também, assim, sabe? É uma questão cultural, é uma questão que também... Lógico, eu entendo que live, mais que 45 minutos – reunião online, também, mais que 45 minutos – você não consegue apreender. Não dá. Tem que estar muito treinado, muito focado, e tem que ser um pouco homogêneo.

Por exemplo, liderança regional: são caras que não deixam passar uma vírgula. Reunião de professores: até um determinado nível você vai bem, depois de uma hora, o cara tá dormindo. Eu deitava! Desligava a câmera, fechava os olhos e ficava ouvindo. Cansa o corpo ficar nessa posição e ficar olhando para um negocinho pequenininho às vezes – na maioria das vezes era o celular.

A comunicação é importante, ela existe, ela ainda é insipiente – acho que tudo isso são movimentos que aconteceram por causa da pandemia. Apesar da pandemia, mas acho que ainda precisa melhorar, por exemplo, a questão da qualificação do som, a gente ainda está fazendo com uma webcam e não com uma estrutura – aqui em São Roque eles têm dinheiro e têm uma estrutura de estúdio. Então, canaliza todos os sons: guitarra, bateria... Então sai o som puro. Em Carapicuíba também sai um som puro. Sai o som da música, do instrumento e da voz, então, um som estéreo.

Mas em Mairinque, não, é uma webcam HD, dessas que a gente põe no celular. Mas tá bom! Acho que para uma igreja pobre, uma igreja que não tem recurso, colocar 200 "conto" num aparelho, comprar internet, ligar internet na igreja... Não é assim, também! "Ah, só isso!". Às vezes é bastante! Em Vargem Grande não tenho internet; talvez eu vá fazer com meus dados móveis. Porque eu quero! Vou fazer aqui em casa. Porque eu quero! Porque eu acho importante comunicar a ideia da Igreja Metodista dentro da página da igreja Metodista, e propagar a salvação. Falar da salvação de Cristo. Que é o que eu quero fazer!

TRANSCRIÇÃO - KLEBER WILLIAM BARRETO

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ DO BRASIL

1. Qual é seu nome e sua posição dentro da sua igreja?

Fonte: Departamento de Informações ao Público das Testemunhas de Jeová (Coordenação: Kleber William Barreto).

2. Qual é a designação da sua igreja? (Sui iuris, sem comunhão com Roma, protestantismo conservador histórico etc.).

As Testemunhas de Jeová procuram seguir de perto os ensinamentos e o modo de agir de Jesus Cristo. Acreditamos que não existe salvação sem Jesus. De fato, quando alguém se torna Testemunha de Jeová, ele é batizado em nome de Jesus. Fazemos também nossas orações em nome de Jesus. E acreditamos que Jesus recebeu autoridade sobre todos os humanos.

No entanto, de muitas maneiras, somos diferentes de outros grupos religiosos chamados cristãos. Por exemplo, acreditamos que a Bíblia ensina que Jesus é o filho de Deus, não parte de uma Trindade. (Mateus 16:16; Marcos 12:29) Acreditamos que a alma não é imortal e que não existe nenhuma base bíblica para dizer que Deus tortura as pessoas eternamente num inferno. Também acreditamos que aqueles que têm responsabilidades na congregação não devem receber títulos que os coloquem acima dos outros. – Eclesiastes 9:5; Ezequiel 18:4; Mateus 23:8-10.

3. Qual é o conceito de salvação professado em sua denominação cristã?

Entendemos que Adão transmitiu sua condição pecaminosa – e, conseqüentemente, a morte – a todos os seus descendentes. A Bíblia diz: “É por isso que, assim como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo, e a morte por meio do pecado, e desse modo a morte se espalhou por toda a humanidade, porque todos haviam pecado.” – Romanos 5:12.

Visto que Adão perdeu a vida *perfeita*; para equilibrar a balança da justiça de Deus, uma vida humana *perfeita* tinha de ser sacrificada. Por esse motivo, Jeová amorosamente providenciou que seu Filho desse a sua vida humana perfeita em lugar da vida perfeita que Adão havia perdido. Jesus nasceu sem pecado. Ele disse: “É por isso que o Pai me ama, porque entrego a minha vida, para que eu possa recebê-la de novo. Ninguém a tira de mim,

mas eu a entrego de minha própria iniciativa. Tenho o direito de entregá-la e tenho o direito de recebê-la de novo. Recebi esse mandamento do meu Pai.” – João 10:17, 18.

Diferentemente de Adão, Jesus não era pecador. Portanto, ao morrer ele ainda tinha o direito à vida humana perfeita. Portanto, quando voltou ao céu, ele apresentou o valor do seu sacrifício a Jeová. A respeito desse assunto, o apóstolo Paulo escreveu: “Pois Cristo não entrou num lugar santo feito por mãos humanas, que é uma cópia da realidade, mas no próprio céu, de modo que agora comparece perante Deus em nosso favor.” — Hebreus 9:24

Ao fazer isso, Jesus resgatou a humanidade pecadora. Na verdade, o sacrifício de Jesus foi a maior demonstração de amor já feita. Amor demonstrado por Jeová pela humanidade ao enviar seu Filho unigênito. A Bíblia diz: “Porque Deus amou tanto mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele exercer fé não seja destruído, mas tenha vida eterna.” (João 3:16) E amor de Jesus, que aceitou obedientemente a designação de Redentor da humanidade. Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” – João 15:13.

4. Você acredita que este conceito de salvação se aproxima de qual proposta teológica? Agostiniana, luterana, calvinista, arminiana ...

Acreditamos que é o sacrifício de resgate de Jesus que permite que a pessoa seja libertada do pecado e da morte. (Mateus 20:28; Atos 4:12) Para isso, a pessoa precisa ter fé em Jesus, mudar a sua vida e ser batizada. (Mateus 28:19, 20) O que ela faz então prova que sua fé é viva. (Tiago 2:24, 26) Mas a salvação não pode ser comprada – ela só é possível por meio da “bondade imerecida de Deus”. – Gálatas 2:16, 21.

5. Este conceito é o mesmo das outras igrejas de mesma designação?

Muitas religiões ensinam um conceito muito simplificado da salvação. Algumas dizem que apenas crer em Jesus já é o suficiente. Outras se apegam à crença de que uma vez salvo, salvo para sempre. Ainda outras ensinam a salvação universal: a crença de que Deus perdoará a *todos* os pecadores. Nós entendemos que nenhum desses conceitos se baseia no que a Bíblia ensina.

A Bíblia delineia requisitos específicos para a salvação. Primeiro, precisamos obter conhecimento exato de Deus e de Jesus. Jesus disse: “Isto significa vida eterna: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e àquele que tu enviaste, Jesus Cristo.” – João 17:3.

É o conhecimento exato que nos leva a depositar fé em Deus. E a fé é um requisito básico para a salvação. O apóstolo Paulo escreveu: “Além disso, sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem se aproxima de Deus tem de crer que ele existe e que se torna o recompensador dos que o buscam seriamente.” – Hebreus 11:6.

A fé, por sua vez, nos induz ao arrependimento dos nossos pecados e a uma mudança de proceder na vida. O apóstolo Pedro explicou: “Arrependam-se, portanto, e deem meia-volta, a fim de que os seus pecados sejam apagados, para que venham tempos de refrigério da parte de Jeová.” – Atos 3:19.

6. Por que nós precisamos ser salvos?

A humanidade foi criada com o desejo de viver para sempre. A Bíblia diz: “Ele [Deus] fez tudo belo a seu tempo. Pôs até mesmo eternidade no coração deles [humanidade].” (Eclesiastes 3:11) Isso indica que a doença e a morte não faziam parte do propósito de Deus para o homem.

Contudo, o primeiro homem, Adão, pecou. Quando ele pecou, ele trouxe o sofrimento e a morte a si próprio. Deus disse a ele: “No suor do seu rosto comerá pão, até que você volte ao solo, pois dele foi tirado. Porque você é pó e ao pó voltará.” – Gênesis 3:19.

Mas essa condenação não se aplicou apenas a Adão. Ela se aplicou também à descendência dele, que ainda estava por nascer. A razão disso é expressa em Jó 14:4: “Quem pode produzir alguém puro de alguém impuro? Ninguém pode!” Devido à sua condição imperfeita, Adão não possuía mais vida perfeita que pudesse transmitir aos seus filhos como herança.

Os humanos sentem profundamente os efeitos do pecado adâmico. Lemos em Romanos 5:14: “Ainda assim, a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre os que não haviam cometido pecado semelhante à transgressão de Adão.”

Nem mesmo os servos fiéis de Deus estão imunes a isso. O apóstolo Paulo escreveu: “Percebo assim a seguinte lei no meu caso; quando quero fazer o que é certo, está presente em mim o que é mau. Eu realmente tenho prazer na lei de Deus segundo o homem que sou no íntimo, mas vejo em meu corpo outra lei guerreando contra a lei da minha mente e me levando cativo à lei do pecado que está no meu corpo. Homem miserável que eu sou! Quem me livrará do corpo que é submetido a essa morte?” – Romanos 7:21-24.

Assim sendo, todos precisam ser salvos da escravidão ao pecado e à morte e precisam de alívio das ansiedades tão comuns aos humanos imperfeitos. Sobre essa questão, Moisés escreveu: “A duração da nossa vida é de setenta anos, ou oitenta, para os mais fortes. Mas esses anos são repletos de dificuldades e tristeza. Passam depressa, e logo desaparecemos.” – Salmo 90:10.

7. Como este conceito de salvação é professado com a utilização da fala?

Jesus disse: “As pessoas acendem uma lâmpada e a colocam, não debaixo de um cesto, mas em cima de um suporte, e ela brilha sobre todos na casa. Do mesmo modo, deixem brilhar sua luz perante os homens, para que vejam suas boas obras e deem glória ao seu Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:15, 16) Em vista disso, nós deixamos nossa luz brilhar por compartilhar com outros o que aprendemos na Bíblia sobre a salvação.

Fazemos isso tanto pelas nossas ações como pelas nossas palavras. Lemos em Romanos 10:10: “Porque com o coração se tem fé visando a justiça, mas com a boca se faz declaração pública visando a salvação.” Assim sendo, nós Testemunhas de Jeová, somos conhecidos em todo lugar por causa de nosso trabalho de pregação. De fato, nossa atividade mais importante é pregar de casa em casa, dar testemunho público e dirigir estudos da Bíblia. Ao fazermos isso, imitamos os cristãos do primeiro século. Eles eram conhecidos por seu destemor em pregar publicamente e de casa em casa. –Atos 5:28, 42; 20:20.

8. Como este conceito de salvação é professado a partir da utilização da mídia impressa?

Como Testemunhas de Jeová, queremos falar sobre a salvação ao maior número possível de pessoas. Isso nos motiva a traduzir e produzir publicações bíblicas em grandes quantidades. Em nosso trabalho de pregação, distribuímos de graça milhões de livros, revistas e folhetos. Por exemplo, desde 2013 produzimos mais de 46 milhões de cópias da *Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada* – em mais de 182 idiomas. Esse empenho em produzir publicações em tantos idiomas permite que as pessoas estudem a Bíblia no idioma de sua preferência.

9. Como este conceito de salvação é professado com a utilização dos meios de comunicação eletrônicos, como a TV, o rádio e a internet?

Em nosso site oficial, jw.org, há informações disponíveis sobre a salvação em 1.090 idiomas diferentes. Nosso site também possui livros, brochuras, peças teatrais, leituras

dramatizadas e outras gravações em áudio e vídeo. Além disso, o site também tem disponível vídeo para os surdos e braile para os cegos.

10. Você acredita que o conceito de salvação professado na sua igreja se alterou com o passar dos tempos?

Não. Em 1870, um pequeno grupo de estudantes em Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, começou a pesquisar a Bíblia. Eles pesquisaram sobre o resgate de Cristo e logo perceberam o papel central dessa provisão no propósito de Deus. Eles entenderam que o resgate abria o caminho para a salvação.

Um desses estudantes, Charles Taze Russel, começou a publicar a revista *Zion's Watch Tower* (A Torre de Vigia de Sião), que defendia o resgate como a principal expressão do amor de Deus. Essa revista mais tarde se tornou a atual *A Sentinela*, que desde o seu começo tem sido defensora do sacrifício resgatador de Jesus Cristo. Portanto, o conceito de salvação das Testemunhas de Jeová não se alterou com o passar dos tempos.

11. Você acredita que a facilidade de se comunicar alterou a forma como se pensa e se professa a salvação?

Ao longo dos anos, as Testemunhas de Jeová têm empregado todos os métodos possíveis para pregar a mensagem de salvação. Utilizamos, por exemplo, a página impressa, o fonógrafo²⁵, o rádio²⁶, e a televisão²⁷. Fomos os pioneiros a produzir filmes cinematográficos falados. Já em 1914 completamos a primeiro filme épico intitulado “O Foto-Drama da Criação²⁸”. Era uma combinação de filmes cinematográficos e fotografias sincronizadas com discurso gravado. Tinha quatro partes, levando um total de oito horas de exibição. Ele foi assistido por uns 8 milhões de pessoas.

Mas apesar de utilizarmos tantos métodos diferentes de comunicação nosso modo de pensar e de professar a salvação não foi alterado. Sempre acreditamos que é por meio do

²⁵ [Métodos de pregação — Usando todos os meios para alcançar as pessoas | Reino de Deus \(jw.org\)](#);

[Ferramentas para a pregação — produzindo publicações para o campo mundial — BIBLIOTECA ON-LINE da Torre de Vigia \(jw.org\)](#)

²⁶ [Transmissões de rádio e o Lightbearer — Os primeiros métodos de pregação \(jw.org\)](#);
[A transmissão das boas novas \(jw.org\)](#)

²⁷ “A TV JW é espetacular”.

²⁸ [Fotodrama: um filme marcante completa cem anos | Estudo \(jw.org\)](#)

Reino de Deus que os humanos obedientes vão receber as bênçãos do resgate. Conforme a Bíblia explica, esse Reino é um governo estabelecido por Jeová, tendo a Jesus como Rei. Esse Reino vai governar desde o céu. É por isso que a Bíblia o chama de “Reino celestial”. (2 Timóteo 4:18) Mas embora ele se localize no céu, ele dominará a Terra. A Bíblia diz: “O reino do mundo se tornou o Reino do nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre.” – Apocalipse 11:15.

12. Como você descreveria o ambiente da sua igreja quando o assunto central é a salvação?

A união é importante em questões de doutrina. Conforme a Bíblia diz, há “uma só fê”, assim como há “um só Deus”. (Efésios 4:1-6) Portanto, as Testemunhas de Jeová certificam-se de que o que creem sobre a salvação esteja em harmonia com a verdade que Deus revelou na Bíblia. Isso faz com que permaneçamos unidos apesar de termos diferentes formações culturais, étnicas e nacionais. Todos nós respeitamos o livro dos livros – a Bíblia.

13. Você compreende a comunicação da salvação como um processo educacional?

Conforme o apóstolo Paulo indicou, a nossa salvação depende de termos “um conhecimento exato da verdade.” (1 Timóteo 2:4) Adquirir esse conhecimento certamente envolve um processo educacional, pois inclui estudar bem a Bíblia e pôr em prática o que aprendemos dela. Dessa forma, nos tornamos “cumpridores da palavra, e não apenas ouvintes”, conforme indicado pelo discípulo Tiago em sua carta aos cristãos. – Tiago 1:22-25.

14. Você acredita que os meios de comunicação contribuem para comunicar a salvação de uma forma responsável?

Sim, os modernos meios de comunicação podem ser ferramentas muito úteis para alcançar as pessoas com a mensagem de salvação quando usados de forma responsável. Por exemplo, durante a pandemia da COVID-19, as reuniões semanais das Testemunhas de Jeová foram realizadas por meios eletrônicos (como o Zoom²⁹). Além disso, durante aquele período difícil, comunicamos a salvação a outros por meio do telefone, escrevemos cartas e dirigimos estudos da Bíblia pelo Zoom.

15. Você acredita que os meios de comunicação podem substituir a presença na igreja para a absorção da salvação?

²⁹ [Reuniões por videoconferência | Como Seus Donativos São Usados \(jw.org\)](#)

É preferível adorar a Deus junto com outros de modo presencial. Mas talvez alguns não possam fazer isso por motivos tais como doença, idade avançada, dificuldade de locomoção ou outros empecilhos. Em situações como essas, talvez nos sintamos como o apóstolo João. Ele queria muito ver seu amigo Gaio pessoalmente. (3 João 13, 14) Mas João sabia que, naquele momento, não seria possível fazer isso. Então ele manteve contato da maneira que pôde, escrevendo uma carta para Gaio.

16. Você acredita que os meios de comunicação ajudam a construir uma religião mais participativa?

Conforme indicado nas respostas anteriores, as diversas formas de comunicação são sempre usadas pelas Testemunhas de Jeová como meios para atingir o objetivo de propagar a mensagem de salvação.

17. Como você analisa os próximos passos para a utilização dos meios de comunicação dentro da sua igreja e, mais especificamente, para propagar o conceito de salvação?

As Testemunhas de Jeová têm dado muito ênfase a pregar em lugares onde há um grande movimento de pedestres como em praças e ruas movimentadas. Para tal finalidade, costumam usar um carrinho de publicações bíblicas, displays ou quiosques³⁰. Assim, pessoas que vivem em apartamentos ou em condomínios fechados têm a oportunidade de ouvir a mensagem de salvação.

³⁰ [Mostruários e carrinhos de publicações das Testemunhas de Jeová \(jw.org\)](http://Mostruários_e_carrinhos_de_publicações_das_Testemunhas_de_Jeová_(jw.org))

TRANSCRIÇÃO - MARIA HATTUNEN
IGREJA ORTODOXA DA FINLÂNDIA

I would like to start by asking you to state your name and the position you hold at your church.

My name is Maria Hattunen, I work as a press officer and I'm in charge of all communications within the Orthodox Church of Finland. So I manage our [inaudível], I write press releases, I take care of social media, posts, and also I take care of internal communications in the church. I also work as an editor in our national magazine that goes to every home where there's at least one of our members. We have about fifty to sixty thousand people in Finland members of our church, and I get [inaudível] five times every year.

How would you describe your church designation: is it Sui Iuris, as in the traditional Catholic? Is it not in full communion with Rome, it is historic protestant? Which is it?

This is Orthodox Church, we are under [inaudível] Ecumenical Patriarchate, so Traditional Orthodox Church.

What is the concept of salvation that is professed in your church? How does the church understand the concept of salvation as a whole?

That's a huge question! (Yes!). I'd like to take two takes on this. We don't actually talk too much about salvation as we talk about sanctification. So, as an Orthodox Church we don't like to determine things we don't know too much about. We don't want to say in our theology that God is like this, and God is like this, and when you die this happens. It's a fact: we don't know! As human beings, it's easy to understand these things are limited when we compare it to God's ability to think and to be, so we prefer to define God with what he is not. For example, there is nothing bad in God or in God's actions, there's nothing bad in God and he doesn't need bad things, he doesn't need darkness to do things. We also say that justice is a concept we understand, well, I guess we have different views on justice as humans as well, but when we think about justice here on earth, we can't say that in God's view, his view of justice would be the same. Only if we read the Bible we see that we confront surprises in

God's kingdom. We don't actually know much about justice here among people. So, we actually don't want to teach that this group will be taken to salvation or God's kingdom; we don't know! We don't know. We don't say that you have to be an Orthodox priest in order to be included in salvation. We don't say that you have to go to church every week in order to be included [in salvation]. As I said, we speak a lot about sanctification. We perceive that as human beings, we are creations of God, and God loves us, and he hopes that we will return that love, but in love there is no such possibility – of course, I guess God could make us love him, but he doesn't want to. We teach that God has given us the possibility to be with him, but also he has given us the freedom to choose ourselves. So, when we enter a church, we have baptism, chrismation, whether we are small children or adults, when we enter the church, we start a life with Christ. Everything we do, everything we say are all actions – everything in life tells God whether we want to be with him or not. So we are taught to live according to what Christ has taught us and we have examples of that kind of life with the saints. And we all are invited to know into sainthood. That's our personal goal, for everybody. And the saints, we consider they are already with God. So, this is what we try to do: we try to live according to the teachings of Christ, we try to love other people with Christian love. We go to church where we are part of the whole church, we are all members of the whole church. We go to church to perceive sacraments, and we go to confession, we feast, we pray and try to be better people every day. Of course, after we are dead, people left behind, they will pray for us still. We think that the deceased are also members of the church and we still pray for their salvation. But we don't say that "oh, you were such a bad person, you won't be saved". "You'll go to hell", you know? We don't know! There are surprises. Also we don't – unless someone is canonized as a saint we don't say "okay, this person will go to heaven", but we have this basic idea that God has limitless possibilities to save anyone. What is possible to men is possible to God. So, we don't get saved because we are good people, because we pray a lot... We will be saved because God wants to save us. But we have the possibility to show God that "I don't need you, I don't want to be saved". But how will God be with us at the last judgment if we do that? We don't know! As a church, we don't know. There are theologians who say that God can save Satan as well if he wants to. So basically this is how we think about salvation. And what is it – after our final judgment – what will God's kingdom be like? We don't know.

Do you think that this approach you have at your church would be the same from the same denomination as yours? Do you believe they think the same as in your church? I mean, is there a common understanding of the things that you said? (18:37)

At the moment, you must know, of course, the war in Ukraine, and the Russian Orthodox Church, they should be the same with us, but Patriarch Kirill has made of his church something we can't look at it as a church at the moment. At the moment he has views that every soldier who kills Ukrainians, or if they get killed in war, they will be taken to God's kingdom. Right at that moment. They will be heroes, they will be martyrs, whatever. And this is not what we believe. So, at the moment, the theology of war that Kirill uses, that's not part of what the Orthodox church thinks, but otherwise yes: if you go to Serbia, Australia, the USA, Poland, wherever, you will find the same answers.

Do you think that the concept of salvation you have just explained to me is closer to what Augustinus of Hippo proposed, or do you think it's closer to what John Calvin proposed... Where do you think it can fit better?

I can't really say, I don't know... For us, the basis of our tradition... We have the Bible, then we have the seven ecumenical church councils and their decisions. That's the hard core. Then we have church fathers from the first centuries of the united church, and then we have church fathers of the eastern church, the Orthodox church fathers. Their theology I know of. But these church fathers of the western world, I'm not so familiar with the way they think. So there are differences compared to both church fathers.

I'm going to throw you kind of a difficult question, but you can take as long as you want to answer that. Why do we need to be saved? As we're talking about salvation, why is it that we, human beings, need to be saved?

(10 second pause). I don't know what a priest or bishop would answer, but I think it's because it's our original state. Human beings were created to live in paradise, together with God, without secrets or shame. They were created the king and queen of the created world. And we sinned and we were thrown away from paradise, and ever since everything has gone really, really badly. As also, we were created to take care of this creation, which we have not done; instead we have polluted the whole creation. So, one answer at this time in history would be

that we need salvation to save the creation. That's our original state. That's who we are. We are creatures God has created to live in a loving and close relationship with him. A human being without this connection is less of a human being, it is something else. This unity with God, this close relationship with God, that's what we are created to be, if you understand what I mean.

Yes, that's very enlightening. I'm going to jump from the theological part of the interview to the communicational part, which is actually our turf here. How does your church communicate the idea of salvation through speech, either in the service or when the priest concentrates on the kerygma... How is the idea of salvation communicated through speech essentially?

Through speech? (Yes). During the services?

Yes, it could be. Because what I'm trying to understand here is how the priest communicates these ideas of salvation to the audience and then I'm just trying to understand how they perceive it, so there's feedback during the service.

The prayers and the chapters we read from the Bible, of course there are many places where they talk about salvation or God's kingdom and the route to God's kingdom, but it's not for a priest to decide what prayers he includes in the service. The liturgical year is pretty much as it is. The sermon is the part where the priest can open up things, and explain things, and there are so many styles in these speeches! The most usual thing is: they explain the chapter from the gospels, how should we read it, how should we understand it. But it can also be that the chapter does not talk about salvation as such. Many chapters here in the church are about helping other people, loving other people, growing to love people in general. So that's – there are different aspects of this Christian life they speak about, not salvation as a whole. It depends on what service is in question, but I'd like to add that already entering the church building, there's an [inaudível, arch?, ramp?] where you rise from this [inaudível, ugly?] life, you rise to this holy place that's [inaudível], a place where you interact with the other church members, all the members of Christ body, and where you interact directly with God. You can pray anywhere, but when you come to church, that's the place where the magic happens in a way. And you can see it already from the outside. Usually there are stairs up to the church, also the altar is usually high. The church pictures take your vision, you want to look up. You

have the icons, you have the examples there, you can face them. You're surrounded with icons and saints. Also the church building has three parts: we have the first room where you can leave your jacket, and then you enter the main part of the church where we are as church members; we come together to that place. And then we have this wall of icons, and behind that we have the altar that symbolizes the kingdom of God. And then we have the sacred table where we have the holy gifts, we have the [inaudível], and the priest comes from the altar to bring the holy gifts, which we consider to be Christ's blood and flesh. So, the whole service, especially when they distribute the holy gifts, it's interaction and participation. Ultimately in this worldly congregation but in the service we are going already into something that resembles the Kingdom of God.

Yes, this is one of the things I was going to ask you: do you think that the communication processes that happen in your church help to strengthen the participation of the believer? If you have all these communication tools available, do you think that helps strengthen the participation in your church?

I wouldn't work here if I didn't think that it doesn't! For me it's important that – In my own parish here in [NAME OF THE CITY] I also work as the teacher of the catechism, who are in the way to enter the church and prepare for chrismation. Personally, I'm not here just for the money, I'm here to teach how to live according to Christ's teachings. I also publish open vacancies in the parish etc., but I publish sermons – that's teachings for those who can't attend a service, they can read it – I also stream services, so people who have difficulties entering the church, they can – we are a minority church; we have three televised services every year. Three, only. Now the parish streams services every week, and I try to have people explain that: when we have a service, we stream it and print journals. It's not the same, of course, but we have studied, during the corona pandemic, how people perceive these services. Is it OK? Is it sacrilege? Is it really a bad thing or is it better than nothing? And it's been said that it gave people relief during this time they were alone, specially the elderly people, who for a long time were afraid to come to services. So they learn to follow the services on the internet and they're happy with it. Of course we got complaints about sound quality and blah blah blah, but still they were happy with it. Now, after the pandemic we have continued to do it and we don't ever want to stop doing this. It's evident that many people have the Orthodox church through these streams, so usually people are quite afraid of entering a church they don't know. In Finland, the majority of Christians are Lutherans, and

when they come to an Orthodox service, they go like “oh, there’s incense, oh, there are candles, oh, people are moving, they’re not sitting, they’re standing, okay, should I approach the icons or just be here, oh my God, now the priest is coming here, what do I do?”. Like, it happens to them, and they are afraid to do something that may not be respectful or something like that. So, there’s a high threshold to come to service for the first time. And now during these pandemic years we saw that you can have a small church, where you’d usually have fifty or sixty people in the service, then you put it out to the internet and you get four, five hundred views. So new people came to understand the service and they form the courage to come to the church, to a live service for the first time. Because of that we have, like, hundreds of people entering the church. So at least for people who are not familiar with Orthodox habits and our services, it has made it easier to know what happens in the church and they have been acquainted with how it goes and they want more. I publish a lot of things, for example, the Great Lent is on, we started Lent last week, I publish lots of articles on why we have the Great Lent, how we fast, what you can eat. We have a Facebook group where there’s at least seven hundred people at the moment. They exchange recipes on how you prepare things without oil. That’s new! I try to strengthen the community – for example, this group was targeted to people who are – they can live as a family somewhere where they don’t have a church nearby, and they don’t know anyone who would keep this Lent fast – if they want to do it for the first time, they do need some support. It’s nice to know that “oh, I have a group of hundreds of people who are also doing this”. “I can ask silly questions: I can ask ‘do I get to eat this today?’”, you know? So that’s not religious teaching in a way, it’s social media stuff, but it’s proven that it also works in this way, it gives you support. It encourages you to practice your religion.

Yes, because it’s not just a matter of the theological part, but it’s also educational. There is, in communication, a big educational part. That’s what I actually like about communication, that’s why I study it for, like, twenty plus years, because there are so many things embedded in the process of communication. Education is one of them. That’s exactly what you are explaining to me here, right?

Yes, giving more people the opportunity to participate in church life. Even though we have ten parishes, and this country is quite large geographically, so we have huge areas where there are only two priests, or even one priest, for that you understand that they go this Sunday here, and the next Sunday here [far away], so people might have two hundred kilometers to the

nearest church. And even there you don't have the service every Sunday. For example, in the Great Lent period, people would like to go to church three, four times a week, but they don't have that possibility. So when they get the chance to hear special hymns that are sung during this Great Lent, it gives them a chance to take part in the whole Great Lent, even if they don't have the possibility to go to church as often as they want to. And also I think education is – you don't actually – if you think about the church here, within our church, the Orthodox church, it's packed with special days, special times: we have fasts, we have feasts, we have memorial days here and beyond. And we have the saints we don't know that much about. I say to the catechumens that if you follow the church here, you would find – you're not here to kill time, you have every day – it gives you that church calendar – it gives you reason to sanctify this day and to live this day according to the church. So it's not just days and days and days and “okay, that's another Tuesday”; it's “This particular Tuesday is the day of the Saint Blah Blah Blah”, and there are so many things. For example, some saints might have some special thing here, for example, Saint Lucia. We bake these sweet buns to commemorate her. And we have on the day of Lazarus we bake those Lazarus, and they come out of the oven with this Lazarus with these things [scarf], and so on and so on. The church here is rich with things to do! Being an active member is not just a matter of your head, or a matter of your heart, but it's a matter of your hands, and actions, and doing things. So, whenever I get the chance to go like “well, next Wednesday we'll have the Day of This and This, and so you'll have to do this, and separate this..”. I think many Orthodox Christians hold dear: it's not just thinking about God; you can show faith in your everyday life, with your family, you can do so many nice cool things with your kids, and explain to them “we do this because of this and that”. And that's one part of learning these things already at home, without even going to the church.

I understand what you're saying because I live in Brazil. It's a massive Christian country. Thirty-five, forty years ago ninety percent of the population were catholics. Catholicism has been losing ground here in Brazil for the past thirty years, now there's around seventy-five to seventy percent of who consider themselves Catholics. Protestantism has taken up some ground here, but the influence of Christianity here is still huge. Simply by the fact that the name of the city I live in is the name of a saint: Saint Rocco – it's the Portuguese name, though. But there are so many cities throughout Brazil that are named after saints. So the influence that you have in Finland is the same that we have here. Especially in countries that are mostly influenced by Christianity, by Catholicism, by the Orthodox church. But one thing that came to me is that you're

talking about your work and the various tools you use. Which one do you think the community accepts more: is that print media, or electronic media? Which one do you think has become more effective in your work with your community?

Well, print media has been very strong, but the cost of distributing printed papers has gone so much higher. We've done this slow transition towards using more websites – most of the parishes but also the whole church –, we use online media more, even our national magazine has a web version.

So you have an online version of everything that you used to do in print. So you could say that print is kind of fading away.

Yes, especially because of the costs. We think that with print we want to save part of it; we want to send something to every home a couple times a year, but the magazine will be thinner, and it will be more symbolic, like “hi, we haven't forgotten about you”. And we, as a church, think it's important that if you are a member of the church, even if you come to church ever, we want to tell you that you're still a member in this church. We haven't forgotten about you. Any time you like, the door is open. So, I like to keep in contact with them as well. That's the main reason we skipped from this printed media. And I don't think we'll ever lose this altogether, but it's clear that, at the moment, when the cost of everything is rising through the roof, if you drive, for example, fifty kilometers somewhere where the priest will be and have an evening of dedication, even the elderly people say “oh, I don't have to go, I can watch it online”. So, even the elderly people realize that “og, this is a good thing”.

And they have come around the technology in order to participate more.

Not everyone, but everyone who has a smartphone is helped by the priests or the younger members. Like, “oh, just push here and you'll have it”. That's not obviously everyone and, for example, the online magazine is the easiest way to read. For example, you want to read this longer article and you can easily read it from your laptop, but not everyone has a laptop, but still, we have good networks, they work mostly everywhere so, in that sense, we have this possibility of transition towards this new media.

Yes, that would be exactly my last question to you: what do you think are the next steps in mass communication media as a way to propagate faith but, especially because of my research, a way to propagate the concept of salvation? I mean that because, as you said, magazines are getting thinner and thinner, so it has become a more exquisite thing, like a gift, a present that you give someone that has a different value. So, what do you think the next steps will be?

Well, I think this online revolution is going to continue. I don't think it's ecological to print papers anymore. It's not ecological to distribute them with cars in this large country, especially when we have 550 thousand people spreaded all over this country, so it's a lot of driving. I also think that if we look forward to ten, fifteen, twenty years, it will be obvious that Christians have a special mission in fighting for creation, and I hope that different churches, different Christian denominations will find each other so that they can participate in this fight together. And, in order to do that, we need more ecumenical contacts, we need more international contacts, we need to activate the younger generations in our churches and to help them unite as a new generation of Christians who take their mission in this world. It might be that – in our church we have talked about apps, as the next level. It's an app through which you can live your Christian life and be in contact with other Christians. I don't know when that will happen but I think that will happen at some point. But I think that, if we talk about salvation, the young people – as you said, the percentage of Catholics is decreasing in Brazil, also Finland has been – we are the other state church in Finland, so we collect taxes. And the other one is the Evangelical Lutheran church, Protestant church, and when I was a kid, it must have been something like 95% of Finnish people belong to that church. And now that percentage is somewhere around sixty-five, seventy, and in big cities it can be less than fifty percent. But, in big cities, the majority of Catholics live in the big cities, they don't have services anywhere else, and also the majority of Orthodox Christians tend to live in the big cities in the southern part of Finland, so the percentage of Christians is higher but they're not Lutheran Christians anymore. And we have so much studies about why people who were born in the two-thousands don't find their way to the church, even if they have strong needs to articulate spiritual thoughts? They have spirituality but they don't think it's important to belong in some institution. So, before, the churches had the monopoly in distributing grace, but now people think they can interact with their God individually, without any church in between. So that's a crisis for all churches at the moment, I think. So if we want to operate as churches we have to articulate why you also need the church. What circles do you get in when

you are a member in a church? And, of course, we have to do it so that it's not just that "you know, you have to pay us so we can keep our jobs", but why would you need a church to fulfill your spiritual needs? And why would you really – for a Christian, what is the basic function for Christians in this world? And, as I told you, why do we need salvation? I think maybe I'm brainwashed, but I seriously think that, as human beings, our fate is intermingled in the fate of creation. We are part of the creation and we have a duty towards it. If we can communicate this to the younger generations who are really distressed when they see what's happening with the environment, then we might have a chance. I don't know, but I think also there's all kinds of bigotry between churches – you know, some call us "Eastern Orthodox", some call us "Greek Orthodox", but there is also "Oriental Orthodox", and that's different. For example, that church in Egypt, Coptic Church, we are not in communion with the Coptic Church – even if we are almost the same. Then there are Catholics but their liturgy is like ours. And there are all these groups, very very close to each other but there are some minor theological differences, and I also think this is something that we have to overcome in order to really benefit from the large population of Christians around the world.

I often say that Christianity is a religion of conversion, so if it's a religion of conversion, then it has a lot of room to adapt to the time that it lives in. Catholicism has been historically known for "getting a little late to the party", I mean, you have many new things coming along with the status quo, with the advance of societies, so Christianity used to be a little further back, just watching, sometimes even denying things, but then it catches up. Christianity eventually catches up. That is the transformation of the religion, because it is a religion of conversion. So it can adapt – not as fast as we'd like to, but it can adapt.

In 2025 we have the celebration of 700 years of the church council of Nicaea. I hope personally that we will come to a conclusion about the date of Easter, so that we can all celebrate Easter at the same time. [inaudível] between Pope Francis and Patriarch Bartholomew, it has been a good sign of both churches really trying to do something together. They have brought their churches closer together, and I think that's something we need to do. And also, we have this tendency, in Finland, of using advertising. Everything that smells like advertising is a "no-no". So, "we are here and you're welcome any time", but we don't go to the streets, we don't hand out leaflets, we don't put ads in the papers, we don't buy time in the traditional radio, we don't do campaigns, we don't do anything like this. [inaudível] I think

that it would be beneficial for churches to also think together about the “brand” of Christianity; What does it stand for? It’s not [inaudível, radical?], it’s simple actually. It’s direct actually. It’s a label. [inaudível]. I think that, at the moment, in our creation, that’s a high priority to me in my work, and it should be a high priority to the bishops, the parishes and every member of the church. It’s a shame that we don’t pray like we should. Christians should be something different. We’re in the world but not from the world. We need more priests and bishops who say that we have to take many steps back when we think about the quality of the [inaudível]. We cannot go on like this. We have to have less of everything. It’s a difficult mission. The young people will be helpful seeing this: it can’t be like this. They are more aware, they are so much smarter than people my age. So I think maybe Christianity needs to be reinvented in this way. The whole idea of Christianity is to be reinvented.

TRANSCRIÇÃO - PADRE DANIEL BALZAN
PARÓQUIA DE SÃO ROQUE, SP

[O padre redigiu suas respostas e me entregou impressas.]

Eu fiz o seguinte: tem uma pergunta, me identifiquei, depois coloquei uma resposta, e depois de cada resposta, coloquei uns dois ou três asteriscos para complementá-la. É como se fosse um comentário pequenino, para que? Para você compreender o que eu quero falar.

Qual é seu nome e sua posição dentro da sua igreja?

Daniel Balzan, pároco da Paróquia de São Roque, Diocese de Osasco.

Qual é a designação da sua igreja? (Sui iuris, sem comunhão com Roma, protestantismo conservador histórico etc).

“Sui Iuris” quer dizer “por lei, oficial”. O que é? Sou pároco. Designação da igreja? Católica Apostólica Romana.

Conceito de salvação na catequese da Igreja Católica:

Em relação às afirmações de Lutero, tá? Então, eu proponho o seguinte: faz a pergunta e a gente lê isto. Claro, ao ler eu vou comentar alguma coisa a mais. Porque na conversa a gente tem liberdade para falar. Por outro lado, para você sintetizar, você precisa enxugar as coisas, porque você não vai escrever todos os comentários que vou fazer. Na conversa solta, a gente puxa daqui, de repente de acolá, mas no texto não pode.

Entende-se por salvação a proposta de Deus-Pai revelada em Cristo Jesus mediante sua igreja. É a vida em Cristo em Comunidade. A salvação implica tudo aquilo que Jesus falou e que os Apóstolos conservaram em seu símbolo de Fé.

Ou seja, uma pergunta tão abrangente, falei: “o que vou fazer? Um tratado de Teologia para o homem!”. Por outro lado, Luiz, você está trabalhando isto em que matéria? É sociologia? É antropologia?

É Comunicação.

Comunicação, muito bem! De fato, porque as últimas perguntas falam de comunicação. Então fiquei pensando: “que ótica ele vai colocar? É sociologia, é Ciências Sociais ou não?”. Por isso senti necessidade da gente conversar. E algumas coisas que você também, como cientista, deve ter. Você vai descobrir isto na hora certa aqui, porque é importante para você.

Novo Testamento:

Os autores bíblicos, especialmente Paulo e os Quatro Evangelistas foram registrando como esta salvação foi acontecendo na história, até atingindo seu ápice na pessoa de Jesus de Nazaré. Assim João descreve a salvação: “Deus amou tanto o mundo, que deu seu filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Deus quer salvar a humanidade mediante seu filho Jesus.

Agora, comentário sobre isto: observa-se que esta iniciativa parte de Deus. A salvação é gesto gratuito da misericórdia do Pai. Esta é a pregação de Paulo nas Cartas aos Gálatas e aos Romanos: “Fomos justificados pela fé em Cristo”. “Justificado” quer dizer “salvo”. A salvação é gesto gratuito. Resta ao homem aceitar esta salvação e colaborar mediante uma conversão permanente.

Por que? Porque nós vamos ver na pergunta seguinte, a posição Luterana é diferente. Você tem que ter o conceito claro onde você está.

Conceito de salvação, em relação às afirmações de Martinho Lutero, então não vou pegar todos os itens aqui. Eu peguei mais luterana. Porque a nossa igreja, o Luteranismo saiu da igreja católica. Era monge católico, Lutero.

Como exposto acima, a salvação tem sua iniciativa em Deus. Porém, exige da parte de Deus conservá-la e aceitá-la mediante a conversão permanente. Este é o conceito de salvação exposto no Concílio Vaticano II (1962-1965). Esta definição reafirma o posicionamento da ICAR expressa no Concílio de Trento (1545-1563). O conceito de salvação continua sendo o mesmo de sempre. Trazemos aqui em linhas gerais o que se entende por salvação na teologia católica e aquela da reforma protestante.

É o mesmo em todas as igrejas? Então vamos entrar: Martinho Lutero, monge católico, questionando determinados comportamentos de alguns membros da ICAR, em seu tempo, protestou. E cravou suas teses na porta da igreja onde ele servia – são as 95 teses. Separou-se da ICAR e deu início àquilo que ficou conhecido por Reforma Protestante, salientando cinco principais “solas”. “Solas” em latim significa “somente”, não é a sola do pé. “Somente a Bíblia”, “somente a graça”, “somente a fé – sola fide, sola scriptura, sola Dei... Então veja bem: [8:32]

É que a pergunta cinco tem relação – ainda num processo de catalogação – sobre se o que é professado nesta igreja, Matriz de São Roque, também é professado em outras igrejas.

Aí vem justamente estes asteriscos.

A ICAR, reunida em Trento, reagiu e corrigiu as afirmações de Lutero. Era contra a reforma. As “solas” de Lutero foram corrigidas e esboçadas assim: “Não somente a Escritura, mas a Escritura e a Tradição; não somente Cristo, mas Cristo e sua Igreja; não somente a fé, mas Fé e Graça; não somente a Graça, mas Graça e Conversão Pessoal”.

Isto está muito claro. Os colegas tentaram corrigir, mas ele não quis e pronto! Rasgou os papéis.

Uma pergunta para o senhor: o que é professado especificamente nesta Igreja, qual é a relação com a Teologia da Libertação?

Mas isto é outra coisa. Libertação do que? Para definir bem as coisas. Toda Teologia tem que libertar de alguma coisa. Para que serve a religião? Eu tenho muito contato com a

Igreja Metodista aqui [em São Roque]. Em vez de ficar brigando entre nós sobre quem tem a verdade, nós temos uma responsabilidade social – isto vai acontecer depois, eu vou mostrar. A Igreja tem uma responsabilidade social! Para que serve a religião? Para fazer boi dormir? Não pode! Tem uma responsabilidade social. Nós vamos ver isto no Concílio Vaticano II mais adiante.

Por exemplo: como é a salvação na catequese em relação a outras denominações religiosas? O Concílio Vaticano II não definiu dogmas como fez Trento. No entanto, promulgou quatro grandes constituições. Tem duas constituições sobre a Igreja: uma é chamada Lumen Gentium (Luz dos Povos). O próprio título já indica uma pista. Para que serve a Igreja no mundo? Ora, nesta época, mil novecentos e sessenta e pouco, foi no pós-guerra, no tempo da Guerra Fria. O mundo dividido em dois blocos: comunismo, União Soviética, capitalismo, norte contra sul... O que fazer? A Igreja ajudou para constituir a ONU. Então, qual a tarefa da Igreja no mundo? Salvar almas?

É porque quando o CELAM surge mais tarde, é para consolidar diversos pensamentos da Igreja para que ela se adequasse aos tempos.

Sim, uma parte, sim. Porque de tempos em tempos a Igreja faz um Concílio. Inclusive uma das perguntas que coloquei aqui... O próximo Sínodo dos Bispos que o Papa está fazendo iniciou-se no ano passado. Vai durar mais dois anos, porque depois encerra, faz as conclusões.

E daí sai mais uma carta?

Exatamente, a Igreja é sempre assim! Porque a gente envelhece e tem coisa que não muda, e tem coisa que muda. Ai da pessoa que não toma banho, senão fica fedido! Então a Igreja é feita de gente, mas não somente de gente. Mas esta parte frágil, humana, é por ela que a gente tem que caminhar. Não tem outro caminho! Deus não tem mão para trabalhar, não tem boca para falar. Quem fala disso somos nós. Os problemas da Igreja não são Deus, mas nós.

A Lumen Gentium esclarece que não se pode falar da Salvação sem mencionar a Igreja fundada e desejada por Cristo: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei minha Igreja, e

as forças do inferno não poderão vencê-la”. Assim se expressa a Catequese da Igreja Católica (CIC). A única Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica. A igreja verdadeira.

Mas como o Concílio define esta Igreja Católica? Olha que coisa bonita:

Como interpretar esta afirmação? O que o Concílio Vaticano II diz a respeito de outras denominações de fé? As demais igrejas não têm valor?

O próprio Concílio explica que fora da Igreja não tem salvação. Como se explica isso? Porque um sujeito mais radical diz “só Católico que vai para o céu”. Não é isso que o Concílio está dizendo!

Senão vira um calvinismo ao extremo.

Exatamente! Ao extremo! Lutero, quando se rebelou contra a Igreja, todo mundo batia palmas, porque pensava que ia irmanar todo mundo, mas ao contrário: foi separada. Calvinismo, [inaudível] e assim por diante.

O Vaticano II não está dizendo que a ICAR é a única Igreja de Cristo, mas que a Igreja de Cristo subsiste na ICAR. Esta afirmação é muito densa, e contém ricas observações: Jesus não fundou diversas igrejas, mas uma só. A igreja fundada por Jesus nunca desapareceu, e nunca desaparecerá. Hoje, esta única igreja de Jesus continua presente.

Onde está? A ICAR diz “nós somos”, mas não está dizendo “somos os únicos”.

Sim, até porque quando se analisa os cismas, principalmente o Grande Cisma do Oriente, lá no século 16, então aí a gente entende esta subsistência.

Olha que prumo bonito: naquela época se discutia “primus inter pares”. Ou seja, o primado na Igreja. Quem deu o primado a Pedro? Jesus! Jesus disse “Tu és Pedro”, e para ele deu as chaves. Então, veja bem: a ideologia depois o que faz? Já que Pedro tem a autoridade, então eu sou Pedro! Tá, mas tem uma segunda coisa: primeiro, mas entre irmãos. Um bate na mesa: sou o primeiro! Espera um pouco, baixa a bola! “Entre irmãos”! Mas mesmo entre irmãos tem um primado. Este pêndulo é belo demais, e este cisma continua até hoje.

Por isso na profissão de fé: creio na igreja una, santa, católica e apostólica. Ponto. Não tem nem ortodoxa, nem romana. Isso é bonito! Se você vê a história dos padres na Igreja, diz “pena que a gente faz tanta...”.

Outra expressão que se encontra no Vaticano II é a seguinte: fora da Igreja não há salvação. Isto está na Lumen Gentium. Como entender esta afirmação com frequência repetida por padres da igreja? No tempo pós-apostólico. O que é tempo pós-apostólico? Nós temos Jesus. Jesus escolheu os doze. Então nós temos o tempo de Jesus. Jesus morre. Continuam os doze – tempo apostólico. Eles têm os alunos deles. Morrem os apóstolos. Tem os alunos cujos mestres eram os apóstolos. Eles têm outros [alunos]. É tempo pós-apostólico. Em termos de história a gente divide: Jesus, apóstolos, tempo pós-apostólico e tempo dos pais da igreja. Ou seja, os primeiros 500 anos.

O NT, do jeito que nós conhecemos, é deles. A estrutura da igreja – bispo, padre, diácono – é deles. Os sete sacramentos são deles. Os dois símbolos de fé – creio em Deus-Pai – é deles. Não vamos imaginar que São Pedro saiu com a Bíblia na mão...

Ah, não, não... Isto já está bem documentado.

Entendeu, né?

Quando o senhor fala “eles”, o senhor está falando de Agostinho, falando de...

Isso! Agostinho é um dos últimos. Era do quarto século, Agostinho. Era, talvez, o maior dos pais da igreja latina, porque tem os pais da igreja gregos, e pais da igreja latinos, aqueles que escreveram. E naquela época não havia... Ou seja, todos eram papas. A palavra “papa” significa “father”, “pai”. Todos os bispos eram chamados [de papa]. Mas, a partir de Agostinho, começou-se a identificar o Bispo de Roma – são os próprios padres da igreja que fizeram isto. Por que? Por razões históricas, por conveniência, por situações até mesmo burocráticas... Em Roma, por exemplo, o centro do império. Claro que o bispo de Roma...

Se alguém quer ir para o interior, vai passar por São Roque, uma cidade antiga. Sendo uma cidade antiga, ela tem seu patrimônio. Então não pode ser esquecido isso.

A pergunta número seis: e por que nós precisamos ser salvos?

A pergunta seis inaugura a parte conversacional da entrevista.

Obviamente, tudo que está sendo dito somente tem valor para os que creem. Por isso perguntei para você: qual é a ótica? É sociologia? É antropologia? É comunicação! Você me perguntou sobre as festas. Uma festa vista por fora é folclore. Um sociólogo vê como um folclore. Mas isso me entristece. Tem outro lado de ver a festa! Olha o antropólogo: por dentro. Então coloquei aqui para você se situar:

A salvação só tem sentido àqueles que têm fé. A Salvação é a proposta de Deus para a humanidade em sombras. Vista por fora e por aqueles que não comungam a mesma fé, toda esta crença pode ser considerada e classificada como “folclore” ou “resquício” de gente atrasada! Mas com que pretensão o sociólogo faz isso? A gente define o índio como atrasado, bendito Cristo! Olha o poder por trás disso! Quer dizer, a verdade é a minha? Quem faz a verdade não tem verdade!

Mas vista por dentro, nota-se algo original, sadio e necessário para o próprio ser humano. Sem Deus, a vida se torna algo simplesmente materialista. Uma vida sem fé é como dirigir um carro sem farol ligado! A fé educa para a vida em comum, para a responsabilidade social, para a ética e para a moral etc. A fé não diz respeito somente a doutrinas, porém a comportamentos.

Se eu não educar pessoas, então para quê sou padre? Este é um questionamento sério!

É exatamente uma das perguntas. A pergunta treze é exatamente sobre o caráter educacional.

Exatamente! É educativo! Durante as últimas eleições, a ideologia divide. Alguns padres “pisaram um pouco [fora do convencional, pelo gestual]”. O bispo chamou nossa atenção. E eu escrevi assim para o bispo: quando a profecia cede lugar à ideologia, ela perde a liberdade de falar. Ideologia é ver a partir de um ponto. Ponto de vista. Não é único!

A fé nos diz que o ser humano é “imagem de Deus”, foi criado para viver num jardim, respeitando a natureza, o próprio irmão e reconhecer o Senhor como o Senhor da Vida. Mas quando este ser vira as costas para o Criador, surge a desordem, cultiva-se o caos e perde o Paraíso.

O anúncio da salvação na pregação da Igreja. Como é esta salvação? Toda catequese oferece uma visão de mundo e propõe também um éthos. Não estou dizendo que a religião católica é a única. Não, qualquer religião oferece uma visão de mundo e tem que aparecer como “a verdadeira”. Mas não é simplesmente colocar óculos. Ela cria disposições interiores. Se a religião não fizesse isso, muda, troca ela. Pronto, eu já falo isso na minha igreja.

A palavra de Deus não te dá apenas uns “óculos” para ver a realidade. Ela propõe também atitudes e comportamentos. Por isso a ICAR insiste que tem uma missão no mundo. É chamada “ser luz” – daí aquela constituição da igreja, Lumen Gentium, luz dos povos, apontar para o horizonte. A igreja tem uma responsabilidade social. A igreja não existe em função dela mesma, porém, em função do reino proposto por Jesus Cristo.

E quando se fala do anúncio, a ICAR utiliza diversos nomes: “palavra”, “kerigma”, “pregação”, “catequese”, “ensinamento”... O anúncio (palavra) é constante na igreja. Não há igreja de Jesus sem o anúncio. Sem a pregação, sem a Bíblia, quer dizer. A pregação da palavra acontece no cotidiano da igreja, seja no culto (liturgia e sacramentos), seja fora dela – catequese. Os responsáveis diretos pela palavra são os bispos e sacerdotes. Os leigos também participam dessa responsabilidade, porém de modo subalterno.

Por que? Porque na igreja, pelo sacramento da ordem, a igreja é um corpo. Quem vai agir em nome de Jesus? Quem vai ter a autoridade de Cristo como cabeça? Coisa que o protestante não tem. Mas esta autoridade é para servir, para lavar os pés. “Primus inter pares”. “Primeiro, mas entre irmãos”. Não é para dominar.

Por isso a igreja tem uma dimensão profética a cumprir. Ela é chamada a ser “luz da Terra e sal do mundo”. Todo cuidado é necessário para não confundir “ideologia” com “profetismo”. São duas coisas antagônicas. Quando a profecia cede lugar à ideologia, o profetismo acaba perdendo sua alma!

Eu, como padre, sou homem público. Minha tarefa é unir gregos e troianos, seja o que gosta do partido do jacaré e quem gosta do partido das andorinhas. Porque ideologia separa, divide! Eu quero irmanar! Então não posso simplesmente... Entende? Muito bom.

A mídia impressa. Aquela pergunta sobre como este conceito de salvação é professado a partir da utilização da mídia impressa.

A doutrina da ICAR se encontra resumida em seu catecismo oficial, denominado Catequese da Igreja Católica (CIC). Este catecismo é fruto do Vaticano II, solicitado pelo Episcopado Católico a João Paulo II, papa na época.

Os bispos, terminado o Concílio, falaram para o papa: nós temos tanta coisa nova, como vamos passar isto para os povos? Alguém nos trancou aqui durante meses. Produzimos tanto! Para que serve tudo isto? A coisa é tão densa, tão bela, tão rica! O que podemos ter concretamente? Os bispos pediram ao papa – naquela época era João Paulo II. Ele nomeou Karl Ratzinger, que depois se tornou Bento 16, para formular o catecismo da Igreja Católica. Que que ele fez? Juntou alguns peritos, uma dúzia de peritos, craques em várias posições – sociologia da religião, psicologia da religião, história, dogma, escritura, sacramento, liturgia, tantos outros – e esta gente elaborou um texto base. Este texto foi enviado a todos os bispos do mundo; cada parágrafo numerado para fazer anotações. Cada bispo do mundo, quem quis, mandava a resposta por escrito. Eles refizeram tudo aquilo, e nós temos um compêndio chamado “Catecismo da Igreja Católica”, que é baseado em quatro colunas – as quatro colunas que nós temos aqui.

Quais são: a revelação, a palavra de Deus; a segunda, os sacramentos; a terceira, as virtudes morais; e a quarta, a oração na vida de um cristão. Traduzindo: é como se fosse uma casa que possui quatro colunas. Não basta dizer que esta coluna é mais importante que outra. Não, as quatro são importantes. A coluna da palavra: quer dizer Bíblia, pregação, anúncio, tem vários nomes – kerigma...

O CIC tem como estrutura quatro "pilares" fundamentais que são: a) A Revelação; b) A Liturgia e os Sacramentos; c) As Virtudes sobre os quais se constrói a vida cristã e d) A Oração na vida cotidiana das pessoas que vivem sua fé. Estes quatro "pilares" correspondem

às quatro características da Igreja Primitiva vivida pelos primeiros cristãos e relatada no Livro dos Atos dos Apóstolos: "Palavra", "Comunhão", "Fração do Pão" e "Serviço". Estas palavras em Português têm seu equivalente em grego, ou latim, depende. Eu coloquei em grego aqui:

A nomenclatura grega que corresponde aos conceitos acima é: "Kerigma" (Anúncio da Palavra / Pregação); "Koinonia" (Comunhão); "Eucaristia" (Fração do Pão); "Diakonia" (Serviço e Caridade).

O Anúncio da Salvação e a Mídia Digital: A Missão da Igreja é Evangelizar. Aliás, o último recado de Jesus de Nazaré aos Discípulos era: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que eu vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos" (Mt 28,18-20).

Ora, a pregação necessita de meios. Deus não tem boca para falar. Não precisa de boca para falar.

O que tento traçar nestas perguntas é a seguinte lógica: hoje é possível fazer aula de catecismo pela internet. Não necessariamente presencial, apesar de que a gente já entende...

Parece que você estava atrás de mim escrevendo as perguntas! Estava espiando!

Na verdade, sou eu que estou no caminho certo na minha pesquisa. Por isso meu sorriso de satisfação!

Sim, sim! Mas eu coloquei isto aqui:

Numa Sociedade tão complexa a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) define, a cada quatro anos, o Objetivo Geral de sua Ação Evangelizadora.

Você lembra? Nunca vamos avaliar a nossa maneira de ser. Uma casa precisa de uma reforma: tem que pintar, porque tem desgaste, tem envelhecimento. Mas tem algo que a gente não pode perder. Você recebeu algo dos seus pais. É um legado teu. Agora, você também vive no mundo. Você lê, você pode levar tombo, isto e aquilo, mas tem algo que está dentro de ti, que é verdadeiro, que é lúcido, que é próprio da sua família – que, para você, deve ter sempre um valor.

Agora, você não vai ficar trancado em casa. E ao se mesclar com o mundo, você pode bater de frente. É comum isto.

Então, a cada quatro anos, a CNBB revê o objetivo geral de sua ação pastoral na igreja. Neste Objetivo Geral a Igreja acende como que um "farol alto" apontando para horizontes a serem contemplados e almejados, principalmente nos valores humanos. Apresenta também "faróis baixos" indicando caminhos concretos e pistas para se chegar ao Grande Horizonte.

Eu estou olhando para o Morro do Cruzeiro [que fica à vista de uma das janelas da Igreja Matriz]. Está distante. Dá para observar, dá para contemplar. É bonito? Sim. Mas até lá, tem que atravessar a avenida. Olha lá: farol baixo, farol alto.

Agora, todas as dioceses do Brasil, no seu planejamento – inclusive, eu faço isso na paróquia a cada quatro anos –, a partir do objetivo geral faz-se a revisão de vida. O ato de planejar não deixa de ser expressão concreta de comunhão e de participação. Cada diocese é autônoma, porém não independente.

Você é irmão, é autônomo. Mas não é independente do seu irmão. Sua mãe criou fraternidade entre si. Você não tem família? Então, sua mãe não te criou para ficar em casa. A alegria da mãe e do pai é ver o filho formado e fora de casa. Mas para casa você volta. Isto se chama “missão” para nós.

A experiência vivida na pandemia de COVID-19 fez surgir a evangelização via redes sociais. Foi isto que me salvou aqui, porque nunca fomos preparados para isso. Fecharam as igrejas! Fomos obrigados a fechar os templos, isolar pessoas e manter distanciamento. Nunca fomos preparados para uma experiência assim. Foi nesta circunstância que brotou a evangelização via redes sociais, experiência esta que veio para ficar.

E que, coincidentemente ou não, já estava prevista. Quando se fala sobre ser emissor e receptor ao mesmo tempo...

Sim. Aliás, a comunicação começa com a igreja. Por isso, quando você veio a mim eu disse “mas este rapaz quer o que? É Comunicação? É sociologia? É antropologia? Conversamos muito pouco naquele dia, mas ainda num horário [de pressa].

O conceito de salvação permanece válido hoje? É aquilo que falei para você: você tem um legado próprio, de tua mãe. Não pode ignorá-lo!

É que existe uma suspeita, que estou investigando ao longo da minha tese de doutoramento – é uma hipótese! –, que a influência da mediação pelos meios de comunicação social pode alterar o discurso e, conseqüentemente, o pensamento sobre a salvação.

Sim, sim! A resposta está aqui.

O Essencial do Conceito de Salvação sempre foi e permanece o mesmo. No entanto, o modo como transmitir isso mudou e deve ser sempre atualizado.

Veja bem como é importante! Nós temos a doutrina, que é importante, mas na comunicação própria não basta ler. A sua voz está sendo apreciada e sentida. Se você lê depressa, você leu. Você leu o conteúdo, mas “travou” o outro que está lá. O meio é importante, é tanto quanto o conteúdo. Ou seja, se eu for frio demais, não aqueço ninguém. Mas se eu for muito quente, consigo fazer acender uma luz... Começo a chorar e todo mundo começa a chorar. Um condicionamento terrível isso. Perigosíssimo! O meio substitui o fim.

Aliás, toda Instituição precisa avaliar sistematicamente seu jeito de educar, de transmitir conteúdos de fé, de ética e moral etc. Passa-se o perigo de não ser mais entendida pelas pessoas.

Todo método de transmitir doutrinas e conteúdos de fé precisa ser avaliado. Quem não se avalia passa o perigo de repetir erros e parar no tempo. Isto exige coragem, humildade e

conversão. A Igreja Católica no Brasil coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) avalia sua caminhada a nível Nacional a cada quatro anos como exposto acima.

E cada diocese faz assim, e eu faço também assim. Nosso planejamento é quadrienal. Como é feito? A gente faz uma assembleia, “trabalho de casa” [lição de casa], mais uma assembleia... Enfim, para mim é o processo mais importante, o próprio processo é mais importante do que o conteúdo. Ou seja, a preparação que você faz é mais importante que o resultado final da tese.

Atualmente, o Papa Francisco está preparando o Sínodo dos Bispos visando este fim. Trata-se de uma caminhada junto onde a Igreja é chamada a rever seus passos, e ouvir o Espírito do Senhor que propõe mudanças e conversão.

Evangelizar no Contexto Urbano. Esta parte, para mim, é a cereja em cima do bolo, o maior desafio que eu sinto.

Fazer Catequese numa sociedade plural, fragmentada e sujeita a tantas informações é um verdadeiro desafio – seja para a igreja, seja para as escolas; seja para as famílias, seja para todos nós. Antes a sociedade era pacata, era católica. Nascia-se católico! Hoje, o que significa uma igreja que fala, mas sua fala perde-se entre milhares de vozes? Eu não posso dizer que a desgraça do mundo é a igreja, fazendo um corte terrível assim.

Talvez, portanto, a importância da “comunicação grupal” que o CELAM defende tanto. Exatamente para que se possa manter essa união.

Sim, claro! Então, veja: internamente na igreja – ou seja, quando falamos em “igreja”, falamos no povo de Deus historicamente situado. Ele não vive na Lua! Não tem alma simplesmente; têm pessoas, têm línguas! Então o povo de Deus está organizado, seja em nível universal – ICAR –, seja em nível local – Igreja Católica Apostólica Diocesana.

Muito bem! O próprio direito considera a diocese como independente, autônoma, sim. Mas não é, não pode ser independente. Quando um sacerdote é ordenado bispo, ele não é apenas um bispo de uma diocese. Além de ser bispo – isto pelo sacramento da ordem –, ele se torna

membro do colégio com o Papa. Assim que sua mãe deu à luz a você – você tem irmãos? Duas irmãs. – você não é apenas um indivíduo. Automaticamente, sua mãe te fez irmão das suas irmãs. Não pode dizer “as minhas irmãs não existem!”. Na igreja a mesma coisa. O bispo me ordenou padre. Eu, como padre, não posso esquecer que tem outros padres. Eu tenho um vínculo com eles pelo sacramento da ordem. Você tem um vínculo com suas irmãs. O que é muito importante, porque isso é a família.

A Igreja Católica Apostólica Romana não é a única que fala. E além de ser plural, a Sociedade atual é fragmentada, materialista, relativista e sumamente individualista.

É como se fosse: olhe para este chão. É claro, está claro lá fora. É capaz de vermos um fio de cabelo em qualquer lugar, menos nas sombras escondidas. Imagine aquele chão feito de pedaços, de sobras, cacos diferentes, feitiço diferente, material diferente... Junta tudo, coloca um pouco de cimento, é um chão difícil de lavar, fragmentado, sem desenho algum. Eu considero a sociedade atual assim.

Coitado do sujeito que tem que construir sua personalidade sozinho, “fazendo tricô”. Tem que ter referências. Sem referências – em nome da liberdade – aí do sujeito! Porque a referência é importante.

Evangelizar no contexto urbano: certamente, a facilidade de se comunicar hoje alterou a forma como se pensa e se professa a salvação. Valores outrora tidos como fundamentais para a vida pessoal, familiar e social são tidos como que ultrapassados e superados.

Você perguntou: os meios de comunicação não pode alterar? Sim! Veja bem: o que estamos vendo atualmente na política? Uma mentira repetida (várias vezes) se torna uma verdade. E tem gente infantil que acredita. Isto existe? Sim.

Embora eu não concorde com isto, eu tenho que reconhecer que isto existe.

Bom, primeiro que “comunicação”, por si só, carrega diversas definições diferentes. Uma definição que eu gosto é que comunicar é construir relações. O que eu desconfio é que as novas formas de comunicar, como, por exemplo, essas formas digitais que carregam em si um caráter muito efêmero, elas podem desviar...

Sim! Elas desaparecem com a variedade. [um pouco inaudível; acreditamos que seja esta a frase.]

...e as mensagens que aparecem com teor muito profundo podem entrar num processo de banalização.

Sim! Está aqui:

Numa Sociedade assim constituída cada um é convidado a criar suas "verdades", suas "visões de mundo" e sua ética. A referência passa a ser o "Eu" independentemente de valores que têm valor em si mesmos, e que precisam ser cultivados e mantidos, em vista da estabilidade da vida.

Salvação do que? E para que? Quando falamos em salvação, este não é um tema a ser apresentado simplesmente como um horizonte, uma meta a ser alcançada. A salvação tem algo a ver com o dia a dia. Ela é algo a ser vivido, a ser experimentado – e conquistado cotidianamente.

Quem vai falar de “verdade” para quem perdeu um filho? O que é salvação para ela? Entendeu? Um sujeito que está passando por uma cruz terrível, o que é a salvação para ele? Francisco de Assis diz: luz onde há trevas, perdão onde há ódio. Então a salvação é colorida, é multicolorida. É factível.

Se morreu alguém, eu não vou dizer “Deus sabe o que faz”. Ah, carambola! Não é assim! Seja humano!

Na Profissão de Fé confessada na Missa Dominical nós afirmamos: "Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém". Assim termina o Símbolo Apostólico.

No entanto, esta profissão de fé tem a ver com o imediato, o cotidiano das pessoas. Daí se pergunta: Como experimentar a Salvação nos tropeços da vida? Como experimentar a Salvação no momento da discórdia, das injustiças sofridas e dos desalentos?

Você namora, apostou todas as fichas na namorada (ou vice-versa), toma uma bomba, virou as costas. Seu mundo acaba. E eu tenho que levar isto em conta!

Como falar de Salvação quando se depara com corrupção e descaso na administração das coisas públicas? A Salvação aparece como "Luz" em meio às trevas ameaçadoras! A Salvação tem a ver com a Vida real seja ela pessoal, familiar, social, política, econômica etc. Salvação é ver a vida com os olhos de Cristo.

Por isso aqui vêm pessoas de todo tipo. Pessoas do mesmo sexo que querem casar. Eu tenho que ser educado com eles. A caridade vem em primeiro lugar. E mesmo ao falar a verdade tem que ter jeito, porque o outro também é humano, e a gente aprende bastante. A minha alegria é ouvir pessoas.

Salvação como Processo Educacional: no contexto bíblico, a Salvação sempre tem algo de concreto. Distingue-se entre: "Tempo" (Kronos) – daí o cronômetro – entendido como sequência cronológica medida em segundos, minutos, horas, dias, ano e tal, e "Tempo" (Kairós) medido por experiência, intensidade, sentimento. Você perdeu alguém, perdeu a namorada, o relógio para. É o tempo para a Bíblia, é a graça, é O momento, é A hora. Aquilo que o Evangelho diz “a minha hora ainda não chegou”.*

A Salvação é, primeiramente, "Kairós", o "Hoje" da Ação de Deus na vida do sujeito. Quando vocês dizem “valeu a pena”, pronto! O fato que valeu, é lá que está a verdade. É lá que você colocou o remédio. Não significa que acabou...

Lucas assim descreve a experiência de salvação vivida por Zaqueu, o cobrador de impostos. Disse-lhe Jesus: "Desce depressa! Hoje devo ficar na tua casa". "Hoje aconteceu a salvação para esta casa, porque também este é um filho de Abraão" (Lc 19,5.9). E na cruz, Jesus disse ao ladrão também crucificado: "Hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23, 43).*

João (craque nisto), por sua vez, trabalha bastante este conceito em seu Evangelho. Os encontros de Jesus com Nicodemos (Jo 3,1ss), com a mulher Samaritana (Jo 4,1ss), com o

Cego de Nascerça (Jo 9,1ss) e tantos outros, são encontros do “hoje”. você se coloca no lugar deles. Aquele cego é você; aquela mulher é você, aquele sujeito é você.

Olha, apresentam a Salvação como algo dado no ato. Jesus faz uma proposta de vida nova a estes personagens e cada um dá sua resposta. A Salvação acontece no "Hoje" do sujeito.

Olha a comunicação: Jesus faz uma PROposta, eu tenho que dar uma RESposta. Isto acontece na comunicação. Um namoro: de quem começa? Às vezes um olhar... O outro diz “sim”? Leva tempo às vezes, é um calvário pro outro. Mas assim que o outro disse “sim”, o mundo para aquele sujeito é um mundo novo, e começa uma vida nova. Belo isto! Muito bonito!

Comunicação e Responsabilidade Social: Os meios de Comunicação podem contribuir na comunicação da mensagem da salvação desde que usados com responsabilidade. Porém, todo cuidado é necessário para não confundir a mensagem com o próprio meio. O canal pelo qual traz a água cristalina não se confunde com a própria água.

Qual é essa responsabilidade?

Nós temos uma responsabilidade: educar consciências. Educar para a vida, para a responsabilidade, para a ética, para a tolerância... São valores que, para nós, são valores do reino. Quando conversava muito com a Igreja Metodista, e o pastor vinha conversar comigo. A gente conversava, tomava café juntos. Em vez de olhar feio um para o outro, ele dizia “Daniel, você me desarma? Fui educado para andar com revólver na mão, para dar tiro em quem não pensa como eu”. Mas, caramba, nós temos tanta coisa boa entre nós!

Observa-se que um dos meios utilizados por Jesus de Nazaré em sua pregação eram as Parábolas. Tudo na vida pública de Jesus tem a ver com o Reinado de Deus: milagres, parábolas, discursos... As parábolas eram pequenas histórias tiradas da vida comum com a finalidade de questionar, fazer pensar e provocar uma decisão. As parábolas dizem respeito ao Reino, porém, não se confundem com ele. São meios e não fins.

No mundo atual os meios de comunicação ocupam um lugar determinante. No entanto, eles não são neutros. Tais meios trazem informações e provocam a maneira de pensar e agir das

peessoas. Fazem a cabeça dos indivíduos já que por trás deles há sistemas, ideologias, interesses etc. É necessário ter um olhar atento, crítico quanto a isso.

Os limites no Campo da Comunicação: como observado acima, os meios de comunicação podem até levar pessoas a procurar a salvação de modo fácil e virtual. “Não precisa ir à igreja, basta procurar na internet”. Olha, deixando de lado a obrigação de estar fisicamente presente no templo para ter acesso a tais bens. No entanto, isto acontece quando há pouca instrução religiosa e pouco olhar crítico de quem procura tais bens.

A Igreja Católica Romana no Brasil não tem condições para competir com os demais meios de comunicação ou com outras igrejas de outras confissões religiosas que possuem tais meios. A Igreja Católica não faz lobbies nem tem representantes no Parlamento à semelhança de determinadas Confissões Religiosas.

Nós não temos bancadas. As bancadas são evangélicas.

A Igreja Católica no Brasil insiste que tais meios nunca podem substituir a presença física das pessoas nas Celebrações da Santa Missa etc. Os meios digitais não são uma alternativa à Comunidade de Fé. O relacionamento entre pessoas não se pode limitar ao contato digital.

Estou acompanhando um caso assim. Uma pessoa de uma certa idade, com problemas graves de saúde, pensando num segundo casamento, e se relaciona por meio de redes sociais. Uma foto bela, da própria juventude, sem rugas... O sujeito que está lá [do outro lado] pensa que a pessoa é esta. “Filha, como você vai reagir quando o outro te ver? Seja coerente consigo mesma!”. Olha o risco que passa, cruz-credo! E a pressão que sente!

É como quando a gente pensa na Intenção Eucarística. Os documentos dizem que a missa no rádio e na TV é para os acamados, para os enfermos etc. Só que, ao longo do tempo, outras pessoas começaram a se aproveitar disso.

Por isso coloquei: isto é falta de educação religiosa, é falta de catequese, aquilo que nós vimos antes.

Meios Digitais e Participação Atual: Quando bem utilizados os meios digitais podem ajudar na participação qualitativa das pessoas. Certamente, tais meios facilitam a

comunicação desde que sejam utilizados com responsabilidade. A Santa Missa transmitida pelas redes sociais da paróquia pode favorecer os doentes que não têm condições de marcar presença física na Igreja.

No entanto, não se confunde presença física no Templo com participação atuante na Comunidade de Fé. A participação atuante vai além da simples presença física. Ou seja, mesmo aquele que vem à missa, faço uma diferenciação entre aqueles que vêm e já vão embora e aquele que entende que tem um sabor comunitário. É como você, que visita sua irmã. É sua irmã! Então você toma café com ela!

A participação atuante e qualitativa implica na participação no Processo de Planejamento Paroquial, nas Assembleias Comunitárias, na Formação Continuada dos membros etc.

Ontem nós tivemos uma formação continuada – faço isso umas quatro vezes por ano. Tivemos o salão inteiro, cheio! De todas as comunidades da paróquia.

Quando há Comunidade de fato, ou seja, quando há laços que unem pessoas efetiva e afetivamente, os meios de comunicação ajudam e muito numa Religião mais participativa.

Olhando para frente, a experiência que sinto como padre: a experiência de COVID-19 abriu horizontes no que diz respeito às redes sociais. Sem tais redes, o contato entre os fiéis, entre os párocos e leigos que atuam diretamente na Evangelização, a situação teria ficado pior.

Quanto maiores os meios, maiores os desafios e a necessidade de uma qualidade tanto no uso como também na formação prática do uso desses meios. É muito importante a capacitação de pessoas a atuarem nesses meios, investindo na formação humana, espiritual e bíblico-teológica.

A CNBB reconhece que os avanços no uso correto desses meios, por parte da Igreja Católica, foram enormes. A própria conferência insiste que em cada paróquia haja o "Setor de Comunicação". Eu tenho um setor de comunicação, entende? Aliás, antes de sair você pega o Boletim Informativo, que é nosso meio de comunicação

Toda cautela é necessária para não veicular propostas e interpretações equivocadas da Palavra, em dissonância com aquilo que o Magistério da Igreja propõe.

Nós temos já padres que se desviam um pouco da coisa. Criam a própria verdade.

Por que?

Porque ele se acha autônomo e independente. Só que, pela ordem, nós somos irmãos na fé. Então ele não estaria agindo corretamente se não participasse das reuniões dos padres, por exemplo. É como imaginar você nunca querer parar na casa da sua mãe. Mas, filho, você é filho, você tem suas irmãs. Jesus não expulsou ninguém, nem a Judas! Vou ser eu que vou expulsar? Não!

Finalmente, a Paróquia São Roque possui seu Boletim Informativo Paroquial Bimestral "Igreja Viva e Peregrina", emitido pelo Setor de Comunicação; sua Missa Dominical transmitida a partir da Matriz; sua coluna no Jornal local - O Democrata. Através destes meios a Paróquia mantém informados os membros da Grande Família Paroquial e a presença da Igreja na Cidade.

O boletim é impresso, e também tem uma versão digital, que as pessoas podem compartilhar pelo WhatsApp?

Sim, sim. A minha referência, aqui na paróquia – isto a própria Igreja pede a norma disto –, eu tenho um grupo comigo, chamado “Conselho de Pastoral”. Ao lado dele tenho o “Conselho de Assuntos Econômico-Paroquial”. Seis pessoas. Tenho o setor jurídico, tenho o setor de patrimônio, o setor de planejamento, tenho Recursos Humanos, tenho eventos... Seis pessoas. No lado pastoral, tenho comunicação, ministérios, catequese, caridade e obras sociais, movimentos pastorais... Cada um a partir da Festa de Agosto [tradicional festa da cidade de São Roque], o resultado financeiro é dividido conforme porcentagem. Imagine você, na catequese, entre os ministros: “o que precisa para levar adiante o ano? Olha, nós temos que isso e aquilo”. Então recebem a verba, baseada nos anos anteriores. Uma porcentagem, não é a mesma quantia. Porque isso varia de acordo com o resultado da Festa.

Mas cada um tem autonomia para usar a verba. E tem que ser usada! Mas com muita responsabilidade, com normas. Imaginando: tem que trocar o forro [do teto]. Eu nem quero saber disso, tenho outras preocupações. Mas tem alguém que faz.

A missa dominical. O senhor está aqui na igreja conduzindo a missa. Ela também é transmitida por meios eletrônicos?

Uma. No domingo. Geralmente a missa da noite. Pelo setor de Comunicação da Paróquia. Ela é transmitida pela internet.

E pelo rádio?

Não. Antigamente a gente fazia isto quando tinha a rádio católica, a rádio Maria, e outra que agora não me lembro o nome. A gente mantinha contato lá. Semanal, justamente. Eu tinha que ir lá fazer uma pequena meditação sobre o Evangelho do dia a semana inteira. Todos os dias. E gravada para uma semana.

E como o senhor vê essa confluência? Em um momento o senhor está falando pessoalmente, em outro momento usando textos, em outro momento na internet... Como o senhor lida com este hibridismo?

Isso me dá muita liberdade. Muita liberdade. Mas, ao mesmo tempo, algumas coisas escapam da sua mão, pelas circunstâncias e assim por diante. Então eu peço ajuda. Comigo tenho outras pessoas, e confio nelas. Por exemplo, Taísa, setor de Comunicação. Esta agenda mensal: eu tento fazer esta agenda corretíssima. Mas quando apresento, sempre tem algo a corrigir.

Meus textos: passo sempre para alguém ler, porque às vezes a gente não vê concordância. Estou escrevendo, no meu hobby, sobre a construção da igreja atual, lendo os livros da paróquia. [Mostra uma planta original da igreja Matriz] Veja um pouco como era para ser feita esta igreja aqui. [Apontando para o papel] Esta era a igreja antes desta aqui. Aliás, esta é a terceira igreja. Esta era para ser construída aqui, depois isto foi jogado fora e construíram este tempo. “O Padre Cícero Revoredo, planta de igreja em São Roque, nos anos 1929”. Sim, 29! Era uma igreja tipicamente rococó, uma torre de lado com três altares de cada lado... Então fico escrevendo... Para mim uma alegria! O papel das mulheres, fiz anotações sobre isto. [Continuou discutindo o projeto da primeira igreja].

Eu brinco com as pessoas: vocês têm tanta riqueza aqui dentro desta igreja, e ficam me perguntando qual o nome do cachorro de São Roque! Se ele foi mordido na perna direita ou esquerda...

TRANSCRIÇÃO - RICARDO PADAVINI
IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA DE SÃO PAULO

Gostaria que o senhor dissesse seu nome e a posição que o senhor ocupa dentro da sua igreja.

Meu nome é José Ricardo Padavini, sou bispo primaz da Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC agora em diante), e em nossa igreja o bispo não deixa de exercer o ministério de padre, então eu continuo exercendo meu ministério de padre, celebrando as missas e fazendo a obra de Deus. Mas hoje, por mercê de Deus, pela misericórdia dele, por providência dele, eu sou o bispo primaz da ICAC.

Perfeito! Qual é a designação da sua igreja? Ela é sui iuris, ela é sem comunhão com Roma, ela é do protestantismo conservador histórico... Qual é a designação dela?

Eu costumo dizer, Luiz, que nossa igreja é a “igreja dos apóstolos”. Quando o Senhor Jesus reuniu seus apóstolos, ele designou os mesmos para fazerem a obra dele: pregando o evangelho, curando doentes, expulsando demônios em nome do próprio Senhor Jesus. E quando o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes, em Jerusalém, ali nascia a Igreja Apostólica. Então, eu digo que a nossa ICAC é uma igreja que voltou às origens para fazermos exatamente o que os apóstolos de Jesus fizeram, em nome do próprio Cristo. Nós não temos nenhum vínculo de subordinação à Igreja Romana ou a qualquer outra igreja, embora respeitamos todas as igrejas e sabemos que Deus tem um propósito em todas elas. Sejam católicas ou protestantes, ou reformadas, eu tenho comigo em particular que Deus tem um propósito em cada igreja objetivando exatamente o tema da sua pesquisa: a salvação do ser humano.

Eu tenho que seguir um questionário, mas eu gosto de evoluir como uma conversa, e não necessariamente com perguntas e respostas. Tenho duas partes: uma primeira é teológica e a outra parte é comunicacional. Dentro da sua igreja, o conceito que é professado é baseado em qual teologia: agostiniana, calvinista, arminiana...? Dentro dos seus serviços, suas pregações e seus estudos, o senhor acredita que o conceito de salvação da sua igreja está mais próximo de qual teólogo?

Eu prefiro dizer que nós estamos dentro do que a palavra de Deus determina, do que o próprio senhor Jesus disse. Ele disse “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”. Então, para nós, na ICAC, a salvação é a meta final, é o livramento do inferno, é o livramento do lago de fogo; para nós, a salvação é a alma estar em comunhão eterna com Deus no céu – isso, para nós, é a salvação. Somos peregrinos nesta terra e estamos marchando rumo à Nova Jerusalém, rumo à Jerusalém Celestial. Então, para nós, a salvação, mediante a fé em Jesus Cristo nosso salvador, é isso: é a plena comunhão eterna com Deus descrita como um caminho. A salvação é um caminho para chegarmos em plena comunhão com Deus no céu.

O senhor obviamente tem contato com outras igrejas que têm a mesma denominação da sua. Então, fico imaginando se as outras igrejas que participam desta mesma denominação caminham neste mesmo pensamento, se elas têm a mesma ideia que o senhor traz aqui.

Sim! Todas as nossas paróquias, todas as nossas paróquias... Nós temos a Bíblia Sagrada como regra de fé e procedimento, temos o estatuto da igreja, que é seguido por todos os clérigos da igreja, e realmente, para nós, o objetivo principal, a missão principal da igreja é a salvação dos homens através do sacrifício do Senhor Jesus. Então, em todas as nossas paróquias, esta verdade é pregada, é ensinada.

(Adendo): Sobre as outras igrejas, isto não sei te responder. Eu posso falar pela igreja a qual eu pertencço, então para saber com relação às outras igrejas, aí é só procurando pelos representantes das mesmas. Isso não posso te falar; posso te falar apenas pela minha igreja.

Agora vem uma pergunta complicada, mas o senhor pode se estender o quanto quiser: por que precisamos ser salvos? De onde vem o fundamento? Nós estamos aqui, e a salvação se torna um objetivo?

Todos nós somos seres eternos. Todos nós somos eternos. A partir da nossa concepção, nós somos eternos e passamos a ter corpo, alma e espírito. Nós vamos viver aqui nesta terra por um tempo, e é um tempo finito; a nossa vida aqui nesta terra é uma peregrinação. Eu costumo dizer que é uma peregrinação, somos peregrinos nesta terra. E por que precisamos de salvação? Porque quando esta vida terrena termina, a vida espiritual continua. E para

nós herdarmos a salvação, para nós herdarmos o céu e uma comunhão com Deus, eterna, precisamos de um salvador! E é Jesus! Precisamos da salvação! Então, Deus deu ao ser humano o livre-arbítrio, a liberdade. Então, a pessoa hoje pode fazer, na realidade, o que quiser da sua vida: ela pode se voltar para Deus, ela pode rejeitar Deus, ela pode fazer o que ela quiser. Só que salvação para a alma, estar com o Senhor para sempre no céu é só para aqueles que nesta vida terrena abriram o coração para Jesus e o receberam como senhor e salvador. Então esta é a nossa fé, exatamente como a Bíblia ensina. Por que precisamos de salvação? Porque sem salvação nós estamos perdidos! Por que precisamos de um salvador? Porque sem ele nós estamos perdidos! Nós somos pecadores. Todos nós pecamos e estamos separados da glória de Deus. Eu aprendi com o bispo que me formou, que me ordenou, Dom Euclides Nunes, que o Senhor Jesus segura na nossa mão, e segura na mão do Pai. Ele nos liga ao Pai. Ele é o mediador da nova aliança. Então, por que precisamos de salvação? Porque sem salvação nós estamos perdidos! E o meio para nós nos salvarmos é o sacrifício do Senhor e salvador Jesus.

Apesar do cristianismo ter sido, ao longo dos séculos, uma religião tão atraente, exatamente pela possibilidade de conversão, que é uma coisa que o judaísmo, por exemplo, não tem – quer dizer, existe, mas é uma outra dissidência do judaísmo que permite a conversão –, historicamente a gente sabe que não é bem assim que acontece porque o judaísmo acaba se tornando mais uma etnia do que precisamente uma religião. Mas o calvinismo diz que todos podem ser cristãos mas alguns só são escolhidos, não são todos os escolhidos. A sua fé compartilha desta ideia ou é outro conceito, de que todos têm o direito à salvação?

A salvação é para todos! O Senhor Jesus morreu por todos! A partir do momento em que uma pessoa abre o coração para Jesus, e o recebe como senhor e salvador, ela vai ter seu nome escrito no livro da vida. Então, para nós, Jesus veio para salvar a todos! Ele não quer que ninguém se perca. A única pessoa que pode se perder é ela mesma, por rejeitar Jesus. Então, a nossa visão é a de que o senhor Jesus veio para salvar a todos. E ele oferece a todos a oportunidade da salvação.

Então existe uma diferença entre a não salvação pela rejeição e a não salvação pela ignorância? O ignorante ainda pode ser salvo? Quem nunca teve contato com o

cristianismo, quem nunca teve contato com Deus, quem nunca recebeu a palavra mesmo assim pode ser salvo, porque Deus não pune pela ignorância.

Sim, Deus não pune pela ignorância. Exatamente: Deus não pune pela ignorância. Eu creio, Luiz, na misericórdia de Deus. Deus é santo, Deus é justo, e a Bíblia diz que Deus vai dar a cada um conforme suas obras. Então, Deus vai julgar cada um exatamente conforme aquilo que faz. Eu tenho comigo que, na sua infinita misericórdia, Deus quer salvar a todos. Aqueles que na ignorância morreram sem ouvir falar de Jesus, eu tenho comigo que Deus, realmente, vai julgar essas pessoas de uma forma diferente, porque elas não ouviram falar do salvador. Como São Paulo disse: “como crerão se não há quem pregue, e como pregarão se não forem enviados?”. Então, Deus é santo, Deus é justo, e ele vai julgar cada um conforme suas obras, e conforme a intenção do seu coração. Então, aquelas pessoas que não ouviram falar de Jesus, tenho comigo que elas vão receber um julgamento, da parte de Deus, levando muito em conta isso. Agora, quem rejeita Jesus, aí é outra coisa! A partir do momento que a pessoa ouve sobre Jesus e o rejeita, aí é outra situação. Aí certamente as palavras que hoje são para a salvação no futuro serão para condenação.

Conversei com uma líder de uma igreja ortodoxa que diz que os cristianismos ao redor do mundo precisam se unir mais. Então, quando a gente vê, por exemplo, o papa Francisco se reunindo com o líder da igreja ortodoxa, ou quando a gente vê igrejas de diferentes cristianismos começando a trabalhar juntas, essa pessoa que este é um movimento necessário pois, como ela mesma fala, a “marca” do cristianismo começa a ser um pouco mal tratada. O senhor entende que este movimento de união das diferentes igrejas cristãs pode ser um caminho, pode ser uma possibilidade para o fortalecimento do cristianismo? Principalmente porque a gente vê na Europa igrejas se transformando em bibliotecas, em escritórios, então existe uma tendência de perda de força do cristianismo. E uma das saídas seria exatamente a união entre as denominações, não? O senhor entende que este é um caminho possível?

Vamos lá: tenho comigo que, quando uma igreja enfraquece e, como você disse, o templo vem a ser tornar uma biblioteca, ou algum prédio de visitação pública, cultural e assim por diante, esta igreja, com todo respeito, deixou de desempenhar aquilo que Jesus deixou para ela fazer. Porque a missão da igreja – eu digo sempre nas minhas coisas que celebro, em programas de rádio que faço –, por toda vida vou falar isso: o que Jesus deixou para a igreja fazer?

Pregar a palavra de Deus, curar os doentes e expulsar os demônios. Foram missões que Jesus deixou para a igreja. Agora, como que as igrejas vão se unir se algumas delas deixaram de exercer sua função, sua missão? Se Jesus, quando veio ao mundo, andava por toda parte curando doentes, expulsando demônios e pregando o Evangelho, como as igrejas vão se unir se uma não expulsa demônios, se outra não reza pelos doentes, se outra não prega a palavra de Deus? Hoje existem muitas pessoas que estão sendo treinadas, existem líderes que estão realmente fazendo a obra de Deus – seja na Igreja Católica, seja na Igreja Evangélica, independentemente da denominação religiosa, muitos estão fazendo a obra de Deus. Agora, essa unificação de igrejas, como isso vai acontecer se uma igreja deixou de fazer o que Jesus mandou? Ela não depende de outra igreja para fortalecê-la, ela depende dela mesma fazer o que Jesus mandou, para que ela seja uma igreja forte. Agora, haver uma união para uma evangelização, uma união para rezar por quem está nas ruas, haver uma união para visitar pessoas que estão nos hospitais, haver uma união para fazer um bem comum, isso é notório, isso é importante, isso é nobre. Agora, o insucesso de algumas igrejas não se deve ao fato dela estar isolada; deve-se ao fato de ela não fazer o que Jesus mandou! Porque se ela fizer o que Jesus mandou, o próprio Cristo vai sustentá-la e abençoá-la. Porque as pessoas vão ser curadas, vão ser libertadas, vão ser abençoadas e vão se converter. Esta é a nossa visão, mas respeitamos todas as igrejas! Agora, me parte o coração ouvir isso que você está falando, e eu sei que isso é verdade! Mas é muito triste ouvir isso! Saber que uma igreja, um local onde a palavra de Deus tinha que estar sendo pregada, se torna uma biblioteca, se torna um teatro, se torna um museu. Isso é muito triste. Para mim é muito triste.

Acho que ainda tem um agravante nesse processo que é a conciliação das teologias, não é? Pois, como conciliar a Teologia da Libertação com a Teologia da Prosperidade? São caminhos completamente diferentes! Ainda que o propósito seja Jesus, Deus, a salvação, conciliar essas duas teologias é um trabalho bem difícil!

É um trabalho bem difícil, e é por isso que disse aqui no início da nossa conversa que, para mim, Deus tem um propósito em cada igreja. Em cada grupo religioso, Deus tem um propósito. Deus vai se manifestar de maneira maravilhosa onde houver pessoas sinceras reunidas para adorá-lo. Então, querer unir as igrejas é uma missão bem difícil de acontecer! Na teoria pode até acontecer mas, na prática... É como você disse: como você vai associar um pregador que está falando de salvação, que a salvação é pela graça, a salvação é pela fé

a um pregador que está falando que a salvação é pelas obras... Não tem como associar. É difícil, entendeu? Então, é melhor cada igreja viver o seu ministério, desempenhar sua função, e naquilo que é uma verdade em comum entre elas, aí sim! Por exemplo, ir ao hospital rezar por quem está doente: é missão de todas as igrejas. E quantas vezes vou ao hospital fazer uma oração por quem está doente e observo que ninguém vai lá rezar por aquelas pessoas! Mas onde estão os religiosos? Eu creio que cada igreja deve realmente desempenhar seu ministério com fidelidade à palavra de Deus. É claro que somos irmãos, entendeu? Somos irmãos! A Bíblia diz que onde há unidade, o poder de Deus vai ser multiplicado, mas é importante cada igreja viver o seu ministério respeitando umas às outras, fazendo o bem comum, ajudando realmente a quem precisa, batalhando também nas causas sociais, mas sem perder a sua essência, que é pregar o Evangelho do Senhor Jesus.

O senhor mencionou seu trabalho na rádio, então acho que podemos entrar na parte comunicacional da nossa conversa porque uma das coisas que preciso entender é como a ideia de salvação é professada nos diferentes níveis de comunicação. Então, basicamente a gente tem três níveis de comunicação: a mídia primária, que é a fala, que é a homilia, o querigma; a mídia secundária, que são os escritos, os textos; e um último estágio que é a mídia terciária, que são os meios eletrônicos. Então, se a gente voltar para o princípio básico, que é a mídia primária – que é a fala, o estar no mesmo lugar –, quando o senhor professa os conceitos de salvação dentro da sua igreja, como isso é feito? Como o senhor se prepara, como é essa abordagem na fala?

A Bíblia diz que “quem ganha almas, sábio é”. Estou conversando com você pessoalmente – é por um meio digital, mas é como se eu estivesse na sua frente. Quando encontro o Luiz, em particular, vou falar de Deus com o Luiz, eu vou anunciar o Evangelho para o Luiz. Quando estou num grupo de pessoas, vou falar de Jesus, vou anunciar o Evangelho para este grupo de pessoas. E hoje, seja estando nas mídias sociais, seja no rádio, seja em qualquer meio de comunicação, em qualquer veículo de comunicação, você tem a possibilidade de falar ao mesmo tempo com muita gente. Então, a mensagem da salvação não muda. São os meios que mudam, mas a mensagem é a mesma. O mesmo conteúdo do Evangelho que eu transmito individualmente para o Luiz, eu vou transmitir no altar da igreja para um grupo de pessoas, vou transmitir em algum evento que sou convidado, vou transmitir no rádio, vou transmitir na internet... A essência, a mensagem é a mesma! Os veículos é que mudam para que haja uma abrangência maior. Então é assim: seja num jornal, seja um texto, seja uma fala, seja

para uma pessoa, ou um grupo, ou um veículo de comunicação que vai abranger milhares de pessoas, é a palavra chegando para muita gente! E a palavra de Jesus convidando as pessoas que estão longe do caminho do senhor para se voltarem para ele, para buscarem ele: a cura, a libertação, o perdão e sobretudo, a salvação que necessita.

Quando o Concílio Vaticano II regulamenta os meios de comunicação de massa, isso se transforma numa potencialização do que diz em Marcos: “ide e pregai o evangelho a toda criatura”. Para nós, que estudamos a comunicação da religião, a gente entende que, sobretudo a ICAR, Sui Iuris, teve muitos problemas com os meios de comunicação. Então, primeiro era aquele afastamento total, aí depois começa a repensar, e aí mais para frente vem o que se chama de “deslumbramento ingênuo”, que é utilizar os meios de comunicação de uma forma amadora até que os meios de comunicação passem a ser usados de uma forma mais profissional e eficiente. Então, com o Concílio Vaticano II, essa possibilidade passou a existir. Então essa regulamentação passou a potencializar Marcos, não?

Com toda certeza! Jesus disse “ide e pregai o Evangelho a toda criatura”. Você pode, ao mesmo tempo, falar para milhares ou até milhões de pessoas. Isso é fantástico! Tenho certeza que se o Senhor Jesus viesse hoje ao mundo, ele se utilizaria dos meios de comunicação para ganhar almas para seu reino. Eu não tenho dúvida disso! Então, nós devemos, sim, utilizar os meios de comunicação para evangelizar. Isso é importante!

Continuando ainda na bula do Concílio Vaticano, não se pensava em internet àquela época, não existiam as possibilidades que se tem hoje. O que existia era a televisão, o rádio e os meios impressos. Agora, com essa possibilidade de estar no Instagram, TikTok, ou transmitir uma missa pelo YouTube, o senhor acha que isso modifica a ideia de salvação no sentido de que essa facilidade de transmissão também pode, em algum sentido, atualizar o pensamento da salvação?

O pensamento da salvação, a ideia da salvação e a fé continuam a mesma! Na verdade, os princípios não mudam. A salvação não muda. A palavra de Deus é inalterável. O que nós temos hoje são muitos meios para evangelizarmos, mas o conceito da salvação não mudou nem vai mudar nunca. Ele continua sendo o mesmo: Jesus é o senhor e salvador. E todas as pessoas que abrem o coração para ele serão salvas. Essa verdade jamais passa! Ela

permanece. A palavra de Deus não é alterada. Então, os princípios nunca vão mudar, mesmo com tanta tecnologia, com tanta modernidade, mas os princípios da palavra não mudam. Não se perdem de forma alguma!

E os meios acabam sendo complementares. Num momento o senhor pode estar falando no YouTube para milhares de pessoas, ou falando na igreja para algumas dezenas ou centenas, dependendo do tamanho da igreja. Agora, quando a homilia é sobre a salvação, o senhor consegue perceber algum tipo de ambiente dentro da igreja? Como o senhor vê os fiéis recebendo a palavra?

As pessoas que vêm para igreja, vêm porque querem esta comunhão com Jesus. É diferente de quem não vem à igreja. A pessoa que quer comunhão com Jesus vem para a casa de Jesus. Essa é a realidade! A pessoa que quer Jesus – quando você quer procurar uma pessoa, onde você vai? Vai à casa dela! Então, a pessoa que quer comunhão com Jesus vem para a igreja. A não ser a pessoa que está enferma, acamada, impossibilitada de ir para a igreja, aí é uma outra situação. Mas, a pessoa que quer comunhão com Jesus, a pessoa que quer Jesus vem para a igreja. Então, quando você fala sobre salvação, as pessoas acolhem com todo amor. Por que? Porque elas sabem, elas entendem, elas sentem dentro da igreja a presença do Senhor Jesus. E elas sabem que nós estamos aqui de passagem. Agora, fora da igreja, as pessoas podem ter reações diferentes quando se fala de salvação porque não estão debaixo do manto, não estão em comunhão com Jesus. Então, tem pessoas que vivem – e digo que isso é uma loucura! –, tem pessoas que vivem como se Deus não existisse. Uma vez um advogado muito amigo, um senhor de muita experiência do interior [de SP] me disse assim – gravei a frase dele e falo algumas vezes: “Padre, tem gente que pensa que é Deus, outros têm certeza”. E realmente! Só que isso é uma loucura! É uma loucura! Por que? Você vai a um cemitério. É só você andar ali no cemitério! Você vai ver nas lápides, você vai ver nos túmulos pessoas famosas, conhecidas, pessoas anônimas, desconhecidas, gente que morreu com mais de cem anos, com menos de cem – oitenta, noventa, enfim, cinquenta, quarenta –, crianças que morreram, crianças que nem sequer nasceram e morreram no ventre de suas mães! Então, é fato! É simples: nós estamos aqui de passagem! E uma pessoa viver sem se preocupar com a salvação é uma grande loucura! Por que? Porque nós estamos aqui por alguns anos, mas a nossa alma, que é eterna, ela é, como disse, eterna, ela dura para sempre. Então nós precisamos aproveitar o tempo de vida que Deus nos dá para recebermos Jesus, para abrímos o coração para Jesus, e termos a garantia da salvação eterna. Porque,

de que adianta a pessoa viver aqui, ela conquistar, crescer, prosperar “ah, eu tenho bens, eu tenho isso, eu tenho aquilo, eu conquistei muita coisa”, chegar ao final da vida, olhar para trás e dizer “eu fui um cara vitorioso”, “eu conquistei, tenho posses, estou deixando herança para meus filhos”, “eu tenho duas, três faculdades”, tudo isso é importante, mas voltemos ao que Jesus disse: “de que adianta ao homem ganhar o mundo todo e perder a sua alma?”. Não adianta nada. Então, é claro que temos que batalhar aqui para termos uma vida boa. Sim! Nada de errado nisso! Mas não podemos nos esquecer da salvação. Então, quando a pessoa está dentro da igreja e ouve isso, ela se sente ainda mais fortalecida. E as pessoas que estão fora, é um despertar, é um toque Deus para que estas pessoas também possam se voltar para Deus. E passar a se preocupar com a salvação da alma! Muita gente pensa nisso, Luiz, sabe quando? Quando vai a um velório! Você quer ver coração aberto para a verdade da salvação? São as pessoas que estão ali velando um familiar, um amigo, uma pessoa querida. Naquele momento, ou naqueles instantes, uma boa parte das pessoas começam a pensar que um dia elas também vão partir. Então, isso acontece em velórios: as pessoas despertam de que um dia elas também vão partir.

Vou confessar que tenho uma grande restrição com esta ideia de que “se eu tenho mais, automaticamente sou melhor que você”. Falo isso porque dou aula numa faculdade e reclamo muito dos professores que chegam lá para dar aula com carros de duzentos, trezentos mil reais sendo que mais da metade dos alunos são bolsistas. Então, fico pensando: “quem você quer impressionar com seu carro de trezentos mil reais sendo que sua sala inteira anda de ônibus?”. Acho que por isso que até hoje não engoli muito a Teologia da Prosperidade! (Risos)

A prosperidade é uma dádiva de Deus, é uma promessa de Deus para nós. Deus prometeu abençoar seu povo com prosperidade. Agora, a pessoa viver com dignidade, viver bem é uma coisa. Agora, a pessoa viver ostentando é outra coisa completamente diferente. Eu tenho comigo que Deus, o nosso Deus, quer que todos vivamos bem. Ele quer que todos vivam com dignidade, porque ele ama a todos! Deus quer que vivamos bem, que vivamos com dignidade. Agora, isso é uma coisa! Agora, a pessoa viver ostentando, aí é outra coisa completamente diferente.

O senhor pensa que esta profusão dos meios de comunicação pode substituir em alguma medida a presença na igreja?

A igreja é a casa de Deus, e todas as pessoas com condições físicas de estar na igreja de modo presencial deve estar. A missa online, a missa na TV ou pelo rádio, claro, qualquer pessoa pode ouvir, pode assistir. Sim! Ela vai comungar da palavra, ela vai participar de alguma forma da mensagem do Evangelho sendo transmitida.

Desculpe interromper, mas também tem a intenção eucarística, não?

Claro! Tudo isso é importante, tudo isso é válido. Agora, a pessoa que tem condições de estar na casa de Deus de forma presencial, ela tem que estar na igreja. A missa online, a missa pela TV ou pelo rádio é principalmente para aquela pessoa que está no hospital, que está acamada, aquela pessoa que está impossibilitada de estar na igreja. Ai, sim! Ai é para ela! O objetivo de uma missa online, de uma missa pelas mídias sociais ou pela televisão é realmente alcançar alcançar aquela pessoa que não pode chegar na igreja por algum motivo. Agora, a pessoa que tem condições de estar na igreja, ela tem que estar na igreja! Ela deve estar na igreja! Agora, é bem verdade que tem pessoas que se acomodam. Tem pessoas que acompanham a missa pela televisão e falam “já rezei, já acompanhei pela televisão, não preciso ir à igreja”. Só que não sei quem pôs isso na cabeça da pessoa! Os meios eletrônicos são para a pessoa que não pode estar na igreja por algum motivo.

Existe um outro lado disso. Estamos abordando o lado do comodismo, mas existe um outro lado dos meios de comunicação que é criar mais participação entre as pessoas e a igreja. O senhor consegue identificar isso?

Sim, com certeza! A partir do momento em que você está nas mídias sociais, ou está no rádio ou na TV, é claro que você acaba se tornando mais conhecido, e a abrangência da sua palavra vai ser muito maior – e muito mais pessoas vão vir para a igreja. Nós nos utilizamos bastante de programas de rádio. Agora, o nosso programa de rádio tem um objetivo: trazer as pessoas para a igreja, e não deixar as pessoas em casa. Então, o nosso objetivo é realmente levar a palavra de Deus pelos meios de comunicação, deixando bem claro que a pessoa que não pode andar, está doente, está no hospital, está acamada, está impossibilitada de vir à igreja, nós estamos indo ao encontro dela pelos meios de comunicação. Agora, as pessoas que são plenamente capazes de se locomover, estas devem vir para a igreja! Estas devem vir para a missa presencial. Essa é a nossa mensagem! Agora, de fato acontece que

tem pessoas que têm condições de ir para a igreja, se acomodarem e não virem, e acompanharem a missa pelos meios eletrônicos. Isso acontece, mas não deveria acontecer!

Existe também um caráter convocatório também. “Estamos transmitindo a missa pela internet, mas não é suficiente! Venha para cá”.

Sim, a ideia é exatamente essa porque existem coisas que é só dentro da igreja que a pessoa vai receber. Existe uma unção de Deus que é somente dentro da igreja, não tem jeito! Tem coisas que a distância podemos fazer, tem coisas que é só dentro da igreja, não tem jeito!

O senhor hoje participa da missa na igreja, ou seja, utiliza a fala, participa dos meios impressos, ou seja, tem livros, revistas, jornais, e também participa dos meios eletrônicos, na rádio, na TV, na internet. Como o senhor vislumbra os próximos passos tanto da sua igreja como do cristianismo de uma forma geral com relação aos meios de comunicação? Até onde o senhor acha que é possível ir nesse quesito?

A questão da comunicação é algo que gosto muito de falar. Gosto muito de falar sobre esse tema, sobre esse assunto. Antigamente você fazia um programa de rádio e alcançava muita gente – vou pôr um número só para ilustrar o que estou falando. Então você fazia um programa de rádio e você alcançava através daquele programa, por exemplo, mil pessoas. Hoje, para você alcançar estas mesmas mil pessoas, você tem que fazer o mesmo programa de rádio, você tem que usar as mídias sociais; se você puder utilizar algum material impresso e distribuir, faça; enfim, todos os meios possíveis e imagináveis – dentro do que é justo, correto, claro! Você tem que utilizar-se de todos para alcançar as mesmas mil pessoas. Esta é a realidade hoje! Porque a comunicação está muito pulverizada. E o que acontece? O que eu acho hoje ser um grande problema é a falta de foco, a falta de concentração. Não é difícil você ver hoje a pessoa assistindo televisão e com o celular na mão! Ela está assistindo à televisão e mexendo no celular ao mesmo tempo. Ela está ouvindo rádio e está mexendo no celular ao mesmo tempo. Enfim, ela não tem foco. Hoje, ouvi um professor numa palestra falar algo assim – eu vou usar essas palavras: “o mau uso do celular ou das mídias sociais está emburrecendo as pessoas”. E eu concordo plenamente com este professor! O mau uso do celular e das redes sociais – inclusive, falo isso na igreja! – está emburrecendo as pessoas. Nada contra as mídias sociais, nada contra os conteúdos bons! Mas existe muita coisa que não serve para absolutamente nada! Em vez de a pessoa se ater àquilo que é

importante, ler o que é importante – quando for estudar! É claro que em um momento de lazer, quer assistir a um filme, que ver uma coisa engraçada, nada contra! Momento de lazer é momento de lazer! Agora, quando a pessoa deixa de estudar, deixa de ler um bom livro, deixa de ter foco para perder tempo com coisas inúteis, é um pecado contra ela mesma! Então, voltando à sua pergunta, procurando responder o que você perguntou, a questão da comunicação: temos que estar, como cristãos – e isso eu falo para todos os cristãos –, temos que estar atuando em todos os meios, para procurar por todos os meios levar o Evangelho a um número maior de pessoas. Só que, é muito simples hoje você preparar uma mensagem de coração, com amor, com alegria, com fé, uma mensagem que tenha duração de dois minutos, e você edita, prepara tudo bonitinho para você mandar para o ar, e a pessoa começa a assistir, e assiste cinco segundos, rola a tela e acabou sua mensagem! Então, banalizou! Isso é verdade! Então aquilo que é tesouro, aquilo que é rico está se tornando banal – infelizmente! Só que nós temos que, por todos os meios, evangelizar. Então, muito tesouro hoje está sendo banalizado. porque é só rolar ali que já passa e acabou! E conteúdos que muitas vezes foram preparados por um homem de Deus, por uma mulher de Deus, uma pessoa que jejuou para isso, que se preparou para isso, que rezou para isso, acaba sendo banalizado pelo excesso de informações que a gente recebe ao mesmo tempo. Então, infelizmente isso acontece.

Qual é o nível de profissionalismo da comunicação que o senhor faz? Tem uma equipe que estudou comunicação? Como é a equipe do senhor?

Olha, eu estudei comunicação, ainda hoje estudo comunicação, e a gente procura buscar realmente o conhecimento. E eu gosto de falar com pessoas que entendem! Então, tenho algumas pessoas que me assessoram que são pessoas que realmente entendem do assunto. Então, quando eu tenho alguma dúvida, não exito em ligar para algumas fontes que tenho – pessoas do bem, pessoas de Deus –, que vão me dar diretrizes. Então eu busco, sim, o conhecimento! Tem muita coisa que confesso que aprendi na raça! E ainda hoje aprendo na raça! Porque a teoria é importante, só que, às vezes, quando você quer aplicar essa teoria, você vê que não é bem como a teoria determina. Então você aprende na raça, aprende fazendo. Mas eu tenho, sim, uma equipe que me auxilia em muita coisa aqui.

O senhor falou dessa variedade de materiais que utiliza hoje, exatamente para tentar suprir este déficit de atenção. Mas o senhor consegue identificar uma preferência por

parte do público, por parte do fiel? Se são as redes sociais, os meios eletrônicos, ou se ainda gostam do impresso, se a palavra falada ganha um peso maior do que outras coisas?

Olha, a palavra de Deus, como a gente falou aqui há pouco, é a mesma transmitida individualmente, ou para um grupo de pessoas, ou para milhares de pessoas pelos meios de comunicação. A palavra é a mesma! Agora, como eu disse, se a pessoa recebe um impresso, um folheto com uma mensagem, ela vai ler aquela mensagem. É um papel que está na mão dela. Então, a recepção é uma. Agora, se esta mesma mensagem estiver, por exemplo, numa mídia social – quer dizer, eu não sei se a pessoa vai ler com a mesma atenção que ela iria ler se fosse no impresso. Por exemplo, hoje existem muitos jornais que praticamente acabaram. Jornais impressos. Eu estou aqui em São Paulo, e ainda hoje temos aqui jornais de bairro, jornais que têm uma circulação até grande, mas observei que antes da pandemia, os jornais impressos que tínhamos aqui nos bairros, eram jornais que tinham várias páginas, vários anunciantes, um conteúdo grande. Hoje são jornais que, às vezes, têm quatro ou seis páginas, e eles estão divulgando em PDF e mandando para as pessoas por meios digitais. Só que – e eu falo por mim: eu pegar um jornal impresso e ler, é uma atenção que dou; agora, pegar um jornal que está em PDF e ter que ficar aumentando a letra não é a mesma coisa! Então, nesse quesito de comunicação, eu tenho que ver que tem coisas que são mais eficazes – e que realmente são! Agora, se você perguntar “mas, padre, qual é o mais eficaz?”. É difícil de falar para você qual é o mais eficaz. Para mim, o rádio é bastante eficaz porque você está falando com muita gente e, ao mesmo tempo, está falando com uma pessoa só. Por que? Porque ela está te ouvindo ali, atentamente. Agora, nada disso substitui a comunicação dentro da igreja. O padre no altar transmitindo a palavra. Esta é a maior e melhor comunicação que pode existir. Que é o que Jesus fazia, entendeu? Agora, esses outros meios, a gente tem que se utilizar de todos eles também.

Acho que a grande “briga” é exatamente conciliar a atenção das pessoas com o que elas desejam e com a eficiência dos meios. Então, a gente não precisa de um meio só. A gente pode variar e pontuar dentro de cada – como se fosse um estudo de recepção, um estudo de público –, de atacar problemas específicos utilizando mídias específicas. Este é um profissionalismo que a igreja já conseguiu alcançar, não?

Sim, porque nós temos que nos atualizar. A mensagem da salvação, a mensagem do senhor Jesus não muda, os princípios não mudam e nunca vão mudar. Agora, os meios pelos quais você transmite esta mensagem, eles vão se atualizando. O celular está na mão de todo mundo hoje! Então você tem que estar ali com o Evangelho, essa é a verdade! E, olha, vou te confessar uma coisa, Luiz: se tem alguém que teve um pensamento – eu demorei para me render à questão das mídias sociais! Se tem alguém que demorou está aqui, falando com você. Mas eu vi que estava remando contra a maré, não tem jeito!

Eu te entendo porque tenho minhas críticas com relação às redes sociais, mas não tem jeito!

Não tem jeito! Estou falando: é remar contra a maré, não adianta! Na verdade a internet tem de tudo, de bom e de ruim. Cabe ao usuário saber separar o joio do trigo, esta é a realidade. Agora, como cristãos, temos que utilizar todos os meios para evangelizar, isso é muito importante! Agora, eu quero reforçar, Luiz: nada substitui a pessoa estar dentro da igreja participando da missa presencial. A não ser que esteja enferma, impossibilitada de estar na igreja. Aí é outra situação, então de todos os meios vamos procurar alcançá-la. Mas a pessoa tem que estar na igreja, dentro da casa de Deus. Isso é muito importante.

Pensamento final do Padre Ricardo Padavini:

De quê adianta estudar a santidade e não vivê-la? De quê adianta estudar Jesus e não abrir o coração para ele? Mais do que estudar a Bíblia, devemos nos inclinar de todo coração para Deus e praticar sua palavra. Para que, através do senhor Jesus, sejamos salvos.

TRANSCRIÇÃO - ROSÂNGELA COIVO

IGREJA GERAÇÃO ELEITA DE SOROCABA

Só a título de arquivamento, gostaria que você me dissesse seu nome inteiro, por favor, e a sua posição dentro da sua igreja.

Rosângela Aparecida Coivo Teixeira, pastora-presidente dentro da Igreja Geração Eleita.

Esta igreja aqui é de qual linha?

Protestante. Igreja evangélica, protestante, existem aí diversos nomes. Mas segue a linha protestante.

De qual teologia? Jacó Armínio, João Calvino...

Não sei te dizer de quem. Não sei te dizer qual teologia. Nós seguimos exatamente o que está na palavra de Deus que, para nós, a Bíblia é um manual de conduta. Acho que é isso. A igreja teve várias ramificações; nossa igreja não é ligada a nenhuma outra igreja, é uma igreja independente, que prega exatamente o que você disse: sobre a salvação do ponto de vista bíblico, do ponto de vista daquilo que nós acreditamos, que é o que está na Bíblia.

Aqui se chama "Igreja da Geração Eleita". O que significa ser eleito?

Escolhido. Escolhido por Deus para fazer algo, segundo a palavra de Deus. Então, quando pego na Bíblia, Jesus disse: ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.

Marcos, 16:15.

Isso! Então, quando você vai estudar – eu até andei fazendo uma pesquisa –, quando eu pego um professor de antropologia da Universidade do Rio Grande do Sul, o Ari Pedro Oro, ele diz "igrejas voltadas para dentro, igrejas voltadas para fora". Ele compara as forças. Então, a Igreja Geração Eleita é voltada para dentro, para poder dar assistência ao seu povo – assistência espiritual, assistência material, porque muitas pessoas às vezes dependem de

ajuda –, mas também para os de fora. Então, não é uma igreja só voltada para dentro nem só voltada para fora. Ela trabalha das duas formas, com as duas forças, como ele mesmo coloca.

Força centrípeta – acho até interessante! – e força centrífuga. Então, é voltada para dentro e para fora.

A ideia da salvação é mais parecida com algo como "Deus já escolheu algumas pessoas para serem salvas", como se fosse uma predestinação, ou todos têm a possibilidade de serem salvos?

Todos. Todos. A Bíblia diz que todos os que creem serão salvos. Creem no que? No plano de salvação. Então, vou tentar traçar uma linha e explicar para você como é que nós cremos. Acho que, talvez, isso seja mais fácil. Você me interrompe se tiver dúvida.

Nós cremos que Deus se relacionava com o homem lá na criação, no Gênesis. Este casal, o primeiro casal, Adão e Eva. Então, nós cremos que Deus criou o homem; não faz parte de uma explosão. Quando o homem e a mulher transgrediram uma regra, que era não tocar em um determinado elemento, que era uma árvore naquele lugar, chamado "Conhecimento do Bem e do Mal", que traria o conhecimento do bem e do mal, quando eles tocaram, pelo pecado da desobediência houve uma ruptura entre o relacionamento de Deus e do homem.

Quando nós estudamos o Velho Testamento, ele diz que para que os pecados das pessoas fossem "apagados", ou perdoados, existia um sumo sacerdote que fazia sacrifícios, levando todas as vezes a Deus os sacrifícios em prol dessa humanidade que, depois de Adão e Eva, nasceu separada do relacionamento com Deus.

Não haveria tantos animais que pudessem ser sacrificados para "apagar", ou para perdoar, os pecados da humanidade. Então, entendemos que ele envia Jesus, o próprio Deus se manifestando na Terra como homem, para que este relacionamento pudesse voltar a ocorrer – entre Deus e a humanidade.

Então, quando você me pergunta "todos têm direito à salvação ou a salvação é uma exclusividade de alguns?", todos têm direito à salvação – através de Jesus. Onde entra a

Bíblia? Onde entra nosso manual? Ele entra desde o Gênesis até o Apocalipse. Nós cremos na Bíblia na totalidade. Para nós, a Bíblia é nosso manual de conduta de vida.

Onde entra a igreja? Onde entra a religião? Eu não gosto de falar de religião, embora a sua tese, qualquer tese... A igreja está dentro de uma religião, é claro, a gente entende que isso é uma questão histórica. Mas eu gosto de falar de Jesus! Por que? Porque não é uma exclusividade da Geração Eleita a salvação. É todo aquele que crê. Crê em quem? Em Jesus. Crê na igreja? Não. Crê no pastor? Não. Crê no plano de salvação de Deus através de Jesus para esta humanidade.

No que eu tenho que crer para que eu seja salva? Que Jesus morreu na cruz para perdoar os meus pecados. É isso.

Eu tenho entrevistado algumas pessoas e vêm interpretações maravilhosas, e isso acho muito interessante: é um livro só e uma série de interpretações. Quando se fala aqui dentro da igreja sobre salvação, é salvar do que?

Da perdição eterna.

O que é a perdição eterna?

Nós entendemos que todo ser humano nasceu com um corpo, uma alma e um espírito. Corpo, alma e espírito. Quando alguém morre, morre no corpo, mas o espírito nós entendemos que seja eterno. Logo, sendo eterno, ele tem dois caminhos, segundo a Bíblia: da salvação ou da perdição.

Então, o que se prega sobre salvação? Salvação do que? Salvação da perdição eterna. Como é que se propõe isso? Como é que se prega isso? O que eu prego – eu, Rosângela –, minha ênfase nunca vai estar na perdição, porque eu entendo que se a pessoa entender o plano de salvação, a eternidade começa aqui para mim. Se hoje eu tiver a certeza da minha salvação, primeiro, eu perco o medo da morte, porque eu sei para onde eu vou. Eu tenho garantias através do meu manual de vida, que é a Bíblia. Se eu não tenho essa certeza, então preciso pensar sobre o que me falta para ter a certeza da salvação.

A salvação não é comprada, não é por obras, não é pelos dizimos e ofertas. A salvação é um dom gratuito de Deus para todo aquele que crê no plano de salvação. Não sei se te respondi, mas pode ir perguntando.

Respondeu, sim! Essa interpretação, essa forma de compreender, você já viu se ela é parecida com a de alguma outra igreja?

Quase todas! Todas as que pregam a palavra de Deus. Agora, a forma como pregam: cada professor tem a sua didática. O conteúdo é o mesmo, o material é o mesmo, mas cada um tem sua didática e estratégia. Aí difere! Aí difere, mas a essência, o DNA, aquilo que está para ser dito é sobre isso aqui. Se eu só falar sobre isto, eu cumprio meu papel, de "ide e pregai o Evangelho".

Quando faço esta pergunta é porque estou tentando encaixar em Martinho Lutero, João Calvino, Jacó Armínio... Porque esses são os grandes nomes do protestantismo.

Quando eu pego Lutero, eu pego Calvino, todos eles falam de salvação e perdição eterna, baseado no que? Na palavra de Deus. Agora, muitos confundem, por exemplo, com boas obras. Se eu praticar boas obras, logo sou salvo. A Bíblia não diz isso, mas diz que se eu for salvo, boas obras são ações que eu vou ter – mas não porque comprarão a minha salvação.

Aqui difere de algumas religiões, que não são evangélicas, mas que adotam que a salvação é por obras. Então eu faço caridade, e quanto mais caridade eu fizer, mais chance eu tenho de salvação. Se assim fosse, não existiriam caridades suficientes para que eu conseguisse esse dom.

Porque, para nós, a salvação já foi ganha através do sacrifício de um cordeiro, filho de Deus, alguém que não tinha pecado, que morreu na cruz para cumprir uma lei do Velho Testamento através do sangue que foi derramado. É esse o meu plano! Foi esse plano que Deus criou para a salvação da humanidade: crer que Jesus é a salvação.

Todas as demais coisas acrescentam em alguma coisa, mas não na salvação. Então, por exemplo, a Teologia da Prosperidade: vem para Jesus que você fica rico. Não, Jesus não disse "vem para mim que você vai ficar rico". Ele diz "eu sou o caminho, a verdade e a vida;

ninguém vai ao Pai se não for por mim". Ele está falando de salvação; ele não está falando de prosperidade.

Então, a Bíblia – de Gênesis ao Apocalipse – só está falando do que fala, dizendo "olha, vai nascer um [homem], gerado numa mulher e ele será a salvação". Velho Testamento conversando com o Novo [Testamento]. João Batista, quando começou a falar de salvação, disse "olha, vai vir alguém que vai salvar a humanidade". Toda a Bíblia gira em torno de algo chamado "salvação". É só para isso que existe. Só que aí o homem foi colocando coisas entre Deus e ele. Aí surge o que a gente chama de "religião".

Aqueles que seguem a palavra de Deus, eles vão só falar de salvação. Não quer dizer que a gente não entenda, professor; não quer dizer que esta salvação esteja ligada apenas ao futuro: quer dizer que você desfruta daquilo a partir de agora. A paz, a alegria, a esperança, a certeza de onde você vai após a morte.

Quando conversei com a [nome suprimido por motivos éticos] e ela me disse "minha [parente] tem uma igreja", isso me interessou exatamente porque é uma igreja nova. É uma igreja que não tem outra. Tudo é novo. Então...

A igreja é nova, mas o contexto, nossa história não é nova.

Sim, mas a forma de fazer já vem acontecendo?

Desde o momento em que me converti. Porque hoje eu tenho uma instituição, hoje eu tenho um prédio, que eu digo, hoje eu sou a pastora-presidente, a maior parte das decisões passa por mim na forma de empresa, na questão de organização, a liturgia de um culto... Coisa que não acontecia antes quando eu era membro de uma.

Mas, essa experiência com Deus, que me faz ser quem eu sou e pregar o que eu prego baseado no que eu acredito, é uma experiência que tenho desde nova quando eu entendi esse plano de salvação para mim.

Agora, a igreja foi fundada há dois anos. O prédio, a instituição IGE.

Então, o que me interessou, na verdade, é que tudo isso é muito novo. Então, algumas formas de fazer são muito modernas.

Pós-pandemia.

Pós-pandemia? É quando aprendemos a fazer as coisas com um nível de profissionalismo maior. Não que antes não tivesse profissionalismo.

Hoje nós usamos outros tipos de comunicação. Hoje os meios de comunicação, né?, são outros. Embora se mantenha, por exemplo, o contato pessoal, como Jesus – ele andava no meio das aldeias, ele andava no meio das pessoas, e ele pregava sobre o reino de Deus e a salvação "tête-a-tête". Onde existiam pessoas ele estava. Não existia nenhum outro meio de comunicação além das pessoas contarem umas para as outras. Isto continua.

Depois veio a televisão, lá na década de 70. Os programas católicos, 70. Depois, nos anos 80 deu uma parada. Na década de 90 chega a Igreja Universal do Reino de Deus, que compra o canal Record, e agora era o povo evangélico, através de um meio de comunicação, difundindo o Evangelho. Já foi uma nova mudança.

E aí vem essa questão da pandemia, que hoje as pessoas têm acesso – na época já da internet, né? Quando começaram a ter acesso ao computador. Eles assistiam não somente ao culto da sua igreja, que já não era mais transmitido, mas eles tinham acesso a informações do mundo inteiro enquanto igreja – pós-pandemia. Você pode assistir ao culto de qualquer igreja, de qualquer religião, sentado dentro da sua casa.

Então, hoje nós usamos o Instagram, o Facebook, usamos grupos de WhatsApp, utilizamos todas as mídias que você possa imaginar.

TV?

TV não, porque é uma coisa muito cara, né?

Rádio?

Rádio também não. Mas esta comunicação [digital] aqui é massiva nas igrejas hoje – em qualquer religião é o que mais se usa. Instagram, Facebook e YouTube, onde ficam lá gravados os cultos.

Transmissão ao vivo: isso veio na pandemia! Porque as pessoas não podiam mais congregar devido ao perigo, devido às leis, às regras, e aí como é que nós íamos fazer? Como a escola teve que se adaptar à aula online, a igreja teve que se adaptar ao culto online. E aí a gente manteve.

E aí teve que correr atrás de um monte de coisas, fazer uma série de investimentos...

Porque a igreja não estava preparada, como as escolas não estavam preparadas, a uma nova modalidade de comunicação – que ninguém esperava que fôssemos obrigados a isso. Ou, alguns, os grandes, talvez já estivessem mais preparados. Mas os pequenos sofreram mais, mas acredito que todos se adequaram a isso.

Como é falar sobre salvação aqui dentro do prédio, na frente de um monte de pessoas? O que acontece? Que domínio da palavra você tem para falar para as pessoas e elas conseguirem sentir exatamente o que você diz?

Acho que mais que o domínio da palavra, você tem que viver e crer naquilo que você diz. Porque, se não, não faz sentido. Uma coisa é você ensinar um conteúdo na sala de aula, que você às vezes nem se identifica, mas devido ao conteúdo você é obrigado a trabalhar com ele pela grade. Outra coisa é você pregar a palavra de Deus como sendo a sua vida sendo dividida com outros.

Nada daquilo que estou dizendo para você faz parte de uma teoria. Faz parte da minha vida. Esta sou eu: em cima do púlpito, fora do púlpito; numa escola, fora da escola; esta sou eu. Então é a minha vida dentro da vida de outros. Então, que conhecimento tenho que ter? Tenho que estudar a palavra de Deus. Eu tenho que estudar o contexto histórico, político, econômico em que aquilo foi relatado, e trazer esta experiência que está relatada para a prática do dia a dia.

Então, nós estamos numa série sobre os milagres sobrenaturais de Jesus. O mesmo que fez milagres no passado pode fazer milagres hoje. Eu preciso acreditar! E viver aquilo que eu falo. Caso contrário, tudo que eu prego é descredenciado naquilo que eu vivo.

Então, qual é a melhor forma de convencer alguém de alguma coisa? Viver o que você fala. Caso contrário, não faz efeito.

Quando a gente usa conceitos da comunicação voltados para a religião, por exemplo, quando a gente fala de homilia, de kerygma, essas coisas acontecem aqui dentro?

Não. Com esses termos, não. Até porque não adiantaria falarmos sobre isso para pessoas. Adiantaria, numa sala de aula, dizer "vamos falar sobre Vygotsky, Piaget", isso para eles não importa. O que importa é: como aplico isso no meu dia a dia? Como pego todas essas teorias do Piaget e trabalho num aluno dentro de uma sala de aula? Não importa quem criou aquela teoria; o que importa, para mim, é como aplico isso no meu dia a dia.

É claro que vão existir aqueles que querem se aprofundar. Para isso são oferecidos cursos para isto. Mas a palavra do culto de domingo, a palavra que é transmitida é a palavra para uma vida prática. O que eu faço depois que eu saio daqui? Onde eu aplico isso na minha vida? Qual utilidade que isso tem? É isso. Caso contrário, é só religião: balela, balela, balela... Repetição, repetição, repetição...

Fico sempre tentando encaixar as ideias em algumas teorias exatamente porque tenho que explicar essas coisas. Então, quando falo, por exemplo, de termos como "homilia" ou "kerygma", não quero dizer que tenha que explicar o que são na igreja.

"Homilia" é um termo da Igreja Católica. "Homilia" você quer dizer liturgia?

A homilia poderia ser, por exemplo, uma explicação mais livre do que está sendo abordado em um determinado culto, exatamente para dar contexto, toda a ideia.

Então talvez exista essa questão da homilia, não se mencionando o termo mas se aplicando na estratégia. Então, pego uma passagem bíblica, contextualizo aquilo, conto aquilo, reconto aquela história – em que local aconteceu, quais as pessoas envolvidas, qual foi o contexto

anterior –, e digo "então, agora, vamos trazer isso para nossa vida prática". Então, é isso o que acontece.

Talvez eu não tenha esse termo comigo, não uso esse termo, mas essa é a estratégia.

Isso pode acontecer aqui dentro do prédio, cheio de pessoas e você ali na frente falando. E quando isso tem que acontecer, por exemplo, numa mídia escrita? Vamos supor que você tenha um informativo. Tem um informativo aqui na igreja?

Não. Mas vamos imaginar que isso aconteça dentro de um pequeno grupo, um grupo na casa, onde eles pegam a palavra do domingo e trazem isso para dentro da casa. Pegam a palavra do culto e simplificam para meia dúzia de pessoas que querem entender melhor aquilo que foi falado.

Nós vamos pegar as passagens bíblicas e, de uma forma resumida, pegar o contexto do que foi falado e trazer para o papel.

Isso como se fosse um grupo de estudos?

Não chega a ser um grupo de estudos, porque a palavra que vai ser compartilhada – nós chamamos de "partilha" ou "compartilhamento" – é exatamente aquela palavra que foi trabalhada no domingo. E a pessoa vai dizer assim "olha, aquilo tocou no meu coração" ou "aquilo não fez sentido para mim; queria entender um pouco mais".

É estudo? É, porque você vai aprofundar um pouco mais aquilo que foi falado. Mas, quando você diz "e a forma escrita disso?", sempre vamos recorrer a aqui [a Bíblia]. Sempre: passagem, capítulo, versículo... Sempre aqui.

Mas a comunicação da igreja para as pessoas, fora dos dias de culto, acontece de forma escrita também?

Não ainda. Porque somos novos, né? Dois anos. Mas igrejas grandes têm, sim, esse material escrito, que é a palavra do domingo, escrita num folhetinho, e essa palavra é levada depois durante a semana para dentro da casa, para que seja aprofundada.

Isso já ocorre. É que nós ainda não chegamos aí por falta de quem faça. Mas isso é normal, isso acontece.

Tem um plano de fazer isso, então?

Sim, porque quanto mais conhecimento a pessoa adquirir daquilo que nós cremos que seja a palavra de Deus, mais ela consegue se apropriar daquilo que está escrito na palavra. A Bíblia diz que "conhecereis a verdade". Qual é a verdade? A verdade do ponto de vista bíblico: "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

Se você fala "a verdade do ponto de vista bíblico", isso significa que existem outras verdades?

Existem. Quando nossa identidade é formada – quis te provocar de propósito! –, ela não é formada por aquilo que nossos pais inculcaram em nós, o meio inculcou em nós, a religião inculcou em nós, aquilo que nós criamos para nós, não é? Então, existe uma verdade que é sua, uma verdade que é minha, mas qual é a verdade?

A Bíblia diz "eu sou o caminho, a verdade e a vida". Que verdade? A verdade de quem é Cristo. Quem é Cristo? Essa é a verdade: quem é Cristo? Cristo é alguém que ama, é alguém que morreu na cruz; Cristo é alguém que garante salvação. É essa verdade; não a outra verdade: uma verdade de alguém que pune, alguém que maltrata... Não é essa verdade. A verdade é de quem é Cristo na minha vida. Quem Cristo é para mim? Por que essa palavra se tornou realidade na minha vida? É essa verdade!

Então, quando dizem "qual é a religião verdadeira?", eu digo "nenhuma, porque não foi a religião que morreu por mim". Qual é o Deus verdadeiro? Para mim, é o Deus que criou todas as coisas. É o que está aqui.

Então, todas as verdades que nós entendemos são aquelas que estão contidas na Bíblia.

Vamos para um ponto que você mencionou: a pandemia. A pandemia dividiu tudo. E aí, a igreja teve que recorrer aos meios digitais porque a televisão é cara, porque o rádio

ainda está um pouco caro, também. O que é viável são os meios digitais – a internet é barata, as plataformas... Pelo menos 75% da população brasileira está nas redes sociais, em qualquer uma delas. Então, é uma coisa muito poderosa. Como é se organizar, como é fazer a estratégia para utilizar as redes sociais, a internet, para continuar a divulgação da salvação?

Na verdade, você não divulga a salvação nas redes sociais. Porque a gente entende que em três minutos você não consegue apresentar um plano de salvação. O que você consegue é divulgar a igreja, os trabalhos que ela faz, e através disso as pessoas virem para cá ou assistirem ao culto. Porque lá elas vão ter a totalidade daquilo que foi mencionado.

Então, nós usamos sonoplastia para gravação e transmissão, utilizamos YouTube para que a mensagem fique guardada, utilizamos marketing digital para dar aí alguns spoilers, gravar alguns vídeos de algumas coisas que acontecem para divulgação... Mas o foco é sempre ou para o grupo de comunhão ou para o culto.

Quando está no YouTube, aí o YouTube tem a palavra que foi pregada. Aí tem a mensagem. A pessoa pode, através do grupo pequeno da igreja, ou das mensagens que ficam salvas ali no YouTube, terem acesso à palavra que foi liberada.

As pessoas acham que o culto transmitido pelo YouTube substitui a presença na igreja?

Alguns. Infelizmente, no pós-pandemia, alguns se acomodaram dentro de casa.

E como se resolve isso?

Não se resolve, porque você não é dono de ninguém. Nós dizemos da importância de estarmos em comunhão, de estarmos juntos com outras pessoas. E termos relacionamento. O homem não nasceu para viver isolado; ele nasceu para viver em comunidade. Então, por que não dentro de uma comunidade cristã, dentro de uma igreja? Dentro de um grupo de pessoas que professam a mesma fé?

Mas existem, sim, ainda pós-pandemia, alguns – não muitos mas acredito que, para nós, um número ainda significativo de pessoas que se acomodaram a ficar em casa. E participarem

do culto e acharem que está tudo bem. Mas, nós não acreditamos que esteja tudo bem. Nós entendemos a necessidade que as pessoas têm de estarem juntas. Mas existe um grupo.

Esta estrutura é gerida por quem? São profissionais?

Voluntários. Temos um profissional na câmera e um profissional na sonoplastia. Todos os demais são voluntários. Todos.

E como fica a compreensão no sentido de "hoje precisamos fazer mais disso", "hoje precisamos usar mais tal ferramenta", "hoje precisamos usar tudo ao mesmo tempo"?

Temos uma pessoa formada em marketing, então, ela é quem vai dizendo para nós "olha, nós estamos precisando de mais imagens de tal e tal coisa". Então ela vai, fala com os voluntários, os voluntários preparam o material e passam para ela, e ela traduz isso ou no grupo de crianças, ou no grupo de adultos... Então o que o IGE Kids quer comunicar? Quer falar com os pais. Então, que material a gente precisa produzir? A página da igreja, o que ela quer comunicar? Então, o que nós vamos colocar lá?

Existe uma pessoa que vai dizendo para nós – uma voluntária – exatamente quais são os materiais que nós temos que captar imagens ou vídeos para passar para ela para que ela faça os impulsionamentos, produza os vídeos. Então existe uma pessoa que planeja isso, e faz parte do marketing.

Não é só a ideia de transmitir o que vai acontecer na igreja. Existe também a ideia de deixar a igreja um lugar mais participativo, com mais troca de conhecimento, mais troca de informação. Mais pessoas entrando e saindo.

Acho que nas redes sociais a gente não consegue muito isso, porque quando você diz "uma pessoa curtiu", o que ela curtiu? Ela curtiu ver a filha, ela curtiu ouvir o culto... O que ela curtiu? Muito vago!

Então, para que haja essa interação não existe outra coisa se não for o "tête-a-tête". Eu não acredito nessa interação, embora diga "ah, uma interação social". Que interação? Curtir? O

que é curtir? "Compartilhou". Compartilhou o que? Aqui [na igreja], para mim, é onde há a interação; não tem como ser substituído o homem com homem, a pessoa com a pessoa.

Na época de Jesus era ele com as pessoas; não tinha outra forma de comunicação. E hoje eu vejo da mesma maneira. Então, nós comunicamos. Nós estamos juntos com outros lugares que também fazem a mesma coisa porque somos obrigados a aparecer de alguma forma! Senão ninguém nos acha! Usamos a comunicação como todos os outros – seja escola, comércio, indústria – usam os meios de comunicação! Para expor, para aparecer e para ser notado.

Mas, comunicar uma mensagem, uma palavra de salvação, somente através desses canais de interatividade.

Você fala "na época de Jesus era assim porque não tinha outro meio de comunicação". Na verdade tinha: comunicação escrita. Só que a maioria absoluta era analfabeta!

Quem usava a escrita eram aqueles que se consideravam melhores que todos os outros!

Então não tinha outro jeito, só que agora tem.

Ele [Jesus] andava na praia, ele andava no barco, ele ia no templo, ele ia no casamento, ele ia onde as pessoas estavam. Ele não precisava ler pergaminhos! Ele muitas vezes mencionava as palavras que estavam mencionadas ali no Antigo Testamento: como dizia, como foi dito... Ele estava fazendo menção ao texto escrito do Velho [Testamento], mas ele era palavra com palavra! Era interatividade!

Então, todas as vezes a Bíblia fala, não que "Jesus escreveu", mas que "Jesus disse". "Ele falou", "ele disse". Então, a comunicação que ele usava era verbal! Não existia outra! E aí as pessoas contavam, e contavam, e contavam, e ele atraía multidões pelo testemunho daqueles que haviam vivenciado alguma experiência.

E é isso que atrai as pessoas para a igreja, como atrai as pessoas para a escola. O que vale hoje? É o boca a boca! Não existe uma comunicação melhor! Eu posso construir ou destruir uma imagem!

Ainda? Até hoje?

Sim!

A comunicação falada ainda é a mais poderosa, mesmo com essa adoção massiva da internet?

Sempre! Não troca. Não substitui.

Mesmo a gente tendo que assinar alguma coisa num papel para comprovar o que a gente disse, mesmo assim não substitui?

Não substitui. Se eu pego, por exemplo, uma escola, um colégio, posso investir muito dinheiro em outdoor. Ninguém vem ver a escola, conhecer um colégio porque viu um outdoor da escola. Mas, alguém indicou: um ex-aluno, um pai de família, "fiquei sabendo da escola através de Fulano". Porque o que credencia é aquilo que a pessoa vive.

Então, se você não vive a experiência que você diz que está sendo colocada naquele lugar, se você não experimenta na tua vida algo que você diz que ouviu, então aquilo não faz sentido. O que faz sentido para você? Aquilo que você experimentou e que deu certo! Caso contrário, é a experiência do outro, não tem nada a ver com você.

O que faz com que as pessoas sejam atraídas a Cristo? Não a igreja – porque pode vir aqui ou ir numa outra. Ouvir uma palavra aqui e dizer "olha, não me identifiquei com esse lugar". "Não gosto de parede preta", "não gosto de lugar pequeno", "não gosto de barulho de criança". OK, mas ouviu a palavra e não foi para outro lugar. Mas o que impactou? Foi a experiência de alguém relatada que se tornou uma experiência para você. Caso contrário, é só palavra.

Onde entra a salvação? Onde entra isso aqui, olha [a Bíblia]? Onde entra isso? É quando eu tenho uma experiência real. Caso contrário é "religião". Como todas. Você não consegue calcular o número de igrejas.

Você pode ter aí uma estatística. Até no ano passado, levantei uma estatística – não consigo lembrar agora mas depois, se quiser, eu te passo – sobre o número de igrejas evangélicas que existem. Você consegue mensurar as que são cadastradas, legalizadas, mas tem muito mais que não são, como tantas outras religiões que não são legalizadas, não tem empresa aberta, não é? São só religiões.

O que muda a vida de alguém não é a religião, professor. O que muda a vida de alguém é ter o contato com aquilo que a gente entende que seja verdade. O que mudou a minha vida, o que muda minha vida diariamente é crer naquilo que está na palavra de Deus, e experimentar isso todos os dias.

Quando digo que Jesus consola, eu experimento do consolo. Quando digo que Jesus fortalece, eu experimento da força. Quando a palavra de Deus diz que ele me dá sabedoria naquilo que não sou capaz, eu experimento isso. Caso contrário, isso [a Bíblia] não faria sentido nenhum na minha vida. Se eu não viver o que está aqui, é só mais um livro de cabeceira aberto em "Salmos 91". Para mim não serve.

Agora, daqui para frente, o que você entende? Para onde você acha que vai essa comunicação? Tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. Às vezes converso com algumas pessoas e sinto um pouco disso que você mostrou hoje: a gente usa, mas não é o ideal. A gente usa o Instagram mas não é isso ainda. É como se fosse perfumaria.

É uma perfumaria.

Então, para onde a gente pode ir?

Vai existir um momento em que nada disso vai ser permitido – como já acontece em países fechados e comunistas. Vai existir um momento em que nós vamos passar por uma grande perseguição, e ainda assim o Evangelho vai continuar crescendo – como foi nos tempos de Cristo.

As mídias não poderão ser utilizadas. Nós não vamos ter a liberdade que temos no nosso país de falar do amor de Deus. E nós já sabemos disso! Porque a Bíblia já disse que nós

passaríamos por perseguição. Muitos seriam mortos pelo amor a Cristo. Então, para nós, não vai ser novidade enquanto cristãos.

Nesse dia, quando não tivermos mais Instagram, YouTube, TV, rádio, comunicação, no dia que não pudermos abrir a porta de uma igreja; no dia que não pudermos carregar nosso livro, nossa Bíblia, não pudermos ser [cristãos] na nossa casa. No dia que tivermos que queimar tudo isso para salvar as nossas vidas, a palavra vai estar no nosso coração. E ninguém vai impedir de ser falado.

Vai continuar a comunicação, então.

Vai continuar. Porque ninguém detém. Ninguém consegue deter. Porque não é algo natural, é algo sobrenatural. E algo que seja sobrenatural— tentaram acabar com a igreja primitiva. Tentaram jogar as pessoas dentro de fornalhas dentro do Coliseu. Tentaram destruir a palavra, mas ela continua falando até hoje, depois de tantos anos, e ela vai continuar falando.

Por isso que te digo: tudo que usamos hoje é temporal. Mas existe um momento em que isso não vai ser mais utilizado, não vai poder mais ser utilizado. Mas a palavra vai continuar sendo pregada.

Eu já ouvi gente falar que vai chegar um momento em que ninguém vai precisar entrar numa igreja. Tudo vai ser virtual, e você não vai mais sair de casa.

Isso já existe nos Estados Unidos. Existe uma igreja chamada Lagoinha Church (<https://www.instagram.com/lagoinhaorlandochurch/>), que já existe uma igreja, mas que não é uma igreja virtual. Não me lembro agora. Mas é uma igreja! Você entra lá, você participa do culto – existe um termo, você conhece melhor do que eu... Existe um termo...

Metaverso?

Isso! Igreja Metaverso! Causa um escândalo, né? Mas pode ser que daqui a pouco isso se torne tão normal isso tudo. Acostuma.

Mais para frente, né? Mais para frente. O que vai ser mantido? É a vida de Deus que eu tenho dentro de mim. Essa vai ser minha única forma de comunicação.

A gente tem, ao longo da história, diversas formas de falar sobre a salvação. Diversas formas de falar sobre, mas a salvação é sempre uma. Essa não muda. Você pode falar com a boca, você pode falar com o lápis, você pode falar com o telefone, com o computador, com a televisão, mas ela nunca muda. E se tiverem outras formas de falar?

Porque não é uma questão de falar; é uma questão de viver a salvação. De viver a salvação. O mesmo espírito que age em mim, de Deus, através do Espírito Santo; a mesma convicção que eu tenho, ela te convence sozinho.

Quando leio – peguei aqui o Ari Pedro Oro; já estudou sobre ele? Ele tem uma tese parecida com a tua. Só que tem uma outra linha: ele não vai ensinar da salvação; ele quer saber como os meios de comunicação foram sendo trabalhados e utilizados pelas igrejas católicas e evangélicas – claro que ele faz uma crítica em cima disso, e aí ele vai tecendo os comentários dele.

Ele usa muito isso, né? Que os meios de comunicação utilizados em massa seguem só uma linha, onde um fala e o outro ouve. Um manda e o outro obedece. Uma forma de manipulação. É isso, resumindo, que ele quer dizer. Só que ninguém convence o outro daquilo que ele não quer ser convencido.

É que, na verdade, o que está acontecendo hoje é o seguinte: durante muito tempo você tinha um tipo de comunicação que era de um para muitos. Então, o rádio é de um para muitos, um púlpito é de um para muitos... Com a chegada da internet, e com a chegada das formas de fazer as coisas dentro da internet, a gente chega num novo modelo, que a gente chama na teoria das mídias, de hipermediações. Um tipo de comunicação que é de muitos para muitos. O que acontece? Ainda não existe uma separação clara do que é isso. Você pode, por exemplo, fazer o seu culto aqui num domingo, só que ao mesmo tempo disparar alguma coisa na internet, e ao mesmo tempo você está lendo um livro na frente das pessoas, e ao mesmo tempo você está com algo no rádio sendo transmitido ao vivo. Então você tem essa "hipermediação" acontecendo o tempo inteiro, e uma pessoa

pega aquilo e pode trabalhar da forma que lhe convier: ela pode descontextualizar, recontextualizar, remixar...

O acesso ampliou-se demais.

Exatamente.

Você tem acesso a informações de todos os lugares ao mesmo tempo estando aqui.

Então, acho que a ideia é saber dosar quando se vai do "um para muitos" e quando se vai do "muitos para muitos". Acho que a grande sacada é isso dentro da comunicação de uma igreja.

Para nós, a comunicação da igreja... Se uma pessoa entender o plano de salvação, embora tenham centenas de pessoas aqui dentro, valeu a pena. Mas quem convence não somos nós. Não são as paredes pretas, não são os meios de comunicação. Quem convence é o próprio autor do plano. É nisso que a gente acredita: que não é pela parede, não são as estratégias, não é o culto, não são os cartazes, não é a pastora. Isso é só uma forma de dizer "vem aqui que a gente tem uma palavra para você".

Por isso que a salvação, nada vai poder impedi-la. Ainda que, daqui a algum tempo, tudo isso seja tirado de nós. Porque aquele que criou o plano se responsabiliza em fazer com que o plano se cumpra. Do que? De salvação.

TRANSCRIÇÃO – PASTOR GLAUCO MARTINS
IGREJA BATISTA CRISTO SALVA, SÃO ROQUE-SP

Gostaria de pedir, primeiramente, que o senhor dissesse seu nome e a posição que o senhor ocupa aqui na igreja.

Meu nome é Glauco Martins da Silva, e sou pastor presidente da igreja Batista Cristo Salva, de São Roque.

Esta igreja pertence a qual denominação? É Sui Iuris, sem comunhão com Roma...

Nós somos filiados à Convenção Batista Brasileira, que foi fundada no Brasil em 1882, oriunda dos missionários que vieram da América. O trabalho foi desenvolvido no Brasil e hoje a denominação Batista comporta 12 mil igrejas, mais nove mil congregações que potencialmente vão se tornar igrejas, e agregando mais ou menos três milhões e meio de fiéis.

Qual a diferença entre congregação e igreja propriamente estabelecida?

A congregação é um trabalho primário. Nós começamos, normalmente, o trabalho numa casa onde temos membros da igreja, um lugar mais afastado. Começamos a pregar ali. À medida em que a gente percebe que a comunidade vai se achegando, aquele ponto de pregação se torna uma congregação – ainda sob a supervisão de uma igreja –, e aí quando aquele grupo alcança sua maturidade em termos de números, economicamente autossustentável, a igreja que dá a cobertura dá a independência àquele grupo – a gente fala que é sabatinado –, e se a denominação percebe que eles estão aptos, a partir daquele momento eles se tornam uma igreja independente. Nós temos 12 mil igrejas independentes, e temos nove mil congregações que estão caminhando para se tornarem uma igreja. Nós mesmos aqui já organizamos duas igrejas: uma em Itu, que é a Igreja Batista do Calvário, e no Rio de Janeiro, a Congregação Batista de Campo Grande. São igrejas filhas. E agora nós estamos preparando uma na cidade de Passos, em Minas Gerais, que eu acho que em mais um ano já vai ter capacidade para se tornar igreja. Aí ela se torna independente, também. Aí vamos desenvolver outro trabalho para dar origem a outra filha, e assim a gente vai se

multiplicando. É diferente na Igreja Batista em relação ao movimento Neopentecostal, o movimento para a formação de igrejas é distinto. Com o movimento Neopentecostal isso foi pulverizado, os grupos se autodividem, aí dão origem a outra igreja, com outro nome, com outra identidade... Nós, não. Nós geramos filhas seguindo o mesmo DNA, a mesma genética que também vão se filiar à Convenção Batista Brasileira, enfim, é uma reprodução de uma igreja que reproduz outra. Não é um grupo que briga, que se facciona e dá origem a outra igreja.

Então a gente pode dizer que, por mais que existam outras igrejas Batistas, todas elas têm a mesma linha de pensamento.

Em tese, em termos de Convenção Batista Brasileira, este é o pensamento.

A Igreja Batista é considerada a primeira igreja, não? De João Batista. É isso mesmo?

A história da igreja diz que é uma igreja cristã de modo geral, sem ser católico ou protestante. Ela vai mais ou menos até o século III. A partir do século IV que a coisa já começa a tomar uma configuração para ela se tornar uma igreja mais romanizada, e ela segue assim até a Idade Média, século XVI, quando Lutero irrompe. Na verdade, Lutero é o ápice do movimento. O movimento já tinha começado no século XIV com John Huss, Savonarola, que são chamados de pré-reformadores. E aí começam as reformas, mas são reformas pontuais na Escócia, mas aí quando chega o século XVI quando, senão me engano, o papa Leão X resolve construir a Basílica de São Pedro (na verdade, foi papa Júlio II, em 1503), e aí envia Johannes Tetzel para ser o emissário da igreja, para vender as indulgências, apregoando que “cada moeda que caísse no cofre seria uma alma a sair do purgatório”, e é contra isso que Lutero vai se levantar, dizer que salvação não se compra com dinheiro. E a igreja também não é a detentora da salvação. Aliás, esta é uma bandeira nossa. Nós não dizemos que a salvação está na Igreja Batista; a salvação está em Cristo. A função da igreja é anunciar Cristo como salvador. E Lutero também não tinha nenhuma intenção de romper com a igreja ou de sair da igreja. O que ele queria era recuperar essa verdade que vinha lá de trás, com os apóstolos de Cristo. E aí você sabe, né? Você conhece a história: ele é excomungado, ele é praticamente sentenciado à morte e precisa ficar num exílio dentro de um castelo – castelo de Wartburg – e aí o movimento se torna... A gente até fala isso, né: até Lutero subestimou o que ele estava fazendo. Porque o negócio se tornou da

noite para o dia, aquilo se espalhou pela Alemanha, Europa, e aí não teve mais [como segurar]. E aí surgem os subgrupos oriundos da Reforma, e dentre os grupos surge um chamado de Puritanos, e deste grupo, por divergência na questão do batismo, vai surgir o grupo chamado Batista. A gente fala: “você é Batista por causa de João Batista?”. E eu creio que o nome se dá porque a ênfase de João Batista no ministério dele é que ele dava ênfase ao batismo. Tanto que Batista não é sobrenome, é “João, o batista”, “João, o batizador”. E uma das ênfases na Igreja Batista é que a porta de entrada para o céu é Cristo, mas a porta de entrada da igreja, para você se tornar membro da igreja é o batismo. Então, por essa ênfase, ficou muito vinculada a Igreja Batista à figura de João Batista, mas não que João Batista fundou. Seria até uma pretensão a gente querer remontar nossa história lá para o primeiro século.

E aí quando o senhor pensa nos anabatistas, que dizem que o batismo deve ser feito enquanto adulto, porque uma criança não entende o que está acontecendo, existe alguma similaridade entre as teologias?

Tem, tem. Não de tudo, pois aí as pessoas podem pensar que somos oriundos dos anabatistas. A história tem provado, e durante muito tempo até eu pensei isso, mas a história e os pesquisadores têm provado que nós temos mais a ver com os Puritanos, embora sejamos muito diferentes deles hoje, do que normalmente com os anabatistas. A questão do anabatista é exatamente essa confluência: nós não batizamos crianças, nós apresentamos. Aliás, se você olhar nas escrituras, você não vai encontrar batismo de crianças, de infante. Jesus, no ministério dele, a Bíblia diz que as mães traziam seus filhos para que ele as abençoasse, e é isso que a gente faz: a gente traz os filhos, nós os apresentamos a Deus em oração, ou seja, abençoamos, e vamos ensinando até que ela, com a compreensão que ela vai recebendo do Evangelho, educação dos pais, enfim, o amor que ela vai desenvolvendo dentro da igreja – e pela própria igreja, também –, ela toma a decisão de que ela quer ou não quer ser batizada. Aliás, esta é uma das primeiras perguntas que eu faço quando percebo que há um candidato, no máximo ou mínimo que a gente batizar, normalmente aqui doze anos. Aos doze anos a gente já considera a possibilidade porque com doze anos já está mais esclarecido. Ainda mais hoje, né? Hoje a gama de informação é muito grande. Então, com doze anos já está mais ou menos esclarecido para saber o que quer. Mas a pergunta é sempre essa: “você foi constrangido por alguém?”, “seus pais te constrangeram a se batizar?”, porque, se esta for a resposta, a gente não batiza. Tem que ser uma decisão pessoal. Batismo é uma decisão

peçoal. Em Atos 8, a Bíblia fala que Felipe está conversando com um eunuco, que é uma espécie de Primeiro-Ministro da Etiópia, e ele está lendo um trecho das Escrituras, e o eunuco pergunta para Felipe: “eis aqui água, que impede que eu seja batizado?”, e Filipe responde: “é lícito se você crer”. Ele disse: “pois eu creio!”. Mandou parar o carro, e desceram ambos à água. Então o batismo é uma decisão que parte daquele que vai ser batizado, e não de quem quer batizá-lo. Eu não forço o batismo: “eu vou batizar você!”, “é dia de batismo”... Isso não existe. Esse constrangimento não existe.

A teologia professada aqui na Igreja Batista se aproxima de qual teólogo? De Agostinho, Lutero, Calvino...

Durante muito tempo – eu sou pastor há 34 anos, comecei com 23 anos, e hoje me surpreendo porque vejo jovens com 23 anos na igreja e digo “como a igreja pôde confiar”, né? Quando comecei a pastorear, tive dificuldades com algumas pessoas, pouquíssimas, mas tive dificuldades com duas pessoas idosas porque elas diziam “é um menino” É novo demais!” ele vai acabar namorando as meninas da igreja”, sabe? E eu já era casado! Mas, enfim, na época eu não entendia o porquê desse preconceito. Mas hoje olho para moços aqui da igreja, mesmo de 23 anos e digo “realmente, hoje tenho que dar um desconto para eles”. Mas, enfim! Estou há 34 anos no ministério. Até os 25 anos, segui uma linha mais arminiana, que é uma prevalência na Igreja Batista, embora lá nos idos de 1600 e pouco até 1800 e pouco, os batistas gerais eram calvinistas. Por algum motivo, foi tomando uma linha arminiana. Mas, de uns oito anos para cá, eu comecei a estudar, abraçar, passei a ensinar, e hoje nossa linha é mais calvinista, mais chegado a Calvino. Com divergências! Pequenas divergências. A gente é calvinista, mas não é aquele calvinista radical. Eu não gosto de nenhum tipo de radicalismo. E nem forçamos aqueles que tinham antes uma compreensão arminiana de que agora para ser membro da igreja agora eles precisam compreender a ênfase calvinista. Eu falo para eles: “fiquem tranquilos! Durante 25 anos de ministério, demorei a assimilar alguns conceitos, precisei amadurecer muito para chegar a essas conclusões, então, se eu demorei 25 anos, vocês têm tempo para chegar às suas conclusões, também”.

Apesar de ter começado muito jovem, o senhor sentiu necessidade de “formalizar” o conhecimento teológico com curso superior, até também pelo episódio que o senhor

contou das idosas, até por uma questão de credibilidade. Muito embora o senhor seja um profundo conhecedor de teologia, ainda assim há essa necessidade da credibilidade.

Hoje faço duas faculdades: estudo Direito à noite, e de manhã faço uma especialização na área teológica na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. É uma preparação para o mestrado e doutorado porque tenho planos não só de lecionar na área teológica como tenho planos de montar uma faculdade teológica aqui em São Roque. Hoje estamos visionando uma propriedade que pode ser doada para a igreja aqui próximo, e se isso se consolidar – lá ou não, né? –, mas se essa propriedade for consolidada, que é uma senhora de Londres que esteve conosco há pouco, e meus planos são montar um colégio na parte da manhã para ensino fundamental, com viés confessional, mas sem... né? Porque o MEC não permite que você ensine “ah, você vai ser evangélico”, mas sempre com caráter confessional e, à noite, trazer a faculdade teológica para cá. Não só para oferecer o curso teológico para batistas, mas para as lideranças das igrejas evangélicas aqui de um modo geral. Porque a gente percebe que presbiteriano, batista, metodista, nós temos um nível de formação teológica bem significativo, mas essas igrejas pentecostais e neopentecostais, até pela forma como elas foram sendo formadas, e pessoas se autointitulando pastores, há uma deficiência muito grande na formação deles – o que acaba refletindo na teologia da igreja. São teologias confusas.

Dentro do calvinismo que o senhor assumiu, como o senhor entende o conceito de salvação, especificamente?

Então, durante muito tempo não mudou o aspecto de que salvação é só por meio de Cristo, de que nada que eu faça vai contribuir para minha salvação, eu não produzo salvação, não sou salvo por merecimento, eu sou um miserável pecador que foi alcançado pela graça de Deus – e graça é favor imerecido; foi um ato de bondade de Deus. Com relação a esses pontos não houve nenhuma mudança em relação ao calvinismo, porque nesse aspecto nós “batemos igual” (concordamos) em tudo. Entendemos que há salvação uma vez que alguém professa a fé verdadeiramente, porque existe uma fé que pode ser subjetiva: “ah, eu estou frequentando a igreja”, “ah, fui batizado na igreja”, mas que isso em si não significa que a pessoa é realmente salva. Exemplo: Judas Iscariotes, que foi chamado por Jesus, foi batizado, tomava a ceia, fazia parte do corpo apostólico, e Jesus se refere a ele como sendo ‘filho da perdição’. Ou seja, ele estava junto do grupo mas ele nunca experimentou a

salvação genuína. Então, uma igreja como a nossa – em qualquer igreja – existem aqueles que são salvos, e existe uma parcela daqueles que estão conosco, que até pensam que são salvos, mas ainda não foram porque ainda não houve uma fé genuína. Talvez uma fé intelectual, porque existem coisas que, pela lógica, aceita, mas que não significa necessariamente fé. A fé, a gente entende, que é algo que modifica sua vida. Muda seus valores. Eu fui batizado menino na igreja, mas continuava fazendo as coisas que os outros meninos faziam. Até o determinado dia em que fui persuadido por uma fé, e nesse dia – sem que ninguém, nem pastor nem igreja –, ninguém tenha dito “olha, você tem que fazer isso”. É algo interno, creio que o espírito santo de Deus falou “olha, isso aqui já não é mais compatível. Agora você precisa mudar: precisa abandonar seu comportamento, precisa mudar seu vocabulário”. Até brinco aqui na igreja que, das dez palavras que eu falava, onze eram palavrões. E daí, da noite para o dia, arrancar tudo isso da boca, e começar a viver uma conduta completamente nova. Então, eu fui da igreja, eu era membro da igreja, mas eu entendo que não era salvo. Mas houve um dia em que aconteceu uma experiência bem profunda, que não tem como ser explicada em termos lógicos, senão pela fé. Enfim, nesses pontos de vista eu não mudei. O que mudou em relação ao calvinismo? E esses eram textos que, como pastor, durante muito tempo, eu tive dificuldade de pregar na igreja, e alguns textos eu até evitava pregar, porque na hora em que eu lia o texto, e até tinha uma compreensão dele, falava “isso aqui conflita com tudo que eu aprendi”.

E tem um destaque da realidade também, não? Pois não tem como ser purista, 100%, na palavra de Calvino. Os tempos mudam!

É, e assim, eu falava assim: “como vou pregar para a congregação uma coisa que biblicamente parece que caminha para uma direção, e eu, pela minha tradição Batista, aprendi assim?”. Eu fui tutorado, fui para o seminário, passei quatro anos no seminário, minha linha de formação toda foi arminiana e, de repente, me deparo com alguma coisa mas que parecia ter alguma coerência. Aí, coloquei esses textos de lado e falei “bom, eu vou estudar mais, vou pesquisar mais, e quando eu chegar a uma conta final, chegar a uma conclusão, aí eu volto a esses textos”. Hoje eu prego esses textos com muita tranquilidade. Romano 9, quando Paulo diz que Deus amou a Jacó e aborreceu Esaú, e amou a Jacó muito antes dele nascer, não foi por obras que ele produziu, então, o que que mudou? É que antes eu dizia para a pessoa “você precisa aceitar a Cristo!”, “você precisa tomar uma decisão!”, e aquela compreensão do sacrifício de Cristo por todos, e que esses sacrifícios só faria efeito

efetivamente sobre aquele que o aceitasse. Hoje, a compreensão já não é mais a mesma. A compreensão hoje é que Deus, lá na eternidade, antes de criar o mundo, estabeleceu um plano: um plano que ele ia criar o mundo, porque nós somos criacionistas, Deus ia criar o homem, mas também Deus na sua sabedoria, e na sua onisciência, já sabia que esse homem criado, e que ele criaria livre, pecaria, desobedeceria, mas de antemão ele já estabelece um plano para resgatar esse homem, para salvar esse homem. E esse plano a gente chama de 'Plano da Redenção', em que no ponto aprazado por Deus na história, ele ia enviar Jesus Cristo a esse mundo, que ia encarnar e, por fim, ia morrer na cruz do calvário. E, dentro desse plano em que Cristo viria ao mundo para salvar, Deus estabeleceu um plano – porque ele sabe de tudo! – em que ele elegeu algumas pessoas para tomar parte nesse plano – que a gente chama de 'eleitos'. Paulo escreve em Efésios 1 que ele nos elegeu nele – Cristo – antes da fundação do mundo. Ou seja, Deus já sabia que o homem ia pecar, ele estabelece um plano em que ele vai enviar Jesus Cristo como salvador, e nesse plano ele já estabelece aquele que ele vai chamar para ser dele. São os 'eleitos'. Isso me parecia ser uma coisa... E por que eu não aceitava isso? Porque eu falava: “eu acho Deus muito injusto! Como que Deus pode eleger uns para serem salvos e outros para não serem salvos? Sem dar a eles a chance de se salvarem?”. E por isso que eu rejeitava Calvino. Porque esse é o ponto principal da fé calvinista: a Doutrina da Eleição, ou predestinação. Então, dizia: “não, isso não faz sentido! Fui ensinado que Deus quer salvar todo mundo! Deus amou o mundo!”. Só que a gente vai olhando os textos, vai pesquisando o texto original, e vai vendo que os conceitos não são tão simples e tão óbvios como o texto na nossa tradução parece indicar. Então, como eu fui compreender? Um dia eu ainda estava no Rio, ganhei um livro de John Owen, que também é um teólogo de linha calvinista. Quando eu ganhei esse livro e olhei, minha primeira reação foi [dizer] “eu vou jogar esse livro no lixo”. Mas como eu sou um apaixonado por livros – eu tenho uma boa biblioteca –, não tive coragem de jogar no lixo, daí coloquei lá no cantinho da minha biblioteca. “Deixa aí! Um dia, se eu tomar coragem, joga fora”. E aí, um dia, lendo a Bíblia me ocorreu um texto e eu lembrei desse livro. Aí me voltei para ele e vi que a explicação dele fazia muito sentido. Quando Adão caiu no Jardim do Éden – e aí é uma compreensão geral –, na queda dele caiu toda a raça. Todo homem é pecador. Não sei como você se vê, porque às vezes a pessoa diz “mas eu não sou pecador! Eu não mato, eu não roubo, eu não fumo, eu não bebo, eu não falo mal de ninguém...”. Porque a gente trata o pecado como se fosse apenas uma questão de costume, de ação, de vida moral. Eu sou um pecador. Eu sou pastor há 34 anos, a minha vida foi praticamente toda dentro da igreja, eu sou marido de uma só mulher, enfim, mas eu sou um pecador. E o que

prova que eu sou um pecador? Eu adoeço, eu estou envelhecendo, meus cabelos estão caindo, minha energia está caindo, eu já não tenho o mesmo vigor do pastor de 23 anos, já estou me preparando para daqui oito, dez anos parar de pastorear porque a velhice está chegando. E obviamente eu vou morrer. Tudo isso a Bíblia indica que são consequências do pecado. E isso, você há de convir comigo, que toda humanidade passa por isso, seja religioso, não religioso, ateu ou não, todo mundo envelhece e morre. Então, todos somos pecadores. Quando Adão caiu, caiu com ele toda a raça. E aí, qual é o conceito? Imagina que este prédio agora está pegando fogo. Tem cinquenta pessoas dentro dele, e todas vão morrer porque estão presas. Mas aí você passa na rua e fala “eu vou entrar lá! Vou tentar arrancar alguns de lá de dentro”. E você entra neste prédio e consegue arrancar daqui de dentro cinco pessoas com vida. Aí a pergunta é: você foi injusto porque não conseguiu salvar as outras quarenta e cinco? Ou você foi uma pessoa extremamente bondosa em conseguir salvar pelo menos cinco, colocando sua própria vida nesse sacrifício? Então, esse é o ponto! Quando caiu a raça, caiu toda a raça. Todos estão condenados à perdição eterna. Mas Deus, na sua infinita misericórdia, diz “eu vou enviar meu filho, e pelo menos vou conseguir resgatar alguns desses todos que vão perecer”. Então, não é que Deus mandou todo mundo para a perdição. Ele decidiu salvar, dentre os perdidos, por algum motivo, aqueles que ele quis e fez questão de salvar. E a Bíblia diz que isso não tem a ver com méritos. “Ah, eu vou salvar João porque ele é muito bonzinho”, não, muito pelo contrário! Se você pegar na história, você citou Agostinho. Se você olhar a vida pregressa do Agostinho, ele foi uma das piores pessoas que já existiu!

“Deus, dai-me a castidade – mas não hoje”.

É! Ele teve uma vida muito suja. E ele, John Newton, e muitos outros ao longo da história... Até o próprio apóstolo Paulo, que foi perseguidor da igreja. Que prendia, que arrastava cristãos, que consentiu na morte de Estêvão. Mas Deus disse “eu quero ele”, e ponto! Mas por que? Bom, quando você chegar no céu você pergunta para Deus! Por que razões da graça são coisas que só ele pode explicar. Por que ele decidiu por este e não aquele?

Mas essa mudança na vida de Agostinho é bem vista? Ela pode ser vista como uma redenção?

Sim! Porque nós entendemos que o Evangelho, o apóstolo Paulo diz em Romano 1: 16-17 que ele não se envergonha do Evangelho porque o Evangelho é o poder de Deus. Esse Evangelho tem poder de transformação. Aliás, na igreja falo sobre isso. Todo mundo aqui é ex alguma coisa: ex-alcoólatra eu tenho aqui, ex-drogados eu tenho muitos aqui, ex isso, ex aquilo, todo mundo é ex alguma coisa. Ninguém chegou aqui com padrões de santidade, ou se juntou à igreja porque já era santo, não. E é óbvio que não existe nenhum santo perfeito aqui. E quando a gente usa o conceito hoje, na igreja, de que somos santos, não é no sentido de perfeição, porque todos são imperfeitos. Mas o conceito de santidade na Bíblia é o conceito de 'separação para Deus'. Esta caneta [pega uma caneta da mesa], se não fosse algo inanimado, se fosse um ser humano, foi separada, agora Deus chamou, agora está servindo ao Evangelho, foi separado para ele. Passou a ser um santo. Continua pecando? Continua, porque é da natureza humana. Eu não sou pecador porque eu peço; eu peço porque eu sou pecador. É minha natureza. Eu posso fazer o que eu quiser! Óbvio, eu luto para não pecar. Fico triste quando reconheço que cometi um pecado. Mas dizer para você que eu não peço? Isso é impossível! Seria uma heresia. Porque você peca por pensamento, você peca por ação, você peca por omissão... E eu até brinco com o pessoal aqui: os estudiosos dizem que trafegam na sua mente, por dia, dez mil pensamentos. Você precisa ser muito, mas muito, mas muito santo, quase um anjo, para dizer que só passou um pensamento impuro por dia na sua mente. 9.999 foram limpinhos! Duvido! Até porque tem hora que você se diz "nossa, de onde surgiu esse pensamento tão sujo como esse na minha mente?". Eu tomo um susto e falo "meu Deus!", sabe? Então, nós somos pecadores, mas nós somos separados para servir a Deus. Por isso dizemos que ele mandou o Espírito Santo para nos auxiliar na nossa caminhada, nos ajudar na nossa santificação diária, fazendo a gente reconhecer que cometeu um pecado, que precisa confessá-lo, e pedir força para não cometer outro em seguida... É um processo que vai durar até o final da nossa vida.

A teologia de Calvino é mais determinista, no sentido de que existem alguns pontos-chave em todo o percurso da salvação, mas alguns eventos podem ser construídos a partir do livre-arbítrio, ou é fatalista, em que cada centímetro da trajetória está absolutamente escrito?

A gente entende que existe uma coisa que é o livre-arbítrio, mas que livre-arbítrio só que teve foi Adão, porque Adão pôde decidir: eu vou pecar ou não vou pecar? Este foi o único ser humano que pôde ter o livre-arbítrio. E ele usou mal o livre-arbítrio dele porque decidiu

pecar. Eu não tenho livre-arbítrio para dizer “a partir de hoje eu não peço mais”. Isso não está mais na minha mão, eu não consigo, entende? A minha natureza, hoje, é pecaminosa. Por mais que eu te fale “a partir de agora eu nunca mais vou pecar!”, eu consigo? Eu não consigo. Isso foi tirado da minha mão. O que a gente tem agora é uma coisa chamada ‘livre-agência’. O que é livre-agência? “Vou ficar contigo até às 11 horas, está bom?”. Isso é livre-agência! Determinadas decisões do dia a dia são suas: hoje não vou à faculdade à noite; tenho uma prova para fazer à tarde e não sei se tenho ânimo; acho que vou ficar com a minha esposa... Isso é livre-agência, e não livre-arbítrio. Livre-arbítrio é uma coisa que a gente entende que só Adão possuiu no Jardim [do Éden], e que nós perdemos isso quando ele pecou. Aí caiu a raça; livre-arbítrio não existe mais. Porque existem algumas decisões que não estão mais nas suas mãos. Agora, decisões do dia a dia, “vou ao mercado hoje ou não vou”, “vou à farmácia hoje ou não vou”, “acho que vou casar com a Maria, ou com a Joana”, isso são decisões suas, e a gente classifica isso como ‘livre-agência’. Agora, o que a gente entende é assim: Deus escolheu Fulano para ser salvo. Isso já está decidido. Agora, como isso vai ser construído na história da pessoa vai depender muito da livre-agência dela. Vou citar o exemplo do apóstolo Paulo: existem dois relatos da conversão de Paulo no livro de Atos – capítulo 9 e capítulo 26. Em Atos 9 ele está sobre o cavalo com uma escolta indo a Damasco prender os cristãos. Soube que existia uma célula se reunindo em Damasco, e pediu carta para ir até lá, autorização para ir até lá e prender. E aí, a Bíblia diz que ele foi cercado por um esplendor de luz, que Deus falou com ele ali, ele pergunta “quem é?”, e Jesus responde “sou Jesus, a quem tu persegues”. Jesus já estava no céu; a ascensão de Jesus já tinha acontecido. E Jesus se identifica com a igreja perseguida. Ele não diz “você está perseguindo minha igreja”, ele diz “eu sou Jesus, a quem tu persegues”! Você está perseguindo a minha causa. Você está perseguindo meu povo, logo você está perseguindo a mim. Então, este é o relato de Atos 9. Mas quando Paulo vai explicar este fenômeno que aconteceu lá em Atos 9, ele diz algo que não está no relato de Atos 9. Ele diz que Jesus falou assim para ele: “dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões do Senhor”. “Aguilhão” é um instrumento pontiagudo que, quando o animal empacava, a pessoa que estava no animal espetava, como quem diz “você não vai por bem, vai por mal”. O que a gente depreende disso? Que Deus o chamou muitas vezes mas ele empacou: “eu não vou!”. Então, Deus vai usar alguns eventos na vida dele para dar umas espetadas nele para dizer “você não vai por bem, você vai por mal”. No livro de Jó tem um verso que diz assim: “Deus fala de uma maneira, e ainda de outra maneira se o homem não lhe atende”. E eu gosto de usar a seguinte figura: a mãe chama o filho e diz “filho, está na hora!”, e o filho levanta

prontamente; mas tem aquela mãe que tem que falar três vezes “filho, está na hora!”, “já vou, mãe!”, “filho!”, “já vou levantar, mãe!”; e tem aquela que tem que entrar no quarto, tirar a coberta, puxar o menino – eu fui assim durante um tempo. Eu lembro uma ocasião que meu irmão mais velho teve que ir lá no quarto, eu me agarrei na beirada da cama e ele disse “você vai para a escola!”. Então, existem maneiras e maneiras. Às vezes, na primeira fala gentil você atende, às vezes você endurece e aí Deus precisa falar de uma forma mais enérgica. Ou seja, Deus já estabeleceu que você vai ser dele! Pode ser que você venha gentilmente, pode ser que você venha com Deus falando de uma forma mais enérgica. Em Atos 16, que é um texto bem curioso da Bíblia também, nós temos três conversões, mas nenhuma da mesma maneira. Martyn Lloyd Jones, que foi médico da família real, diz que Deus salva uns com cuspe e outros sem cuspe – fazendo referência àquele texto de Atos 9 que Jesus cuspiu, fez uma massa e colocou nos olhos de um cego. Esse ele curou com cuspe. Mas teve um outro que ele disse assim: eu quero! Veja! E ele abriu os olhos e viu. Uns ele cura com cuspe, outros sem cuspe. Ou seja, Deus não trabalha de maneira igual com nenhum dos salvos. Na igreja, até brinco: “se eu chamar cada um de vocês no palco e perguntar ‘quando você foi salvo?’, vocês vão ver que ninguém teve a mesma experiência aqui”. Pode ter um detalhe ou outro parecido, mas igual, não. Porque Deus tem maneiras de trabalhar conosco que são muito pessoais: alguns vieram logo, outros demoraram, outros resistiram, outros precisaram passar por alguns eventos até chegar à compreensão de que Deus os queria e não tinha como eles resistirem para sempre. Enfim, vão acontecer eventos. Não é que tem um destino certo, que tudo que aconteceu hoje Deus já tinha escrito, que eu ia ao mercado às 11 horas da manhã, sabe? Isso, não. Isso é livre-agência. Agora, o ponto crucial da sua história, isso Deus já determinou. Quando você veio a esse mundo, como você chegaria até ele, ou que você chegaria até ele... Agora, o que vai acontecer nesse curso, óbvio que ele vai guiando eventos na vida da gente. Hoje estou em São Roque; até 39 anos de idade nem sabia que existia São Roque no mapa! Pastoreando há 16 anos no Realengo, recebo um telefonema daqui dizendo “pastor, você poderia vir aqui?”, e eu digo “São Roque? Tem São Roque em São Paulo? Nunca ouvi falar!”. Eventos que Deus foi guiando, orientando... Creio que a esposa com quem casei foi Deus que me orientou, orientou ela; nós crescemos juntos mas eu nunca tinha olhado para ela como “essa vai ser minha esposa”. Nunca, mesmo! E, de repente, eu fui trabalhar em congregações da igreja – que hoje já são igrejas –, depois decidi voltar para a igreja que era mãe dessas congregações e, nessa volta, as coisas aconteceram. Deus foi guiando o evento. Mas, assim, determinar tudo que vai acontecer, você bateu com o carro porque Deus já tinha escrito, não, isso é viajar demais.

Quando o senhor fala aqui na igreja sobre salvação, como o senhor usa a fala e o gestual? Como este conceito de salvação é professado a partir da fala, do gestual, do corpo a corpo?

Nós falamos sobre disciplina formativa da igreja, que ela se dá através da escola bíblia dominical, que é um ponto importante da igreja. Dizemos que o mesmo ensino que é dado no púlpito também é dado para uma criança de três, quatro anos numa classe – óbvio, respeitando os limites da compreensão dela, então a linguagem tem que ser adaptada –, mas a mesma fé que é professada lá no público para um público mais formal é professada em cada classe da igreja, respeitando-se a compreensão. Eu falo para jovens, para adolescentes, para pessoas mais idosas e até para crianças bem pequenas. No púlpito, nossa abordagem é a Bíblia. Bíblia com palavras de Deus. E a gente entende que todos os textos da Bíblia, de uma forma ou outra – porque a gente diz que a revelação de Deus é progressiva nas escrituras, mas ela vai apontando sempre para uma pessoa. Por exemplo, o homem cai lá em Gênesis 3, mas em Gênesis 3:15 Deus já faz uma promessa de que vai enviar aquele que vai esmagar a cabeça da serpente. Ali já está apontando para a figura de Cristo. A Bíblia diz que Adão fez aventais de folhas, por que ele reconheceu que estava nu, então ele fez aventais de folhas para ele e sua mulher, mas aí Deus havia sacrificado o animal, tomou a pele do animal e cobriu as vergonhas dele. Um animal foi sacrificado, sangue foi derramado – está apontando para Cristo. Todo o sistema sacrificial – Levíticos, Números, Deuteronômio –, todos os sacrifícios, tudo aquilo que estava no tabernáculo apontava para Cristo. São figuras, mas a revelação progressiva vai apontando. Então, qualquer texto da Bíblia que você abordar, se você tiver um olhar apurado, sem forçar o texto, sem mudar o texto, você vai encontrar Cristo. Inclusive, você perguntou sobre o [pastor] Jeremiah que pregou aqui no final de semana: às vezes um colega vem aqui e lê textos, e enxerga no texto uma coisa que você nunca tinha percebido. Ele olhou um texto conosco neste final de semana sobre um toco, e aí ele mostrou que o toco tinha a ver com Cristo, que era uma profecia, e aí eu disse “rapaz, você viu no texto algo que nunca tinha visto”. A Bíblia é o livro de Jesus, a gente fala isso. Tem até uma presunção que a gente combate aqui na igreja, de pessoas que dizem “ah, eu não gosto do Velho Testamento! Eu gosto do Novo [Testamento] porque no Novo eu vejo Jesus”. É um ledor engano, porque todo o Velho Testamento é apontando para Jesus. Aliás, quando ele ressuscitou, diz lá em Lucas 24 que ele se apresentou a dois discípulos no caminho, que estavam tristes porque tinham sido discípulos dele, viram ele morto na cruz,

viram ele sendo sepultado e agora estavam voltando para Emaús com aquele sentimento de “nós pensávamos que fosse ele que havia de remir Israel”, ou seja, nós depositamos nele a esperança de que ele era o messias, e agora ele está morto. E aí Jesus aparece no caminho e começa a conversar com eles. E diz a Bíblia que Jesus foi mostrando pelas Escrituras tudo aquilo que deveria acontecer com ele. Quais eram as Escrituras? Não tinha Novo Testamento! O que tinha eram os Salmos, o Pentateuco, alguns livros proféticos... Então, Jesus vai citando tudo aquilo e dizendo “sabe aqueles livros lá do Velho Testamento, das profecias? Tudo aquilo falava sobre o messias”. Ou seja, A Bíblia é um livro que fala de Jesus. Então, a gente procura mostrar Jesus, e sempre enfatizando a exclusividade dele na salvação. Eu não sei se você professa fé, se tem alguma religião, mas enfim, nós entendemos que a salvação é única e exclusivamente em Cristo.

No uso da fala, no uso do gestual, existe alguma preparação? Faz-se algum curso para dominar a fala e o gestual?

Então, o que que acontece? A gente chega ao ministério – obviamente, primeiro por uma questão de vocação. Eu senti que Deus me chamou para o ministério, uma experiência pessoal aos 15 anos de idade. Aos 15 eu já comecei a pregar, claro que respeitando-se os poucos conhecimentos que eu tinha, mas já tinha uma experiência. E a partir da minha experiência pessoal com Cristo eu tinha algo para comunicar. Você não precisa estudar quatro anos numa faculdade para dizer que você se apaixonou por alguém, o quanto esse alguém está fazendo de bem na sua vida, de como sua vida mudou desde que você conheceu este alguém. Uma pessoa apaixonada pode falar isso. Você não diz “ah, eu conheci Maria, e agora preciso ir a uma faculdade para aprender a falar sobre como conheci Maria, e como Maria está fazendo bem para minha vida”, sabe? Não, você se apaixonou por alguém, vai casar com esse alguém, e agora essa paixão, esse amor que nasceu no seu coração, a companhia, o desejo de estar sempre com esta pessoa, você não precisa ir para a faculdade! Até tem um texto na Bíblia, que é João 4, quando a samaritana é alcançada por Cristo. Diz que ela foi ao poço pegar água, e Jesus começou a conversar com ela. Ela teve uma experiência tão profunda ali que disse “não será este o Cristo?”. E ela deixou o cântaro, que ela foi buscar água, até esqueceu qual o motivo pelo qual ela foi ao poço, desceu à cidade e começou a falar para as pessoas “olha, eu encontrei alguém que disse tudo quanto eu tenho feito! Não é esse o Cristo?”. Óbvio que é uma linguagem hiperbólica, mas toda a cidade correu ao encontro de Cristo por causa do testemunho dela.

Ela não foi ao poço porque era dos fariseus e ela não era?

Na verdade, ela foi ao poço ao meio-dia, que é a hora que as mulheres não iam. As mulheres iam bem cedo ou bem tarde. Nunca quando o sol estava a pino. Ela foi ao meio-dia porque, certamente, na comunidade dela, era objeto de censura e de calúnia, de fofoca, porque Jesus mesmo disse que ela teve quatro maridos, e o que ela tem agora não é marido dela, ou seja, é uma mulher que vivia de casos. Então, imagina naquele contexto, naquela cultura. Hoje ela não seria bem vista, mas imagina naquela cultura uma mulher que casa, descasa, está tendo caso com Fulano, todo mundo já conhece, então como ela era uma pessoa que evitava os olhares, comentários maliciosos – você sabe quando alguém está falando mal de você! Então, sabe aquela coisa? “Deixa elas irem naquele horário, que eu prefiro ir sozinha”. E aí que está aquilo que a gente falou: o Senhor trabalha..., né? Então, ele sabia a hora que ela iria lá, sentou lá e ficou esperando por ela. Mas ela não precisou ir para um seminário para estudar por quatro anos para dizer para toda a cidade. Ela acabou de falar com ele! Teve uma experiência com ele. Então, comecei a pregar com pouco conhecimento. Até olho hoje os meus arrazoados daquela época e digo “meu Deus do céu, como é que eu preguei?”, mas, por algum motivo, Deus usou este pouco conhecimento que eu tinha... Deu certo! As igrejas por onde passei se multiplicaram.

Eu sou redator publicitário há muitos anos. Quando olho meus textos de 10, 15 anos digo “onde eu estava com a cabeça para escrever isso?”. Mas a gente estava inserido em um contexto, em um momento em que aquilo era necessário.

Então, mas eu tinha um público. Eu já tinha gente com paixão por me ouvir, sabe? Meu primeiro ministério foi numa igreja muito pequena no Rio de Janeiro – estava comentando com um amigo aqui na igreja –, e eu lembro em que teve ocasiões que as pessoas se penduravam na janela do lado de fora porque não cabia dentro do templo. As pessoas queriam me ouvir, e eu com 23, 24 anos... Mas eu tinha uma paixão muito grande desde então – mas pouco conhecimento, hoje eu reconheço. Mesmo que eu tivesse passado quatro anos no seminário, mas hoje eu reconheço que meu conhecimento era pouco. A bagagem, né? Hoje eu tenho uma bagagem, tenho uma boa biblioteca, já fiz vários cursos, participo de seminários, de Conferência Fiel em Águas de Lindóia, com os melhores teólogos, então, quer queira, que não, você vai somando. Mas, enfim, a gente vai para o seminário, vai estudar

teologia, vai estudar homilética, que é uma arte de falar, mas eu falo: você pode fazer o curso de homilética que você quiser, se você não tiver o dom, a vocação para o ministério, isso não funciona lá em cima [do púlpito]. Agora, é óbvio, se você tem a vocação, e você soma a vocação, o treinamento, aprender as técnicas – porque falar é uma técnica! Falar é uma arte, você tem que saber se comunicar. Eu prego, eu uso multimídia enquanto eu falo, eu exponho imagem, eu ilustro aquilo que estou falando... Tanto que outro dia terminei o sermão, tinha um menino de seis anos me esperando à porta, e disse com os olhos marejados: “eu entendi o que o senhor falou”. Aí eu disse: “mas você entendeu mesmo?”. Ele disse: “entendi”. “Então diz o que eu falei”. Aí ele foi descrevendo ponto a ponto o sermão, com seis anos de idade. E aqui na igreja tenho médicos, tenho advogados, tenho engenheiros, tenho analfabetos, tenho idosos, tenho jovens... E todo muito sai [dizendo] “pastor, obrigado pelo sermão”. Aí, eu penso: “consegui falar com todo mundo!”. Óbvio que, num ponto ou outro, alguém tenha tido mais dificuldade do que outro mas, de um modo geral, até as crianças entendem! Tem criança que, enquanto eu estou pregando, está fazendo anotação! A gente procura ter uma linguagem que seja acessível a todos. Eu acho que esse é o grande segredo, porque às vezes pastores – e eu vi muito isso acontecer – renomados, de muito conhecimento, mas na hora de transmitir isso, o aproveitamento foi de pouquíssimos. Dizem “eu não entendi o que ele falou”. Aqui, comigo, isso dificilmente acontece.

Às vezes eu ouço “o professor Fulano é muito inteligente, mas não sabe ensinar”.

É, não tem didática. E isso não tem jeito! Tem pessoas que têm, e até a gente fala sobre isso. Você tem que saber onde se inserir. Acho que o fato de você ser um crente de uma igreja não quer dizer que você necessariamente tem que ir para o púlpito comunicar porque isso não foi dado para todos. Mas você pode servir de outra maneira. Conheci um senhor lá no Rio de Janeiro, numa congregação que trabalhei, que disse “Glauco, púlpito não é para mim! Me deixa aqui na porta!”. Aí, ele ficava na porta entregando folhetos – e muitas vezes eu estava pregando e ele estava colocando gente para dentro; abordando quem passava na rua. Muitas dessas pessoas acabaram sendo alcançadas e se decidiram ficar na igreja. ele não tinha habilidade lá no púlpito, mas tinha habilidade para estar à porta. E eu já não tinha tanta habilidade para estar à porta. Então, é saber onde servir melhor.

Achei muito interessante o senhor falar que usa multimídia. E eu percebi que existe uma concentração de atenção muito grande nos escritos, no impresso. Como é a comunicação

aqui da igreja na questão dos impressos? Não só na utilização da Bíblia, seja na pregação ou na escola dominical, mas como o senhor desenvolve a comunicação da sua igreja, como mensagens, a partir dos meios impressos?

Hoje, os impressos são os folhetos que são distribuídos nas ruas. Até a pandemia nós fazíamos um boletim que a gente chamava de 'Boletim Informativo', que era distribuído a cada pessoa que chegava no domingo, com editorial, a ordem do culto, e as informações. Só que antes da pandemia nós tínhamos uma realidade e, quando veio a pandemia, ficamos com a igreja fechada por sete meses. Quando retornamos da pandemia, as trezentas, quatrocentas pessoas que frequentavam regularmente o culto não voltaram mais. Continuaram membros da igreja, continuaram contribuindo com a igreja através de transferências quando precisavam contribuir, mas com medo de virem congregar com as demais e pegarem COVID. Quando voltamos, lembro que até mais ou menos março [de 2020], nós estávamos aqui e tínhamos transferido a igreja para o estacionamento porque já tínhamos começado a demolição do templo antigo, estávamos com trezentas, quatrocentas pessoas por domingo! Não tinha mais onde colocar! Aí veio a pandemia. E a pandemia fez um estrago! E não fez aqui, só; tem igrejas que fecharam literalmente. Não recuperaram mais. Eu fui ao Espírito Santo agora, que tenho casa no Espírito Santo, onde tiro férias, e só encontrei uma igreja Batista, assim, bem cheia. As demais ainda estão esvaziadas.

Tem uma outra Igreja Batista aqui embaixo [da rua Lions Club].

É, só que não é Batista. Só usa o nome. Inadvertidamente usa o nome. Porque eles não deveriam nem chegar perto do nome. É o movimento neopentecostal, sabe? É assim: eu até entenderia eles usarem o nome 'Batista Pentecostal' se um dia eles tivessem sido de uma Igreja Batista, tivessem mudado a compreensão, "vamos manter tradições batistas, mas vamos enfatizar pentecostais", até entenderia, mas eles nunca foram batistas. eles foram tudo, menos um dia batistas. Mas aí eu perguntei ao líder deles: "por que você colocou o nome 'Batista'?". "Porque um dia estávamos sentados e pensando que nome colocar e aí dissemos que o nome 'Batista' é muito respeitado. Vamos colocar 'Batista'". E essa é a explicação. A gente até brinca com o pessoal: "quando vocês forem na igreja, lá embaixo tem uma Batista genérica; não fique lá! Suba! A Batista de verdade está lá em cima".

Aqui existe uma estrutura para dar conta dessa produção da comunicação impressa?

Temos. Tem um pessoal que trabalha nessa área, mas só voltando ao ponto que acabei desviando. Nós fazíamos [comunicação impressa] mas, quando voltamos, voltamos com uma frequência de dezesseis pessoas. De manhã e de noite. E aí foi duro, porque a gente estava acostumado com o auditório já formado, e trazer esse pessoal de volta... Aí, começamos a fazer o culto online, aqui transmitindo para eles, e eles passaram a consumir pela internet. E, à medida que o medo foi arrefecendo, eles começaram a chegar, aí começou a encorpar de manhã, de noite. De manhã encheu! À noite com um pouco mais de dificuldade. À noite ainda temos um pouco de dificuldade, mas já bem menor. No domingo. E temos às quartas, também. E, durante a semana, temos pequenos grupos que chamamos de 'PGs', que são jovens que se reúnem aqui no Taboão, temos grupos familiares que se reúnem aqui no Jardim Maria Quitéria, na Vila Nova, então aí cada grupo decide qual o melhor dia, o melhor horário. Mas quarta,, aqui, e domingo, manhã e noite, é aqui na igreja. Aí, o que a gente descobriu? A gente descobriu que a pandemia forçou a gente a mudar muita coisa. A gente não tinha transmissão online, passamos a começar a fazer, da noite para o dia eu tive que desenvolver um canal onde pudesse colocar os sermões – meu canal particular está com 432 arquivos [vídeos]. Da igreja, um pouco mais. Então, aí já temos um outro público que nos assiste de Portugal, nos Estados Unidos, em vários lugares do Brasil – mais os membros da igreja! Agora, os membros da igreja já não consomem tanto quanto na pandemia porque já vieram para o culto, já me ouviram pregar aqui, e falam “eu não vou ouvir esse sermão de novo porque já ouvi”. Mas são um outro público. E, além disso, hoje temos toda a parte de informação da igreja também produzido como se fosse um filme, contando tudo que vai acontecer durante a semana, e a gente manda isso para os membros da igreja. Os grupos de whatsApp, nós temos.

Mas isso já está na parte digital. E na parte impressa?

Na parte impressa, a gente ficou, nesse primeiro momento, restrito aos impressos de folhetos para a divulgação da mensagem da igreja. Aqui dentro [da igreja] e fora, temos feito materiais para distribuir fora. Mas o Boletim Informativo a gente deu uma interrompida porque mudou-se a forma de se informar sobre as coisas da igreja. Continuamos informando as mesmas coisas, só que de uma maneira digital. Eu acho que o digital engoliu muita coisa. Tanto que os jornais hoje, quem insistiu em ficar só no impresso faliu. Os jornais estão cada vez mais finos, e alguns chegaram a quebrar, mesmo.

Se pegar os jornais daqui de São Roque, o Democrata, o Jornal da Economia, eles são na verdade uma consolidação do que acontece durante a semana, que eles captam e divulgam pelas redes sociais. Mas é interessante que, da parte das pessoas que venho entrevistando, existe esse consenso de que a pandemia foi o divisor da comunicação de todas as igrejas.

Imagina: eu não tinha nenhum canal para falar com meu povo de forma digital. Aí, de repente, o governador fala “vai fechar as igrejas”. E eu falei “meu Deus, como é que eu vou falar com o povo da igreja a partir de domingo?”. E aí, tivemos que montar uma estrutura da noite para o dia que não existia, então... Tanto que uma [câmera] Logitech que custava duzentos reais, da noite para o dia passou a mil reais! Porque todas as igrejas entenderam que, da noite para o dia, precisariam começar a transmitir. Então, foi um divisor de águas. E agora, é aquele caso: mesmo que a pandemia tenha arrefecido, o que a gente descobriu não quer mais largar. Foi ruim, num primeiro momento, mas que trouxe seus benefícios. Nisso eu vejo também Deus trabalhando.

Foi com cuspe.

É! Foi com cuspe! Eu tenho pessoas que pastoreei no Rio de Janeiro tem 16 anos e que não tinham mais contato comigo. Não tinham como me ver. Porque eu estou numa cidade pequena no interior de São Paulo. A não ser que eles digam “vamos para São Roque aproveitar, passear, e ficar no domingo para ver o pastor Glauco”. Hoje elas me acompanham toda semana.

Como o público assimilou essa transição do presencial para o digital? Porque tem gente que vem para cá, tem gente que não vem e acompanha pelo digital, tem gente que faz as duas coisas ao mesmo tempo...

O que aconteceu: num primeiro momento, todos entenderam que precisavam acompanhar pelo digital porque não tinha outro jeito. O pastor está lá – a primeira estrutura eu montei na minha casa, para você ter ideia! O primeiro culto online eu transmiti da minha sala. Peguei um TI da igreja – que também nunca tinha feito! –, pesquisou como fazer, peguei um pessoal que já filmava, e montamos uma estrutura. Desmontei minha sala em casa, criamos um

cenário... O primeiro foi bem precário ainda. Aí, fomo aprendendo. Compramos software para fazer edição – mas tudo veio depois! Primeiro foi com a cara e a coragem! Mas o povo entendeu num primeiro momento que não tinha outro meio. Então, praticamente que houve uma adesão geral da noite para o dia. Só que a gente percebeu também – e eu falei isso domingo agora, inclusive – que essa transmissão é um “quebra-galho”. Porque nada substitui o presencial. Tem coisas que no cinema, na televisão, casam bem, mas culto é uma coisa que depende de contato, de estar aqui. Tem uma atmosfera no culto, tem algo místico que acontece no lugar que você não sente dentro da sua casa. Agora, óbvio: se você não pode estar aqui, está doente, está trabalhando, aquilo ali é um bom quebra-galho. Você pode assistir ao vivo, ou depois o que está gravado. Então, ajuda. Tem alguns que continuam acompanhando todo o material da igreja mesmo vindo aqui, mas a grande maioria dos que vêm aqui já não consomem mais. Só aderiram no primeiro momento. Hoje, quem consome é um público que não está em São Roque: está no Brasil, fora do Brasil. Tenho gente que me acompanha de tudo quanto é lugar.

E tem outros tipos de comunicação além dos informativos.

Sim, como eu falei: temos vários grupos de WhatsApp e, para cada grupo, temos informações específicas. Ministério de Casais tem um grupo, então ali a gente veicula tudo que tem a ver com aquele trabalho. Tem o Grupo de Jovens, o Grupo de Diáconos, Grupo de Gideões, tem o Grupo de Mulheres. E tem um grupo, que é geral, que é da igreja, e aí essa comunicação tem a ver com todos. Tem também um grupo específico onde as informações vão chegando. Então, o WhatsApp também foi uma ferramenta que veio para revolucionar. Se eu quiser falar com todos os membros agora, eu falo! Antes eu precisava esperar domingo, e aí domingo não vem todo mundo, e aí eu preciso dizer para os que vieram “liga para Fulano, comunica com Beltrano”. Agora, também teve igreja que teve dificuldade com essa facilidade, porque a gente acabou gostando muito disso. “Eu posso assistir ao culto deitado na minha cama”. fazendo meu churrasco eu estou assistindo ao culto, sem sair da minha casa e pegar trânsito, posso assistir de casa... Mas aqui eu não vivencio essa problemática; o povo entendeu que aqui é que é o negócio legal. Que a pegada é o culto. E aí deixa a internet para quem não está podendo vir, mesmo, para quem está doente. Estar aqui é diferente!

E daqui cinco, dez anos, o senhor imagina que a adoção vai ser cada vez mais sinérgica? Que a igreja vai adotar cada vez mais as plataformas como Instagram, TikTok...? Qualquer outra plataforma que surgir a igreja vai adotar?

É um caminho sem volta. É o que eu falo: a igreja tem que ser moldada no sentido de que não mudamos a mensagem. A mensagem é imutável. O Evangelho é um só. Não se pode mudar o Evangelho. Agora, a maneira de se apresentar o Evangelho, essa tem que ser dinâmica. Tanto é que o texto lá em Atos 8 diz que o eunuco está no carro e que “Filipe correu atrás do carro”. A gente fala sobre a velocidade que a gente tem que empreender muitas vezes para alcançar as pessoas. A igreja tem que ser veloz. Infelizmente, na pandemia, a gente percebeu que teve que correr atrás do prejuízo. A gente poderia estar lá há muito tempo! Já tinha gente que estava na nossa frente há muito tempo! Gente que dominava aquilo, e a gente teve que aprender no sopapo em uma semana. A coisa é muito dinâmica. Ainda tenho sonho de utilizar rádio, televisão, mas isso exige musculatura para poder abraçar e financiar.

A relação que a Igreja Batista tem com rádio e TV é tranquila?

É tranquila! Eu vim do Rio de Janeiro, nossa igreja no Rio tinha uma rádio FM. Eu cheguei – e isso é uma alegria que tenho – a ser terceiro lugar no IBOPE no meu horário, disputando com grandes rádios no Rio: batendo Transamérica, batendo Melodia, batendo El Shaday, que é uma rádio do mesmo segmento. Isso no grande Rio. Só que quando eu deixei uma realidade no Rio, que é uma outra história, que é uma experiência que tive com Deus, eu estava no meu auge no Rio de Janeiro! Meu melhor momento de Rio de Janeiro! E aí, um dia, falei que alguém me ligou para eu vir aqui pregar, chego em São Roque e esta igreja estava praticamente liquidada. Quando cheguei aqui, em 2004, para pregar, esta igreja estava natimorta. Um templozinho bem antigo, com cadeirinhas, quinze pessoas só – e nem frequentavam as quinze, vinham sete, oito pessoas. Sem recursos, um grupo sem identidade nenhuma, e aí me fizeram o convite para vir para cá. Eu digo que São Roque é meu trabalho mais difícil. E a gente vê os resultados. Tudo que você vê construído é de 18 anos para cá, o tempo que estou aqui. Tudo que encontrei já foi para o chão! Esta propriedade foi comprada, temos uma outra na cidade, tem planos de comprar uma outra propriedade porque, como estamos numa área residencial, é incômodo para nós, é incômodo para a rua. Então, quero encontrar uma área grande onde eu possa criar a estrutura que eu sonho, com templo,

estacionamento para 100, 150 carros, estúdio para gravar televisão e rádio, para educação religiosa, onde eu possa montar a escola, montar a faculdade. Só que eu peguei uma coisa muito pequena para desenvolver. No Rio tinha uma coisa já grande nas mãos. E aqui uma coisa pequena que vem crescendo! Você mora na rua e percebe que já tem uma coisa diferente acontecendo. Tem sido uma loucura! A gente já está colocando carros na [rua] Rotary, colocando carro na Francisco da Silva Pontes, já está na subida da Rotary – antes era só na descida. Então, está crescendo, mas ainda não dá maior, porque este templo já foi um passo muito gigante para nossa realidade. E ele foi construído praticamente na pandemia, com a igreja fechada. Eu não sei como, mas Deus me deu muitas estratégias para continuar arrecadando para a obra não parar. Porque foi muito caro. A gente tinha um cenário de igreja cheia, com o povo podendo aqui nos ajudar, e de repente eu não tenho mais com o povo, e agora? Como vamos continuar a arrecadar para subir o templo? Foi complicadíssimo! Precisei buscar ajuda de tudo quanto foi lado para a obra não parar, mas não é meu ponto de parada se eu permanecer em São Roque. Meu sonho é mais ousado.